

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANGELA A. DE OLIVEIRA GOMES

PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS NO ESTUDO DAS ESCULTURAS
ZOOMÓRFICAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL SUL DO BRASIL

CURITIBA

2012

ANGELA A. DE OLIVEIRA GOMES

PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS NO ESTUDO DAS ESCULTURAS
ZOOMÓRFICAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL SUL DO BRASIL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social com linha de pesquisa em Cultura Material, Dinâmica Cultural e Paisagem, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luís Cláudio Pereira Symanski.

CURITIBA

2012

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Gomes, Angela Aparecida de Oliveira
Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas
zoomórficas pré-coloniais do litoral Sul do Brasil / Angela
Aparecida de Oliveira Gomes. – Curitiba, 2012.
243 f.

Orientador: Profº. Drº. Luís Cláudio Pereira Symanski
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do
Paraná.

1. Esculturas zoomórficas – Região Sul. 2. Zoólitos.
3. Arqueologia pré-colonial. 4. Sambaquis. I. Título.

CDD 930.10981

TERMO DE APROVAÇÃO

ANGELA A. DE OLIVEIRA GOMES

**PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS NO ESTUDO DAS ESCULTURAS
ZOOMÓRFICAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL SUL DO BRASIL**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Luís Cláudio P. Symanški

Orientador (PPGAS – UFPR)



Prof. Dr. Laércio Loiola Brochier

(PPGAS – UFPR)



Profa. Dra. Cláudia Inês Parellada

(Museu Paranaense)

Curitiba, 21 de dezembro de 2012.

Em retribuição ao amor incondicional recebido, com amor dedico este estudo aos meus pais Ana e Nilo de Oliveira Gomes.

AGRADECIMENTOS

Muito tenho a agradecer a muitas pessoas, pois, embora nem todas estivessem diretamente relacionadas ao encaminhamento deste estudo, algumas foram companheiras, amigas, torcedoras, colaboradoras e, de alguma maneira estiveram presentes na minha vida e, direta ou indiretamente influenciaram para a realização desta dissertação.

Início, portanto, agradecendo à minha mãe Ana, sobretudo pelo grande estímulo no processo deste trabalho. O meu muito obrigado e a minha grande admiração por toda a sua dedicação, amor, companheirismo e o desejo incondicional do melhor para mim. A quem a presença motivadora e o apoio irrestrito me foram e são fundamentais. De igual maneira agradeço ao meu pai Nilo, a quem amo muito.

A seguir, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luís Cláudio P. Symanski, a quem tenho grande admiração. Sua constante dedicação, rigidez disciplinar e o senso crítico rigoroso me auxiliaram a nortear os caminhos da escrita desta dissertação, a qual, embora seja de minha responsabilidade, foi motivada pelo seu rigor analítico.

Agradeço a CAPES pela bolsa de um ano, a qual colaborou expressivamente para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Igor Chmyz agradeço pela confiança no meu trabalho, pelo estímulo, apoio na disponibilização de muitas referências necessárias para a realização dessa pesquisa, pela generosidade em repartir, pela simpatia e por ser uma pessoa amável e acessível, embora muito ocupada.

À Dra Cláudia Inês Parellada a quem também dedico grande admiração, agradeço, principalmente, pelo apoio profissional, à sua acolhida generosa, ao companheirismo, às críticas edificantes, aos estímulos para a pesquisa, aos livros recebidos, às referências sugeridas, às oportunidades de participação em eventos e, entre as tantas motivações, aos cursos ofertados pelo Museu Paranaense, os quais muito me estimularam a enveredar por essa área do conhecimento.

Ao Laércio Loiola Brochier agradeço pelo interesse que me despertou em aprofundar o conhecimento sobre a arqueologia brasileira, já há algum tempo, e, pelas críticas e sugestões ao referido trabalho.

Aos professores do PPGAS – UFPR, agradeço em nome de Prof. Dr. Ricardo Cid Fernandes, Prof. Dr. Miguel Carid Naveira, Profa. Dra. Edilene Coffaci de Lima e Profa. Dra. Maria Inês Smiljanic Borges. Aos funcionários do DEAN, meus agradecimentos ao Bruno Rolin, à Doris Guidolin e ao Andrade. Aos companheiros do mestrado, agradeço em nome de Milton Paraná.

Ao Museu Paranaense agradeço em nome do Dr. Renato A. Carneiro Júnior pela oportunidade dispensada em favorecimento da produção desse estudo. Aos demais funcionários, agradeço pelo aprendizado constante em nome de Lurdinha Mengue e, aos estagiários e colaboradores do Setor de Arqueologia à Maureen Jacorski, Martha Becker, Evelyn R. Nimmo, Gustavo Anderson, Fernanda Pereira, Marina Mohn e Francisco.

Ao Dr. André Prous, agradeço pela generosa e amável atenção.

Ao Dr. Oldemar Blasi, agradeço pelo seu interesse em colaborar com a referida pesquisa, sugerindo bibliografias.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE – UFPR) meus agradecimentos pela cordial atenção em nome de Dra. Márcia Cristina Rosato.

Ao Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville (MASJ), agradeço pela prestativa colaboração à Dra. Dione da Rocha Bandeira, à Dra. Adriana M. Pereira dos Santos e à Maria Dolores de Souza.

Ao Museu Nacional – UFRJ (MN-UFRJ), agradeço pela gentileza na colaboração com a referida pesquisa à Dra. Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho e à Dra. Tânia Andrade Lima e, em especial, em nome de todos os funcionários à arqueóloga Angela Maria Camardella Rabello e ao museólogo Marco Aurélio Marques Caldas.

Ao Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral meus cordiais agradecimentos em nome da Dra Teresa Domitila Fossari pela atenção dispensada.

Ao Museu do Homem do Sambaqui, Pe Alfredo Rohr, S.J., meus agradecimentos ao Coordenador Comunitário Dr. Silvio Ernesto Neves Bleyer e ao Prof. Sidney Linhares, pela atenciosa colaboração.

À Prof. Dra. Marisa Coutinho Afonso e à arqueóloga Tatiana Costa Fernandes agradeço por indicações bibliográficas, o que certamente ampliou as possibilidades de debate desse trabalho.

À Eleuza Gouveia, bibliotecária de referência do MAE-USP, pela atenção e colaboração com o envio de documentos solicitados.

Agradecimentos aos colegas de estudo e colaboradores do CEPA-UFPR, em nome de Roseli Ceccon, Eloi Bora, Jonas Elias e Eliane Sganzerla.

Às arqueólogas Fernanda Codevilla Soares, Fabiana Terhaag Merencio e Beatriz Bandeira, além de Juliane Grinbergue, Maria Olinda Lopes, Elizabeth Felipe, Rosiane Igs e Jean Lovato, agradeço pela amizade, colaboração e incentivo. Estendendo o agradecimento aos demais companheiros de estudo e atividades arqueológicas.

Aos meus amigos poetas, Tullio S. Sartinni, Ricardo Pozzo, Deisi Giacomazi, Glória Kirinus, Wilson Nogueira, Olinto Simões, Giovani Ieminne, agradeço pela amizade e companheirismo.

Especialmente agradeço a todos da minha família e aos demais amigos que fazem parte dela.

Finalmente, agradeço a Antônio Carlos da Costa pelas experiências e sabores marinhos.

Artemporal II

Gravado na frente
Da frente do tempo
Em segredo
Sagrado de cores e formas
Perpetuando homens e animais
Grafismos e esculturas idiossincráticas
Virtuais
Observando olhares
Subvertendo paisagens
Transgredindo movimentos e imagens
Nas rochas
Poesias atemporais

(Angela Gomes)

RESUMO

A presente dissertação visou o questionamento sobre aspectos simbólicos em contextos associados a esculturas conhecidas por zoólitos, zoósteos e antropólitos. A fundamentação teórica foi embasada nos parâmetros teórico-metodológicos abordados pela arqueologia pós-processual adotados por Ian Hodder (1988; 2005a; 2005b) e sob o prisma da antropologia simbólica discutida por Clifford Geertz (1989). A delimitação da pesquisa seguiu a distribuição espacial desses artefatos no litoral meridional brasileiro, compreendendo do litoral sul do Estado de São Paulo à região litorânea e de planalto do Estado do Rio Grande do Sul. A observação das peças e as principais informações foram realizadas através da visita ao acervo de museus do Estado do Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro, possibilitando a análise e o registro fotográfico de 134 esculturas zoomórfas e 13 esculturas apresentando apenas formatos geométricos. Com uma estimativa em torno de 300 peças encontradas, além da visita aos acervos, a análise dos dados foi orientada por livros, material eletrônico e a pesquisa de documentos. Orientou-se na abordagem de conceitos da arqueologia contextual e da antropologia simbólica, para dar suporte à reflexão sobre significados da cultura material associados a contextos de rituais, oferendas e formas de representações simbólicas relativas a aspectos da relação homem/animal. Assim, também, procurou-se investigar o estudo dessas esculturas sob uma perspectiva diacrônica. Para a análise da variabilidade das ocorrências das respectivas esculturas, buscou-se pela investigação da sua inserção em diferentes contextos de compartimentos regionais e as dimensões de significados da paisagem nos quais foram encontrados, com o objetivo de inquirir sobre diferentes dimensões dessa variabilidade nos universos simbólicos das ocorrências. Por fim, pretendeu-se discutir sobre algumas possibilidades interpretativas do contexto desses artefatos associados à aspectos simbólicos como o ritual, status, relações inter-sociais e emergência de complexidade social.

Palavras-chave: Zoólitos. Sambaquis. Esculturas Pré-Coloniais do Litoral Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the symbolic contexts associated with zoomorphic, zoolithic and anthropomorphic sculptures. The theoretical foundation of this analysis is based in the theory and methodology used in post-processual archaeology developed by Ian Hodder (1988, 2005a; 2005b) and the concepts of symbolic anthropology as discussed by Clifford Geertz (1989). The sculptures included in this analysis originate from the southern Brazilian coastal region, ranging from the south coast of São Paulo state, in the north, to the coast and coastal high lands of the state of Rio Grande do Sul, in the south. The analysis of the sculptures and the collection of primary data related to the artefacts occurred at the archives of the state museums of São Paulo, Santa Catarina, and Rio de Janeiro. The museum archives enabled the analysis of 134 zoomorphic sculptures and 13 geometric sculptures. Beyond the research conducted at the state museums, approximately 300 objects were identified and analysed through information available in monographs of previous studies, electronic resources, and documentary research. Considering the methods of contextual and symbolic archaeology, this analysis reflects on the significance of material culture associated with contexts of ritual and offerings, as well as the symbolic representations of the relationship between humans and animals. Furthermore, this study seeks to investigate these zoomorphic and anthropomorphic sculptures from a diachronic perspective. To analyse variation across the occurrence of these sculptures, the analysis examines their incidence in different regional contexts as well as in relation to significant aspects of the landscape in which the sculptures were found, in order to understand their various symbolic dimensions. Finally, this study discusses possible interpretations of these artefacts in relation to symbolic aspects of ritual, status, social relations, and the emergence of cultural complexity.

Keywords: Zooliths. Shell Midden. Pre-Colonial Sculpture Coastal Brazilian Archaeology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	20
2 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS NA ARQUEOLOGIA SIMBÓLICA: O RITUAL E AS DIMENSÕES DE SIGNIFICADOS DA CULTURA MATERIAL	29
2.1 ARQUEOLOGIA CONTEXTUAL	29
2.2 ARQUEOLOGIA E RITUAL	35
2.3 COSMOLOGIA E ARQUEOLOGIA	45
2.3.1 As relações homem / animal: representações simbólicas, totemismo, xamanismo e o perspectivismo ameríndio	49
3 AS ESCULTURAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL MERIDIONAL BRASILEIRO	62
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DOS SAMBAQUIS NO SUL DO BRASIL	63
3.2 PANORAMA SOBRE O ESTUDO DOS ZOÓLITOS	72
3.2.1 Distantes do litoral: a presença de zoólitos no planalto do Estado do Rio Grande do Sul	82
4 A INVESTIGAÇÃO DA VARIABILIDADE DOS ZOÓLITOS	90
4.1 REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA – IGUAPE (SP) – SUPERAGUI (PR)	94
4.1.1 Sambaqui do Cambicho	94
4.1.2 Rio Comprido (esconderijo)	94
4.1.3 Sambaqui do Cordeiro	95
4.1.4 Sambaqui Pinheiro	96
4.1.5 Sambaqui do Rocio (esconderijo)	97
4.1.6 Sambaqui Saripoca (esconderijo)	97
4.2 REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO DA BAIÁ DE PARANAGUÁ (PR)	98
4.2.1 Sambaqui da Ilha do Corisco	98
4.2.2 Sambaqui de Saquarema	99

4.2.3 Sambaqui do Veríssimo	101
4.2.4 Sambaqui do Guaraguaçu “B”	102
4.2.5 Sambaqui do Goulart	102
4.3 REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC).....	103
4.3.1 Sambaqui de Matinhos I.....	103
4.3.2 Sambaqui de Guaratuba	105
4.3.3 Sambaqui de Mina Velha	107
4.3.4 Sambaqui Cubatãozinho	107
4.3.5 Sambaqui Tiburtius	111
4.3.6 Sambaqui Caieira.....	112
4.3.7 Sítio Olaria do Sr. Paulo Trank (esconderijo)	113
4.3.8 Sambaqui do Rio Perequê, nº13 (esconderijo)	114
4.3.9 Sambaqui Morro do Ouro, nº41.....	115
4.3.10 Sambaqui da Costeira, nº 11.....	117
4.3.11 Sambaquis do Rio Velho	117
4.3.12 Sambaqui Areias Grandes, nº3	118
4.3.13 Sambaqui do Linguado, nº26	119
4.3.14 Sambaqui do Linguado, nº27	121
4.3.15 Sambaqui de Gambôa, nº33 (esconderijo).....	122
4.3.16 Sambaqui da Conquista	123
4.3.17 Sambaqui Rio Pinheiros, nº8.....	127
4.3.18 Sambaqui Barra do Sul, nº12	127
4.4 REGIÃO DE COSTÕES ROCHOSOS: ITAJAÍ – RIO ITAJAI-AÇÚ (SC)	130
4.4.1 Sambaqui da Armação de Itapocoroi	130
4.5 REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS (SC)	131
4.5.1 Sambaqui do Estreito	131
4.5.2 Ilha de Santa Catarina, Florianópolis	131
4.5.3 Sambaquis da Região Norte da Ilha de Santa Catarina.....	132
4.5.4 Sambaquis da região sul da Ilha de Santa Catarina	134
4.5.5 Sítio Ponte Hercílio Luz	135
4.5.6 Sambaqui Ilha do Desterro.....	136

4.6 REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	142
4.6.1 Sambaqui Congonhas I	142
4.6.2 Sítio Costa da Lagoa	144
4.6.3 Sítio de Itapirubá (esconderijo)	145
4.6.4 Sambaqui próximo a Tubarão	145
4.6.5 Sambaqui de Garopaba (acampamento)	146
4.6.6 Imbituba (esconderijo)	146
4.6.7 Ilha de Santa Ana (esconderijo)	148
4.6.8 Sambaqui Santa Marta	153
4.6.9 Sambaquis próximos da Laguna do Imaruí	153
4.6.10 Sambaqui Capivari III (Sambaqui de Ilhotinha)	157
4.6.11 Sambaqui Lageado	157
4.6.12 Sambaqui de Laguna	158
4.6.13 Sambaqui Perrixil	159
4.6.14 Sambaqui da Roseta	160
4.6.15 Sambaqui do Siqueira	160
4.7 REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)	163
4.7.1 Sítio Lagoa da Caveira	163
4.7.2 Areia Grande (acampamento)	164
4.7.3 Torres (acampamento)	165
4.7.4 Tramandaí	173
4.8 REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	174
4.8.1 Vale do Rio das Antas	174
4.8.2 Sítio Arca Grande (esconderijo)	174
4.8.3 Sítio São Martinho (esconderijo)	175
4.8.4 Sítio Gramado dos Francos (esconderijo)	175
4.8.5 Cerro Grande (esconderijo)	176
4.8.6 Sítio Venâncio Aires	177
4.8.7 Vale do Vêneto (esconderijo)	177
4.9 REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	178

4.9.1 São Jerônimo	178
4.9.2 Palmares	178
4.9.3 Sítio Capão do Leão (areal)	179
5 PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS SOBRE AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS DOS ZOÓLITOS	185
5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRONOLOGIA DOS ZOÓLITOS	187
5.1.1 Considerações sobre a dispersão dos zoólitos	197
5.2 CONTEXTOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ZOÓLITOS.....	203
5.2.1 Aspectos da relação homem/animal no contexto de significância dos zoólitos	207
5.2.2 Contexto de significação dos zoólitos associados a sepultamentos	210
5.2.2.1 Sepultamento do Sambaqui da Conquista, Joinville, SC.....	215
5.2.2.2 Sepultamento do Sambaqui Cubatãzinho, Joinville, SC	215
5.2.2.3 Sepultamento do Sambaqui Morro do Ouro, Joinville, SC	216
5.2.2.4 Sepultamento do Sambaqui Areias Grandes, Araquari, SC	219
5.2.2.5 Sepultamento do Sítio Pântano do Sul (SC-RF-10), Florianópolis, SC	219
5.2.2.6 Sepultamento do Sambaqui Lageado, Tubarão, SC	220
5.2.3 Contexto de significação dos zoólitos como depósitos votivos	221
5.2.4 Relações interpretativas entre variabilidade artefactual e contexto simbólico: síntese dos dados	229
6 CONCLUSÕES	235
REFERÊNCIAS.....	238

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como proposta buscar subsídios para a discussão de aspectos simbólicos em contextos associados com uma categoria de artefatos arqueológicos genericamente conhecidos por zoólitos¹ – esculturas pré-históricas encontradas em sambaquis (sítio arqueológico) do litoral brasileiro.

A denominação *sambaqui* advém do tupi, *tampa* (concha) e *ki* (colina), que resulta da descrição feita inicialmente por indígenas desse tronco linguístico sobre os grandes outeiros de conchas que marcavam as paisagens estuarino-lagunares, quando da época do “descobrimento”. Sabe-se atualmente, no entanto, que tais morros, inteiramente construídos pela ação humana, são o resultado de um processo de ocupação de longa duração e envolvido com sociedades que não estavam mais presentes no litoral quando da ocupação Ibérica.

Portanto, não foram grupos Tupi-guarani que construíram os sambaquis ou, quaisquer outros grupos contatados durante o período histórico. Sendo importante salientar que, através das inúmeras pesquisas arqueológicas já realizadas nesses sítios (no litoral meridional), identificamos zoólitos como uma espécie de demarcador étnico-cultural e ideacional, associado aos construtores de sambaquis; muito embora, existam diversidades “estilísticas” ao longo da costa sul, bem como a ocorrência dispersa em outros tipos de sítios arqueológicos e, inclusive em região de planalto, no Estado do Rio Grande do Sul.

Em virtude da sua inserção em sistemas econômicos não praticantes de agricultura, as sociedades construtoras dos sambaquis são identificadas genericamente por arqueólogos como “pescadores-coletores-caçadores”. Por sua vez, esses grupos pré-coloniais associam-se a modos de vida marcados por trajetórias contínuas e complexas, além disso, dispostos em paisagens dinâmicas e possivelmente não ausentes de contatos inter-sociais.

Notadamente, os sambaquis são sítios arqueológicos que possuem a peculiaridade de terem sido formados pelo expressivo acúmulo de conchas de moluscos e demais vestígios de contínuas atividades humanas, a exemplo, do

¹ O termo zoólito está sendo usado aqui de forma genérica, considerando que na literatura ocorrem ainda objetos confeccionados em diversos suportes materiais, bem como, aspectos figurativos antropomorfos. Posteriormente estas diferenciações serão melhor delimitadas.

descarte de utensílios, resíduos alimentares, fogueiras, adornos, sepultamentos, além de uma série de elementos constituintes das práticas culturais de sociedades que exploravam os recursos do litoral (RAUTH, 1968; PROUS, 1992; 2006; PARELLADA; GOTTARDI NETO, 1994; CASTRO FARIA, 1999; LIMA, 1999-2000). Principais marcadores da cultura material de populações tipicamente costeiras, tais registros são datados de 8.000 anos a 1.500 anos AP (CALIPPO, 2004; VILLAGRAN, 2010).

A singularidade dos aspectos construtivos e as características da cultura material presente nos sambaquis possibilita, segundo autores como Gaspar (2000), associá-los a um sistema social e ideativo comum. Outros autores, como Lima (1999-2000) argumentam sobre a possibilidade da existência de diversas culturas sambaquianas.

Os sambaquis são encontrados ao longo do litoral brasileiro, do Estado do Espírito Santo ao Estado do Rio Grande do Sul, entretanto, a distribuição dos respectivos artefatos analisados nesta dissertação apresenta-se restrita ao litoral meridional do Brasil, notadamente, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, incluindo o Uruguai.

Quanto aos zoólitos, muito poucos foram encontrados por arqueólogos em contexto de pesquisa. Sendo assim, em geral, os estudos voltados para essas esculturas procuram, principalmente, caracterizá-las enquanto estilos formais, não apresentando acentuado investimento no potencial interpretativo. Por outro lado, muitos desses trabalhos, realizados predominantemente nas décadas de 1970-80, ainda não dialogavam plenamente com novos aportes teóricos advindos da arqueologia “pós-processual” como, por exemplo, da arqueologia simbólica ou contextual (exemplo, HODDER, 1988).

Zoólito é o nome dado aos artefatos arqueológicos esculpidos em diferentes suportes materiais, sobretudo em rochas como o basalto e o diabásio, ou ainda, em ossos de baleias, que neste caso são denominados de zoósteos². Apresentando estilo naturalista ou geométrico, em geral, descrevem formas zoomorfas ou antropomorfas, representando diversas espécies de animais, mais ou menos realistas. Algumas peças são maciças, enquanto outras apresentam habitualmente

² Os zoósteos constituem uma categoria de artefatos arqueológicos encontrados nos sambaquis localizados entre o sul do litoral do Estado do Paraná e o norte do litoral do Estado de Santa Catarina.

uma concavidade ventral ou lateral junto ao seu corpo, similarmente a um almofariz (NETTO, 1885; PROUS, 1972; 1974; 1977; 1992). Há, no entanto, alguns artefatos polidos com formatos variados, assemelhando-se a pratos e bastões (possíveis representações fálicas). Nestes casos, embora o termo não seja o mais adequado, também são denominados de zoólitos (PROUS, 1992; VALENÇA, 1984).

Considerados objetos raros, já que são encontrados em apenas alguns sambaquis frente ao grande número desses sítios, há até o momento cerca de 300 peças registradas (PROUS, 1977; 2010). Acredita-se que os zoólitos representem aspectos simbólicos e ideacionais próprios dessas sociedades, ditas “sambaquieiras” ou “sambaquianas”. Esse caráter é reforçado pelo fato de algumas esculturas estarem associadas a sepultamentos humanos no interior dessas elevações. Outro ponto compreende a grande variabilidade de formas, mas, que no conjunto dos estilos verificados parece ligar-se a uma concepção similar de expressão regional. Devem-se ainda, mencionar aspectos ligados às possíveis técnicas de manufatura ou produção dessas peças, que incidem sobre problemas relacionados às práticas e conhecimentos necessários para sua confecção (PROUS, 1977, p. 55-69).

Os zoólitos, por constituírem peças de elevado apelo estético, por vezes até comparados com esculturas pós-modernas, são divulgados com destaque nos museus brasileiros e, eventualmente em exposições de arte. No entanto, são poucos os estudos específicos a eles relacionados, sendo um dos motivos mais evidentes, o fato de a maior parte desses artefatos não apresentarem contextos arqueológicos documentados, pois, muitos foram adquiridos a partir de coleções particulares e sem a informação de procedência.

Com respeito a estudos arqueológicos específicos, o principal autor que investigou os zoólitos de forma ampla, cobrindo boa parte das coleções existentes no Brasil e Uruguai, foi André Prous, publicando artigos e tese sobre o tema (PROUS, 1972; 1974; 1977; 1992; 2009). O autor identificou a procedência de artefatos, a distribuição espacial regional, variabilidades técnicas e estilísticas e discutiu sobre elementos cronológicos. Sua classificação tomou por base aspectos como formas, dimensão, elementos distintivos e internos, matéria prima, aspectos técnicos de produção, conservação, identificação e categorização dos elementos representacionais (associados à figura de peixes, aves, mamíferos, humanos). Esta

perspectiva, no entanto, está fortemente ligada a propostas de cunho comparativo e classificatório, havendo ainda potencial para novas abordagens derivadas de panoramas teóricos desenvolvidos atualmente na arqueologia.

Demais pesquisadores, a exemplo de Netto (1885), Castro Faria ([1959]1999), Tiburtius e Bigarella (1960), Tiburtius (1996), Miller (1971), Pe. Rohr (1977), Kern (1991a; 1991b), Ribeiro (1977; 1991), Lima (1999-2000), Gaspar (2008); Gonzales e Milheira (2005) desenvolveram contribuições significativas relativas ao estudo dos zoólitos, as quais serão discutidas em capítulos específicos no corpo desta dissertação.

Embora associadas às populações sambaquianas, as respectivas esculturas não foram apenas encontradas em sambaquis. Algumas foram enterradas em locais próximos a sambaquis (KRÖNE, 1908; TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960), outras em lugares denominados “esconderijos”. “Também há descrição de ocorrência em sítios arqueológicos litorâneos do tipo “acampamentos” (PROUS, 1992) e, em áreas relativamente distantes do litoral, como a região de planalto no Estado do Rio Grande do Sul (RIBEIRO *et al.*, 1977;1991).

A diversidade de situações de ocorrência, bem como a possível variabilidade espacial envolvida com a distribuição de zoólitos ao longo da costa sul, sugere a necessidade de revisitar o tema sobre diferentes ângulos investigativos e interpretativos, como por exemplo, de uma análise mais contextual que possibilite uma melhor compreensão dessa diversidade.

Neste sentido, ampliam-se as possibilidades temáticas visualizadas para o estudo dos zoólitos, onde o mesmo pode ser visto enquanto parte de um sistema de rituais, na associação com bens de prestígio, hierarquia social, objetos de troca; ou ainda proporcionando inferências sobre territórios e territorialidades; além de questões relativas ao aspecto da relação homem/animal, entre outras. Para tanto, alguns questionamentos iniciais possibilitaram as primeiras problematizações da pesquisa, tais como: o que se estudou sobre as representações iconográficas zoomorfas e antropomorfas encontradas nos sambaquis até o momento e qual o contexto da procedência dos zoólitos e a variabilidade espacial desses itens em unidades da paisagem? Existe a possibilidade de inferências sobre a significância social-ideológica dos indivíduos enterrados com zoólitos como acompanhamento funerário? Haveria a possibilidade de se evidenciar status diferenciado através da

particularidade dessas práticas funerárias? Quais as inferências que podem ser estabelecidas pelo estudo dos acompanhamentos funerários nos sambaquis onde foram encontrados zoólitos?

Portanto, procurou-se aprofundar as investigações acerca dos sambaquis onde foram encontrados os zoólitos, a exemplo de datação; conservação; aspectos geográficos; tempo de ocupação; registros sobre as práticas funerárias; além de informações pertinentes recolhidas na literatura ou nas coleções pesquisadas, afim de que possibilitassem insights e reflexões.

A delimitação geográfica para o estudo seguiu a dispersão das referidas esculturas na região meridional brasileira, pois os respectivos artefatos foram encontrados da região costeira do Estado de São Paulo ao Estado do Rio Grande do Sul, incluindo o Uruguai. Assim, para aprofundar a investigação e fazer o registro fotográfico das peças houve a visita ao acervo das coleções do Museu de Arqueologia e Etnologia – UFPR (MAE –UFPR) e Museu Paranaense (MP), no Estado do Paraná; Museu de Arqueologia de Sambaqui de Joinville – MASJ, Museu do Colégio Catarinense Pe Alfredo Rohr SJ e Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, no Estado de Santa Catarina; e ao Museu Nacional – UFRJ (MN-UFRJ), no Estado do Rio de Janeiro.

O total das peças registradas e analisadas, através da visita às instituições citadas, compreendeu a ordem de 134 esculturas zoomórfas e 13 esculturas apresentando apenas formatos geométricos. Na literatura, a estimativa da soma desses artefatos gira em torno de 300 peças (PROUS, 1977b; 2010, p. 24). As informações sobre outras esculturas referenciadas neste estudo, suas procedências e demais dados foram pesquisados na literatura.

A sequência dos capítulos pretende elencar estudos arqueológicos que tenham discutido questões relacionadas às esculturas sambaquianas, sobretudo, orientando-se pela contextualização da distribuição espacial dos respectivos artefatos pesquisados e, de acordo com conceitos teóricos concernentes à Arqueologia e à Antropologia, que possam fornecer subsídios investigativos para a perspectiva interpretativa sobre essa cultura material.

A distribuição das temáticas e análises realizadas nesta dissertação compreende, para o primeiro capítulo (item 2), a abordagem de conceitos da arqueologia contextual e da antropologia simbólica e uma reflexão sobre dimensões

de significados da cultura material associada a contextos de rituais, oferendas e formas de representações simbólicas relativas à aspectos da relação homem/animal. O segundo capítulo (item 3) procura elencar os principais estudos sobre sambaquis, sob uma perspectiva diacrônica, buscando analisar as perspectivas teóricas que orientaram a compreensão sobre como as referidas esculturas foram pesquisadas até o momento e quais as informações mais relevantes sobre essas esculturas e os contextos dos sítios arqueológicos com a ocorrência de zoólitos. O terceiro capítulo (item 4) trata da apresentação da análise dos dados no contexto de compartimentos regionais e das dimensões de significados da paisagem nos quais os zoólitos foram encontrados. O quarto capítulo (item 5) concentra-se na elaboração de uma síntese interpretativa dos possíveis aspectos simbólicos relativos a essas esculturas no contexto da sociedade sambaquiana e se tais artefatos possibilitam sinalizar prováveis significados relacionados com status, religiosidade, práticas rituais, identidades, emergência de complexidade social, entre outros.

1.1 APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A região de estudo engloba parcelas do extenso litoral meridional brasileiro, em específico, nos pontos onde são identificados sítios ou informações sobre a ocorrência de zoólitos (FIGURA 1).

A perspectiva de análise recai, em termos regionais, sobre a compartimentação geológica e geomorfológica da Costa Sul–Sudeste brasileira. Sua característica principal é a proximidade das encostas da Serra do Mar, de constituição geológica predominante granito-gnaíssica, e que em muitos locais chega diretamente até o oceano (MUEHE, 2006). De acordo o autor citado, a presença desse conjunto de terras altas imprime particularidades especialmente interessantes. As serras alongadas e estruturalmente alinhadas com disposição paralela à costa, alternadas ora com promontórios rochosos que invadem o oceano, ora com reentrâncias tectonicamente controladas. Estas características sugerem condicionamentos de acessibilidade humana, tais como barreiras e corredores, mas que na literatura arqueológica têm sido pouco exploradas em termos de geração de

modelos ou hipóteses sobre mobilidade e territorialidade de grupos costeiros e interioranos (BROCHIER, 2009).

Quanto ao registro arqueológico regional, compõe a principal área de incidência de sambaquis, o que inclui as grandes concentrações desses sítios costeiros situados em sistemas ambientais sub-regionais, em geral dispostos nas proximidades de vales dos rios mais expressivos que cortam as serras.

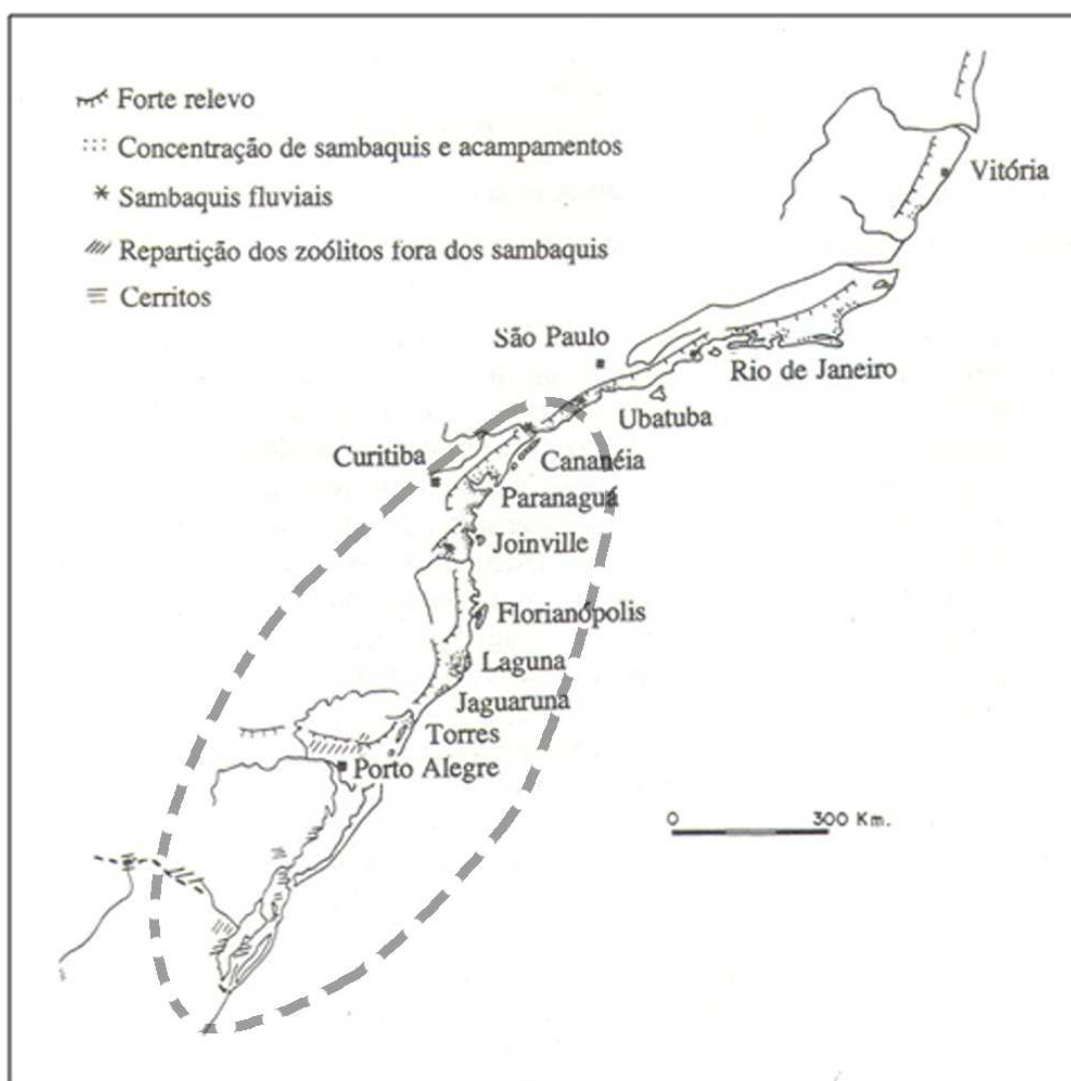


FIGURA 1 – ÁREA DE OCORRÊNCIA DE SÍTIOS COSTEIROS, INCLUINDO AS BARREIRAS REPRESENTADAS PELAS SERRAS E, OS VALES OU ÁREAS INTERIORANAS ONDE FORAM IDENTIFICADOS ZOÓLITOS FORA DOS SAMBAQUIS
 FONTE: Prous(1992, p. 205); Brochier (2009, p.51); modificado pela autora (2012).

Algumas peculiaridades dos diferentes segmentos litorâneos são descritas na literatura e que permitem um conhecimento mais detalhado das características ambientais-compartimentais associadas aos estados onde ocorrem sambaquis e zoólitos:

A) Litoral do Estado de São Paulo:

Localizado entre as latitudes 23°30' – 25°S e as longitudes 44°30' – 48°W, o litoral paulista possui cerca de 400 km de extensão. A formação geomorfológica foi condicionada por dois eventos temporalmente distintos: o primeiro ocorreu com o soerguimento da Serra do Mar e conseqüente subsidência da Bacia de Santos; o segundo durante o período do Quaternário, com as variações do nível do mar, durante os eventos transgressivos-regressivos nomeados de Cananéia e Santos, sendo que o máximo transgressivo deu-se por volta de 120.000 e 5.100 anos AP (TESSLER, 2006, p. 300). A costa paulista possui duas feições distintas, os limites entre a Ilha de São Sebastião até Ubatuba delimitam a porção norte que é caracterizada pela proximidade com a Serra do Mar e recortes de baías; ao sul ocorre uma longa faixa de praias. Esta particularidade formou-se em decorrência de um alinhamento oblíquo da Serra do Mar e da formação de planícies sedimentares quaternárias, caracterizando compartimentos distintos a norte e sul. A porção sul (mais importante para o presente trabalho), se estenderia da Ilha Comprida até a Praia Grande, é caracterizada pela presença de praias extensas, contínuas, retilíneas existentes em grandes planícies costeiras (TESSLER *et al.*, 2006, p. 301). O sistema de drenagem mais expressivo compreende o da bacia do rio Ribeira de Iguape, também ao sul, mas em trecho onde há uma aproximação com os contrafortes da Serra do Mar.

B) Litoral do Estado do Paraná:

A região litorânea do Estado do Paraná está localizada entre os litorais dos Estados de São Paulo, ao norte, e de Santa Catarina, ao sul e, entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico. A região tem extensão aproximada de 6.600 km², abrangendo as bacias hidrográficas das baías de Paranaguá e Guaratuba, e ainda, pequenas áreas das bacias do Mar de Ararapira e do Rio Saí-Guaçu (ANGULO *et al.*, 2006, p. 349). Soares *et al.* (1997) ressaltam que nesta porção da costa, a Serra

do Mar encontra-se mais interiorizada possibilitando a formação de extensas planícies costeiras e a presença de grandes baías, onde predominam manguezais, planícies de maré, canais e fundos rasos. De acordo com Soares *et al.* (1997), as praias do litoral paranaense formam extensos arcos praias, diferindo, portanto, da costa mais recortada do litoral de São Paulo e Santa Catarina.

C) Litoral do Estado de Santa Catarina:

Conforme dados apresentados por Muehe (1998, p. 325), no extremo nordeste da costa Catarinense ocorre o mais meridional dos estuários, representado pela baía de São Francisco. Deste ponto para sul, até a extremidade sul da Ilha de Santa Catarina, o litoral se apresenta recortado, com a presença de afloramentos de rochas cristalinas pré-cambrianas e que acabam por formar uma série de enseadas pouco confinadas, como Camboriú e Porto Belo, assim como a formação de Ilhas, onde o destaque recai sobre a Ilha de Santa Catarina. Nesta Ilha, além dos morros e promontórios cristalinos, ocorrem feições e depósitos quaternários, tais como praias, cordões litorâneos e depósitos lagunares. Em seu litoral leste, ocorrem ainda campos de dunas, ativos e inativos e, ainda, a exposição de turfas (praia do Moçambique). Outras feições compreendem as lagoas, como a Lagoa da Conceição que se estende por 13,5 km, no sentido norte-sul.

Na porção central do estado, o único estuário de maior expressão, compreende o rio Itajaí. Para sul, a partir da Ilha de Santa Catarina, a linha de costa se difere novamente, apresentando “uma sucessão de arcos praias, separados por promontórios rochosos defronte a extensas planícies costeiras, algumas das quais contendo expressivos sistemas lagunares” (MUEHE, 1998, p. 328). Na chamada “planície de Tubarão” são encontradas as lagoas de Santa Marta e Camacho, esta última contendo ligação com o mar a partir de um estreito canal de maré.

D) Litoral do Estado do Rio Grande do Sul:

A região do litoral do Estado do Rio Grande do Sul possui aproximadamente 640 km de extensão, sendo caracterizada por uma linha de costa particularmente retilínea compreendida de Torres ao Chuí.

Com orientação SW-NE à frente de sucessões de cordões litorâneos regionalmente denominados de barreiras (Lillwock *et al.*, 1986), sendo em muitos pontos recobertos por extensos campos de dunas, os quais progradam sobre banhados e um conjunto de lagoas e lagunas costeiras. Tais características permitem classificá-la em termos de unidades macro e meso morfológica em cordão litorâneo largo associado a uma planície de cristais de praia. (CALLIARI *et al.*, 2006, p. 439).

Sob a análise do referido autor, excetuando a localidade de Torres, onde existe a ocorrência de formações rochosas particularmente de arenito, basalto e “sequências vulcano-clásticas”, ao longo da costa rio-grandense, as demais praias se encontram predominantemente expostas. Para sul de Torres, inicia-se o macro-compartimento dos Sistemas Laguna-Barreira do Rio Grande do Sul (MUEHE, 1998), com a costa retelinizada à frente de das barreiras (sucessão de cordões litorâneos). Na retaguarda dessas barreiras, ocorrem marismas e um conjunto de lagunas, onde se destacam a lagoa dos Patos e Lagoa Mirim.

Muitos dos sambaquis encontrados no interior das regiões costeiras, na atualidade, estiveram no passado, nas imediações de ambientes estuarinos lagunares, denominados de paleobaias. Este fato é decorrente das oscilações dos níveis das águas oceânicas, em virtude, principalmente, do degelo glacial, quando o mar avançou aos limites da costa e posteriormente retrocedeu até o nível que se estabeleceu até o presente.

Dado o avanço dos níveis das águas marinhas, provavelmente os sítios costeiros mais antigos estariam hoje sob as águas (PROUS, 1992; CALLIPO, 2004). Da mesma maneira, considera-se que, os sítios presentes nas paleobaias, ou seja, no interior dos limites litorâneos atuais, seriam provavelmente sambaquis mais antigos. Este pressuposto tem por hipótese a relação dos locais de moradia das populações sambaquianas (pensadas em termos de sambaquis) com áreas secas, mas, sempre próximas aos limites d'água, onde ocorrem bancos de moluscos e demais recursos proteicos (PROUS, 1992, p. 203). Devido a essa associação, os sambaquis foram utilizados durante muito tempo, como indicadores relativamente seguros das variações do nível dos oceanos (MARTIN *et al.*, 1984; MARTIN; SUGUIO, 1988).

Na curva estabelecida por Martin e Suguio (1988) para o litoral do Paraná, a ocorrência de sambaquis dá suporte às variações (inclusive negativas) apresentadas durante o holoceno, após o máximo transgressivo de 5.100 anos atrás. Recentemente, o uso de marcadores mais precisos (vermitídeos presos às rochas) modificaram a curva inicialmente proposta, e trouxeram possíveis restrições às informações geradas pelos sambaquis, com o propósito de estabelecer paleoníveis marinhos e paleolinhas de costa (FIGURA 2) (ANGULO; LESSA, 1997). Na (FIGURA 3) pode ser comparado um gráfico de datas de sambaquis da costa brasileira com as diferentes propostas de curvas de variação marinha.

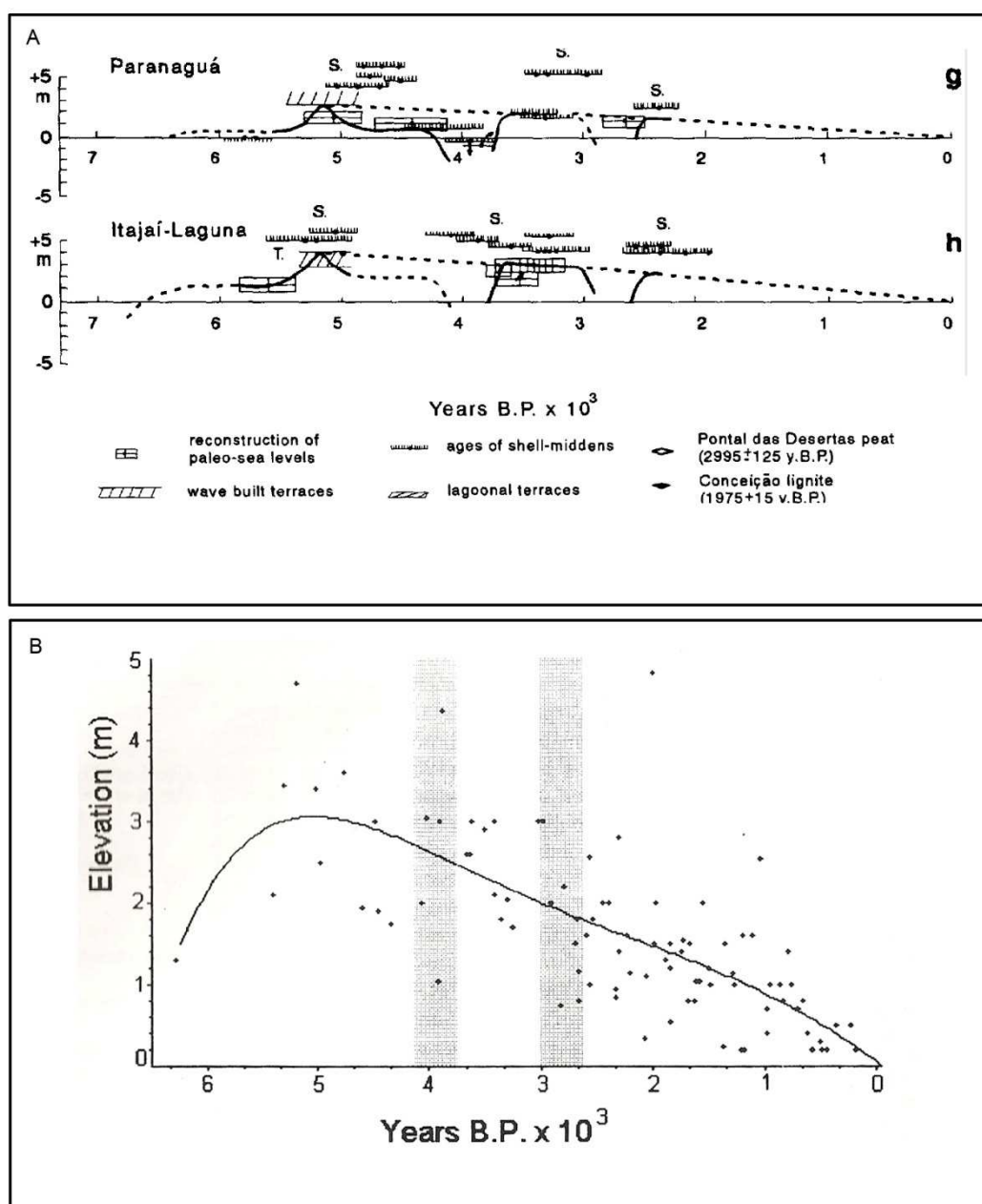


FIGURA 2 – GRÁFICO DAS CURVAS (A) DE MARTIN E SUGUIO (1988); (B) DE ANGULO E LESSA (1997).

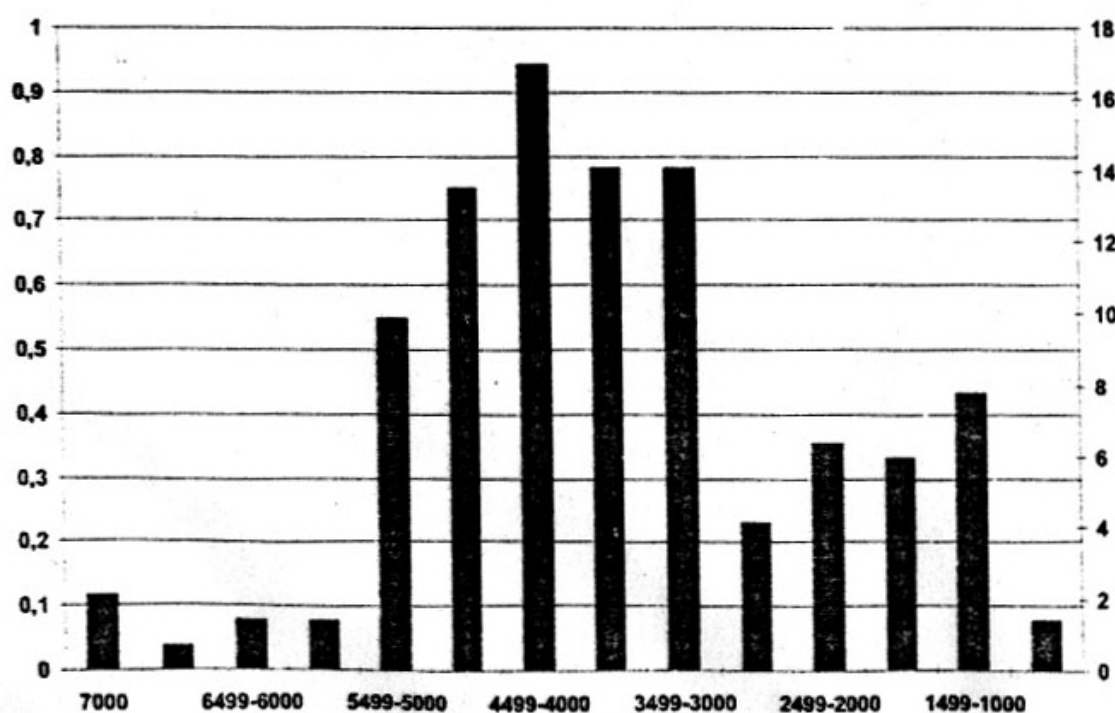


FIGURA 3 – GRÁFICO DE DATAS DE SAMBAQUIS DA COSTA BRASILEIRA. FONTE: Gaspar³ (1998) *in* Calippo (2004, p.10).

A presente dissertação, portanto, foi organizada visando discutir teorias relacionadas com o homem, práticas simbólicas e o universo animal, com o intuito de ampliar as possibilidades interpretativas na análise das representações zoomorfas e antropomorfas encontradas no contexto arqueológico; elencar os principais estudos sobre sambaquis buscando analisar as perspectivas histórica, teóricas e interpretativas envolvidas com os estudos das sociedades sambaquianas; revisar os estudos sobre os zoólitos e as relações contextuais entre esses objetos e os demais elementos da cultura material, tais como, variação estilística, associação com tipos diferenciados de sítios, entre outros; propiciar, através da análise das características estilísticas e da variabilidade formal e espacial dos zoólitos, explorações sobre as possíveis dimensões simbólicas associadas aos contextos da ocupação sambaquiana no litoral meridional; explorar as possibilidades interpretativas dos zoólitos com o respaldo das perspectivas teóricas e na análise das amostras pesquisadas, com a finalidade de refletir sobre comportamentos e

³ GASPAR, Maria Dulce. Considerations of the sambaquis of the brasilian coast. *Antiquity*, v. 72, n. 277, p. 592-615. 1998.

práticas rituais e simbólicas frente às dimensões de significados observados no contexto dos artefatos e no uso simbólico do espaço.

2 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS NA ARQUEOLOGIA SIMBÓLICA: O RITUAL E AS DIMENSÕES DE SIGNIFICADOS DA CULTURA MATERIAL

Com a proposta de discutir o potencial dos zoólitos enquanto cultura material específica e profundamente ligada aos sistemas e representações simbólicas das sociedades presentes na costa brasileira entre 8.000 e 1.500 anos atrás, pretende-se para este primeiro capítulo uma aproximação com conceitos que contribuam para a fundamentação teórica da presente dissertação. Sobretudo, terá por aporte as abordagens inerentes à arqueologia contextual e à antropologia simbólica. Considerando-se de igual importância a utilização de registros etnográficos que possam auxiliar na elaboração do referido estudo, não almejando com isso qualquer analogia direta, mas apenas dar certa sustentação a hipóteses sobre dimensões de significados passíveis de serem investigados na cultura material remanescente.

2.1 ARQUEOLOGIA CONTEXTUAL

Conforme Ian Hodder, as “coisas”, em qualquer época, poderão ou não ser especiais para nós, pois isto dependerá do significado que atribuímos a determinados objetos, lugares, pessoas e situações. Independentemente das perguntas que sejam feitas acerca do homem e do passado, e que geralmente acabam se referindo à economia ou a tecnologia, é importante ressaltar que sempre estarão presentes na cultura material as marcas de significados, pois a cultura material possui uma dimensão simbólica que poderá ser investigada pelo estudo arqueológico. “Se a cultura material, toda ela, tem uma dimensão simbólica tal que afeta a relação entre uma comunidade humana e as coisas, então toda a arqueologia, econômica e social, está afetada.” (HODDER, 1988, p. 16).

Por meio do contexto material estudado pela arqueologia, ou seja, a partir dos conjuntos de vestígios deixados pelos grupos em determinado local e época, é que podem ser indicados os caminhos para a investigação do significado do registro material remanescente (HODDER, 1988, p. 14).

A palavra “contexto”, do latim *contextere*, que possui o significado de tramar e conectar é empregada no discurso arqueológico de Hodder (1988, p. 144) para expressar distintas situações acerca de dados concretos: “Se descobirmos como funciona o objeto em relação com estes outros fatores e processos, e em relação com a estrutura econômica e social, lhe daremos sentido, significado” (HODDER, 1988, p. 147). Para o autor, através da observação do contexto físico e humano, tendo-se em conta os processos de formação cultural e natural, poderia ser identificado um sistema estruturado de inter-relações funcionais. Entre as possibilidades de entendimento estaria o tamanho dos assentamentos, a organização do trabalho, mecanismos de trocas, energias e tecnologias utilizadas para determinadas atividades, podendo-se chegar inclusive, ao conteúdo das idéias e dos símbolos.

Para Hodder (2005a, p. 10) a cultura material é em parte expressão cultural e, em parte significado conceitual, encerrando, por conseguinte, significados simbólicos que podem ser identificados pelos arqueólogos. Assim como uma linguagem instituída, a cultura material traria a possibilidade de poder ser lida como um texto. No entanto, por considerar que, assim com um texto escrito, a cultura material poderia estar sujeita a contrastantes interpretações. Para que a cultura material possa ser lida e interpretada é necessário que ela esteja inserida em um contexto.

É possível ir além dos usos físicos imediatos e restrições de objetos para os significados simbólicos mais abstratos. Neste caso, a compreensão da cultura material é mais como interpretar uma linguagem porque está lidando com significados que são apenas fracamente, se de todo, conectado com as propriedades físicas dos objectos. (...) Qualquer uso de um artefato depende dos usos anteriores e significados desse artefato ou de semelhantes artefatos dentro de um contexto histórico particular. No entanto, a mudança rápida do contexto dos significados dos artefatos no tempo *t* não são arbitrários, porque eles são, em parte, dependentes dos significados dos artefatos em tempo de *t-1*. Portanto, os significados simbólicos dos artefatos não são totalmente arbitrários, porque eles são delimitados dentro de contextos. Para o arqueólogo que deseja compreender os significados do passado de objetos, portanto, é essencial que defina o contexto em que um objeto tenha associações que contribuam para o seu significado. (HODDER, 2005a, p. 10, 12, tradução nossa)

Também é importante que seja notada a existência de uma dialética na dinâmica entre o objeto e o contexto, pois um contexto é alterado quando a ele é inserido um objeto. Neste sentido Hodder (2005a, p. 13) argumenta que:

Há, portanto, uma relação dialética entre objeto e contexto, entre texto e contexto. O contexto tanto dá sentido e significado para os ganhos de um objeto. Arqueologia Contextual envolve, portanto, "descrição densa" (Geertz 1973) no sentido que enfatiza a necessidade de compreender os significados de um objeto, colocando-o mais e mais plenamente em seus vários contextos. (HODDER, 2005a, p. 13, tradução nossa).

Na perspectiva de Hodder (2005a, p. 10) a arqueologia engloba a "sensibilidade" e fluidez das ciências humanas e sociais, com a rudeza e objetividade das ciências físicas e naturais. Assim, notadamente, o termo 'cultura material' trás em si a dualidade dos atributos do 'material' e da 'cultura'. Caracterizando-se como um produto tanto de propósitos humanos, quanto de condições materiais sujeitas às condições físicas, os artefatos estudados pelos arqueólogos contam uma história que, embora não na linguagem do historiador, possui um caráter dual que pode ser lido através dos significados que foram registrados na materialidade e, não, necessariamente, através do registro das palavras.

A ideia de que a cultura material pode ser considerada como um texto foi obtido a partir da arqueologia estruturalista e simbólica (Hodder 1986), mas tal abordagem tende a separar símbolos materiais das práticas da vida diária. De facto, a cultura material não é composta de símbolos abstractos. Seus significados vêm através de envolvimento prático com o mundo (o significado de um machado está ligado ao seu uso para cortar as árvores), e esses significados não-discursivos podem influenciar os significados conscientes discursivos. A tentativa de quebrar oposições entre mente matéria e objeto são mais claramente identificados com abordagens fenomenológicas em arqueologia (ver p. 201) (Thomas 1996). Mas os novos desenvolvimentos em arqueologia feminista também levaram a uma compreensão da corporalidade (Meskell 1998, 1999; Tringham 1994). O estudo da paisagem (ver p. 156) também tem sido um importante espaço para a aplicação de abordagens experimentais (Tilley, 1994). (HODDER, 2005a, p. 157, tradução nossa)

Principalmente nas décadas de 1960 e 1970, de acordo com o referido autor, houve uma priorização da utilização de abordagens das ciências naturais para responder questões culturais como às de subsistência, dado a maior proximidade com os aspectos relativos ao meio ambiente. Porém, Hodder (2005, p. 10) salienta que pouca atenção foi direcionada para os aspectos sociais e, ainda menos para as questões simbólicas e ideológicas.

Para sustentar a concepção de que a cultura material é significativamente constituída, a arqueologia pós-processual ou simbólica apoiou-se em antropólogos

como Turner (1969), Geertz (1973), Sahlins (1976) e Bourdieu (1977). Considerando-se que o simbolismo está em toda parte, inclusive nos artefatos descartados em termos de significados e conceitos, como o caso da sujeira, da limpeza ou da pureza (HODDER, 2005b, p. 155).

Hodder (2005b, p. 190) enfatiza a existência de uma dimensão simbólica que está inevitavelmente presente no registro arqueológico:

(...) na verdade, é difícil identificar qualquer ato ou objeto que não tenha significado simbólico. É também muitas vezes difícil argumentar que os significados funcionais sejam sempre primários sobre o simbólico ou representacional. Uma visão alternativa é que tudo é simbólico para algum grau, ou que o simbolismo está em toda parte. De acordo com este ponto de vista, até mesmo os aspectos mais mundanos do registro arqueológico, tais como o descarte de lixo ou a escavação de poços, tinham uma dimensão simbólica que foi importante na estruturação da vida das pessoas. (HODDER, 2005b, p. 190, tradução nossa)

Por sua vez, um conceito semiótico é proposto pelo antropólogo Clifford Geertz (1989) para definir a cultura, identificando-a como teias de significados que foram tecidos pelo homem e nas quais ele se encontra por entre as tramas. O autor desconsidera para a sua análise a necessidade de uma ciência experimental que busque por leis, mas, confia em uma ciência interpretativa à busca de significados.

Geertz (1989) considera a cultura como pública tendo em vista que o pensamento é um ato basicamente social, no qual enquanto processo é tido como “um tráfico de símbolos significantes” (GEERTZ, *op cit.*, p. 227). Os objetos experiência humana, a exemplo das ferramentas, dos rituais, dos ídolos esculpidos ou buracos de água, bem como, os gestos, os sons, as imagens, sobre os quais foram impressos significados, faz desses objetos, “veículos materiais do pensamento” (GEERTZ, *op.cit.*, p. 227). Embora em muitas circunstâncias sejam tidos como vagos, distorcidos ou flutuantes, são perfeitamente passíveis de serem identificados através de uma investigação empírica sistemática.

Sob a perspectiva de Geertz (1989), a cultura seria constituída por estruturas de significados socialmente estabelecidos e o principal objetivo da antropologia deve ser o:

alargamento do universo do discurso humano (...) esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos

sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível _ isto é, descritos com densidade. (...) Nada mais necessário para compreender o que é a interpretação antropológica, e em que grau ela é uma interpretação, do que a compreensão exata do que ela se propõe dizer _ ou não se propõe _ de que nossas formulações dos sistemas simbólicos de outros povos devem ser orientadas pelos atos. (GEERTZ, 1989, p. 24, 25).

De acordo com Geertz (1989), os textos antropológicos seriam por si interpretações. Desta forma, no comportamento do fluxo da ação social encontrar-se-ão as formas de articulações culturais, bem como, em:

várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. Todavia, nestes casos o significado emerge do papel que desempenham. Quaisquer que sejam, ou onde quer que estejam esses sistemas de símbolos (...) ganhamos acesso empírico a eles inspecionando os acontecimentos e não arrumando entidades abstratas em padrões unificados. (GEERTZ, 1989, p. 27).

A descrição etnográfica, segundo Geertz (1989), é composta por três características: ela é interpretativa, o fluxo do discurso social é o que ela interpreta e, que a interpretação deve salvar o “dito” para que este não se extinga e possa ser fixado em formas pesquisáveis. Um exemplo dado pelo autor é como o Kula se perpetuou a partir de “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”⁴:

Para Geertz (1989) existe uma série de características para a interpretação cultural que dificultam o seu desenvolvimento teórico e a insinuação de teorias decorre da carência de um poder em expressá-las de maneira mais apropriada. Sendo assim, o referido autor destaca que, para a construção teórica o essencial não seria a decodificação das regularidades abstratas, mas, possibilitar a minúcia das descrições.

Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana. (...) As formas da sociedade são a substância da cultura. (GEERTZ, 1989, p. 38, 39).

⁴Ver: MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Para descrever e explicar outra cultura, segundo Wagner (2010), o antropólogo deve se colocar como elo entre a cultura pesquisada e a sua própria, estabelecendo conhecimentos simultâneos. O objeto de estudo é experienciado pelo antropólogo que, imbuído de seus próprios significados, os utiliza para transmitir a percepção obtida para comunicá-la aos indivíduos da sua própria cultura. Entretanto, a compreensão da comunicação obtida pelo antropólogo só terá sucesso, se ela puder ser entendida através de um sentido de termos reconhecidos em sua própria cultura.

De acordo com o autor acima citado, a cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se às situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetivar a discrepância como entidade – ela é delineada por meio de uma concretização inventiva dessa entidade após a experiência inicial. (WAGNER, 2010, p. 37).

Quanto a aspectos interpretativos da cultura material, para Hodder (1988, p. 149) o interesse em acessar conteúdos de significados do passado através das relações contidas no contexto arqueológico necessita da autocrítica do arqueólogo quanto ao seu próprio contexto cultural, devendo este, questionar sobre as interpretações que faz do passado, para saber distingui-las da sua própria cultura e meio social.

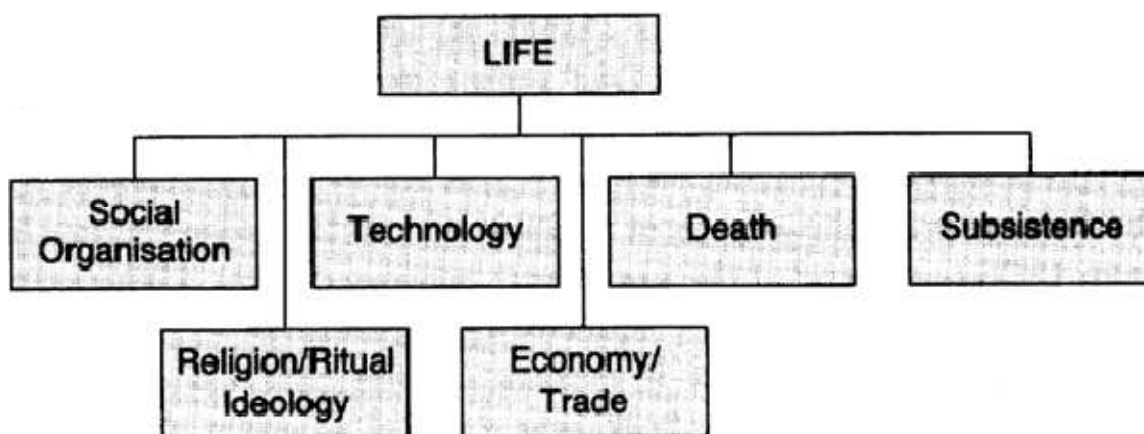
Outra reflexão de Hodder (1988, p. 149) diz respeito à consideração do registro arqueológico como um texto que deve ser lido. Essa atribuição dada pelo autor à cultura material decorre especialmente da possibilidade do acesso que o arqueólogo pode ter sobre significados do comportamento do passado, desde que esta esteja contextualizada.

Os símbolos da cultura material podem ser mais ambíguos que seus homólogos verbais, e o que pode dizer-se deles pode ser muito mais simples. Os símbolos materiais são também duradouros e menos flexíveis. Em muitos aspectos a cultura material não é, em absoluto, uma linguagem; é sobretudo ação e prática no mundo. Na medida em que é uma linguagem, é muito simples, se comparada com a língua falada ou escrita. Por todas as razões os textos da cultura material são mais fáceis de decifrar que aqueles documentos escritos cuja língua desconhecemos. É por isto que os arqueólogos tem podido, em certa medida, “ler” a cultura material. (HODDER, 1988, p. 150).

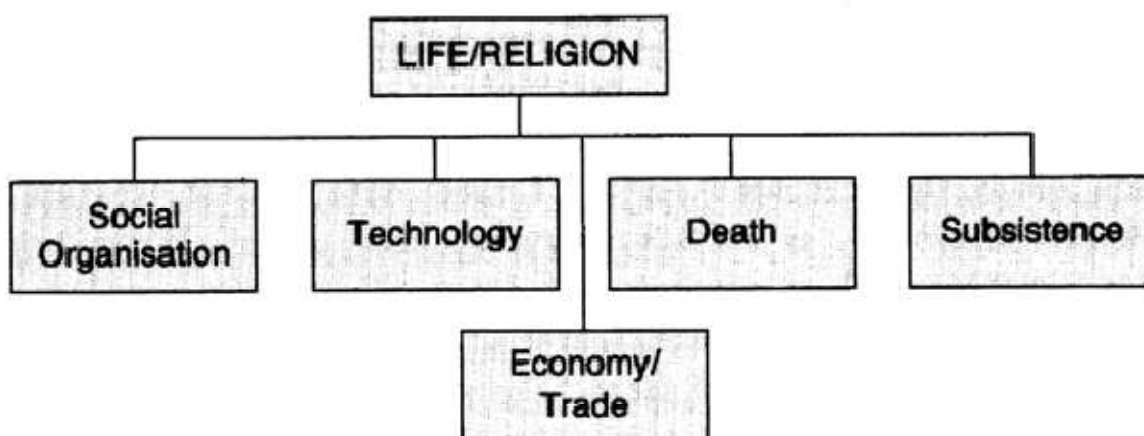
2.2 ARQUEOLOGIA E RITUAL

A investigação dos aspectos ideativos e simbólicos inseridos na cultura material é necessária para a busca de entendimento sobre as perguntas que são feitas sobre o passado. Nesse sentido, Insoll (2005, p. 22) argumenta que a arqueologia da religião possui um amplo envolvimento sobre as dimensões da cultura material. Pois, avalia que, assim como nos dias atuais, em que a religião envolve uma grande parcela da população mundial, fazendo-se interligada em diferentes práticas culturais, e podendo ser distinguida em diferentes aspectos; além do que possa ser considerado como tecnologia, a exemplo do consumo alimentar, da habitação, entre outros.

Assim, o respectivo autor considera que, da mesma forma como a religião exerce uma grande influência nos padrões culturais atuais; possivelmente no passado, as crenças em algo comum tenham influenciado comportamentos semelhantes. Por esta razão, para ilustrar essa perspectiva, o referido autor elaborou um gráfico (FIGURA 4), onde procurou demonstrar o quanto as crenças religiosas estão envolvidas no complexo das atividades cotidianas de uma sociedade.



A 'usual' view of the archaeological place of religion
(categories chosen are not meant to be exhaustive).



A better view of the archaeology of religion?

FIGURA 4 - GRÁFICO "Two views of the 'place' of religion". FONTE: Insoll (2005, p. 24).

Entretanto, pela não existência, de uma definição precisa quanto à origem da religião, as buscas recaem sobre as origens do comportamento simbólico, que permitiu ao homem dar visibilidade ao mundo intangível que o cercava.

De acordo com Leone (1978), a perspectiva marxista considera que o aparecimento de uma concepção "dual de mundo" tenha se originado através de uma mudança na "estrutura social hierárquica multiclasse" e esteja relacionada com o aparecimento de grandes religiões, a exemplo do Budismo e o Cristianismo. O conceito de mundo dual estaria relacionado como um marco para a invenção da ideologia, bem como, seria responsável pela construção segmentada do tempo,

consistindo do presente e do passado, onde o passado seria uma construção cultural (LEONE, 1978, p. 28). Desta forma, de acordo com o autor, a concepção dual de mundo marca a invenção da ideologia e é também responsável pela construção segmentada do tempo.

Leone (1978, p. 25) avalia que a arqueologia se utiliza do eixo espaço tempo em longa escala para a análise de sociedades do passado, levando-se em consideração que as sociedades possuem vivências particulares em função desses vetores. Por sua vez, os registros analisados serão decorrentes da materialidade que restar dessas experiências. Assim, o tempo também é um elemento importante para uma reflexão sobre a forma como a dimensão espaço tempo pode ser percebida e interpretada arqueologicamente, em função de diferentes perspectivas investigativas inerentes a essa questão.

A Arqueologia existe dentro de nossos conceitos de sociedade de tempo e espaço, e todas as nossas conclusões fazem sentido em função desses vetores, não independentemente deles. Nós raramente examinamos como as sociedades do passado conceberam essas dimensões, e nunca perguntamos como nossas próprias definições de tempo e espaço influenciam nossas interpretações de outras sociedades. (...) eu quero levantar algumas questões sobre como as sociedades arqueológicas viam o tempo e sobre como a nossa própria sociedade, (...) vê a mesma dimensão. (LEONE, 1978, p. 25, tradução nossa)

Leone (1978, p. 26) comenta que embora a contribuição de Binford tenha possibilitado uma melhor compreensão para a investigação do passado, como na concepção de níveis de função de um artefato (variáveis tecno-econômicas, sócio-técnicas e ideotécnicas), deve-se considerar que além da distinção entre a função primária e a secundária, um artefato poderia ter sido utilizado em mais de um nível, em uma mesma cultura. Outro problema é que tais conceitos não foram igualmente aproveitados. Assim, os aspectos ideotécnicos, que remeteriam a possibilidade de “reconstrução” da ideologia de sociedades do passado, não tiveram a mesma atenção que as dadas aos aspectos sócio-técnicos, estes comumente utilizados como recurso para as reconstruções das relações sociais.

Ainda de acordo com o referido autor, esse problema provavelmente decorra da falta de uma definição mais precisa do que seja ideologia e, sendo assim, Leone (1978) recorreu a uma definição de ideologia feita por Althusser (1971):

Podemos dizer o seguinte: toda a ideologia representa ... não as relações de produção existentes ... mas acima de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos para as relações de produção ... O que é representado na ideologia não é, portanto o sistema da relação real que regem a existência de indivíduos, mas a relação imaginária dos indivíduos, para as relações reais em que vivem. (ALTHUSSER [(1971: 165) in: LEONE, 1978, p. 26, tradução nossa)

Constituindo-se a ideologia de difícil percepção, posto que o seu papel seria o de mascarar a realidade, disfarçando a ideologia implícita, ao mascarar as relações de exploração da sociedade. Só devendo existir quando houvesse a necessidade de mascarar algo para proteger as relações de produção, a ideologia, para o pensamento marxista, apenas poderia existir em sociedades com distinções de classes. Não devendo existir a ideologia, portanto, em sociedades onde não houvesse conflitos de classes, como por exemplo, entre sociedades de agricultores simples ou de caçadores-coletores, a investigação de itens ideotécnicos das sociedades estudadas foi ignorada, tanto pelos arqueólogos tradicionais, quanto pelos mais jovens.

Como tal, não é que os artefatos ideotécnicos não existem nas sociedades não estratificadas, é que eles são misturados na mesma classe como itens sociotécnicos pela própria estrutura dessas sociedades. Para fins analíticos, em seguida, os itens ideotécnicos só poderiam ser claramente identificados com o surgimento de uma estrutura de classe. (LEONE, 1978, p. 27, tradução nossa).

Para Leone (1978) os itens exógenos seriam itens de prestígio, pois transcenderiam o espaço e o tempo. Não representariam apenas itens de luxo, mas poderiam ser classificados como ideotécnicos. Conclui ainda, que todo o conhecimento do passado advém do presente e da complexidade construída através do tempo. Com o tempo sendo ideologia, então o passado também seria ideologia.

Quando tomamos subdivisões de tempo como ideologia, como tem sido feito até agora aqui, é possível ver as suas manifestações - ou seja, itens ideotécnicos - e assumir que o nosso trabalho como arqueólogo está intacto. Com esta definição, podemos reconstruir as sociedades do passado de forma mais completa e até mesmo comentar sobre o lugar da nossa profissão na operação da ideologia. Uma vez que estamos de acordo sobre a existência de um mundo dual e de suas manifestações como passado e futuro, self, vida e outros, podemos começar a aplicar essas categorias para o nosso assunto tradicional e ver se elas iluminam tudo com mais clareza. Elas provavelmente vão, e a busca de concepção de sociedade de outro tempo e os conflitos mascarados inevitavelmente nos dirá algo importante. (LEONE, 1978, p. 33, tradução nossa).

De acordo com Fogelin (2007) é comum que ao estudar a religião, muitas vezes os arqueólogos se concentrem no ritual, principalmente pelo fato de que, enquanto a religião consiste de um sistema abstrato de crenças, doutrinas e mitos, o ritual permite a sua observação nos vestígios materiais deixados pela ação humana. Embora não exista uma concepção uníssona por parte dos arqueólogos quanto aos estudos dos rituais, a perspectiva observada é a de que ocorram aspectos relacionais entre o ritual e a religião, na medida em que a existência de uma dialéctica entre ambas possibilita que elementos rituais possam servir para inferir sistemas de crenças, assim como o conhecimento sobre determinada mitologia possa ser utilizada para a investigação da prática dos seus rituais.

Bell (1997, Ch. 5 *in* FOGELIN, 2007, p. 58) identifica sob uma perspectiva prática, seis características relativas à atividade ritual, as quais não são rigorosamente limitadas ao ritual religioso:

- 1) O formalismo: a ação do ritual emprega mais códigos formais do que os que são utilizados pelas pessoas na vida cotidiana;
- 2) O tradicionalismo: é comum ao ritual, o emprego de elementos anacrônicos ou arcaicos;
- 3) A invariância: o ritual costuma seguir padrões rigorosos e repetitivos;
- 4) A regra de governança: é frequente ao ritual ser regulado por um código de regras rigoroso que lhe define o comportamento apropriado;
- 5) O simbolismo sagrado: é comum o ritual fazer referência ou empregar simbolismos sagrados;
- 6) A performance: muitas vezes o ritual abrange a exposição pública de ações rituais.

Fogelin (2007) estima, baseando-se na literatura sobre o tema, que é provável que as formas promovidas pela ritualização demonstrem relações de poder. Sendo assim, significados de símbolos específicos muitas vezes poderiam ter menor importância que a forma pela qual é feita a sua implantação e as intenções de quem os implanta. Disto decorre, de acordo com o referido autor que alguns arqueólogos concluam que a ação ritual tenha como característica a criação e a reafirmação de desafios ou ordens sociais dominantes.

O poder simbólico é caracterizado como invisível por Bourdieu (2010: cap 1), observando que, este é exercido com a cumplicidade tanto dos que o exercem quanto dos que supostamente ignoram que lhe estão sujeitos. Enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, os “sistemas simbólicos” só exercem o poder estruturante em função de serem estruturados. Desta forma, “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social” (Bourdieu, 2010, p. 9). Consistindo a produção simbólica de um microuniverso onde configura-se uma luta simbólica entre classes.

Os sistemas simbólicos devem a sua força ao facto de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles de forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação). O poder simbólico como poder de reconstituir o dado pela enunciação, de fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos <<sistemas simbólicos>> em forma de uma <<illocutionary force>> mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a **crença** [Os símbolos de poder (trajo, ceptro, etc) são apenas capital simbólico objetivado e a sua eficácia está sujeita às mesmas condições]. (Bourdieu, 2010, p. 14, 15).

Em virtude de o homem possuir pensamento e imaginação, ele também dispõe de sentimentos, o que torna fundamental a coleta de informações acerca dos padrões de acontecimentos sobre o mundo exterior, a fim de se identificar significados afetivos e a importância emocional desses padrões de acontecimentos para o esclarecimento dos sentimentos. Os símbolos públicos, enquanto recursos culturais são essenciais para este tipo de empreitada, assim como é para o pensamento orientador. O homem utiliza-se do próprio corpo para forjar as suas idéias, o que determina desta maneira que,

não apenas as idéias, mas as próprias emoções são, no homem, artefatos culturais. (...) As ferramentas, a caça, a organização familiar e, mais tarde, a arte, a religião e a “ciência” moldaram o homem somaticamente. Elas são portanto, necessárias não apenas à sua sobrevivência, mas à sua própria realização existencial. (GEERTZ, 1989, p. 95, 96).

Para Durkheim ([1912] 1989) as crenças seriam estados de opinião consistindo de representações e os ritos seriam modos de ação determinados, constituindo, ambos, categorias fundamentais do fenômeno religioso, não podendo, os ritos serem definidos longe das práticas humanas, especialmente das morais e, sendo identificado a partir da sua crença específica. Assim, Durkheim (*op cit*) apresenta às crenças religiosas, simples ou complexas, um caráter comum que é o da divisão do mundo em dois domínios compreendidos em sagrado e profano.

As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas. (DURKHEIM, *op cit.*, p. 75).

Decorre que as forças religiosas, por serem forças morais, só conseguiriam tomar consciência sobre os sentimentos coletivos de si próprios através da fixação deste sentimento em objetos exteriores; por conseguinte, esses objetos adquiriram um valor sentimental fixo em uma natureza física. Sendo representantes do sentimento coletivo de dada religião, no plano físico, passaram a poder explicar o que ocorre no mundo material através destes. Esse processo ocorre no plano ideal de uma sociedade, enquanto se renova no tempo através de suas experimentações e vivências coletivas em criar-se e recriar-se. “Essa criação não é para ela uma espécie de ato suplementar com o qual ela se completaria a si mesma uma vez constituída; é o ato pelo qual ela se refaz periodicamente.” (DURKHEIM, *op cit.*, p. 500).

A sociedade seria a fonte viva da qual a religião se alimentaria. E a crítica da ciência estaria voltada não para o direito de ser da religião, mas, pelo fato da religião não ter o direito em dogmatizar sobre a natureza das coisas.

É preciso insistir nas características diferenciais que a lógica apresenta nos diversos momentos da história; ela evolui como as próprias sociedades. Mas, por mais reais que sejam as diferenças, não devem fazer ignorar as semelhanças que não são menos essenciais. (...) A sociedade supõe, portanto, uma organização consciente de si que outra coisa não é senão uma classificação. (...) Toda criação, com efeito, a menos que seja operação mística que escape à ciência e à inteligência, é produto de síntese. Ora, se as sínteses de representações particulares, que se produzem no seio de cada consciência individual, já são, por si mesmas, produtoras de novidades, quanto não são mais eficazes aquelas vastas

sínteses de consciências completas que são as sociedades (DURKHEIM, *op cit.*, p. 518, 522, 526).

Por sua vez, Mauss ([1902]1974) empreendeu um estudo para analisar o caráter da magia, identificando que esta seria compreendida por agentes, atos e representações. Tidas como mágicas as coisas consideradas assim por toda uma sociedade, e não apenas por uma fração da mesma. Para o referido autor, a princípio a magia diferenciou-se de outros sistemas de fatos sociais, em diversas sociedades; podendo- se acreditar que a magia por ser suscetível a uma classe distinta de fenômenos poderia igualmente ser suscetível a uma definição clara.

Mauss (1974) considerou que o rito mágico envolve-se de mistério e segredos, enquanto que o rito religioso, em geral, volta-se para o público. Então, a magia foi definida pela condição em que os ritos são realizados e pelo lugar em que é “ocupado no conjunto dos hábitos sociais”. (MAUSS, 1974, p. 53).

Segundo Mauss (1974) o agente do rito mágico é o mágico, possa ser este um profissional ou não. Mas não é um mágico quem quer; algumas qualidades poderão ser congênicas, outras adquiridas, ainda havendo, as que possam lhe ser atribuídas e outras das quais efetivamente possua. Algumas dessas qualidades poderiam ser ilustradas como: o dom da oratória; dons poéticos; as palavras cortantes; os gestos bruscos. Parecendo, o mágico, um ser que se destaca pela sua “excentricidade”, entre seu grupo social.

Quanto ao caráter mágico relacionado às mulheres, de acordo com o mesmo autor, este é mais evidente frente à qualificação social. Podendo-se observar, sobretudo na Idade Média, que muitas mulheres foram vitimadas devido a preconceitos sociais advindos da Inquisição. Também algumas atividades profissionais podem suscitar o ideário sobre a prática da magia, a exemplo do médico, do barbeiro, do coveiro, do pastor, entre outros, o que estaria mais voltado para as corporações que para os indivíduos.

Por vezes a atribuição da prática da magia é percebida como um status do indivíduo no seu grupo social, ou, de determinado grupo frente a outro. O mágico possui a alma como um duplo que pode se dissociar do corpo e se transportar para lugares e mundos onde fisicamente o mágico não estaria; sendo esse duplo a sua própria pessoa. A metamorfose é uma ocasião em que o duplo adquire outra forma que não a do próprio mágico, mas, embora esse duplo possa ser de um animal, a

essência é uma, a do mágico ou xamã. As representações pessoais da magia podem tornar-se representações pessoais. Um exemplo de representação personificada e o modo de ação desse poder é o duplo do mágico e o seu animal auxiliar. Segundo o referido autor.

(...) a metamorfose equivale a uma associação regular com uma espécie animal. Essas associações são encontradas em toda parte. Os curandeiros algonquin, iroqueses ou cherokee, ou mesmo de modo mais geral, os curandeiros peles vermelhas, têm, para falar na língua ojibway, manitu-animais; do mesmo modo, em certas ilhas da Melanésia, os mágicos possuem serpentes e tubarões servidores. Em regra geral, nesses diversos casos, o poder do mágico provém de suas familiaridades animais. É de seu animal associado que ele o recebe; este revela as fórmulas e os ritos. Até mesmo os limites traçados para o seu poder definem-se, por vezes, por essa aliança; entre os peles-vermelhas, o auxiliar do mágico confere-lhe poder sobre as bestas de sua espécie e sobre as coisas a elas relacionadas. (MAUSS, 1974, p. 66).

Segundo Mauss, os ritos são o ato mágico e são realizados apenas em locais qualificados e sob as condições apropriadas do tempo e do espaço. Tudo relacionado à cerimônia mágica deve possuir um caráter mágico. Sendo assim, as ervas devem ser colhidas de locais especiais, sob condições especiais e durante um período de tempo particular, tomando-se o cuidado para com a consagração dos elementos mágicos e estabelecendo uma ordem ritual para a sua prática. Por sua vez, também os utensílios utilizados nas cerimônias possuem valor mágico próprio.

As representações correspondem ao terceiro elemento da magia. Se o rito se comporta como uma espécie de linguagem para a tradução de uma idéia, a representação seria o efeito dado a essa idéia.

A magia implica uma confusão de imagens, sem a qual, no nosso parecer, o próprio rito é inconcebível. Como se confundem o sacrificante, a vítima, o deus e o sacrifício, confundem-se o mágico, o rito e os efeitos do rito, resultando numa mistura de imagens indissociáveis; esta confusão é, aliás, ela mesma objeto de representação. (...) Poderiam as três formulas ser reunidas em uma e então poder-se-ia dizer: contigüidade, similaridade e contrariedade equivalem à simultaneidade, identidade e oposição, no pensamento e nos fatos. Cabe perguntar se essas fórmulas dão conta do modo pelo qual essas assim chamadas leis foram realmente concebidas. (MAUSS, 1974, p. 92, 93,94).

O pequeno número de símbolos utilizados para a mesma coisa deve-se à tradicionalidade dos ritos, pois, fora da tradição não há ritos, posto que eles necessitam de uma crença. Portanto, não há a pobreza quanto à criatividade dos

indivíduos para com a quantidade de símbolos, mas, uma tradição que se mantém através destes. A finalidade de muitos ritos mágicos destina-se à fabricação de amuletos que, por terem sido confeccionados ritualmente, poderão ser utilizados sem o rito.

(...) O fato da magia ter aberto lugar para os deuses mostra que ela soube prevalecer das crenças obrigatórias da sociedade. É porque eles representavam para a sociedade objeto de crenças, que ela os fez servir a seus fins. (MAUSS, 1974, p.114).

De acordo com Mauss (1974), a proximidade do mágico com os elementos naturais o faz conhecedor da natureza e, muitas das práticas que desempenha dão-se através da experimentação, o que o aproxima da ciência. Não sendo por acaso que foram os feiticeiros os primeiros a descobrirem venenos, a trabalharem com a metalurgia e a empreenderem cirurgias.

Constatamos, de um lado, que a magia forçosamente criou, por si mesma, um catálogo de plantas, de minerais, de animais, de partes do corpo, etc, com o fim de registrar suas propriedades especiais ou não, experimentais ou não. De outro lado, cada uma preocupou-se em codificar as propriedades das coisas abstratas: figuras geométricas, números, qualidades morais, morte, vida, sorte, etc., tornando, por fim, esses diversos catálogos concordantes. (MAUSS, 1974, p. 106).

Levando-se em consideração a investigação de contextos de depósito ritual, tendo como análise o ponto de vista arqueológico, de acordo com Walker (1998, p.296 *in* FOLEGUIN, 2007, p. 61), observa-se que os vestígios materiais armazenam aspectostanto simbólicos quanto comportamentais, cabendo ao arqueólogo a possibilidade do reconhecimento dessa possibilidade e, não a necessidade para com a interpretação detalhada dos significados intrínsecos desse registro, pois, embora este esteja ofuscado pelo tempo, guarda nuances que conseguem ser identificados pela simbologia deixada em determinado comportamento. Sendo assim, argumenta que:

os arqueólogos não têm necessariamente que desenvolver uma teoria da mente ou exegese simbólica para reconhecer que as sequências de depósitos e variabilidade dentro desses depósitos podem revelar ritual e atividades no ritual. Em vez disso, precisamos reconhecer que o ritual

encarna comportamentos tanto como símbolos. (Walker⁵ 1998, p.296 *in* FOLEGUIN, 2007, p. 61, tradução nossa).

2.3 COSMOLOGIA E ARQUEOLOGIA

De acordo com Prufer (2006, p. 573) qualquer crença cultural que esteja relacionada com as forças criativas do universo é uma cosmologia. Para a referida autora, embora nem todas as cosmologias enfatizem a paisagem como sagradas, as paisagens integram qualquer cosmologia, constituindo mais do que o espaço social onde as pessoas vivem, sendo muito importantes para dar contexto às crenças culturais.

Um dos principais significados da paisagem relaciona-se a maneira como o ambiente natural e físico é observado pelas pessoas. “Como um elemento espacial, a paisagem se confunde com o tempo, na medida em que não é uma entidade estática ou abstrata, mas uma parte das práticas sociais.” (PRUFER, 2006, p. 573). Para a referida autora, há o reconhecimento entre os antropólogos de que para muitos povos indígenas as concepções de terra e de paisagem envolvem percepções sobre o sagrado, os quais são socialmente identificados por eventos míticos específicos do local.

É relativamente freqüente que a memória, o poder ancestral e a terra muitas vezes sejam indicados através de dramatizações, pois é comum ser reconhecido que os seres ancestrais não apenas foram responsáveis por criar as paisagens, mas, sobretudo, proporcionaram a possibilidade das pessoas se relacionarem de maneira especial com ela. Desta forma, ocorre uma perpetuação da herança ancestral e “a paisagem é vista simultaneamente como um conjunto de espaços para que as pessoas ocupem.” (MORPHY⁶, 1995, p.192 *in* PRUFER, 2006, p. 574).

De forma semelhante, a associação entre as paisagens sagradas e os interesses políticos também são freqüentes, de acordo com Prufer (2006), em

⁵Walker WH. Where are the witches of prehistory. *J. Archaeol. Method Theory*. 5:245–308, 1998.

⁶Morphy, H. Landscape and the reproduction of the ancestral past. In E. Hirsch & M. O’Hanlon (Eds.), **The anthropology of landscape: Perspectives on place and space** (pp. 184–209). Clarendon Press, Oxford. 1995.

especial, quando os espaços utilizados para os rituais se tornam lugares onde a ação humana se integra com a atividade divina.

No contexto histórico, os espaços sagrados naturais são muitas vezes o foco dos interesses políticos, e não o lócus: as capitais políticas podem mudar de local, dentro de um mesmo território, enquanto os locais sagrados mantêm a estabilidade ao longo do tempo. (PRUFER, 2006, p. 574, tradução nossa).

As garantias cósmicas são ofertadas através dos símbolos religiosos. Isto ocorre não apenas para que o mundo seja compreendido, mas porque ao compreendê-lo possa haver também uma maior clareza frente às emoções que lhe torne mais suportável. De fora, a atividade religiosa pode ser apreciada esteticamente ou analisada cientificamente, entretanto, para os participantes, elas se caracterizam como materializações, não apenas de um modelo do que elas acreditam, mas, um modelo que fundamenta sua crença e dramatiza plasticamente a sua fé. Assim, o estudo antropológico da religião requer dois estágios: a princípio, “uma análise do sistema de significados incorporado nos símbolos que formam a religião propriamente dita e, no segundo, o relacionamento desses sistemas aos processos sócio-estruturais e psicológicos” (GEERTZ, 1989, p. 142).

De acordo com Geertz (1989), o termo *ethos* refere-se aos aspectos morais, estéticos e aos elementos valorativos de dada cultura, ao caráter e à qualidade de vida de um povo; trata-se da relação subjacente a ele mesmo e ao mundo que é refletido por sua vida. O termo, “visão de mundo” corresponde aos aspectos cognitivos e existenciais do quadro que o povo elabora através da sua realidade em existir. Concepções como a sua realidade, o seu conceito da natureza, o seu conceito sobre si e o seu conceito de sociedade, são um exemplo.

O *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica. (GEERTZ, 1989, p. 144).

Tanto o que um povo preza como o que ele teme e odeia são retratados em sua visão de mundo, simbolizados em sua religião e expressos, por sua vez na qualidade total da sua vida. Seu *ethos* é distinto não apenas em termos da espécie de nobreza que ele celebra, mas também em termos da espécie de baixezas que ele

condena; seus vícios são tão estilizados como as suas virtudes. (GEERTZ, 1989, p. 148).

A ideologia, para Geertz (1989) fornece uma saída simbólica para os distúrbios emocionais gerados pelo desequilíbrio social. Essas inquietações emocionais seriam comuns à maioria dos indivíduos ocupantes de um determinado papel ou posição social. Por conseguinte, a ideologia serviria como uma reação às tensões de um papel social. Por sua vez, uma explicação para a solidariedade é o poder que a ideologia tem para unir um grupo ou uma classe social. Assim, na medida em que a ideologia existe, há um grau significativo para uma orientação ideológica comum.

A ideologia coloca uma ponte sobre o fosso emocional existente entre as coisas como são e as coisas como se gostaria que fossem, assegurando assim o desempenho de papéis que, de outra forma, poderiam ser abandonados pelo desespero ou pela apatia. (GEERTZ, 1989, p. 175).

Ao pensamento que consiste na construção e manipulação de sistemas simbólicos empregados em outros sistemas como modelo, é dado o nome de teoria extrínseca. Sejam esses sistemas físicos, orgânicos sociais ou psicológicos, atua de uma maneira tal, que, a estrutura dos outros sistemas é compreendida. Sendo assim, os atos como o pensar, a conceituação, a compreensão, a formulação, o entendimento, consistem em combinar os estados e os processos existentes nos modelos simbólicos com os processos e estados mais abrangentes do mundo. O pensamento imaginário seria a construção de uma imagem do ambiente. Predizendo o comportamento do ambiente, o ambiente se comportaria segundo o modelo. Construído o modelo, ele poderá receber manipulação sob um conjunto de condições e representações hipotéticas. O resultado dessas manipulações poderá ser observado e projetado no ambiente, de maneira a tornar possível a sua predição. Um exemplo é o dedo seguindo pelo tracejado de um mapa rodoviário, e a imaginação indo mentalmente aos lugares assinalados pelo mapa. Fazendo menção a Percy⁷, Geertz (1989) argumenta que “cada percepção consciente é um ato de reconhecimento, uma combinação na qual um objeto (ou um acontecimento, um ato,

⁷ W. Percy, “Symbol, Consciousness and Intersubjectivity”, *Journal of Philosophy*, 55 (1958): pp.631-641.

uma emoção) é identificado por sua colocação contra o pano de fundo de um símbolo apropriado” (GEERTZ, 1989, p. 186).

Tanto os símbolos quanto os sistemas de símbolos conhecidos como cognitivos ou os conhecidos como expressivos são fontes extrínsecas de informações e podem servir como forma de padronizar a vida humana, pois são mecanismos extra-pessoais para a percepção, o julgamento, a compreensão e para a manipulação do mundo. “Os padrões culturais _ religioso, filosófico, estético, científico, ideológico _ são “programas”: eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos” (GEERTZ, 1989, p. 188). Ao contrário dos animais, o homem é guiado por gabaritos culturais ao invés dos gabaritos genéticos. O homem é um animal incompleto, ele cria suas ferramentas e é capaz de construir modelos simbólicos. “É através da construção de ideologias, de imagens esquemáticas da ordem social, que o homem faz de si mesmo, para o bem ou para o mal, um animal político.” (GEERTZ, 1989, p. 190).

O pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública _ seu habitat natural é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade. (...) É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. O estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro. (GEERTZ, *op cit.*, p. 226, 228).

De acordo com o referido autor, os padrões culturais frequentemente aceitos e usados nas sociedades são geralmente amplos, tornando o trabalho analítico de selecionar e reconstituir as relações de uns com os outros uma tarefa complexa. São os fatos singulares que poderão abrir caminho para as abstrações científicas. O campo da ação social no qual se movem os membros das comunidades, em seu cotidiano é habitado por homens personalizados e por classes de pessoas rotuladas adequadamente. O que define essas classes são sistemas de símbolos historicamente construídos, socialmente mantidos e aplicados individualmente.

Os problemas, sendo existenciais, são universais; suas soluções, sendo humanas, são diversas. Todavia, é através da compreensão circunstancial dessas soluções únicas _ e, em minha opinião, apenas dessa forma _ que a natureza dos problemas subjacentes, para os quais eles constituem uma

resposta comparável, pode ser verdadeiramente compreendida. (GEERTZ, *op cit.*, p. 228).

2.3.1 As relações homem / animal: representações simbólicas, totemismo, xamanismo e o perspectivismo ameríndio

Em processo contínuo de experimentação do mundo vivido, o homem dá significado à suas ações, transforma o seu meio e se transforma, enquanto indivíduo criativo e parte de uma trama de significados coletivos.

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas. Parafraseando Whitehead (1939, pp.139-140), podemos dizer que “fora do espaço, não há realização”, o espaço sendo produzido “por um conjunto particular de processos materiais e de processos de significação” (Lagopoulos, 1993, p. 275). (SANTOS, 2002, p. 82, 83).

Marcando um período que é conhecido como uma transição entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior, por volta de 40.000 e 30.000 anos AP, são encontradas a aparição das primeiras representações simbólicas (MITHEN, 2002, p. 252, 254, 266). As hipóteses sobre o que possa ter ocorrido nesse período de transição de comportamento cultural pautar-se com as re-estruturas das relações sociais, com o aparecimento de uma especialização econômica, ou com a origem da linguagem, enquanto padrões isolados de comportamento são refutados por Mithen (*op cit.*). A hipótese deste autor é a de que houve uma mudança na estrutura cognitiva da mente humana que a transformou sobre todos os aspectos do comportamento nos primeiros humanos modernos.

Desta forma, de acordo com Mithen (2002), uma fluidez cognitiva teria permitido uma explosão cultural como consequência da junção e interconexão das inteligências social, naturalista, técnica e da linguagem; compondo uma inteligência múltipla e geral que se interconectou formando uma rede intelectiva capaz de simbolizações para se relacionar com o mundo circundante e estabelecer as

relações sociais, bem como, extrair através das abstrações, técnicas mais avançadas para a sobrevivência individual e coletiva, utilizando-se da transformação do meio, mediante a observação e a experimentação.

Mentalmente, o homem formou-se na era glacial, e a força modeladora realmente decisiva na produção da sua unicidade — a interação das fases iniciais do desenvolvimento cultural as fases culminantes da formação biológica — faz parte da herança comum de todas as raças modernas. (...) A trama simbólica formada por crenças, expressão e valores, em cujo interior vivemos, provê-nos dos mecanismos necessários a uma conduta ordenada. (...) Sem o guia das imagens exteriorizadas, dos sentimentos falados no ritual, os mitos e a arte, não saberíamos, de fato, como sentir. Tal como o próprio cérebro anterior desenvolvido, as idéias e as emoções são artefatos culturais do homem. (GEERTZ, 1980, p. 5, 6)

Especialmente na fase inicial do Paleolítico Superior a ocorrência de uma série de objetos figurativos ou que indicam códigos simbólicos foram verificados. Ornamentos pessoais, a exemplo de pingentes e dentes de animais perfurados passaram a ser produzidos por volta de quarenta a trinta mil anos. Muitos artefatos desta época remetem à noção de arte, tendo-se em conta a expressividade que adquirem ao observador atual. Uma estatueta de 28 cm, esculpida em marfim de presa de mamute é provavelmente o artefato mais antigo desse gênero encontrado até o momento. Proveniente do sudoeste da Alemanha possui a representação do corpo de um homem e a cabeça de um leão (FIGURA 5), a sua datação compreende entre trinta a trinta e três mil anos. (MITHEN, 2002, p. 253).



FIGURA 5 – FOTO DE ESTATUETA DE MARFIM DE MAMUTE, RETRATANDO UM "HOMEM-LEÃO" ENCONTRADA NUMA CAMADA AURIGNACIANA EM HOHLENSTEIN-STADEL, SUDOESTE DA ALEMANHA. FONTE: <http://www.panoramio.com/photo/6292707>.

Uma representação emblemática de antropomorfismo do período Paleolítico Superior é o denominado “feiticeiro” de Trois-Frères (FIGURA 6), uma pintura encontrada no interior de uma caverna de difícil acesso na França. A figura aparenta ter a postura bípede de um homem, com pés e braços humanos, as costas e as orelhas de um cervídeo, cauda de cavalo, chifres de rena, e pênis de felino. Em Lascaux encontraram a pintura de um homem com cabeça de pássaro; e, na caverna de Grimaldi, uma figura feminina apoiada contra as costas de um carnívoro. De acordo com Mithen (2002, p. 282, 283) a inteligência naturalista e a inteligência social do homem que existiam separadas no homem arcaico se fundiram na mente humana moderna num processo de fluidez cognitiva, que tem no Período do Paleolítico Superior o seu início, o qual pode ser evidenciado em muitos aspectos do

comportamento humano, entre os quais a produção artística que se evidencia por parte de representações antropomórficas.



FIGURA 6 – PINTURA RUPESTRE EM CAVERNA DOS PIRINEUS FRANCESES, CONHECIDA COMO “FEITICEIRO DE TROIS FRÈRES”. FONTE: Mithen (2002, p. 265).

As manifestações simbólicas expressadas através das representações antropomórficas que remetem a arte e os objetos depositados como acompanhamentos funerários, entre alguns exemplos, sugerem, de acordo com Mithen (2002, p. 279) a emergência de crenças relativas a seres não-físicos, o que seria uma característica comum para a concepção de religião. O autor citado enumera algumas características que seriam recursivas nas ideologias religiosas e, acredita que estas podem ser evidenciadas através de vestígios arqueológicos encontrados desde o início do Paleolítico Superior:

A primeira é que, em muitas sociedades, pressupõe-se que algum componente não-físico de uma pessoa possa sobreviver depois da morte e permanecer como um ser com crenças e desejos. Segundo, pressupõe-se com muita frequência que certas pessoas de uma sociedade estejam mais

sujeitas a receber inspirações diretas ou mensagens de esferas sobrenaturais, como deuses ou espíritos. Terceiro, também é um pressuposto generalizado que a execução de certos rituais de modo preciso pode causar mudanças no mundo material. (MITHEN, 2002, p. 279)

Mais especificamente sobre a questão do totemismo, Mithen (2002, p. 267) considera que esta forma de crença na aproximação mística entre seres humanos e objetos naturais existiria universalmente entre e os grupos de caçadores-coletores; outra consideração é que, pensar sobre animais e sobre pessoas requer uma fluidez cognitiva; por fim, baseado em evidências arqueológicas, é provável que o totemismo tenha sido difundido desde o início do Paleolítico Superior entre as sociedades humanas.

Em vez da atribuição de características humanas a animais, envolve implantar indivíduos e grupos humanos dentro do mundo natural, sumarizado pela descendência de uma espécie não-humana. O estudo do totemismo – e as tentativas de defini-lo – formou o centro da antropologia social durante seu desenvolvimento no século XIX. Entre 1910 e 1950, trabalhos importantes sobre esse assunto foram produzidos por pioneiros antropólogos sociais, entre eles Frazer, Durkheim, Pitt-Rivers, Radcliffe-Brown e Malinowski. (MITHEN, 2002, p. 266).

Sobre o totemismo Durkheim ([1912] 1989) discorre que, além de nome e emblema, o totem possui caráter religioso e, com efeito, é modelo para as coisas sagradas, servindo de referência para que através dele as coisas sagradas e profanas possam ser classificadas. Supõe que, por estarem agrupados, os homens puderam agrupar as coisas e, para classificá-las lhes ofereceram um lugar nos grupos formados por eles próprios.

Durkheim (*op cit.*) tem em conta que, com a justaposição entre esses elementos e os grupos sociais, ocorre a formação de um todo orgânico que se reflete na tribo. Além de um nome, o totem é um emblema, assim como um brasão, recebendo desta maneira, analogias com os brasões heráldicos. Representações totêmicas são encontradas de diferentes maneiras em diferentes sociedades sob grande variedade de suportes materiais. Essas representações também foram encontradas em corpos, indicando que: “Esses não colocaram seu brasão apenas nos objetos que possuem, carregam-no em sua pessoa; ele está impresso na carne, faz parte deles mesmos.” (DURKHEIM, *op cit.*, p. 110).

Entretanto, Lévi-Strauss (1960; 1989) identificou o totemismo somente como uma forma de classificação, se posicionando contrário aos estudos que consideraram o totemismo como um conceito que comporte generalização essencial, pois possui variações em suas estruturas, o que o faz identificar o totemismo como “uma reunião de particularidades empiricamente observáveis num certo número de casos. Sem que dela resultem quaisquer propriedades originais; mas não é uma síntese orgânica, um objeto da natureza social.” (LÉVI-STRAUSS, 1960, p. 16). Para o referido autor, a utilização tanto do mundo vegetal como do mundo animal seria devido a despertarem no homem um método de pensamento. A observação aguçada do mundo e as suas classificações seriam moldadas em símbolos, mas, não seríamos totens o centro de um modelo estrutural. Para autor, estes se aproximariam mais com iniciativas:

Onde a arte se insere a meio caminho entre o pensamento científico e o pensamento mítico ou mágico, pois todo mundo sabe que o artista tem, ao mesmo tempo algo de cientista e do bricoleur: com meios artesanais, ele elabora um objeto material que é também um objeto de conhecimento. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 38).

Gomes (2012) sumariza a visão sobre a questão das sociedades totêmicas nos estudos antropológicos e a distinção percebida entre os modos totêmicos e o conceito de animismo.

Tradicionalmente identificadas pela Antropologia como sociedades totêmicas a partir das referências dos Ojibwa, as culturas do norte da América do Norte se encaixariam, de acordo com Descola (2005, p. 238), na definição de totemismo como esquema classificatório proposto por Lévi-Strauss (1985 [1962]), uma vez que fazem uso das descontinuidades empíricas do mundo natural (plantas e animais) para organizar a segmentação social observada e delimitar unidades sociais. Segundo Descola (1998, p. 114), os totens seriam signos para expressar em termos metafóricos as diferenças internas da ordem social e o totemismo poderia ser visto como uma inversão simétrica do animismo, pois trata animais e plantas como signos, enquanto os sistemas anímicos os tratam como pessoas. Nesse sentido, no entendimento do mesmo autor, o totemismo nesta região consistiria num esquema classificatório e não propriamente uma ontologia, ao contrário do que se verifica na Austrália. Descola aponta que os Ojibwa e outros grupos algoquinos da mesma região apresentam um modo de identificação anímica, no qual atribuem aos não humanos uma intencionalidade similar à deles, o que implica o reconhecimento de modos híbridos de estruturação da prática e percepção do mundo coexistindo na mesma sociedade (Descola, 2005, p. 234, 238). Esta análise possibilita compreender a relação do perspectivismo com as sociedades do norte da América do Norte associadas a modos totêmicos, vistos, neste caso, como simples sistemas classificatórios regidos por princípios metafóricos, e não

como ontologias. Viveiros de Castro (1998, p. 37) compartilha desta visão, destacando que o totemismo não é uma ontologia como o animismo, mas um sistema baseado em correlações e não em relações. (GOMES, 2012, p. 139, 140)

Outro fenômeno de aspecto relacional entre homem e seres não humanos foi identificado mundialmente e recebeu a denominação de xamanismo.

Alguns pesquisadores, como Jean Clottes (1998) acreditam que o termo “xamanismo” que de início foi aplicado às populações siberianas, passou a ser utilizado como referência para designar crenças e práticas que possuem um fundamento comum entre muitos povos do mundo. Isto ocorreu por compartilharem como características uma concepção de universo que constitui mundos sobrepostos ou paralelos. A crença de que determinados indivíduos podem em circunstâncias específicas entrar em contato com esse outro mundo, e em trânsito estabelecer a ação, seja de cura, de restabelecimento de equilíbrio, favorecimento de uma boa caçada, a invocação de chuva, e, raramente de malefício, entre outros.

Desta forma, de acordo com o autor citado, o sujeito dessa ação é conhecido como xamã, um indivíduo apto a realizar esse tipo de comunicação entre o mundo real e o mundo oculto, sem que para isso perca a consciência com o do mundo real; e, além destas duas anteriores, uma terceira característica, de que há o estabelecimento de um duplo sentido que liga o mundo real e o mundo oculto, produzido pela visita de espíritos auxiliares que freqüentemente adotam a figura de animais, os quais manteriam relações com o xamã.

Para Clottes (1998), tais características seriam de uma manifestação cultural que, antes mesmo de haverem sido registradas por etnógrafos, já teriam sido contadas nas rochas, por sociedades onde a expressão dessa crença destaca-se através dos temas das pinturas rupestres. Algumas imagens parecem remeter à representação de xamãs, bem como, os locais escolhidos para essas representações, geralmente são cavernas de difícil acesso, onde as tochas em ambiente de escuridão extrema provavelmente invocariam a ilusão de movimento aos grafismos, além de serem locais úmidos e frios, onde o próprio organismo sentir-se-ia propício a situações de transe; ou mesmo, algumas dessas imagens se encontram em entradas de abrigos, onde freqüentemente, segundo o referido autor, são considerados como portas entre o mundo real e o mundo oculto, ou seja, locais que favoreceriam o diálogo xamânico na interação com ambos os mundos.

Costuma produzir-se então uma identificação do xamã com esse espírito e, acredita-se até que uma transformação, total ou parcial, do homem em animal. (...) Segundo os etnólogos, o xamanismo é um fenômeno próprio de sociedades igualitárias, em particular de caçadores coletores. Mas nem todas as sociedades de caçadores e coletores são xamanistas, e essas práticas também podem ocorrer em culturas com outras formas de economia. (...) Sua origem remota poderia explicar-se, pelo menos em parte pela imperiosa necessidade de compreender e explorar os estados de alternância da consciência que, por serem próprios do sistema nervoso humano, manifesta-se, com diferentes características em todas as sociedades (CLOTTE, 1998, p. 25).

Conhecido no Brasil como pajelança, o fenômeno do xamanismo teve os primeiros relatos etnográficos registrados na Sibéria, no século XIX. Fenômenos parecidos foram descritos em outras culturas, e o termo xamã, independentemente da localização geográfica, tornou-se universal para designar a pessoa responsável pela atividade de mediador entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, que ocorre durante a prática xamânica. (LANGDON, 1996, p. 9, 13).

Os primeiros relatos sobre os xamãs siberianos incidiram quando a antropologia era norteadas pelas teorias evolucionistas, propiciando que o xamanismo fosse considerado um sistema ideológico que representava um tipo de religião primitiva que havia sobrevivido (LANGDON, 1996, p. 16). Como consequência, as análises sobre o xamanismo foram basicamente pautadas, na época, por questionamentos vinculados a magia e a religião. Desta forma, “enquanto a discussão sobre a ideologia dos sistemas xamânicos encaixou-se no campo religioso, os rituais foram analisados como atos mágicos.” (LANGDON, 1996, p. 17). Sendo assim, Langdon (1996) aponta aspectos sobre as dimensões conceituais acerca das discussões sobre o fenômeno do xamanismo na atualidade:

O xamanismo, como instituição, expressa as preocupações centrais da cultura e da sociedade, como a preocupação com o fluxo das energias e sua influência no bem estar dos humanos. Como visão cosmológica, tenta entender os eventos no cotidiano e influenciá-los. No seu sentido mais amplo, o xamanismo se preocupa com o bem-estar da sociedade e de seus indivíduos, com a harmonia social e com o crescimento e a reprodução do universo inteiro. Abrange o sobrenatural, tanto quanto o social e o ecológico. Assim, o xamanismo é uma instituição cultural central que, através do rito, unifica o passado mítico com a visão de mundo, e os projeta nas atividades da vida cotidiana. (LANGDON, 1996, p. 28).

A seguir, a descrição de um registro etnográfico que abordou a transição da ruptura do diálogo entre uma sociedade ameríndia com o mundo natural e sobrenatural. Além de outras especificidades, notou-se de interesse para a presente dissertação, os atributos dos artefatos na dinâmica das dimensões de significados simbólicos do culto xamânico, assim como, a observação do descarte da cultura material frente à situação de contato com outras culturas:

Queiroz (1999) abordou o xamanismo da sociedade *Waiwai* observando as mudanças em decorrência do contato com a sociedade nacional. Pretendia uma melhor compreensão sobre o ritual de cura encontrado no xamanismo. Entretanto, ao chegar à aldeia, em 1991, não existia mais a presença do xamanismo entre os *Waiwai*. *Ewká*, que fora xamã e o principal líder do grupo, adoeceu e acabou por falecer, não havendo a possibilidade de se obter alguma informação através do seu relato. Sendo assim, a descrição sobre a evangelização foi obtida pela entrevista com missionários e através dos dados sobre a cosmologia xamânica anterior a evangelização, recolhida por estudos antropológicos realizados principalmente nas décadas de 50 e 60.

Os primeiros contatos evangelizadores com os *Waiwai* foram realizados pelos irmãos Hawkins, por volta de 1947-1948. Logo, uma missão protestante norte-americana se instalou na aldeia, a Missão Evangélica da Amazônia (Meva). *Ewká* já era um jovem líder e tinha poder e prestígio sobre o seu povo, sendo ‘escolhido’ para que através dele fosse feita a propagação da evangelização para o seu povo e para os povos próximos, o que ocorreu posteriormente, sendo a cosmologia *Waiwai* “re-modulada”, “re-significada” sob a ótica dos evangelizadores.

Na cosmologia *Waiwai* havia o conceito de alma (*Ekatí*), espírito humano (*Ekatinho-Kworokjam*) e espíritos dos seres ancestrais e/ou animais e elementos físicos (*Kakenau-Kworokjam*, *Yenna*, *Yin*). Elementos essenciais para a compreensão do mundo sobrenatural e da filosofia social dos *Waiwai*. Sendo a figura do xamã (*Yaskomo*), um líder espiritual e social, com privilégio de trânsito entre vários níveis cósmicos e escolha sobre o mundo que quisesse morar após a sua morte.

O *Pinko-Yin*, pai dos porcos, importante figura na cosmologia dos *Waiwai*, é responsável por propiciar uma boa caçada. Ele é visualizado pelo xamã, em ritual

especial e, entre eles é feito um acordo de uma boa caçada em troca de abstinência da caça por parte do xamã. Um tabu alimentar. Foi a quebra desse tabu alimentar por parte de *Ewká*, o principal rompimento com a cosmologia xamânica. Impelido pelos missionários, trocou seu universo espiritual pela crença a “Jesus”; tornando-se assim, um “crente” e também um evangelizador.

Alguns xamãs anteriores a *Ewká* jogaram fora seus objetos de culto xamânicos em um lago, para romper com seus mitos, e acabaram por morrer, provavelmente por suicídio, mas, o mesmo não ocorreu com *Ewká*, havendo neste fato um reforço para a crença em “Jesus” e para seguir aos apelos dos missionários.

A ação missionária introduziu construções na aldeia, como casas protegidas por cercas; uma igreja com horário de ritos a serem seguidos; a bíblia traduzida para a língua waiwai; uma série de elementos cívicos da cultura nacional brasileira; celebrações cristãs em substituição às festas empreendidas pelos *Waiwai*. O abandono da figura do xamã foi substituída por um conselho de pastores evangélicos; a casa comunal substituída por habitações familiares; a introdução do consumo de açúcar e sal; a utilização de hábitos ocidentais; a substituição da mitologia tradicional por cultos cristãos; a proibição da poligamia, dos tabus alimentares e do divórcio foram algumas das modificações encontradas na aldeia *Waiwai* atual, de acordo com o respectivo autor citado.

Há um contraste expressivo entre as condutas de afinidade entre o homem e os animais, sobretudo, quanto ao caráter histórico ocidental e os povos ameríndios. Thomas (1996) contrastou uma série de condutas relativas aos relacionamentos entre homem e animal, identificando grande distinção nos aspectos por ele abordados. A relação entre homem-animal retratada no ocidente é ilustrada pelo pensamento de supremacia que o homem elegeu sobre a sua categoria frente à categoria animal e, enaltecendo-a a ponto de se sobrepor até sobre outros homens. Tal concepção foi analisada pelo referido autor que a utilizou para justificar inúmeras atitudes comportamentais do homem frente aos animais, no ocidente, em diferentes épocas da história.

Uma crítica quanto ao consumo de carne animal surgiu nos dias atuais e é remetida inclusive para os que se utilizam da caça como meio de sustento. A

justificativa da criação de animais como anulação aos atos de violência para com os animais caçados e, o conceito de “má consciência do caçador” invocado para interpretar atitudes de ambivalência em relação ao consumo de carne por índios da Amazônia, não poderiam ser explicadas por um traço do pensamento humano universal, sob a argumentação de Descola (1998). Este presume que, embora essas concepções possam esboçar uma característica da sociedade ocidental, em virtude de um caráter do processo histórico em relação ao ideário das relações homem-animal, o mesmo não ocorre com os povos da Amazônia em virtude da caça. O referido autor duvida que os índios da Amazônia tenham um raciocínio moral igual ao dos ocidentais, pois essas normativas são dependentes de escolhas culturais. “Com efeito, uma vez que se conferem propriedades culturais aos animais, as relações estabelecidas com eles são antes de tudo relações de pessoa a pessoa, ou seja, são relações sociais.” (DESCOLA, 1998, p. 35, 36).

Descola (1998) formulou uma constante que representa: [caça : animais de estimação] : : [inimigos : crianças cativas] : : [afins : consangüíneos] , que configura os sistemas particularizados de relações nas quais, a reciprocidade, a predação e a dádiva, em âmbito geral, coexistiriam e corresponderiam a modalidades lógicas e sociológicas que permitiriam “integrar a oposição universal entre eu e outrem” (DESCOLA, 1998, p. 36, 37). Tais prerrogativas inferem que não existe violência nesse tipo de sistema cosmológico, pois:

A violência desaparece aqui não porque seja recalcada, mas porque não poderia ser efetiva em cosmologias concebidas como sistemas fechados nos quais a conservação do movimento dos seres e das coisas exige que as partes troquem constantemente de posição. (DESCOLA, 1998, p. 40).

Outro argumento relativo à cosmologia dos povos ameríndios é abordado por Viveiros de Castro (1996; 2004; 2011), que desperta a atenção para os conceitos de “perspectivismo” e “multinaturalismo” ameríndio; este último, com nítida oposição ao “multiculturalismo”, que é uma categoria própria da concepção ocidental de conceituar as relações entre a natureza e a cultura. Para a sociedade ocidental haveria uma “implicação mútua entre unicidade da natureza e multiplicidade das culturas”, enquanto, “a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004). A observação destes fatores comporia elementos essenciais para a compreensão de

aspectos particulares de como os grupos ameríndios observam a natureza e constroem a sua cultura.

De acordo com Viveiros de Castro (1996; 2004; 2011) é comum à concepção ocidental a interpretação do mundo como uma convergência para a definição de que o homem sofreu um processo de humanização gradativa, derivado da sublimação dos aspectos mais rústicos e instintivos dos seus ancestrais comuns, os 'animais', e, portanto, passou a entender a sua essência como a animal. É nesse contexto que se encontra uma dicotomia relevante entre a visão ocidental de mundo e a visão que povoa o universo ameríndio, onde a humanização da natureza é o grande referencial que dá sentido à sua cosmologia, de acordo com o referido autor.

Na perspectiva ameríndia, os animais vestiriam "camuflagens", sendo a sua essência semelhante à humana. A imagem íntima só pode ser percebida pelos próprios animais ou por seres humanos com habilidades especiais, como os xamãs (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 228). Isso decorreria do fato de que com o passar do tempo os animais teriam perdido a semelhança física de seus ancestrais comuns, o homem. "Uma das teses do perspectivismo é que os animais não nos vêem como humanos, mas sim como animais (por outro lado, eles não se vêem como animais, mas como nos vemos, isto é, como humanos)" (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 483).

O "perspectivismo ameríndio" é um conceito antropológico que foca a atenção nos aspectos das relações homem-animal, abordando processos xamânicos e anímicos verificados através de registros etnográficos entre os povos ameríndios. Supostamente, tais percepções de mundo podem ter sido transmitidas por antepassados através do tempo, podendo suscitar inferências sobre práticas do passado que eventualmente possam ter sido registradas em objetos materiais, perfazendo-se parte da percepção de mundo que supostamente denota uma relação homem-animal, como poderia ser o caso dos zoólitos.

Netto (1885) estimou que os zoólitos pudessem ter função semelhante a artefatos em contextos etnográficos na Amazônia, os quais serviam como receptáculos para substâncias orgânicas utilizadas em rituais xamânicos. Porro (2010) fez uma abordagem sobre o fato de ídolos encontrados na Amazônia, embora sem contextualização estratigráfica arqueológica, mas, com grande apelo estético, que retratam figuras sobrepostas de animais sobre outros animais e de

animais sobre humanos, poderem estar imbuídas de informações sobre uma possível prática xamânica. Ribeiro (1977, 1991) baseou-se em relatos etnográficos para responder à possível utilização dos zoólitos como receptáculo para substâncias auxiliares para estados de transe com o mundo oculto. Alguns relatos sobre concepções e práticas observadas por Nimuendaju e descritas por Ramos (1947 *in* RIBEIRO, 1977) referem-se a espíritos auxiliares de animais, estando, principalmente, relacionados com rituais de cura, com o fato da caça aparecer muito vinculada com as cerimônias religiosas e mágicas, e com a utilização das plantas serem um atributo comum em muitos rituais xamânicos.

A observação de artefatos arqueológicos associados a contextos de ritual apresentando-se distribuídos em uma grande área geográfica e, por conseguinte possibilitando a evidência de um mesmo cunho cosmológico, permitiu que Gomes (2012) viesse a apoiar-se no conceito do perspectivismo ameríndio, para discutir a hipótese da existência de uma estética pré-colonial legítima do território americano. Entre os aspectos discutidos sobre a interface da cultura material pesquisada e o conceito do perspectivismo amazônico, a autora argumenta que:

Tomando como referência as críticas realizadas pela teoria antropológica contemporânea, que rejeita o formalismo excessivo em favor de uma abordagem que considera os artefatos artísticos sínteses dos sistemas de pensamento e organização social, sendo capazes de afetar as pessoas (Gell, 1998), os significados dos artefatos arqueológicos pré-coloniais podem, após as análises formais, ser apreendidos numa escala mais ampla. Estas levam em conta não só os símbolos identificados, mas as funções dos objetos, os contextos arqueológicos específicos a eles relacionados e os contextos culturais, o que inclui o recurso à analogia etnográfica e às cosmologias dos grupos indígenas, abrindo campo para discussões sobre a agência dos objetos, sua capacidade de transformação do mundo, por meio de processos cognitivos gerados a partir da interação das pessoas com estes mesmos objetos. (GOMES, 2012, p. 142, 143).

Com as considerações de cunho teórico discutidos neste capítulo, procurou-se sustentação às análises dos contextos de significados simbólicos em que os zoólitos se inserem. Vislumbrando que, somados a aspectos do registro de pesquisas sobre esses artefatos e a sociedade sambaquiana, sejam elencadas possibilidades de se ampliar as perspectivas interpretativas associadas a esses contextos. Portanto, o próximo capítulo procurará discorrer sobre um breve histórico de pesquisas relativas aos sambaquis na região meridional e sobre os zoólitos.

3 AS ESCULTURAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL MERIDIONAL BRASILEIRO

Entre os vestígios materiais das populações dos sambaquis meridionais da costa brasileira, encontram-se as esculturas zoomórfas e antropomorfas esculpidas em diferentes suportes materiais, a exemplo de rochas como o diorito e o diabásio e vértebras e ossos de baleia, as quais são conhecidas genericamente por zoólitos e zoósteos, respectivamente.

Incluindo uma série de representações estilísticas, em geral as esculturas são naturalistas ou geométricas e representam figuras de peixes, aves, mamíferos, répteis, quelônios, cetáceos, e prováveis insetos, além de algumas, em menor número, representarem formas humanas. Fazem parte dessa indústria, peças maciças ou com depressões semelhantes a almofarizes, estas são especialmente posicionadas na região ventral da figura representada ou, em certos casos, na lateral da peça, bem como, com rara exceção, na região da cabeça. (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; PROUS, 1972; 1977; 1992).

Na categoria dos zoósteos tem-se o registro de representações zoomórfas esculpidas em bula timpânica, vértebras ou, em ossos longos de baleia; estes com a representação do animal esculpido em uma das extremidades são comparáveis com bastões (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; PROUS, 1992; CHMYZ *et al.*, 2003), podendo ainda sugerir a possibilidade de possíveis cajados e propulsores.

Além das esculturas zoomórfas e antropomorfas, uma série de artefatos polidos é encontrada em diferentes sambaquis, aparentemente não apresentando uma conotação funcional específica. Alguns lembram objetos geométricos como pratos polidos, triângulos e rodas dentadas, entre outros. Tais artefatos chamam a atenção pelo formato inusitado. No litoral do Paraná, em um sambaqui onde também houve a ocorrência de um zoólito, foi encontrado um artefato que se assemelha a uma espécie de bumerangue polido; outro exemplo dessas esculturas geométricas foi localizado em Santa Catarina, e remete a um conjunto de cinco peças aparentemente fálicas. (VALENÇA, 1984; PROUS, 1992; CHMYZ, 2003).

Esse tipo de manifestação é atribuído às sociedades sambaquianas do litoral meridional brasileiro, pois, embora exista o registro de sambaquis ao longo da costa brasileira, tais artefatos foram apenas encontrados entre o litoral dos Estados de São

Paulo e Rio Grande do Sul, incluindo o Uruguai. Considerados artefatos raros quando comparadas à quantidade de sambaquis existentes na região, são vestígios da cultura material de um processo de trabalho que, provavelmente teria exigido uma mão de obra especializada para a sua confecção, desde a escolha da matéria prima ao tempo destinado para a execução da obra, tendo-se em conta, a necessidade do conhecimento da técnica e o preciosismo dos artesãos no acabamento das peças.

Em virtude dos desmanches dos sambaquis a maior parte dos zoólitos e zoósteos encontrados foi retirada dos seus contextos originais. No entanto, algumas peças encontradas em contexto estratigráfico estão relacionadas com sepultamentos, suscitando questionamentos sobre possíveis práticas culturais e simbólicas, configurando a utilização enquanto bens de prestígio, a emergência de um processo de complexificação social, a indicação de possíveis diferenças sociais, além de fornecerem subsídios para o aprofundamento de investigações sobre a cosmologia desses grupos.

Verificou-se também, que alguns desses artefatos podem ter sido depositados como oferendas, não propriamente enquanto acompanhamento funerário, mas, sob outros aspectos de contexto cosmológico e devocional. Além disso, durante a análise do material pesquisado, a incidência de vestígios de ocre em algumas peças, bem como, a semelhança de lâminas de machado polido observados em algumas representações, principalmente de estilo cruciforme, chamaram a atenção.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DOS SAMBAQUIS NO SUL DO BRASIL

As montanhas de conchas encontradas no litoral brasileiro constam dos relatos dos primeiros cronistas⁸, quando, a partir da colonização também se deu o início ao processo da utilização de substratos retirados dos sambaquis, como matéria prima para ser empregado na construção civil, com o uso da argamassa de

⁸Ver, CARDIN, Fernão. Tratado da terra e gente do Brasil. São Paulo: Hedra, 2009; SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil, em 1857. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

cal extraída das conchas; como material para a pavimentação de estradas; ou, ainda, como recurso para aterros, entre outros fatores antrópicos que, somados aos fatores naturais, contribuíram durante longa data para que muitos desses sítios arqueológicos fossem total ou parcialmente destruídos. (CASTRO FARIA, [1959] 1999; PARELLADA; GOTTARDI NETO, 1993; TIBURTIUS, 1996).

As pesquisas voltadas para o entendimento dos sambaquis remontam ao século XIX. Nesse período foram basicamente empreendidas por pesquisadores alemães, dos quais, a maior parte dos artigos possui pouca acessibilidade, principalmente, por muitos terem sido publicados em periódicos estrangeiros (CASTRO FARIA, [1959] 1999).

A primeira metade do século XX foi marcada por uma discussão sobre a natureza artificial ou natural dos sambaquis (CASTRO FARIA, [1959] 1999; LIMA, 1999-2000). Também, o período apresentou empreendimentos de grande envergadura, especialmente nos Estados do Paraná e Santa Catarina, onde muitos sambaquis foram destruídos para a sua utilização como substratos para diversos fins econômicos, respaldados pela falta de uma legislação fiscalizadora.

Em meados da década de 50 a preocupação para com a preservação desse patrimônio material que estava sendo deliberadamente destruído, mobilizou intelectuais como, José Loureiro Fernandes, Castro Faria e Paulo Duarte, os quais assumiram uma postura árdua e vigorosa para promover a discussão sobre a preservação desse tipo de sítio arqueológico. Como resultado do empenho, em 1961 foi promulgada a Lei 3.924 que protege todos os sítios arqueológicos do Brasil e particularmente os sambaquis. (CHMYZ *et al.*, 2003).

Pioneiro da Arqueologia do Paraná, o Prof. Dr. José Loureiro Fernandes, em 1956 fundou o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e, em 1958, o Departamento de Antropologia da UFPR. A seu convite, arqueólogos estrangeiros⁹ como o casal francês Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire;

⁹Os arqueólogos brasileiros contaram com duas escolas formadoras de conceitos metodológicos: uma escola francesa, em decorrência dos ensinamentos dos arqueólogos Joseph Emperaire e de Annet Laming Emperaire [discípula do arqueólogo André Leroi-Gourhan, o qual desenvolveu o método 'Etnográfico de Superfícies Amplas' para escavar em 'Superfícies Amplas' em 'Decapagens por Níveis Naturais']; e, uma escola americana, embasada nos pressupostos utilizados por Betty Meggers [orientanda de Julian Steward, etnólogo norte americano idealizador do conceito de Ecologia Cultural] e Clifford Evans, por sua vez, influenciados pelas abordagens Histórico-Culturalistas. A preocupação da escola francesa era com a utilização do método 'Etnográfico de Superfícies Amplas'. A escola americana voltava-se para a metodologia do levantamento oportunístico, com a adoção de

o casal americano, da Smithsonian Institution, Betty Meggers e Clifford Evans; o também norte-americano, da Universidade de South Dakota, Wesley L. Hurt; e o croata, arqueólogo e engenheiro de minas, Adam Orssich. As iniciativas ocorridas nesse período propiciaram o início para as bases teóricas e metodológicas que nortearam os fundamentos para a formação dos primeiros arqueólogos brasileiros e para a consolidação da arqueologia acadêmica no Brasil (ALVES, 2000). Estabeleceu-se, em decorrência dessas perspectivas, o Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, PRONAPA¹⁰, que teve a duração de 1965 a 1970 (PROUS, 1992; ALVES, 2000), quando foram formulados os principais métodos e nomenclaturas para identificar e classificar os achados arqueológicos em território brasileiro.

A pesquisa arqueológica sistemática em sambaquis foi iniciada no Paraná através da vinda do arqueólogo Adam Orssich, croata, radicado no Brasil desde 1951, o qual empreendeu pesquisas no litoral paranaense em 1952, a convite do Prof Dr. José Loureiro Fernandes, então diretor do Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. O empreendimento da pesquisa deu-se em virtude da destruição eminente de muitos sambaquis no litoral paranaense e ocorreu na baía de Guaratuba, onde foi escavado o Sambaqui do Araúlo II. (ORSSICH, 1977).

Também no Estado do Paraná, em 1958, Wesley L. Hurt pesquisou o Sambaqui do Macedo em Paranaguá, com a colaboração de Blasi e Bigarella. A atenção das escavações foi direcionada para a estratigrafia, com a finalidade de correlacionar os sambaquis aos episódios transgressivos do Holoceno. (HURT; BLASI, 1960).

Em 1960, Annette Laming-Emperaire pesquisou o Sambaqui Guaraguaçu “A” e “B”, em Paranaguá, Paraná, em conjunto com Maria José de Menezes e Margarida Andreatta. Tratando-se de dois sambaquis conjugados, a informação sobre a cronologia de ambos é a seguinte: “A datação pelo C 14 obtida para o sambaqui – ‘A’ do Guaraguaçu, base do ‘B’, foi 4.134 mais ou menos 134 anos, ou

uma meta para a identificação dos registros arqueológicos, em fases e tradições. (PROUS, 1992; ALVES, 2000)

¹⁰ Sob a coordenação de Betty Meggers e Clifford Evans, a orientação metodológica adotada pelo PRONAPA foi relativa à identificação de tradições e fases através do levantamento oportunístico, seguindo as tendências da escola americana, adotando o conceito Histórico Cultural para as tradições e fases pesquisadas. (ALVES, *op cit.*)

seja, no final do III milênio a.C., o que significa que o sambaqui 'B', é mais recente que aquele" (POSSE, 1978, p. 146).

Os arqueólogos franceses Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire empreenderam pesquisa no Sambaqui do Maratuá, localizado em uma ilha da baía de Santos, SP, obtendo duas datações por carbono 14 (7.327 ± 1500 e 7.803 ± 1.500), de acordo com Rauth (1962, p. 35). Annette Laming-Emperaire e Joseph Emperaire também foram responsáveis pela escavação do Sambaqui Ilha das Rosas, no município de Guaratuba, Paraná, nos anos de 1954, 1955 e 1956 (POSSE, 1978, p. 132).

Por sua vez, José Wilson Rauth, desenvolveu trabalhos em diversos sambaquis na Baía de Antonina, entre esses, o Sambaqui de Saquarema (1962), o Sambaqui do Porto Maurício (RAUTH, 1967), o Sambaqui do Gomes (1968), o Sambaqui do Rio São João (RAUTH, 1969a), o Sambaqui do Rio Godo (RAUTH, 1969b) e o Sambaqui do Ramal (RAUTH, 1971). Segundo Lima (1999-2000), o estudo desenvolvido pelo referido pesquisador se manteve focado na observação e análise estratigráfica e na comparação inter-sítios.

Rauth não adotou a metodologia unificada proposta pelos coordenadores, prosseguindo na mesma linha de seus trabalhos anteriores, desenvolvidos em 1959-60 (Rauth 1962) e 1961-62 (Rauth 1968), com a colaboração de Loureiro Fernandes, Hurt, Blasi e Bigarella. Trabalhando com a paleopaisagem – a extinta Baía de Nhundiaquara, da qual a Baía de Antonina seria apenas um remanescente – deu especial atenção às seqüências estratigráficas e à comparação inter-sítios. Aproximando os que mais se assemelhavam do ponto de vista da cultura material, empenhou-se em determinar o que designou como "filiação" cultural para cada um deles. (LIMA, 1999-2000, p. 300, 301).

Entre os estudos voltados para o entendimento dos sambaquis no litoral paranaense destacam-se os trabalhos de Bigarella (1950/51); Tiburtius e Leprevost (1954); Bigarella *et al.* (1954); Orssich (1954); Fernandes (1955); Tiburtius e Bigarella (1960); Rauth (1962, 1963, 1967, 1968, 1969a, 1969b, 1971, 1974a, 1974b); Posse (1978); Parellada e Gottardi Neto (1993); Chmyz *et al.* (2003); Brochier (2009); Parellada (2011).

Com o término do PRONAPA e o avanço dos empreendimentos de grande impacto ambiental, a pesquisa no litoral do Paraná se rarefez, e os trabalhos

priorizaram o salvamento arqueológico em outras regiões do Estado. A partir da década de 90, entre os estudos arqueológicos voltados para as pesquisas relacionadas a sambaquis estão os trabalhos discutidos por Parellada e Gottardi Neto (1993) com um inventário sobre os sambaquis do litoral paranaense; Chmyz *et al.* (2003) abordando o histórico e apresentando novos estudos realizados no Sambaqui de Matinhos e, Brochier (2009) desenvolvendo investigação sobre a dinâmica costeira e a sua ação preditiva para informações quanto à conservação dos sambaquis da Baía de Guaratuba.

Em relação ao litoral do Estado do Paraná, o avanço populacional no litoral do Estado de Santa Catarina é expressivamente acentuado. Cidades como Joinville se destacam quanto ao seu adensamento em torno dos sambaquis; provavelmente, um dos motivos pelos quais houve uma continuidade das pesquisas voltadas para os sítios do litoral desse Estado, onde somam uma expressiva representatividade de trabalhos acadêmicos na atualidade, sobretudo, com incentivo para projetos de pesquisa, no nordeste e no sul do estado de Santa Catarina. Entre alguns trabalhos de referência estão Bandeira (2009); DeBlasis e Gaspar (2010); Giannini *et al.* (2010); Villagran (2010).

Quanto ao histórico das pesquisas realizadas no Estado de Santa Catarina, destaca-se o pesquisador e padre jesuíta Alfredo Rohr, o qual também foi participante das metodologias aplicadas por Annette Emperaire. Responsável pelo Museu de História Natural do Colégio Catarinense, em Florianópolis, este iniciou pesquisas em sítios arqueológicos do litoral, em 1958. Seus estudos se caracterizaram por uma série de escavações que se estenderam até a década de 80, o que proporcionou a criação do Museu do Homem do Sambaqui, o qual começou a ser organizado desde 1964, no mesmo espaço do Colégio Catarinense. Com o objetivo de abrigar as coleções advindas das suas diversas pesquisas de campo, reuniu um acervo de aproximadamente cinco mil peças. (informações recolhidas no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohn, S.J., no Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Atuando dentro do PRONAPA, no Estado de Santa Catarina, o pesquisador Walter F. Piazza fez levantamentos em toda a costa do Estado, dedicando atenção para o Vale do Itajaí, em 1967 e para o litoral norte, em 1974. Nos trabalhos empreendidos no Vale do Itajaí, destaca o grande potencial de subsistência na área,

pela quantidade de traços culturais encontrados, que ele associou a populações nômades; outro destaque se refere à questão da regressão marinha evidente na distribuição espacial na qual se encontravam os sambaquis, acerca de mais de 19 km da linha atual da costa, no baixo vale do Itajaí, em uma antiga enseada ou baía, “cercada de formações do complexo cristalino e, também, pela sua construção associada a tipos de moluscos não mais existentes na área, confirmando assim a evolução da paisagem litorânea, que se fez pelo processo de aluviamento fluvial.” (PIAZZA, 1967). Em sua última publicação, de 1974, partindo do levantamento do material malacológico encontrado nos sítios, estabeleceu cinco fases distintas para caracterizar os sambaquis da região, sendo duas fases com a ocorrência de cerâmica e três fases sem a ocorrência de cerâmica (LIMA 1999-2000).

Entre alguns trabalhos voltados ao estudo dos sambaquis em Santa Catarina até a década de 80 podem ser destacados: Bigarella *et al.* (1954); Tiburtius, Bigarella e Bigarella (1954); Piazza (1967; 1974); Castro Faria (1999); Beck (1970, 1972).

De acordo com Lima (1999-2000, p. 298), sob um panorama geral, as publicações sobre o estudo dos sambaquis realizadas entre o período das décadas de 50 a 70 se concentraram, em sua maioria, com o enfoque de priorizar o fornecimento dos dados relativos ao ambiente do sítio, a metodologia aplicada, a evidência da estratigrafia e dos componentes malacológicos identificados, com posterior descrição e classificação da tipologia da cultura material encontrada.

Para a década de 80, Lima (1999-2000) argumenta que o período foi marcado por estudos voltados para a problemática adaptativa dessa sociedade:

Na década de 80, os trabalhos sobre o litoral foram em grande parte direcionados para o estudo da adaptação das culturas ao meio ambiente, calcados nas propostas da ecologia cultural ou perspectivas adaptativas mais recentes, inspiradas na arqueologia processual dos anos 60 e 70. Se, na década de 50, as investigações foram particularmente intensas em São Paulo e no Paraná, e, nas de 60 e 70, Santa Catarina tornou-se o principal foco da atenção, nos anos 80 coube ao Rio de Janeiro manter o maior número de pesquisadores em atividade nos sítios costeiros, arrefecendo consideravelmente a essa época o ritmo de trabalho no litoral sul. (LIMA, 1999-2000, p. 304).

No decorrer da década de 90 os estudos voltados para a pesquisa dos restos alimentares dos grupos sambaquianos comprovaram que a atividade da pesca teria sido o principal recurso da dieta alimentar dessas populações, e fator

determinante para que se mudasse a perspectiva para a análise comportamental desses grupos, os quais, devido à abundância dos recursos encontrados no meio ambiente para se albergarem, lhes permitiriam a possibilidade de se fixarem na região escolhida por um tempo de permanência de longa duração, semelhante às condições encontradas pelos grupos de agricultores, sem que no caso dos sambaquianos houvesse a necessidade da agricultura, pois os recursos advindos das regiões de baías lhes eram suficientes para a prática sedentária. (FIGUTI, 1993; LIMA, 1999-2000).

Além disso, a mudança de pensamento quanto à análise das pesquisas, basicamente por volta da década de 90, estimulou que novas perspectivas começassem a ser pensadas quanto à dinâmica do comportamento dessas populações litorâneas. Com a possibilidade de os locais nos quais se erigiram os sambaquis serem indicativo de populações sedentárias, os arqueólogos passaram a se questionar sobre um tipo de organização social mais complexa do que comportariam os grupos nômades; neste sentido, as abordagens desenvolvidas por Lima (1999-2000), Gaspar (2000) e DeBlasis *et al* (1998; 2007) promoveram novos olhares investigativos sobre essas antigas populações litorâneas. Podendo se observar na argumentação de Lima (1999-2000) que:

A partir de meados da década de 90, uma mudança nos marcos teóricos até então utilizados para o estudo dos construtores dos sambaquis vem atribuindo novas perspectivas para a sua análise e para o seu entendimento. (...) Ao se constatar que características antes associadas apenas a agricultores estão presentes entre alguns caçadores-coletores adaptados a ambientes marinhos em diferentes pontos do globo – como sedentarismo, desigualdade social, trabalho especializado, trocas a longas distâncias, arte elaborada, sepultamentos diferenciados (LIMA, 1999-2000, p. 310).

Para as duas últimas décadas Villagran (2010, p. 34, 35) aponta três principais vertentes de orientação teórica relativas às pesquisas arqueológicas voltadas aos estudos dos sambaquis: a) os trabalhos de caráter sistêmico-funcionais, voltados para a discussão da organização social e das práticas de subsistência vinculadas com os padrões dos assentamentos, onde a autora destaca os trabalhos de Bandeira (1992), Barbosa (2007), Figuti (1992; 1993; 1999), Lima (1991; 1999-2000), Gaspar e DeBlasis (1992), Kneip (1994), Figuti e Klokler (1996), DeBlasis *et al*. (1998), Afonso e DeBlasis (1994); Fish *et al*. (2000), De Masi (2001),

Kloker (2001), Kneip (2004), DeBlasis *et al.* (2007), Nishida (2007); b) os estudos especializados de caráter bioantropológicos, antracológicos e botânicos associados à sepultamentos, com referência para os trabalhos de Mendonça de Souza (1995), Rodrigues (1997), Storto *et al.* (1999), Wesolowski (2000); Scheel-Ybert (2001), Neves e Wesolowski (2002), Scheel-Ybert *et al.* (2003), Okumura *et al.* (2005-2006), Bartolomucci (2006), Bianchini *et al.* (2007), Boyadjian (2007), Okumura (2007), Wesolowski (2007); c) para a vertente de trabalhos influenciados por uma perspectiva pós-moderna de viés interpretativo, sobretudo, relativas ao comportamento ritualístico e simbólico associado ao caráter construtivo dos sambaquis, são citados como exemplo os trabalhos de Gaspar (2000; 2004); Gaspar *et al.* (2007); e, Klokler (2008). (VILLAGRAN, 2010).

Gaspar *et al.* (2008, p. 324) discorre sobre a ocupação da região de grandes lagoas no sul do Estado de Santa Catarina, onde houve a percepção de uma apropriação da paisagem, demonstrada pela formação dos sambaquis em torno dos grandes lagos e a utilização dos recursos lagunares para a subsistência do sistema de assentamento e, a evidência de um longo processo de ocupação com um processo de sepultamentos continuados.

Em um demarcador de fronteiras do setor regional, as cidades modernas de Laguna, Tubarão e Jaguaruna, reconhecimento precoce por Rohr e mais recente investigação sistemática esboçaram um sistema de assentamento que abrange 420 km², mais de 60 sambaquis, e 96 datas de radiocarbono entre 4.500 e 1.500 BP (DeBlasis *et al.* 2004; Eastoe *et al.* 2002; Fish *et al.* 2000). Um estudo inovador por A. Kneip (2004) mostra que os locais de sambaqui até 10 km para o interior de hoje, anteriormente tinham acesso a baías abertas, antes da descida lenta e regular do nível do mar de cerca de 2 m nos últimos cinco mil anos. Os ecossistemas insulares anteriores da baía e barreira teriam sido mais favoráveis do que as lagoas ainda muito produtivas, mas agora mais totalmente fechados. Clusters de concheiros maciços estão associados com as atuais lagoas principais. Montes iniciais tinham a maioria destes locais por cerca de 5.000 BP, datas de montes terminam alguns séculos depois de 2000 BP. Uma intensiva datação do sambaqui (Jaboticabeira II) em um cluster foi constatado a construção contínua por quase 800 anos (Fish *et al.*, 2000). Outro, (Carnaíba I) tem datas sugerindo construção relativamente contínua por mil anos ou mais (Hurt 1974). Em vários outros casos, alguns, as datas mais isoladas do monte mesmo sugerem um mesmo período de tempo mais longo, mas não está claro se o processo de construção foi contínuo ou episódico. Em qualquer caso, sambaquis enormes contendo enterros persistiram nos mesmos locais em torno de 3.500 anos. A construção contínua de montes monumentais implica um sistema social que não só era relativamente sedentária, mas que também continuou a imprimir a sua perspectiva cultural duradoura sobre as paisagens costeiras. (GASPAR *et al.*, 2008, p. 324)

Entre outras pesquisas de interesse investigativo para o respectivo estudo são: a tese de Castilho (2005) e o artigo de Castilho e Simões-Lopes (2008) que discutem hipóteses quanto a aspectos comportamentais concernentes a pesca de mamíferos marinhos por grupos sambaquianos da costa catarinense; Gonzalez e Milheira (2005) que, apontam questionamentos sobre possíveis contatos e troca entre grupos do litoral e do interior do Estado do RS; a dissertação de Assunção (2010), onde há a evidência da ocorrência de zoólito em contexto de sepultamento, embora este, não tenha sido encontrado em trabalho de escavação sistemática de campo, mas em uma coleção particular; e, os artigos de Kern (1991a, 1991b), que discorrem sobre a questão dos zoólitos em contexto da constituição geomórfica do litoral do RS e sobre perspectivas relacionadas à ocorrência de zoólitos no planalto desse estado.

Entretanto, embora exista uma quantidade expressiva de estudos sobre a temática social e comportamental das populações sambaquianas, ainda são poucos os trabalhos voltados para os aspectos simbólicos inseridos nos contextos das análises dos vestígios materiais recolhidos nos sambaquis (VILLAGRAN, 2010).

A principal proposta para a presente dissertação direciona-se, sobretudo, para os aspectos simbólicos que possam estar associados entre os zoólitos e as características dos locais onde foram encontrados. A busca de dados bibliográficos, bem como, a tentativa de recolher informações sobre o maior número de peças e o registro fotográfico para uma amostragem analítica e quantitativa, torna-se, dentro das limitações do tempo da referida pesquisa, uma possibilidade de visualização espacial e temporal sobre os locais onde foram encontrados os zoólitos, assim como, a distribuição e as variações das suas representações e contextos.

As publicações mais recentes demonstram uma conjectura pautada em novas perspectivas quanto à análise dessas sociedades. Pois, embora os sambaquianos possam ter provavelmente aproveitado os recursos do ambiente para se estabelecerem, também colocaram em prática o desenvolvimento de uma complexidade social que passou a despertar mais a atenção das recentes pesquisas sobre a mesma.

(...) Não aceito a explicação corrente de que tais sítios sejam resultado da maior oferta de fauna marinha que caracterizou algumas regiões nos últimos 10 mil anos. (...) as condições ambientais propiciaram o desenvolvimento de sociedades que se apoiavam na exploração de recursos aquáticos, mas a

maior oferta desses recursos não explica o hábito cultural de acumular restos faunísticos. Trata-se de intenso trabalho social que, em algumas regiões, resultou na construção de verdadeiras montanhas. (GASPAR, 2000, p. 38).

3.2 PANORAMA SOBRE O ESTUDO DOS ZOÓLITOS

Entre as primeiras pesquisas voltadas ao estudo dos sambaquis da costa meridional brasileira, se encontra o trabalho de Charles Wiener, no ano de 1876 (*in* CASTRO FARIAS, ([1959] 1999, p. 213), onde constam referências sobre representações zoomórficas esculpidas em rocha, além da ilustração de uma peça de sua coleção (não sendo especificado se a peça foi coletada por ele), advinda de um sambaqui do Estado de Santa Catarina. O zoólito se encontra atualmente no acervo do Museu Nacional – UFRJ (FIGURA 7).



FIGURA 7 – FOTO DE ZOÓLITO PERTENCENTE À ANTIGA COLEÇÃO DE CHARLES WIENER, ATUALMENTE DISPOSTA NO ACERVO DO MUSEU NACIONAL – UFRJ. FOTO: A autora (2011).

Ao final do século XIX, um inventário realizado por Ladislau Netto (1885) sobre a Arqueologia Brasileira, somou no acervo do Museu Nacional quantidade de doze artefatos zoomorfos encontrados no litoral meridional brasileiro, vindos,

sobretudo do Estado de Santa Catarina, embora muitos sem constar a procedência exata.

Ribeiro (1991, p. 240) avalia argumentos descritos na literatura sobre o surgimento dos zoólitos, como Schobinger (1988), que considerava a origem dos zoólitos estar nos Andes; Ladislau Netto (1885) se estendeu ao Mississipi; Serrano (1940) ao Chile, Equador, Peru, Antilhas e Panamá, e em (1972) considerou os de procedência dos Estados do Paraná e de Santa Catarina como os mais antigos, sugerindo uma migração destes de norte para o sul.

Em consonância com o pensamento da época, Ladislau Netto (1885) cogitou que os construtores dos sambaquis deveriam ter procedido de povos com uma cultura intelectual mais elevada. A origem dos zoólitos foi questionada em virtude da elaborada manufatura das peças frente a desconsideração para com a população nativa. Por seu ideário, as sociedades litorâneas onde as peças foram encontradas as guardariam como relíquias e a elas devotariam uma estima semelhante para com artefatos sagrados. A outra hipótese seria a de que esses artefatos poderiam ter sido furtados de povos mais cultos do ocidente, por salteadores nômades e transportados para os Sambaquis.

Quanto aos bellos zoolithos a que acima me referi, de sua surpreendente perfeição bem se pôde deduzir, ou que descendiam os constructores dos Sambaquis de indivíduos, em muito superiores a elles em cultura intellectual, e que d'esses ascendentes conservam, como relíquias de altíssimo preço, esses artefactos sagrados, ou que, verdadeiros salteadores nômades, oriundos das regiões do ocidente, houvessem roubado semelhantes preciosidades dos povos mais cultos que alli viviam. (NETTO, 1885, p. 510).

Quanto à questão da procedência dos zoólitos sugerida pelo autor acima citado, há que se ponderar que, a “cultura dogmática de cunho religioso” (PESSIS, 2003, p. 19) do conquistador europeu foi utilizada como justificativa para legitimar o massacre de muitos povos indígenas, os quais chegaram a ser descritos como bestiais e selvagens.

Desde o início da dominação européia, foram estabelecidos estereótipos de referência, que configuraram a imagem do indígena americano e a projetaram até o presente. (...) Os desenhos do século XIX são uma perfeita ilustração desses procedimentos que tornaram natural e aceita a imagem degradada, monstruosa e temível das etnias que originalmente habitavam o Brasil. (PESSIS, 2003, p. 19, 20).

Por razão desse ideário distorcido, presume-se a dificuldade em Ladislau Netto, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, considerar que os zoólitos pudessem suscitar uma emergência de complexidade na organização social dos pescadores-coletores-caçadores, construtores dos sambaquis. Sendo mais plausível, para a época, a atribuição da construção dos sambaquis e da manufatura dessas peças a uma origem alheia ao contexto arqueológico ao qual foram encontradas.

As referidas esculturas quase sempre foram referenciadas nos trabalhos apresentados sobre sambaquis, desde Ihering a Antônio Serrano, de acordo com Castro Farias (1999), no entanto, para este autor, a maior parte dos argumentos utilizados para as considerações sobre a origem, a finalidade e os significados inerentes a essas peças eram em grande maioria insatisfatórios, principalmente em decorrência dos processos normativos utilizados:

Essas peças foram geralmente utilizadas, até agora, apenas como pontos de referência para especulações, quase sempre mal fundamentadas, a respeito do problema da sua origem e difusão, das suas relações genéticas com objetos similares em uso entre grupos históricos, ou para frouxas caracterizações de facies culturais. Seria conveniente, entretanto, avaliar, antes de tudo, até que ponto poderiam servir para reconstituição do contexto cultural que em parte representam, mediante uma análise bem orientada dos seus conhecimentos satisfatórios de alguns aspectos marcantes da cultura de certos grupos litorâneos pré-coloniais, que tiveram como uma das suas formas de expressão tecnológica e artística aquelas esculturas zoomórficas. (CASTRO FARIA, *op cit.*, p. 214).

Entretanto, por sua vez, Ladislau Netto (1885) apresentou uma observação importante para justificar a existência de uma concavidade lateral ou ventral comumente encontrada em alguns zoólitos; que pudesse existir para estes, uma função de receptáculo para algum tipo de substância, provavelmente alucinógena, em conformidade com alguns artefatos etnográficos também zoomórficos utilizados por pagés na Amazônia, em rituais xamânicos (NETTO, 1885).

(...) Como quer que seja, estes curiosos artefatos, figurando animais mais ou menos cavados no dorso, na ilharga ou no ventre, a mim me parece que tinham utilidade idêntica à dos receptáculos de madeira, artisticamente esculpidos, e às vezes à imitação de pássaros, nos quais ainda hoje se deposita, entre alguns índios do Amazonas, o pó do Paricá (Piptadenia

colubrina). Este pó, collocado em semelhantes receptáculos, é sorvido pelo Pagé da tribu, por meio de tubos unidos (em geral são cúbitos do gavião real), que lhe penetram nas narinas, para a quaes servem, assim, de condutores do referido pó. Esta substancia vegetal, excitante como tantas outras usadas a principio na America, deveria ter sido utilizada, a principio, unicamente em actos religiosos ou de invocação à divindade; o que se dava tambem a respeito do tabaco. (...) Seja como for, insisto e persisto na presumpção de que os artefactos vasiformes de madeira, destinados a absorpção do Paricá dos pagés e chefes Mauhés, Tonantins e outros de nações ribeirinhas do Alto Amazonas, têm como vasos de pedra zoomorphos dos nossos Sambaquis e dos antigos paradeiros da Republica Argentina grandes afinidades. No proprio Perú e na America Central apparecem, em exumações praticadas nas ruínas de monumentos precolombianos, não poucos vasos com a mesma estrutura (NETTO, 1885, p. 515, 516).

Por volta das décadas de 40 a 60, em virtude da intensa exploração dos substratos extraídos dos sambaquis, pesquisadores amadores, como Guilherme Tiburtius (1960; 1996) recolheram uma quantidade razoável de peças vindas dos desmanches, especialmente por intermédio dos trabalhadores que as encontravam.

O interesse investigativo de Guilherme Tiburtius tornou-o um colecionador (TIBURTIUS, 1996), entretanto, a sua intenção pela preservação do patrimônio arqueológico assegurou que muitas das peças recuperadas por ele pudessem vir a ter um conhecimento público, através dos artigos por ele publicados e, por intermédio da musealização dos artefatos por ele recolhidos.

Um importante inventário sobre os zoólitos encontrados no Paraná e em Santa Catarina (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960) trás informações sobre um total de 47 esculturas, entre as quais, até então, 12 pertencentes ao acervo do Colégio Catarinense, uma pertencente a coleção particular do Dr. Lício G. de Castro Vellozo e, o outro, à Biblioteca de Joinville, sendo as demais, 33 peças, pertencentes a própria coleção de Guilherme Tiburtius, a qual atualmente pertence ao acervo do Museu de Sambaqui de Joinville (MASJ), SC.

Os zoólitos recolhidos por José Loureiro Fernandes, entre os anos de 1940 e 1947 encontrados no Sambaqui de Matinhos, atualmente estão no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR que guarda o total de 5 peças, entre estas, um zoósteo e um zoólito em exposição na “Sala Expositiva do MAE-UFPR” no prédio da UFPR da praça Santos Andrade e, os demais se encontram na reserva técnica do MAE-UFPR, sendo uma das peças um pequeno zoósteo, ainda não descrito na literatura, e mais dois zoólitos, sendo um deles proveniente do Sambaqui do Linguado em Santa Catarina (dado observado através desta pesquisa).

Convém ressaltar que é provável a existência de uma série de artefatos zoomórficos com o paradeiro desconhecido. Entre estes, um zooólito encontrado no Sambaqui de Saquarema, na Baía de Paranaguá, por Wilson Rauth (1974, p. 81) e, seis zoólitos provenientes do Sambaqui do Rio Velho, pertencentes à coleção de Langue de Morretes (BIGARELLA *et al*, 1954; 2011; MASJ, 2010), encontrando-se com o paradeiro incerto, na atualidade.

Acredita-se que os zoólitos desempenharam importante papel na cultura das sociedades sambaquianas meridional, principalmente devido ao tempo de trabalho necessário para a sua confecção, pois quando comparado à fabricação de um machado, por exemplo, que provavelmente levaria em torno de 10 horas para o trabalho ser concluído, um zoólito, ao mínimo, necessitaria entre trinta ou mais de duzentas horas de extrema atenção, principalmente quanto à produção das cavidades ventrais, ao centro da grande quantidade das esculturas (PROUS, 1977; 1992). Além disso, há uma série de considerações que a presente pesquisa encontrou, frente aos locais onde alguns zoólitos foram encontrados e os seus contextos denotando atributos cerimoniais, relações inter-sociais e, de prestígio.

Uma tipologia foi elaborada por André Prous (1972) para comparar os zoólitos sob o ponto de vista técnico, funcional, estilístico e morfológico, a fim de se verificar informações cronológicas, geográficas e culturais. Considerando a cavidade como um aspecto básico, o referido autor observou com essa tipologia, uma maior concentração dessas peças no sul de Santa Catarina e em Torres, RS. Quanto à temática naturalista, verificou a ausência quase total de representações de peixes no norte de Santa Catarina, com exceção do Sambaqui de Barra do Sul, entretanto, há representações de baleias, que provavelmente poderiam ser reconhecidas como peixes. As demais representações, incluindo as antropomorfas que, embora em menor número representativo, foram encontradas do sul de São Paulo ao Uruguai.

PROUS (1992) atribui duas categorias estilísticas distintas às esculturas, sendo a primeira, referente às peças com formas geométricas de cruz ou “cruciformes”; a segunda, as “nucleiformes”, relativa às formas mais variadas e de melhor distinção da espécie representada, comumente com definição sexual. Além disso, baseando-se em critérios morfológicos, Prous (1972, p. 71-74) definiu uma tipologia que possibilita uma amostragem da dispersão espacial dos diferentes

estilos que estão especificados a seguir, de acordo com as considerações do respectivo autor:

1. “Platiformes A”: a morfologia platiforme foi dividida em “A” e “B”. Considerando-se a “platiforme A” com espessura inferior a $1/9$ do comprimento e cavidade rasa. As representações em geral são de peixes que perfizeram onze esculturas. O referido autor notou uma grande homogeneidade na confecção desse estilo, proveniente do sul de Santa Catarina a Torres. Exemplo (FIGURA 8).



FIGURA 8 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO PLATIFORME "A". FOTO: A autora (2011).

2. “Platiformes B”: o ‘platiforme B’, embora com a espessura menos acentuada, mantém a forma achatada. Mantém a representação de peixes, sendo menos detalhadas que as anteriores. Exemplo (FIGURA 9).



FIGURA 9 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO PLATIFORME "B". FOTO: A autora (2011).

3. “Aparentadas platiformes”: mantendo a forma achatada.

4. “Nucleiformes A”: não apresentam cavidades nem depressão. As peças apresentam polimentos que evidenciam protuberâncias geométricas com semelhanças zoomorfas. Exemplo (FIGURA 10).



FIGURA 10 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO NUCLEIFORMES "A". FOTO: A autora (2011).

5. “Nucleiformes B”: são em geral maciças, com exceção das que apresentam uma cavidade. Exemplo (FIGURA 11).



FIGURA 11 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO NUCLEIFORME "B". FOTO: A autora (2011).

6. “Cruciformes”: caracterizadas pelo formato de cruz, distinguem-se em ‘A’ e ‘B’. Associadas a categoria cruciforme “A” estão as esculturas mais elementares e, às cruciformes “B”, as esculturas esteticamente mais elaboradas. Exemplo (FIGURA 12).



FIGURA 12 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO CRUCIFORME "A". FOTO: A autora (2012).

7. “Cruciforme B”: em geral apresentam cavidade ventral. Exemplo (FIGURA 13).



FIGURA 13 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO CRUCIFORME "B". FOTO: A autora (2011).

8. “Sobrelevada”: zoólitos com a base não zoomorfa, mas com a cavidade e representação animalista variável acima da base. Estão relacionadas, uma figura antropomorfa, quadrúpedes e vários peixes. Exemplo (FIGURA 14).



FIGURA 14 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO “SOBRELEVADAS”. FOTO: arquivo MN-UFRJ.

9. “Semi-zoomorfo” ou “Nucleiforme B”: opostos aos “nucleiformes A” apresentam cavidades que se assemelham ao formato de pratos ou tigelas, com sutil detalhe animalista. Exemplo (FIGURA 15).



FIGURA 15 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO NUCLEIFORME “B” OU SEMI-ZOOMORFO. FOTO: A autora (2011).

10. “Paquiformes”: forma maciça com bom acabamento. Exemplo (FIGURA 16).



FIGURA 16 – FOTO DE ZOÓLITO REPRESENTANDO O ESTILO PAQUIFORME. FOTO: A autora (2011).

Alguns artefatos zoomórfos foram esculpidos em ossos e vértebras de baleia. Tais ocorrências se concentram até o momento, na região do litoral sul do

Estado do Paraná ao norte do litoral do Estado de Santa Catarina (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; PROUS, 1972; 1977; CHMYZ *et al.*, 2003). Exemplo (FIGURA 17).



FIGURA 17 – ARTEFATO ELABORADO EM OSSO LONGO DE BALEIA. FOTO: A autora (2011).

Prous (1977, 1992) não atribui uma função utilitária aos zoomorfos estudados por ele, mas, possivelmente uma razão social. Pois, de acordo com o referido autor, em uma extensão de 1.300 km de dispersão dos sambaquis dos zoólitos, pode estar refletida a possibilidade de um tipo de contexto semelhante de organização social. Não impedindo na observação dessa unidade, variações regionais. Também o fato de zoólitos terem sido encontrados no interior do Rio Grande do Sul, em zona ecológica distinta da habitual, possibilita a inferência sobre trocas.

3.2.1 Distantes do litoral: a presença de zoólitos no planalto do Estado do Rio Grande do Sul

As referências sobre a ocorrência de zoólitos em diferentes contextos e, em especial, distantes da região litorânea são encontradas principalmente nos estudos realizados no Estado do Rio Grande do Sul, a exemplo de: Miller (1971); Ribeiro (1977; 1991); Kern (1991a; 1991b); Gonzales e Milheira (2005).

A possibilidade de zoólitos poderem estar associados e indicar uma relação de contato entre grupos do litoral e grupos associados à tradição Taquara, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também no Estado de Santa Catarina é defendida por Miller (1971), como argumenta:

Ocorrem zoólitos, sem dúvida associados à tradição Taquara (subtradição), com cerâmica da fase Guatambu ou correlatas; os oito conhecidos estão assim distribuídos: um junto à casa-subterrânea (MILLER), três encontrados pelo Dr. Juan Kern, sendo um em sítio-aberto e dois em uma caverna, com cerâmica publicada por Serrano (1938: 161-65), três por um “curioso” em um abrigo no sul de Santa Catarina e mais um relatado por Tiburtius (1960: 22). (MILLER, 1971, p. 55).

No Rio Grande do Sul, inserido no contexto do PRONAPA, Miller (1971) ao descrever algumas fases, como Paiquerê, Antas, Cará, Araponga, Camuri, Guatambu, Xaxim, Itapuã, Itá, Ipira e Monjolo. No concernente a fase Guatambu, o autor relata haver identificado 48 sítios definidos como uma fase cerâmica da tradição Taquara; 41 desses, encontrados em campo aberto, 2 sítios cemitérios em abrigos sob rocha e 5 sítios de casas subterrâneas. Os sítios habitação abertos estão localizados, especialmente, nas margens dos rios Pelotas e das Antas, distantes de 5 a 100 m das águas. As casas subterrâneas indicariam a ocupação como sítios-habitação e como sítios acampamentos, evidenciando-se em locais descampados e elevados do planalto, entre capões e próximos de matas de campo elevado. A ordenação espacial variando de uma casa isolada a um conjunto de até 22 casas, sendo mais comum a ocorrência de 3 e 5 casas em conjunto. Destacando, o autor, a evidência de um zoólito encontrado adjacente a uma dessas casas subterrâneas:

A camada arqueológica, segundo as prospecções, normalmente atinge de 5 a 25 cm de espessura e com mais frequência a 10 cm. Quando fortemente umedecidas, conservam alguns restos ósseos. A cerâmica e os líticos encontram-se ora dentro, ora dentro e fora das casas subterrâneas, sendo que junto a uma, foi encontrado um zoólito semi-encoberto pela terra vegetal. (MILLER, 1971, p. 69)

Com relação aos zoólitos serem encontrados em regiões distantes do litoral, Ribeiro (1977) relatou sobre dois artefatos encontrados em região de planalto. Em seu relato, no ano de 1975, em virtude de palestras sobre arqueologia, na cidade de Gramado Xavier, 8º distrito de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, houve a

informação de um zoólito encontrado em uma propriedade rural em Gramado dos Francos, pertencente ao município de Barros Cassal, aproximadamente 12 km ao norte de Gramado Xavier. A peça foi encontrada em abril de 1975, quando Paulo Juarez da Silva trabalhava na lavra das terras de seu pai, Antônio Miguel da Silva, a aproximadamente 6 m de uma sanga de 1,5 m de largura média, em 2 m acima do nível de suas águas. A forma é de pássaro ou tartaruga (quelônio) estilizada, medindo 24,4 cm de comprimento x 12,7 cm de largura x 7,1 cm de espessura.

A localização do sítio arqueológico do zoólito de Gramado dos Francos tem as coordenadas de 29°12'47" de latitude sul e 52°37'11" de longitude oeste de Greenwich; em região denominada de Planalto Médio, no relevo da Serra Geral, divisão do Planalto Meridional, altitude relativa entre 400m e 800m e média de temperatura anual inferior a 18°C. Em conformidade com as características do planalto, o sítio situa-se em mata de pinheiros e, é acompanhado por vegetação arbustiva. Hidrograficamente o sítio pertence à bacia do rio Pardo ou do rio Jacuí. Segundo Ribeiro (1977), através de coletas superficiais sistemáticas foram encontrados em torno de 6 artefatos líticos do outro lado do riacho, que lhe pareceram pertencer à mesma Tradição que acompanharia o zoólito. Entretanto, a princípio, não se podendo concluir, de acordo com o autor citado, se evidenciaria novo sítio, separado apenas pelo estreito fluxo da água ou, se trataria do mesmo sítio, em que foi encontrado o zoólito. As (FIGURAS 18 e 19) ilustram o contexto de alguns sítios arqueológicos do planalto do Rio Grande do Sul onde foram encontrados zoólitos (RIBEIRO, 1977, p. 10, 11).

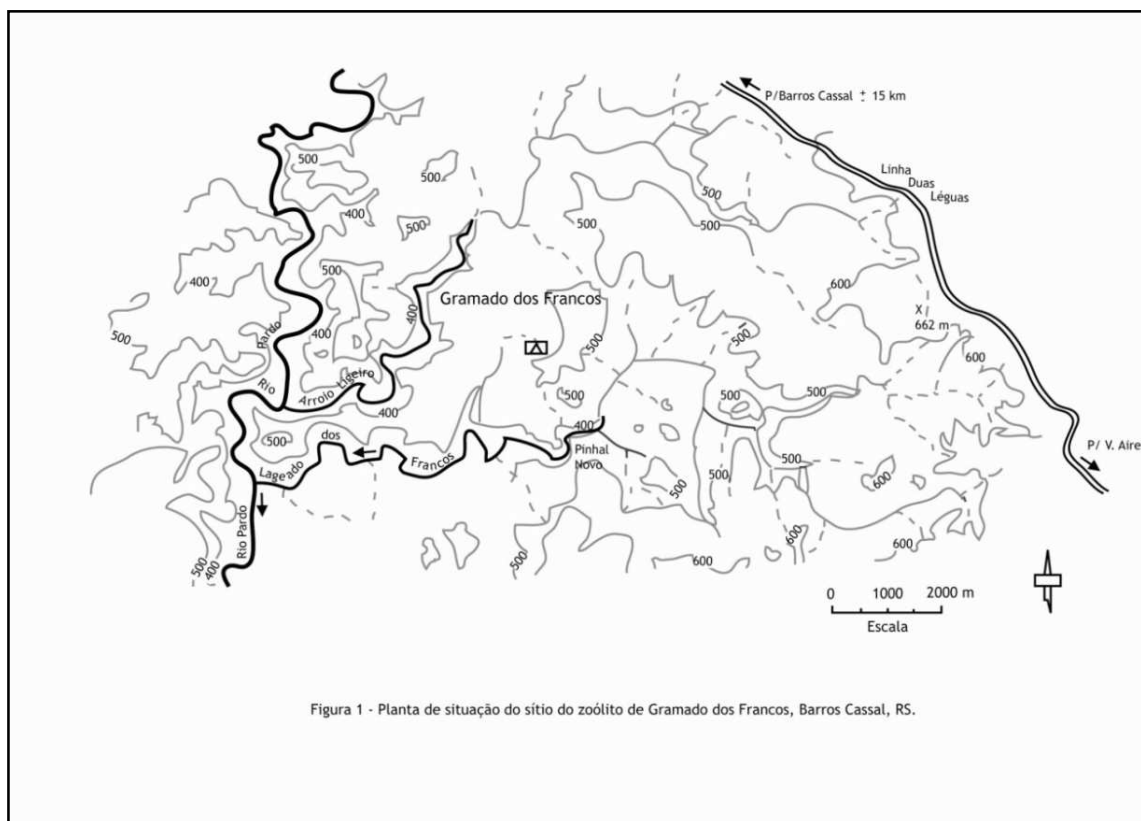


FIGURA 18 – REGIÃO DO SÍTIO COM ZOÓLITO EM GRAMADO DOS FRANCOS, BARROS CASSAL, RS. FONTE: Ribeiro *et al.* (1977, p. 10); imagem trabalhada por Lopes (2012).

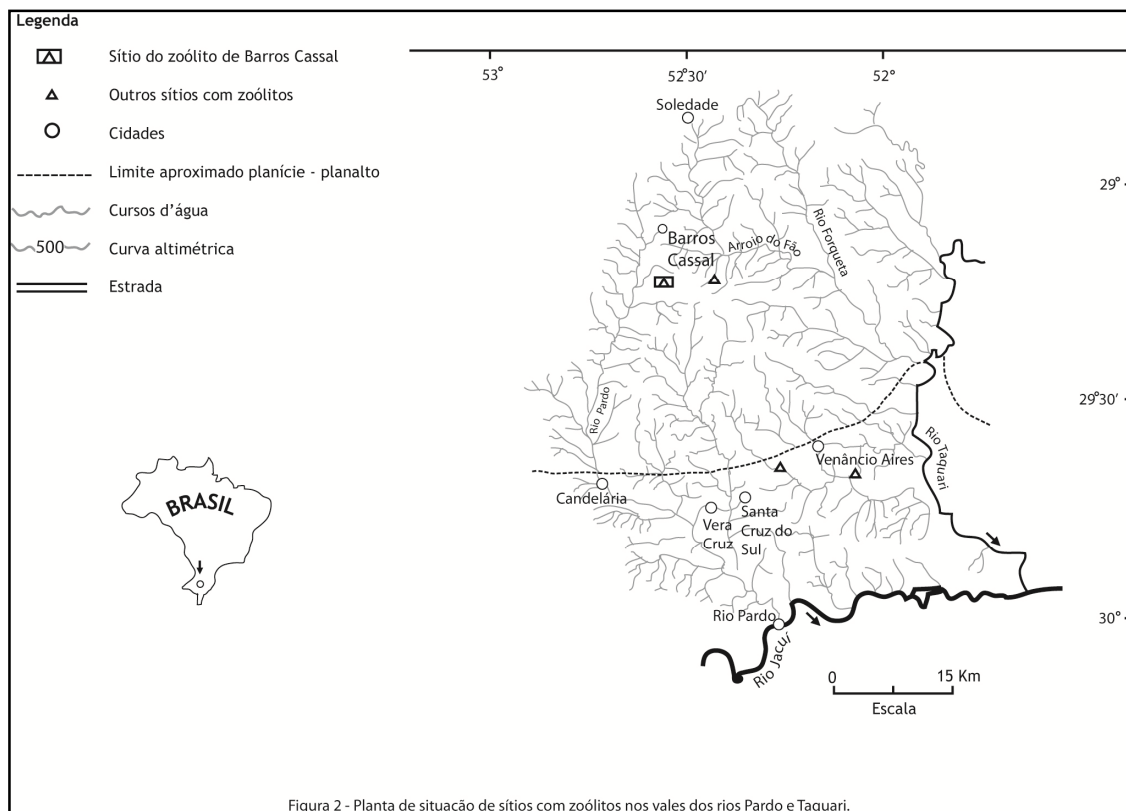


FIGURA 19 – MAPA COM A DISTRIBUIÇÃO DE ZOÓLITOS NO VALE DOS RIOS PARDO E TAQUARI, RS. FONTE: Ribeiro *et al.* (1977, p. 11); imagem trabalhada por Lopes (2012).

Através de informações, houve também uma visita a Cerro Grande, pertencente ao mesmo município de Barros Cassal, na propriedade do Sr. Antônio Francisco da Silva, onde ele mesmo teria encontrado um zoólito, uma “pombinha” dentro de duas rochas em formato de concha, próximo de uma encosta íngreme, distante a 30 m de sua residência, onde há um afloramento rochoso de basalto e pedras soltas. Entretanto, essa peça não foi vista e nenhuma evidência de um sítio arqueológico foi constatada no local e nos arredores. Um provável motivo para que o artefato não fosse mostrado aos pesquisadores poderia estar relacionado a crenças populares na região acerca dos referidos artefatos: “(...) interamo-nos de uma crendice de que esta pedra (zoólito) possui “encanto”, ou seja, se a pessoa se desfizer dela, jamais enriquecerá ou encontrará o tesouro cujo ela contém e um dia revelará!” (RIBEIRO, 1977, p. 8). Este caso, em especial, sugere a possibilidade de zoólito em contexto de depósito votivo, assim como outros encontrados na literatura, mas, sem que tenham ocorrido questionamentos a esse respeito; evidenciou-se apenas a descrição dos contextos das ocorrências. A problematização desse assunto será melhor discutida nos capítulos seguintes.

Em sua tese de doutorado, Ribeiro (1991) amplia as discussões apresentadas em Ribeiro *et al.* (1977). Além das considerações sobre as possibilidades do uso dos zoólitos para fins xamanísticos baseando-se em dados etnográficos sobre grupos ameríndios, apoiando-se no estudo de Kern (1982b, p. 195) e em outros pesquisadores, o referido autor apresenta argumentos sobre a possibilidade de grupos pré-ceramistas de procedência interiorana, vindos do planalto, terem dado origem aos sambaquis. O fato seria em decorrência de distintos ambientes haverem sido escolhidos para a permanência desses grupos pré-ceramistas. Cada grupo teria estabelecido diferenças culturais posteriores, formando em virtude dessa situação a “cultura sambaquiana, através daqueles que permaneceram no litoral” (RIBEIRO, 1991, p. 237).

A possibilidade de terem ocorrido movimentos sazonais de deslocamento entre o interior e o litoral, é provável segundo Ribeiro (1991), tanto em época pré, quanto no período ceramista. Entre o outono e o inverno haveria a exploração dos recursos do interior, com atividades de caça e, especialmente a coleta do pinhão; durante o verão, a busca da subsistência se voltaria para o aproveitamento dos recursos do ambiente litorâneo, voltado para a pesca e a coleta de moluscos.

Ribeiro (1991, p. 239) chama a atenção para o fato de que os zoólitos foram confeccionados em geral a partir de rochas encontradas em afloramentos rochosos no litoral meridional brasileiro, como o diabásio, o diorito e o meláfiro. Entretanto, na medida em que esses afloramentos rochosos se esgotam ao norte do Estado do Rio Grande do Sul nas proximidades da região de Torres, os zoólitos passam a não serem mais encontrados no litoral, mas em regiões interioranas e de planalto.

(...) Justamente quando desaparecem no litoral marinho, em regiões de formação recente, arenosas, sem qualquer afloramento, surgem no interior. (A Depressão central deveria ser a via de comunicação). Esta observação serve, também, para o Uruguai. Existe uma única exceção, de um zoólito encontrado nas proximidades de Tramandaí-Osório, Rio Grande do Sul (informação do Prof. Udo Kunert). (RIBEIRO, 1991, p. 239, 240)

Para Ribeiro (1991, p. 240), não existe dúvida quanto ao envolvimento dos zoólitos com os grupos pré-ceramistas e ceramistas, argumentando que:

(...) Existem zoólitos com associação segura a pré-ceramistas (BECK e outros, 1970; BROCHADO, 1969c, 1971; ROHR, 1977; MENTZ RIBEIRO e outros, 1977); a ceramistas da Tradição Taquara (MILLER, 1971); transição entre Taquara e Tupiguarani e em sítio Tupiguarani, um zoólito em cada caso (coleção do Museu do Colégio Mauá). Estes dois sítios foram pesquisados pelo autor da tese presente, ambos no vale Taquari; aquele com material cerâmico e lítico das duas tradições, possui cerâmica aculturada e o zoólito foi encontrado a alguns centímetros do solo durante a lavração; o segundo, numa encosta com forte erosão, possui apenas uma camada de ocupação logo seguida de uma estéril e o afloramento rochoso arenítico em algumas partes. Ambos em altitude inferior a 200 m em relação ao nível do mar (planície). (RIBEIRO, 1991, p. 240, 241).

Sobre as questões relativas a contatos intersociais entre os habitantes do planalto gaúcho e grupos do litoral, para Kern (1991) são poucas as informações sobre os aspectos de atividade sazonais de subsistência dos grupos de caçadores-coletores da floresta sub-tropical gaúcha. No entanto a estimativa é de que os deslocamentos dos grupos de caçadores-coletores da tradição lítica Humaitá estejam relacionados com recursos sazonais de alimentação de animais, tanto aquáticos, quanto terrestres, além da coleta de vegetais e, levando-se em consideração a boa estabilidade de subsistência ofertada pela floresta subtropical e seu entorno, considera-se que os deslocamentos não eram demasiadamente expressivos. Porém, Kern (1991) avalia a possibilidade de contatos entre grupos do litoral e do interior, na respectiva região:

É necessário colocar, entretanto, o problema dos contatos entre o planalto gaúcho e o litoral. Em época imediatamente anterior à colonização branca de nosso território, grupos de horticultores e ceramistas, habitantes das casas subterrâneas do alto planalto, assim como seus descendentes históricos (os Kaingáng), realizaram possivelmente estes movimentos sazonais. Este problema dos deslocamentos de populações do interior para o litoral foi recolocado, recentemente, com a descoberta de zoólitos (esculturas zoomorfas) no vale do Rio Jacuí, junto a implementos líticos da Tradição Humaitá. Este fato leva interpretações favoráveis aos movimentos sazonais entre os sítios dos caçadores-coletores da floresta subtropical do interior e os sítios do litoral (sambaquis). Com efeito, existem mais de uma dezena de zoólitos descobertos nesse vale, ou sobre a encosta meridional do planalto. Prous, em um estudo aprofundado sobre estas esculturas em pedra, típicas dos sambaquis do litoral, levanta uma outra explicação sobre este fato: (...) talvez isto não indique migrações, ou deslocamentos sazonais, mas simples contatos, comerciais ou guerreiros, entre o Atlântico e os vales que desembocam no Rio da Prata. (KERN, 1991, p. 157-158).

As considerações de Prous (2004) são de que os habitantes das regiões sul do Brasil e do norte do Uruguai compartilharam modelos intelectuais e simbólicos; sendo provável que algumas particularidades ideológicas possam estar evidenciadas em determinadas micro-regiões, assim como há possíveis indícios de modificações, transformadas ao longo do tempo:

(...) os habitantes do sul brasileiro e do Uruguai faziam suas representações unindo as formas padronizadas a uma figuração animalística, geralmente acompanhada de uma cavidade. Esta gramática particular implica na existência de modelos intelectuais e simbólicos comuns que os distinguia de seus vizinhos do sul e do norte. Porém, este modelo comum que, certamente, corresponde a uma comunidade de crenças compartilhadas, se acompanha de modelos locais (uns, nas baías de Paranaguá, de Joinville; outros, nas de Laguna; outros, nas ilhas de Santa Catarina; outros mais, no litoral de Torres). Temos encontrado o mesmo regionalismo estudando os adornos de ossos e as técnicas de trabalho de pedra; por exemplo, a preferência por colares de vértebras de cetáceos na parte septentrional dos zoólitos se opõe à seleção de colares de dentes de tubarão, que se encontram nas sepulturas mais meridionais; a complexidade da indústria do osso, das regiões do norte (Paranaguá, Joinville) se opõe a de maior inversão nos objetos líticos mais ao sul (...). Vinte anos depois de nosso trabalho sobre as indústrias dos sambaquis meridionais, W. Neves demonstrou a existência de diferenças biológicas entre os habitantes dos sambaquis de micro regiões onde nós havíamos mostrado as variações no domínio cultural, sugerindo certa endogamia local, porém também uma homogeneidade de conjunto com relação às problematizações pré-históricas do interior do território. Observa-se que, os extremos, meridional e septentrional, não dispõem de tipos específicos de esculturas, como se não houvessem recebido mais que a "ideia" geral que conduz à execução dos zoólitos; sem desenvolver uma categoria local. Se destacando também, na região relativamente periférica de Torres, uma espécie de indecisão sobre o papel da cavidade, incluindo uma perda do seu significado. (PROUS, 2004, p. 142, 143, tradução nossa).

A estimativa de Prous (2009, p. 27) é de que as sociedades sambaquianas meridionais seriam igualitárias, devido à semelhança na maioria das estruturas funerárias. De acordo com este autor, as diferenciações observadas em alguns sepultamentos que apresentam características de tratamentos especiais, em detrimento de outros, corresponderia a questões de unificação da comunidade em reconhecimento de valores especiais atribuídos a determinados indivíduos, mas, sem que esse atributo implicasse em uma possível hierarquia na sociedade. No entanto, outros pesquisadores, como DeBlasis *et al* (1998), Lima (1999-2000) e Gaspar *et al* (2008) se opõem a esse argumento, estimando que a singularidade da presença dos zoólitos possivelmente sinalizaria um processo de complexificação social.

O presente estudo pretende analisar uma parcela dessas representações materiais, a fim de investigar e contrastar suas correlações com as pesquisas já realizadas, especialmente em sepultamentos. A principal importância dessa análise insere-se na capacidade desses elementos escultóricos zoomórficos em produzir conhecimento não apenas sobre a sua iconografia, mas, sobretudo com interesse em promover uma discussão sobre aspectos do universo simbólico e cosmológico dessas sociedades. Portanto, para o capítulo seguinte procurou-se descrever aspectos das dimensões simbólicas de diferentes contextos da ocorrência dos zoólitos e zoósteos e, os diferentes aspectos espaciais dessa distribuição.

4 A INVESTIGAÇÃO DA VARIABILIDADE DOS ZOÓLITOS

O presente capítulo tem como proposta, analisar a variabilidade dos zoólitos e a sua inserção nos diferentes contextos no qual estão associados, seja nas formas específicas do artefato ou, no âmbito das relações desse registro arqueológico com o meio cultural e da paisagem física. O objetivo é a investigação do universo simbólico a partir de diferentes dimensões dessa variabilidade que, conforme Schiffer (1997, p. 28) compreenderia as dimensões formal, espacial, quantitativa e relacional. O pressuposto dessa análise é o reconhecimento que toda cultura material, inclusive a investigada pelo arqueólogo, tem uma dimensão simbólica, “que afeta a relação entre uma comunidade humana e as coisas” (HODDER, 1988, p. 16), e funcionaria como elemento mediador ou definidor das relações humanas e do meio. Assim, não apenas o zoólito apresentaria dimensão simbólica, mas todo o conjunto de relações no qual está inserido, desde os condicionantes materiais tecnológicos (matéria prima, técnicas de transformação, uso, entre outros) até os aspectos paisagísticos envolvidos com a distribuição espacial e temporal.

O principal interesse investigativo consiste na busca por orientações contextuais que auxiliem a observação de novas possibilidades para a interpretação das esculturas zoomórficas. Deste modo, em uma primeira aproximação foi executada uma análise de zoólitos e zoósteos registrados até o momento na literatura, assim como a inserção de novos registros, com a finalidade de averiguar possíveis contrastes que possam existir entre as características particulares da cultura material e os seus locais de procedência.

Neste sentido, foram elencados alguns atributos vinculados aos zoólitos, tais como aspectos formais, categorias estilísticas, matérias primas, inferências sobre a representação animal e observações pertinentes. Esta sistematização compreendeu, de forma adicional, a investigação das relações com outros elementos do contexto arqueológico (como em uma estrutura funerária, por exemplo), espacial e temporal, a partir de uma visão de que tais relações podem ser pensadas enquanto dimensões simbólicas capazes de afetar a variabilidade desse registro.

Parte das informações foi recolhida através da visita a alguns museus brasileiros onde existem acervos de zoólitos. Foram levantados dados no acervo do

Museu Paranaense (MP) e do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE – UFPR), na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná; no Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense, no Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, ambos na cidade de Florianópolis e, no Museu do Homem do Sambaqui (MASJ), em Joinville, no Estado de Santa Catarina; e, no Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN – UFRJ), no Rio de Janeiro.

O total das peças registradas e analisadas através da visita às instituições citadas compreendeu a ordem de 134 esculturas zoomórfas e 13 esculturas apresentando apenas formatos geométricos. Na literatura a estimativa desses artefatos é em torno de 300 peças (PROUS, 1977b; 2010, p. 24). As informações sobre outras esculturas referenciadas neste estudo, suas procedências e demais dados foram pesquisados na literatura. Notou-se, entretanto, que há carência de informações relativas a muitos dos respectivos artefatos o que limitou o alcance das propostas e seus resultados.

Além de informações descritivas sobre as peças analisadas, os dados foram sistematizados segundo uma proposta de compartimentação ambiental-paisagística. Esta se baseou nas principais diferenças geográfico-geomorfológicas (ou ainda, certas homologias ao longo da costa) apresentadas em literatura, considerando a sua possível tradução em termos das dimensões espaciais amplas aos quais os zoólitos podem estar associados. Além dos compartimentos que caracterizam o relevo da costa meridional brasileira (FIGURA 20), foi considerada a região de planalto do Estado do Rio Grande do Sul, onde também ocorrem zoólitos.

Este aspecto da proposta de compartimentação e consequente análise espacial dos dados não está baseada em premissas deterministas, mas sim, no entendimento que as escolhas culturais e o universo simbólico dessas sociedades também envolvem apropriações dos espaços geográficos ocupados, mesmo que em contínua transformação. Por outro lado, as divisões propostas estão acercadas por evidências de caráter arqueológico, como por exemplo, a sua relação com zonas de concentração de sambaquis, ainda que muitos sambaquis não tenham informações sobre zoólitos (admite-se neste caso, a associação dos zoólitos às sociedades construtoras de sambaquis, amplamente reconhecida na literatura científica).

Desta forma, a definição da compartimentação paisagística proposta para este estudo, delimitou os seguintes segmentos:

- I) Região de cordões litorâneos: Cananéia – Iguape (SP) – Superagui (PR);
- II) Região do complexo estuarino da Baía de Paranaguá (PR);
- III) Região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC);
- IV) Região de costões rochosos: Itajaí – Rio Itajaí-açú (SC);
- V) Região de ilhas (ocorrência de zoólitos e gravuras rupestres): Florianópolis (SC);
- VI) Região de dunas e lagoas: Jaguaruna (SC);
- VII) Região de costa retilínea e proximidades do Planalto da Serra Geral: Torres (RS);
- VIII) Região de Planalto do Estado do Rio Grande do Sul (RS);
- IX) Região de lagoas e áreas inundáveis: Lagoa dos Patos – Lagoa Mirim (RS);

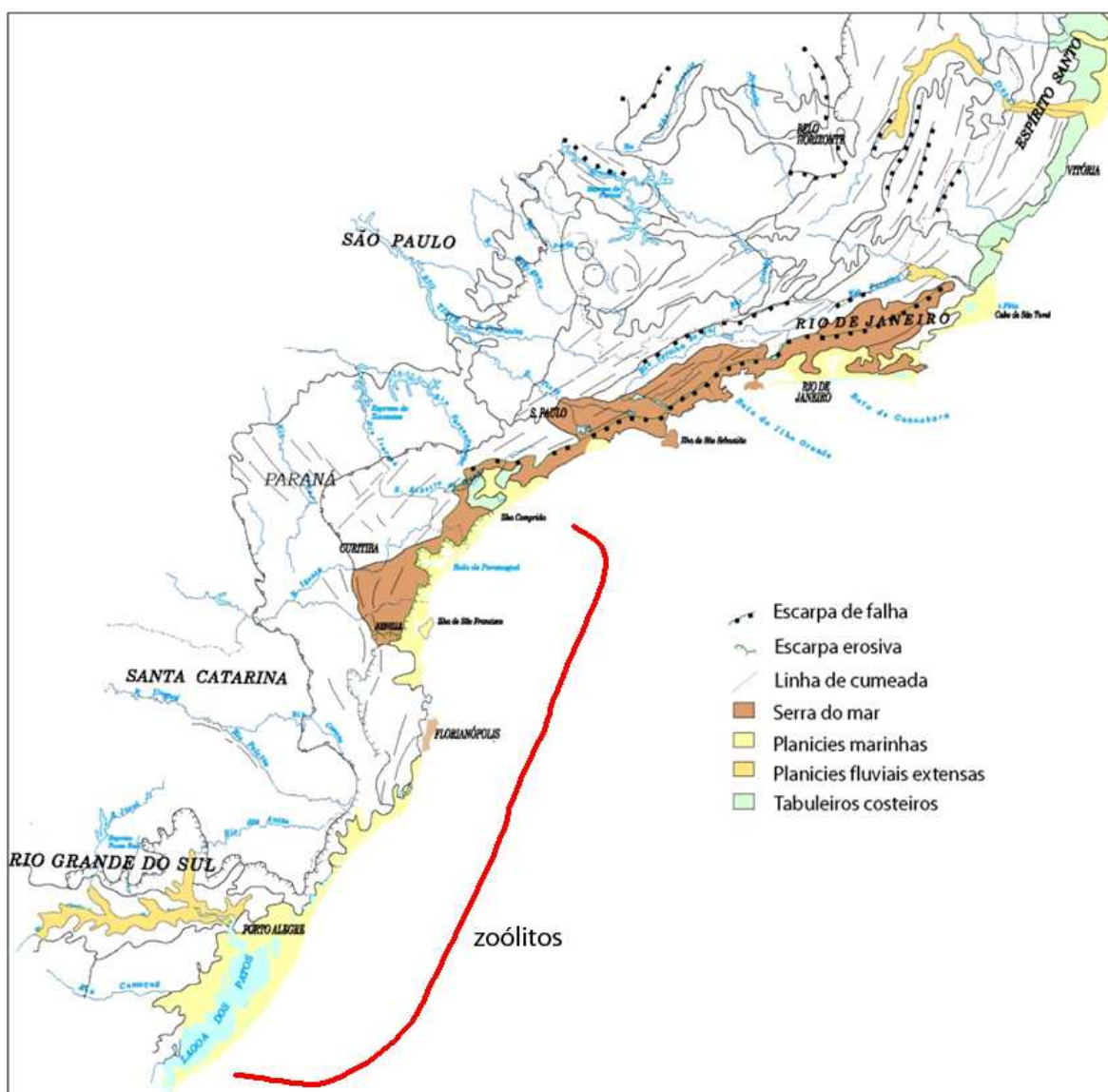


FIGURA 20 – ASPECTOS DO LITORAL MERIDIONAL BRASILEIRO COM A IDENTIFICAÇÃO GERAL DA ÁREA DE OCORRÊNCIA DE SAMBAQUIS E DISTRIBUIÇÃO DE ZOÓLITOS. MAPA ADAPTADO POR BROCHIER. FONTE: Brochier (2009, no prelo).

A seguir, serão apresentados os sítios com a ocorrência de zoólitos e a análise dos artefatos registrados através da pesquisa em museus e estudos bibliográficos.

4.1 REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA – IGUAPE (SP) – SUPERAGUI (PR)

(Estado de São Paulo)

4.1.1 Sambaqui do Cambicho

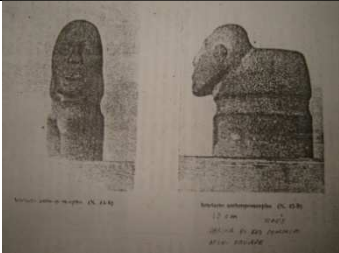
O Sambaqui do Cambicho (QUADRO 1) localiza-se nas proximidades do Rio Una da Aldeia.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	Não identificada	De acordo com Kröne (1914b, p.231 <i>in</i> PROUS, 1977b, p. 30), o zoólito encontrado nesse sambaqui possuía a forma semelhante a uma canoa. A referida peça teria sido enviada para Dresde, estando o seu paradeiro desconhecido. (PROUS, 1977b, p. 30).

QUADRO 1 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.1.2 Rio Comprido (esconderijo)

A localização do Sambaqui do Rio Comprido (QUADRO 2) se encontra nas proximidades do Rio das Pedras.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	4.560 anos AP ($\pm$ 110 (LIMA, 1999-2000: 274).	O artefato antropomorfo foi encontrado enterrado próximo ao Sambaqui do Rio Comprido, nas imediações do Rio das Pedras.
Nº PEÇA	FOTOS		
43-B			

QUADRO 2 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Kröne (1908, p. 28).

- Nº da peça: 43-B

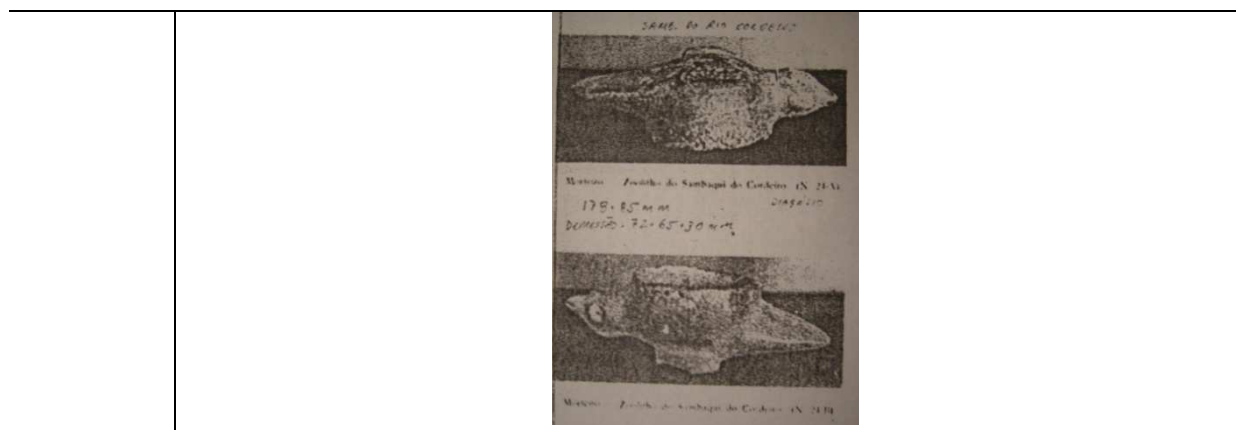
Descrição: O artefato é um antropomorfo esculpido em diabásio, as suas dimensões são de 9,8 cm x 8,2 cm x 3,5 cm.

Referências: Kröne (1908, p. 34); Prous (1977b, p. 20).

4.1.3 Sambaqui do Cordeiro

São poucas as informações sobre o Sambaqui do Cordeiro (QUADRO 3).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	Não identificada	De acordo Kröne (1908, p. 28), um zoólito foi encontrado neste sambqui.
Nº PEÇA	FOTOS		



QUADRO 3 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Kröne (1908, p. 28).

- N° da peça: não identificado.

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, provavelmente representa uma ave. A tipologia é nucleiforme “C”. A cavidade ventral é oval e proporcionalmente grande; os olhos redondos são bem marcados e expressivos; o bico é pequeno e afinado.

Referências: (KRÖNE, 1908, p. 28).

4.1.4 Sambaqui Pinheiro

A localização do Sambaqui Pinheiro (QUADRO 4) fica próxima ao Rio Cordeiro.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	Não identificada	No Sambaqui Pinheiro foi encontrado um zoólito com representação iconográfica indefinida. De acordo com Prous (1977b, p. 27) o zoólito apresenta tipologia nucleiforme “C” e possui concavidade ventral oval.

QUADRO 4 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.1.5 Sambaqui do Rocio (esconderijo)

Existem poucos dados sobre o Sambaqui do Rocio (QUADRO 5).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	Não identificada	Um zoólito foi encontrado próximo ao sambaqui. Tipologia nucleiforme "C". O paradeiro do zoólito é desconhecido, pois teria sido enviado por Kröne para Viena. (PROUS, 1977b, p. 29).

QUADRO 5 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.1.6 Sambaqui Saripoca (esconderijo)

Existem poucos dados sobre o Sambaqui Saripoca (QUADRO 6).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Iguape, SP	Não identificada	Não identificada	O zoólito foi encontrado enterrado ao lado do sambaqui apresentando vestígios de ocre.
Nº PEÇA	FOTOS		
			

QUADRO 6 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. Foto: Kröne (1908, p. 28).

- N° da peça: não identificado.

Descrição: O artefato esculpido em diabásio provavelmente represente uma ave. As dimensões são de 13,0 cm x 9,5 cm x 3,7 cm. Tipologia nucleiforme “B” e concavidade ventral oval proporcionalmente grande.

Referências: Kröne (1908); Prous (1977b, p. 28, 29).

4.2 REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO DA BAIJA DE PARANAGUÁ (PR)

(Estado do Paraná)

4.2.1 Sambaqui da Ilha do Corisco

A Ilha do Corisco, localizada na Baía de Antonina a aproximadamente 2 km da cidade de Antonina, guarda os vestígios de três sambaquis (QUADRO 7) que foram explorados para o preparo de cal, de acordo com Bigarella (1950-51, p. 262, 264). Os respectivos sambaquis correspondem aos números 24, 25 e 26 do inventário do referido autor sobre os sambaquis do Estado do Paraná. De acordo com o autor citado, o sambaqui de nº 24 foi erigido sobre antigos recifes cristalinos. De uma camada restante de aproximadamente 1,20 cm pode ser observado vestígios de carvão, espinhos e vértebras de peixes e a predominância de *Ostrea sp.* em conjunto com *Modiolus sp.* e *Modiolus brasilienses*. O sambaqui de nº 25 localiza-se a cerca de 200 m a oeste de um *shantung* cristalino situado no leste da ilha, junto a outro sambaqui totalmente destruído, o de nº 26.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Antonina, PR	Sambaqui nº 24 (aprox. 30m de diâmetro); Sambaqui nº 25 (aprox. 50 x 30m de diâmetro); Sambaqui nº 26 (aprox. 30 x 25m de diâmetro)	Não identificada	“A esta série pertence as peças encontradas em uma caixa recolhida do Museu Paranaense e sem indicação de procedência. As 12 primeiras peças desta série são do tipo de implementos semi-elaborados (Tipo Corisco). Os números seguintes marcam rochas polidas, pilões, implementos diversos e a parte anterior de um fragmento de zoomorfo” (Ficha do CEPA: 13/57/22).
Nº PEÇA	FOTOS		
13.57.22			

QUADRO 7 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 13.57.22 (acervo: Museu Paranaense, Curitiba, PR).

Descrição: Zoólito. Possível representação de uma tartaruga marinha. A peça foi reconstituída a partir de duas partes, entretanto, ainda se encontra quebrada na região da concavidade ventral que pode ser percebida como circular e, relativamente grande e profunda se comparada com a representação da cabeça do animal; os olhos são representados com um picoteamento e uma leve incisão delineia a boca. Esculpida no diabásio, a peça foi toda polida; a cabeça se afina até o focinho com um acabamento bem expressivo do animal representado. O tamanho da peça é de 13,0 cm (+?) de comprimento x 15,0 cm largura x 4,7 cm espessura.

Referências: Ficha do Arquivo do CEPA (13/57/22); Chmyz (1962); Prous (1977b, p. 30).

4.2.2 Sambaqui de Saquarema

O sambaqui de Saquarema (QUADRO 8) situado na região da Bacia do Rio Nhundiaquara, próximo aos rios Saquarema e Jacareí, localizado a aproximadamente 500 m ao norte da antiga estação Ferroviária de Saquarema, da estrada férrea Curitiba – Paranaguá. Tendo sido explorado economicamente durante aproximadamente vinte anos. Foi construído sobre terreno argiloso, provavelmente de antigos manguezais da antiga baía do Nhundiaquara (RAUTH, 1962, p. 9, 10). Rauth (1962) considerou a hipótese de duas ocupações distintas para este sambaqui: “Essas evidências residem nos rituais dos sepultamentos e no material lítico encontrado nos diversos níveis estratigráficos” (RAUTH, 1962, p. 36).

Segundo Wilson Rauth (1974, p. 81), um artefato zoomórfico foi encontrado no referido sambaqui. Prous (1977b, p. 32) cita a Universidade de Paranaguá, como tendo a guarda desse artefato. No entanto, o paradeiro desse zoólito é atualmente indeterminado. Além da escultura zoomorfa, atualmente desaparecida, foi encontrado neste sambaqui um artefato não zoomórfico com função aparentemente indefinida, o qual se encontra no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), Curitiba – PR.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Morretes, PR.	Não identificada	4.450 anos AP $\pm$ 64; 4.384 anos AP $\pm$ 64; 4.256 anos AP $\pm$ 62; 3.965 anos AP $\pm$ 66; 3.858 anos AP $\pm$ 60 [Radiocarbônico (C14)], dados por Hurt (1964). Prous (1977) apresenta as seguintes datações: 2.421 a 1.955 anos AP $\pm$ 69 BC.	Registrado por Bigarella (1950-51, p. 253, 254) como o sambaqui de nº 10, foram evidenciadas camadas alternadas de <i>Molius</i> sp., com evidências de fogueiras, <i>Anomalocardia brasiliensis</i> e <i>Ostrea</i> sp., além de vértebras e espinhas de peixes, maxilares de mirangaia e fragmentos de rochas com e sem vestígios de trabalho.
Nº PEÇA	FOTOS		
			

QUADRO 8 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Artefato polido com função indefinida, o formato geométrico se assemelha a um bumerangue. O comprimento é alongado e curvo e a espessura é relativamente estreita, finalizando em lâmina de machado levemente semicircular em uma das laterais. Confeccionado em diabásio, as dimensões são de 37 cm de comprimento x 7,5 cm de largura x 3,5 cm de espessura. Rauth (1962, p. 26) observou que a técnica de polimento foi aplicada transversalmente, denotando grande habilidade do seu executor, além de considerar a hipótese de tratar-se de um artefato utilizado para fins cerimoniais.

Referências: Rauth (1962, p. 26).

4.2.3 Sambaqui do Veríssimo

Existem poucos dados sobre o sambaqui do Veríssimo (QUADRO 9). Três sambaquis foram catalogados por Bigarella (1950-51, p. 275, 276) nas imediações do Rio Veríssimo e Ribeirão, na região de Alexandra, estes receberam os números de 54 a 56.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Paranaguá, PR	As dimensões foram estimadas em: Sambaqui nº 54 (cerca de 40m x 20m x 6 a 8m de altura); Sambaqui nº 55 (cerca de 20m x 15m x 1,5 a 2m de altura); Sambaqui nº 56 (cerca de 37 x 20m x 2m de altura).	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
I-11			

QUADRO 9 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- N° da peça: I-11 (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Zoólito de estilo tipológico paquiforme. A aparente cauda na horizontal faz supor tratar-se da representação zoomórfica de um mamífero marinho, o que é corroborado por Chmyz *et al.* (2003: 9). A matéria prima provável é o diabásio ou o diorito; as dimensões da peça são 25,0 cm x 8,2 cm x 11,5 cm; a concavidade é ventral e oval medindo aproximadamente 8,7 cm x 6,5 cm x 2,7 cm.

Obs.: A procedência do referido zoólito é reportada ao Sambaqui de Matinhos por Chmyz *et al.* (2003, p. 9). Prous (1977b, p. 31) indica que esse artefato é proveniente do Sambaqui do Veríssimo.

Referências: Prous (1977b, p. 31); Valença (1984, p. 80, 86); Chmyz *et al.* (2003, p. 9).

4.2.4 Sambaqui do Guaraguaçu “B”

Localizado na Baía de Paranaguá, os dados gerais sobre o sambaqui do Guaraguaçu “B” estão descritos no (QUADRO 10). Prous (1977b, p. 57) e Pe Rohr (1977, p. 26) referenciam que receberam comunicação pessoal sobre um zoólito que teria sido encontrado neste sambaqui.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Paranaguá, PR	Atingem juntos os sambaquis “A” e “B” 300m de comprimento x 50m de largura x 21m de altura, estando a base do “B” acentada sobre 10m de altura do “A”. (POSSE, 1978, p. 142, 143).	4.128 ± 260 [Método: Radiocarbônico (C14)]. Referências: Brochier(2009, p. 81).	Este sambaqui foi pesquisado na década de 60 por Annette L. Emperaire, Maria José Menezes e Margarida de Andreatta. Trata-se de dois sambaquis conjugados, “A e B”, respectivamente.

QUADRO 10 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.2.5 Sambaqui do Goulart

Existem poucos dados sobre o sambaqui do Goulart (QUADRO 11), localizado na baía de Antonina.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Antonina, PR	Não identificada	Não identificada	Prous (1977b, p. 31, 32, 63), referencia um zoólito que teria sido encontrado neste sambaqui. Esculpido em diabásio, com tipologia nucleiforme "C" e provável representação de ave; com dimensões de 26,3cm x 15,5cm x 7,3cm e cavidade ventral de 12,0cm x 11,2cm x 4,6cm. Não havendo informações na atualidade sobre o paradeiro desse artefato.

QUADRO 11 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.3 REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)

(Estado do Paraná)

4.3.1 Sambaqui de Matinhos I

O Sambaqui de Matinhos (QUADRO 12) localizava-se a cerca de 4 km ao norte da baía de Guaratuba, próximo aos morros do Sambaqui e Escalvado. Durante o seu processo de desmanche foi pesquisado pelo Dr. José Loureiro Fernandes, entre 1942 e 1947 e por Guilherme Tiburtius em 1945. Atualmente se encontra completamente destruído. Referências: Tiburtius e Bigarella (1960); Tiburtius (1996); Chmyz *et al.* (2003).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Matinhos, PR	Aproximadamente 53m de extensão.	2.750 anos AP $\pm$ 250 [Termo luminescência (TL) (LACIVID-USP)], em Chmyz <i>et al.</i> (2003).	O zoósteo nº 23.57.04, acervo MAE – UFPR está sendo referenciado pela primeira vez. Os zoósteos referenciados por Tiburtius

	e Bigarella (1960, p. 33, 34), nº 2275 col. Tib. (representando um pássaro esculpido na extremidade de osso longo de baleia) e o nº 1630 col. Tib. (caracterizando a cabeça de uma coruja elaborada em vértebra de baleia) não foram encontrados para o presente registro.		
Nº PEÇA	FOTOS		
1782			
30.58.01			
23.57.04			
24.58.04			

QUADRO 12 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011; 2012).

- Nº da peça: 1782 (acervo: MASJ, SC).

Descrição: Zoósteo confeccionado em bula timpânica de baleia, provavelmente representando um cetáceo. As dimensões da peça são de 9,4 cm x 5,6 cm x 4,2 cm; as dimensões da concavidade lateral são de 6,4 cm x 3,5 cm x 2,1 cm, a qual ocupa

praticamente quase toda a dimensão da escultura, com exceção da cauda, levemente saliente.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 33); Prous (1977b, p. 36).

- Nº da peça: 30.58.01 (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Zoósteo. A figura naturalista de um provável albatroz (família *Diomedidae*, gênero *Diomedea*) foi esculpida na extremidade de um osso longo de baleia, compondo o adorno de um possível bastão. A representação do pássaro mede aproximadamente 13,7 cm x 4,2 cm x 5,0 cm., apresentando uma quebrada na extremidade que daria a continuidade do bastão.

Referências: Prous (1977b, p. 31; 1992); Valença (1984, p. 80); Chmyz *et al.* (2003, p. 9, 10).

- Nº da peça: 23.57.04 (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Zoósteo. A representação de um peixe provavelmente esculpido em bula timpânica de baleia possui sutis incisões para delinear a boca e os olhos. É uma peça inteira, não apresentando concavidade; a sua medida é de aproximadamente 5,0 cm x 2,5 cm x 0,3 cm.

Referências: MAE – UFPR.

- Nº da peça: 24.58.04 (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Zoólito. O estilo é cruciforme A, de acordo com Prous (1972; 1977b, p. 31). A medida do artefato é de aproximadamente 8,9 cm. x 7,9 cm x 3,3 cm. A concavidade é ventral e circular com uma arredondada saliência nas bordas. Para Chmyz *et al.* (2003, p. 9) trata-se da representação de um pássaro.

Referências: Prous (1977b, p. 31); Chmyz *et al.* (2003, p. 9).

4.3.2 Sambaqui de Guaratuba

Descrito por Bigarella *et al* (1950-51, p. 309), como sambaqui de número 57 provavelmente a principal constituição faunística tenha sido a *Anomalocardia brasiliensis*. Segundo o referido autor, restaram poucos vestígios deste sambaqui

devido a sua exploração. Existem poucos dados sobre o sambaqui de Guaratuba (QUADRO 13).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Guaratuba, PR	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
8398			

QUADRO 13 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 8398 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito. Nucleiforme “C”. A representação provável é de um pássaro. Os olhos são bem pronunciados por um picoteamento, e não há incisão marcando o bico, que por sua vez está voltado para baixo. As medidas da peça são de 23,0 cm x 9,2 cm x 6,0 cm; a concavidade é ventral com o formato oval e proporcionalmente grande, medindo aproximadamente 10,5 cm x 5,2 cm x 1,8 cm.

Obs: A escultura acima não possui a procedência definida. Entretanto, essa peça é similar ao zoólito registrado por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 32) e Prous (1977b, p. 34). No relato de Tiburtius e Bigarella (1960, p. 32) consta que a peça foi encontrada na Baía de Guaratuba por um morador da região e, após ser analisada foi perdido o seu paradeiro. O outro artefato relacionado a este sambaqui é referenciado por Prous (1977b, p. 30), o qual diz ter recebido informação oral do Dr. José Loureiro Fernandes.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 32); Prous (1977b, p. 30, 34).

(Estado de Santa Catarina)

4.3.3 Sambaqui de Mina Velha

São poucos os dados sobre o Sambaqui de Mina Velha (QUADRO 14).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Garuva, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
62.12.III.21			

QUADRO 14 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 62.12.III.21 (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

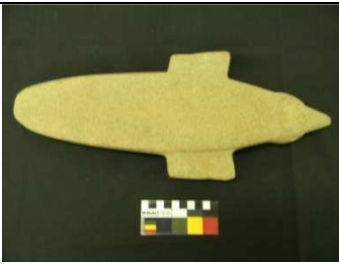
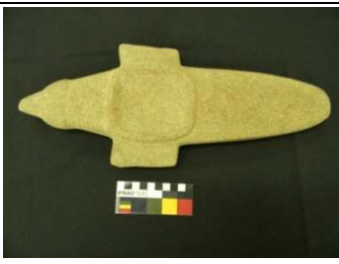
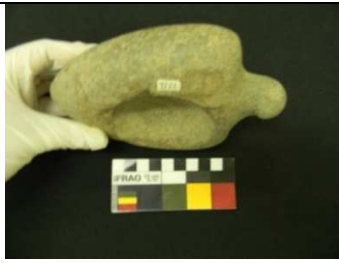
Descrição: O artefato possui características de um antropólito. Encontra-se quebrada a partir da metade posterior da concavidade, além de apresentar sinais de quebra na parte esquerda, atrás da cabeça. A matéria prima da escultura foi o diorito e as dimensões aproximadas do fragmento são de 21,5 cm (+?) x 13,0 cm (+?) x 7,5. O artefato que aparentemente representa uma figura humana, possui uma concavidade ventral relativamente oval, medindo aproximadamente 12,0 cm (?) x 9,0 cm (?) x 3,3 cm, logo abaixo do pescoço. Incisões por picoteamento e polimento delineiam a boca, o nariz e as narinas e, as orelhas da figura.

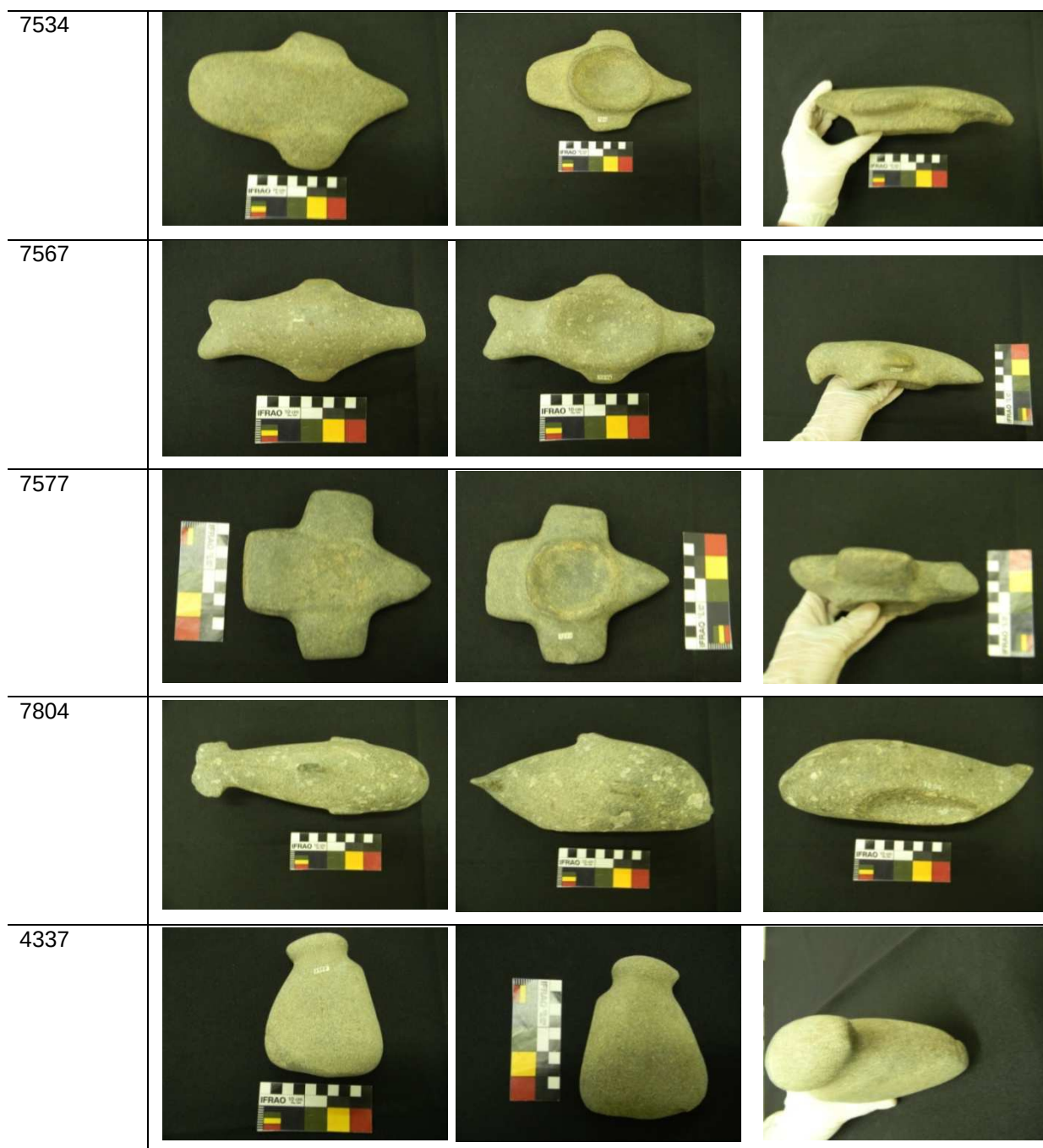
Referências: Prous (1977b, p. 45); Valença (1984, p. 90).

Obs: Quando observada lateralmente, a peça assemelha-se a possível representação de uma tartaruga, suscitando questionamentos sobre a possibilidade de tratar-se de um ser mítico.

4.3.4 Sambaqui Cubatãozinho

Situado próximo a um afluente da margem direita do rio Cubatãozinho e ao lado da estrada Engenheiro João de Souza Mello Alvim (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 20; MASJ, 2010, p. 38). Bigarella *et al.* (1954, p. 136) descreveu o Sambaqui do Cubatãozinho como número 40. Este sambaqui (QUADRO 15) localizava-se em torno de 3 km a sudeste do aeroporto de Joinville. Foi construído à margem de um riacho com manguezal, sobre sedimentos arenosos. Em pesquisa realizada em 1949 foram constatados vestígios de fogueiras relativamente grandes, esqueletos humanos, artefatos líticos, vértebras e espinhas de peixes, e a fauna constituída predominantemente por *Ostrea sp.* e *Anomalocardia brasiliensis*. Este sambaqui foi totalmente destruído para a pavimentação do aeroporto de Joinville.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC	Aproximadamente 230m de comprimento x 130m de largura.	Não identificada	Situado próximo a um afluente da margem direita do rio Cubatãozinho e ao lado da estrada Engenheiro João de Souza Mello Alvim (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 20; MASJ, 2010, p. 38).
Nº PEÇAS/nº	FOTOS		
			
7532			
4333			



QUADRO 15 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- N° da peça: s/n° (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo cruciforme B. Provavelmente represente uma ave. As dimensões são de aproximadamente 43,0 cm x 17,6 cm x 5,0 cm; o peso aproximado é 6.000 g.; apresenta concavidade ventral relativamente quadrada e arredondada nos cantos, as bordas são salientes, medindo aproximadamente 10,2 cm x 0,4 cm de profundidade.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 24, 25).

- Nº da peça: 7532 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, tipologia nucleiforme B. Provável representação de uma ave acentuadamente estilizada. Mede 16,2 cm x 10,1 cm x 5,7 cm; a matéria prima é o andesito e o peso é 1.220 g.; a concavidade é ventral e oval, medindo 7,0 cm x 5,4 cm x 1,8 cm.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 23).

- Nº da peça: 4333 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo nucleiforme C. Provável ave esculpida em dibásio, medindo 26,3 cm x 10,8 cm x 6,9 cm aproximadamente. A cabeça é expressivamente proeminente e a cavidade ventral é oval e especialmente saliente e profunda, medindo 9,8 cm x 7,5 cm x 6,9 cm.; o peso é de 1.890 g. Nota-se que a calda se torna arredondada e se afinala em sua extremidade, lembrando uma lâmina de machado polido. Ainda é marcante a presença do ocre dentro da cavidade ventral e por sobre a superfície da peça.

Obs: O artefato foi encontrado pelo Sr. Guilherme Radun; a quebra de parte da provável asa esquerda ocorreu devido acidente durante o desmanche do sambaqui para fins industriais. (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 25).

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 25); Prous (1977b, p. 35).

- Nº da peça: 7534 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo cruciforme B. Esculpida em diabásio, a representação da peça assemelha-se com a figura de um réptil. As dimensões são de 22,4 cm x 14,2 cm x 5,4 cm e o peso é 1.460 g.; a concavidade é ventral, oval e possui as bordas relativamente salientes medindo 9,4 cm x 7,4 cm x 2,4 cm.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 26); Prous (1977b, p. 36).

- Nº da peça: 7567 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo aproximado entre cruciforme C e nucleiforme C. Escultura em andesito com a representação de um pássaro que aparentemente se parece com uma pomba. Medindo proximadamente 19,5 cm x 9,0 cm x 5,0 cm e pesando 900 g.,

apresenta a concavidade ventral oval com as bordas salientes de 7,5 cm x 5,4 cm x 2,0 cm. O referido artefato foi encontrado abaixo de um sepultamento como acompanhamento funerário (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 20).

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 23); Prous (2010, p. 24).

- Nº da peça: 7577 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo cruciforme A. Provável representação de pássaro, esculpido em diabásio. As dimensões da peça são de 16,0 cm x 14,0 cm x 4,3 cm, o peso é 970 g., a concavidade é ventral e levemente oval com as bordas salientes, medindo aproximadamente 6,5 cm x 5,3 cm x 1,6 cm.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 26); Prous (1977b, p. 36).

- Nº da peça: 7804 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo paquiforme, esculpido em rocha porfírica representando um cetáceo. As dimensões da peça são de 24,7 cm x 10,2 cm x 7,8 cm; concavidade ventral oval de 9,7 cm x 3,5 cm x 1,5 cm; o peso é 2.220 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 24); Prous (1977b, p. 36).

- Nº da peça: 4337 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Provável zoólito inacabado. A escultura foi feita em diabásio e possui as dimensões de 12,2 cm x 9,8 cm; é uma peça maciça, não apresentando cavidade; o peso é 970 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 26).

4.3.5 Sambaqui Tiburtius

O Sambaqui Tiburtius (Quadro 16) está localizado na margem direita do Rio Sambaqui (Ribeirão das Pedras), em torno de 1.500m da confluência deste em relação ao Canal do Palmital. Distante do Sambaqui Rio Sambaqui cerca de 150 m. (MASJ, 2010, p. 122).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC	Aproximadamente 135m x 145m x 18m.	Não identificada	Coordenadas em UTM 720.082 E, 7.103.872 N. O seu nome foi uma homenagem a Guilherme Tiburtius (MASJ, 2010, p. 122).
Nº PEÇA	FOTOS		
s/n			

QUADRO 16 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: s/n(acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito. A peça é interira, sem cavidade e apresenta uma forma zoomorfa indefinida. Suas medidas aproximadas são de 2,5 cm x 1,0 cm.

Referências: consulta no MASJ.

4.3.6 Sambaqui Caieira

Existem poucos dados sobre o sambaqui Caieira (Quadro 17).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
LS 2149			

QUADRO 17 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

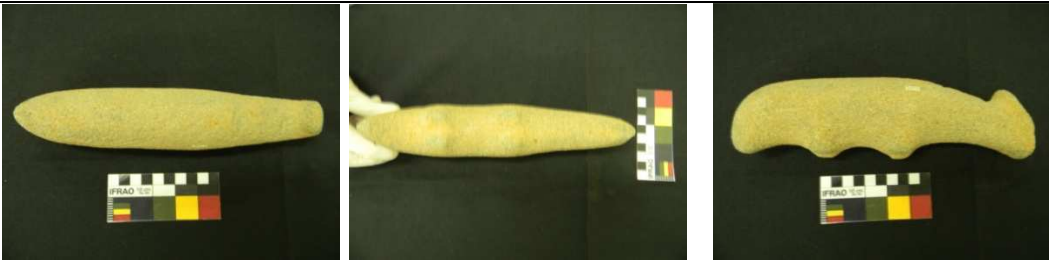
- N° da peça: LS 2149 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoósteo. A representação de um pequeno pássaro foi esculpida provavelmente em osso de baleia. Embora muito pequena, a peça é muito realista e inclusive a definição dos olhos podem ser notadas facilmente. Também é perceptível uma fragmentação da peça na extremidade inferior.

Referências: consulta no MASJ.

4.3.7 Sítio Olaria do Sr. Paulo Trank (esconderijo)

O artefato foi encontrado em uma olaria próxima a Joinville (QUADRO 18), então propriedade do Sr. Paulo Trank.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC	Não identificada	Não identificada	Sob uma pedra naturalmente achatada de cerca de 90 cm de circunferência foram encontrados em solo argiloso, a uma profundidade de aproximadamente 80 cm, lado a lado três artefatos, sendo estes um seixo rolado, um provável amolador e um zoólito de nº 5560 col. Tib. (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 31).
N° PEÇA	FOTOS		
7079			

QUADRO 18 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- N° da peça: 7079 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio. O artefato zoomorfo provavelmente represente um mamífero, para Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31), talvez se trate da possível representação de um tamanduá. As dimensões da peça são 26,8 cm x 7,8 cm x 5,6 cm; não apresenta cavidade e o peso é 1380 g.

Obs: A numeração desta peça está referenciada por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31) sob o nº 5560 col. Tib. Atualmente no MASJ, consta como o nº 7079.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31).

4.3.8 Sambaqui do Rio Perequê, nº13 (esconderijo)

De acordo com Bigarella *et al.* (1954: 117), o Sambaqui do Rio Perequê (QUADRO 19) foi construído em uma restinga, em região pantanosa, na várzea do Rio Perequê. Localizava-se próximo dos Rios Pequerê e da Barra do Sul, cerca de 4.100 m de Pinheiros e em torno de 500 m da estrada Pinheiros – Itapocú.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
	Aproximadamente 110m x 30m x 10m.	Não determinada	De acordo Tiburtius e Bigarella (1960, p. 12) o zoólito foi encontrado nos arredores do Sambaqui do Rio Perequê.
Nº PEÇA	FOTOS		
4094			

QUADRO 19 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 4094 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio. Possível representação de peixe. As dimensões da peça são de 47,0 cm x 7,2 cm x 8,3 cm; a concavidade é ventral e oval com as bordas salientes, medindo 12 cm x 7,0 cm x 3,3 cm; o peso é 4910 g.

Obs: Na ficha do MASJ este artefato consta como proveniente do Sambaqui Pinheiro, entretanto é referenciado como procedente das proximidades do Sambaqui do Rio Perequê por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 12, 13). De acordo com os autores citados, o referido artefato foi encontrado enterrado a aproximadamente 50 cm de profundidade, em torno de 2 km do Sambaqui do Perequê, quando da construção de um rancho. Foi quebrado intencionalmente, pela crença de que conteria ouro em seu interior, havendo sido reconstituído posteriormente.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 12, 13).

4.3.9 Sambaqui Morro do Ouro, nº41

Descrito por Bigarella *et al.* (1954, p. 137) como número 41. Este sambaqui (QUADRO 20) localizava-se à margem do rio Cachoeira, na encosta norte de um shantung de rochas metamórficas, em torno de 1.000 m da barra do Rio Jaguarão e próximo ao Rio Bucarein. Suas coordenadas geográficas são: 716.903 E 7.087.677 N (MASJ, 2010, p. 83).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC.	Não determinada	4.030 anos AP (MASJ, 2010, p. 87)	Neste sambaqui, três zoólitos foram encontrados em contexto de sepultamento funerário.
Nº PEÇA	FOTOS		
5561			
4335			

4334



QUADRO 20 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTOS: A autora (2012) e MASJ (2010, p. 87), trabalhada pela autora (2012).

- Nº da peça: 5561 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, representando possivelmente um peixe. As dimensões são de 72,0 cm x 13,4 cm x 5,6 cm; a concavidade ventral com a borda saliente e levemente retangular mede 7,8 cm x 6,5 cm x 3,5 cm; o estilo é o cruciforme "C".

Obs: O referido artefato foi encontrado em contexto de sepultamento como acompanhamento funerário, disposto na frente do corpo sepultado.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 18, 19, 20); Prous (1977b, p. 37).

- Nº da peça: 4335 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, tipologia nucleiforme B, esculpido em rocha porfírica (andesito). Provável representação de um pequeno mamífero sem cauda, como um roedor. As dimensões da peça são 17,0 cm x 8,0 cm x 8,7 cm; concavidade ventral oval de aproximadamente 9,0 cm x 6,5 cm x 2,0 cm; o peso é de 1.620 g.

Obs: O artefato zoomorfo foi encontrado em contexto de sepultamento como acompanhamento funerário, disposto na região acima da cabeça do corpo sepultado (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 19, 20).

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 19, 20); Prous (1977b, p. 37).

- Nº da peça: 4334 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito representando provável pássaro, esculpido em diabásio, medindo 16,0 cm x 1,4 cm x 5,8 cm; cavidade ventral aproximadamente retangular de 6,4 cm x 5,0 cm x 2,4 cm e peso de 1.130g. Tipologia cruciforme A.

Obs: A foto de MASJ (2010, p. 87) foi tratada pela autora. Este artefato zoomorfo foi encontrado em conjunto com os acima citados, em contexto funerário, disposto na região acima da cabeça do corpo sepultado.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 19, 20); Prous (1977b, p. 36); MASJ (2010, p. 87).

4.3.10 Sambaqui da Costeira, nº 11

O Sambaqui da Costeira (QUADRO 21) foi descrito por Bigarella *et al.* (1954, p. 114, 115), como número 11, este localizava-se em torno de 1.000m da localidade de Pinheiros. Sua base foi assentada sobre terreno arenoso. Na ocasião a descrição de Bigarella *et al.* (*op.cit.*) restava $\frac{1}{4}$ do seu volume, devido a exploração de cal.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC.	Aproximadamente 50m x 23m x 4,2m.	Não determinada	
Nº PEÇA	FOTOS		
4838			

QUADRO 21 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 4838 col. Tib. (fragmento) (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio. Fragmento de uma cabeça que provavelmente represente um lagarto, medindo 7,0 cm de comprimento e pesando 210g. Não podendo ser definida a existência de uma concavidade na peça.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31); Prous (1977b, p. 33).

4.3.11 Sambaquis do Rio Velho

De acordo com Bigarella *et al.* (1954, p. 137, 138) dois sambaquis foram encontrados na margem direita do rio Velho, este afluente do rio Saguauçu; os referidos sambaquis receberam a denominação de Sambaqui do Rio Velho número 43 e número 44 respectivamente (QUADRO 22). Os sambaquis foram explorados em virtude da extração da cal; em ambos foram encontrados esqueletos humanos, vértebras e espinhas de peixe, seixos sem vestígio de trabalho e artefatos de pedra. Constatou-se que a *Anomalocardia brasiliiana* e a *Ostrea sp.* constituíram a fauna dominante. É descrito pelos autores (*op cit.*, p.137, 138) que, diversos artefatos zoomórficos foram encontrados nestes sambaquis e coletados pelo Sr. Smith, então proprietário das terras ocupadas pelos respectivos sítios arqueológicos.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville, SC.	Aproximadamente 80m x 50m x 8m (Sambaqui número 43); 50m x 30m x 8m (Sambaqui número 44).	Não identificada	Consta que seis zoólitos foram encontrados nestes sambaquis. Posteriormente entregues à coleção do Prof. Lang de Morretes, estão com o paradeiro desconhecido na atualidade. (BIGARELLA <i>et al.</i> , 1954, p. 137, 138; MASJ, 2010, p. 114, 117).

QUADRO 22 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.3.12 Sambaqui Areias Grandes, nº3

O Sambaqui Areias Grandes (QUADRO 23) foi descrito por Bigarella *et al.* (1954, p.108), assentava-se em terrenos arenosos próximo ao rio Areias Grandes, na região da estrada de Araquarí – Barra do Sul em torno de 1.100m e de Araquari em torno de 9.400 m.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Joinville SC.	Aproximadamente 55m x 30m x 6m.	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		



QUADRO 23 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 2201 (acervo MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio. A representação assemelha-se com um provável mamífero, parecendo um pequeno roedor que não aparenta rabo. As dimensões da peça são de 10,4 cm x 6,8 cm x 5,8 cm; a concavidade é ventral e oval, medindo 5,6 cm x 4,5 cm x 2,3 cm; o peso é 570g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 12).

4.3.13 Sambaqui do Linguado, nº26

A Ilha do Linguado foi ligada ao continente e à Ilha de São Francisco do Sul por um aterro. Na referida ilha foram encontrados dois sambaquis, numerados como números 26 e 27 (BIGARELLA *et al.*, 1954, p. 128). O Sambaqui do Linguado de número 26 (QUADRO 24) localizava-se ao lado esquerdo da estrada Araquarí – São Francisco do Sul, nas imediações de um manguezal. A constituição malacológica dominante era de *Anomalocardia brasiliiana* e *Ostreia sp.*

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São Francisco do Sul, SC.	Possuía cerca de 200m x 100m de diâmetro e a altura aproximada de 12m.	Não identificada	Conforme Tiburtius e Bigarella (1960) foram encontrados dois zoólitos: nº2663 col. Tib. (pássaro em cópula, coberto com corante vermelho), e a peça 4837 da coleção Tiburtius (figura 78 <i>in</i> BIGARELLA <i>et al.</i> , 1954). Tiburtius <i>et al.</i> (1960) comenta sobre um zoólito de procedência desse sambaqui que

	haveria desaparecido.		
Nº PEÇA	FOTOS		
28			
2663			

QUADRO 24 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011; 2012).

- Nº da peça: 28 (acervo: MAE – UFPR, Curitiba, PR).

Descrição: Zoólitoesculpio em diabásio, tipologia cruciforme B. Provável representação de pássaro, medindo 37,2 cm x 16,8 cm x 5,3 cm e apresentando uma cavidade ventral circular pequena e rasa.

Obs: Há uma dúvida quanto à procedência deste zoólito ser do Sambaqui de Matinhos ou do Sambaqui do Linguado. Entretanto, as referências encontradas na literatura apontam para o Sambaqui do Linguado nº 26.

Referências: Prous (1972, p. 86); Prous (1977b, p. 31); Bigarella *et al* (1954, figura 78); Valença (1984, p. 86).

- Nº da peça: 2663 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, tipologia paquiforme. Suposta representação de pássaros copulando. O pássaro inferior mede 13,2 cm e o pássaro superior 12,6 cm comprimento x 8,5 cm de altura. Esculpido em diabásio, pesa 910 g. Não possui concavidade, porém há uma pequena incisão circular de 0,6 cm de diâmetro na região da asa do lado direito do pássaro inferior.

Obs: De acordo com Tiburtius e Bigarella (1960, p.10) o artefato zoomórfico foi encontrado por um operário no lado sul do sambaqui a aproximadamente 1,40 m da

base deste; o artefato se encontrava revestido de ocre em cima de uma pedra irregular de cerca de um metro.

Referência: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 10, 11).

4.3.14 Sambaqui do Linguado, nº27

Alguns dados sobre o sambaqui do Linguado são apresentados no (QUADRO 25).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São Francisco do Sul, SC.	Supõem-se que as dimensões seriam da ordem de 60m x 40m x 8 a 10m.	Não identificada	Descrito por Bigarella <i>et al.</i> (1954, p. 129) como Sambaqui do Linguado número 27, situava-se a margem de braço do mar da Ilha do Linguado. Foi destruído pela exploração comercial.
Nº PEÇA	FOTOS		
4837			

QUADRO 25 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 4837 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo nucleiforme C, esculpido em diabásio, com suposta representação de ave. As dimensões são de aproximadamente 18,2 cm x 6,8 cm x 4,6 cm; o peso é 573 g; a concavidade ventral oval com a borda saliente tem as dimensões de 7,6 cm x 4,6 cm x 1,3 cm.

Obs: Segundo Bigarella *et al.* (1954, fig 78) a procedência desse artefato é do Sambaqui do Linguado nº 26 e em Tiburtius e Bigarella (1960: 11) refere-se ao Sambaqui do Linguado nº 27.

Referências: Bigarella *et al.* (1954, fig 78); Tiburtius e Bigarella (1960, p. 11).

- Nº da peça: 7467 coleção Tiburtius.

Obs: O artefato zoomorfo, semelhante a um tatu, identificado como da família *Dasypodidae*; esculpido em rocha porfirítica; apresentando as dimensões de 9,2 cm x 4,8 cm; e, 268 g., referenciado por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 11, 12, fig. 6), não foi encontrado para o presente registro.

4.3.15 Sambaqui de Gambôa, nº33 (esconderijo)

De acordo com Bigarella *et al.* (1954, p. 131, 133) foram localizados cinco sambaquis na região de Gambôa, que está a cerca de 5.000m ao sul de Miranda. O Sambaqui de Gambôa de número 33 (QUADRO 26) foi assentado sobre sedimentos arenosos a 300 m da baía.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Ilha de São Francisco, SC.	Não identificada	Não identificada	Este sambaqui foi destruído para a fabricação da cal.
Nº PEÇA	FOTOS		
7085			

QUADRO 26 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 7085 (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo nucleiforme B. A matéria prima para a escultura foi o diabásio. Provável representação de um mamífero. As dimensões da peça são de 13,9 cm x 9,9 cm x 6,6 cm; a cavidade ventral é oval medindo aproximadamente 9,6 cm x 7,8 cm x 2,8 cm; o peso é 914g.

Obs: Este artefato zoomorfo está referenciado sob o nº 5564 em Tiburtius e Bigarella (1960, p. 14). Consta que o mesmo foi encontrado enterrado a aproximadamente 50

cm de profundidade em torno de 800m do Sambaqui da Gambôa, nº 33. Na superfície, sobre a peça, havia uma pedra natural de cerca de 80 cm de diâmetro.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 14).

4.3.16 Sambaqui da Conquista

Sambaqui (QUADRO 27) número 9 do registro de Bigarella *et al.* (1954, p. 113), localizado entre os rios Areias Pequenas e o Rio Pinheiros, cerca de 3.000 m ao sul da localidade de Conquista. Até o ano de 1953 ainda encontrava-se parcialmente intacto, quando a exploração de cal havia iniciado há pouco.

Segundo a descrição de Tiburtius e Bigarella (1960, p. 16), os artefatos zoomórficos de nº7626 col. Tib. e nº7626A col. Tib. (fragmento) foram encontrados ao lado de um sepultamento, em profundidade aproximada de 2,40 m abaixo da superfície superior do lado norte do sambaqui. Segundo os autores, estes artefatos apresentam formas incomuns e provável representação de insetos.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Araquari, SC	Aproximadamente 75m x 70m x 6,5m de altura.	Não identificada	Prous (1977b) indica a ocorrência de quatorze artefatos zoomorfos encontrados neste sambaqui. Dos quais, alguns destes estão aqui representados.
Nº PEÇA	FOTOS		
7626			

7626A	  
7549	  
3708	  
8145	  
6855	  
7578	  



QUADRO 27 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 7626 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, medindo aproximadamente 16,5 cm comprimento x 11,5 cm de espessura, tratando-se de uma peça maciça, não apresentando concavidade; pesa 1.850g. Foi considerado por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 16) como provável representação de inseto.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 16).

- Nº da peça: 7626A col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). Provável representação de um inseto. A matéria prima é o diabásio, as medidas são de 5,6 cm de espessura, pesando 870 g. Por estar fragmentada, não há informações se a peça é maciça ou possui cavidade.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 16).

- Nº da peça: 7549 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). As suas dimensões são de aproximadamente 6 cm.

Referências: Prous (1977, p. 38).

- Nº da peça: 3708 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). As dimensões do fragmento são de aproximadamente 10 cm x 4,5 cm.

- Nº da peça: 8145 col. Tib. col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). A peça foi polida sobre o diabásio e o peso do fragmento é de 370 g. Aparentemente podem ser percebidos traços da presença de uma concavidade.

Referências: Prous (1977b, p. 38).

- Nº da peça: 6855 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). O artefato foi esculpido em diabásio. A cabeça de um animal pode ser percebida, incluindo ligeiras incisões representando a boca e os olhos, entretanto, não há uma definição nítida da representação. O fragmento mede aproximadamente 5 cm de comprimento.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 17).

- Nº da peça: 7578 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). O fragmento da cabeça apresenta o traço da boca especialmente expressivo, dando a impressão de tratar-se da representação de um réptil. As dimensões do fragmento são de aproximadamente 4 cm.; a concavidade é indefinida e o peso é de 150 g.

Obs: Prous (1977b, p. 39) comenta sobre a presença de vestígios de cinza e conchas sobre a peça.

Referências: Prous (1977, p. 39).

- Nº da peça: 8474 col. Tib. (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito (fragmento). Aparentemente parece tratar-se da calda de uma possível representação de peixe, contudo, não há como precisar. A medida do fragmento é de aproximadamente 4,5 cm.

- Nº da peça: s/ nº (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoósteo. A representação de uma ave esculpida na extremidade de um osso longo de baleia mede 5,7 cm x 1,4 cm x 1,9 cm. A peça inteira mede aproximadamente 42,2 cm de comprimento e sugere um bastão adornado ou um propulsor.

Referências: Prous (1977b, p. 53); Valença (1984, p. 80).

4.3.17 Sambaqui Rio Pinheiros, nº8

De acordo com Bigarella *et al.* (1954, p. 111, 112, 113), localizava-se a cerca de 600m da localidade de Pinheiros, em torno de 100 m da estrada Araquari – Barra do Sul. O sambaqui Rio Pinheiros (QUADRO 28) foi assentado na margem de feixe de restinga sobre sedimentos arenosos e, parte da sua construção foi encontrada em terrenos mais baixos, na várzea do rio.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Barra do Sul, SC.	Aproximadamente 65m x 47m x 14 a 15m (o corte explorado foi de 8m de altura).	Não determinada	Segundo Bigarella <i>et al.</i> (1954, p. 111, 112, 113), neste sambaqui foram encontrados cerca de 50 esqueletos humanos e cerca de 300 peças foram coletadas com rigor estratigráfico.
Nº PEÇA	FOTOS		
4214			

QUADRO 28 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 4214 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito esculpido diabásio. Representação provável de um lagarto ou de um pássaro. As dimensões da peça são 35 cm x 18 cm x 6,1 cm; a concavidade ventral é quadrada com as bordas arredondadas e salientes, medindo 7,4 cm x 6,5 cm x 2,1 cm; o peso é 3150 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 13).

4.3.18 Sambaqui Barra do Sul, nº12

Descrito por Bigarella et al. (1954: 115, 116), o sambaqui (QUADRO 29) encontrava-se a 300 m da praia da Barra do Sul, assentado em solo arenoso próximo a terrenos pantanosos, “resultantes da colmatção de uma antiga lagoa” (BIGARELLA *et al.*, 1954, p. 115). Foram encontrados ossos de baleia, vértebras e espinhas de peixes, assim como vestígios de seixos não trabalhados e alguns artefatos.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Barra do Sul, SC.	Aproximadamente 86m x 30m x 3m.	Não identificada	De acordo com Bigarella <i>et al.</i> (1954), este sambaqui foi parcialmente destruído, em 1954, em virtude de pavimentação de estradas.
Nº PEÇA	FOTOS		
4836			
4114			
4311			

QUADRO 29 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- Nº da peça: 4836 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).
 Descrição: Zoólito, estilo paquiforme, esculpido em xisto cristalino. A escultura zoomorfa provavelmente represente um peixe parati. Não possui cavidade; as dimensões dão de 15,4 cm x 3,0 cm e pesa 143g.

Referências: Bigarella *et al.* (1954, fig. 78); Tiburtius e Bigarella (1960, p.14, 15).

- N° da peça: 4114 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoólito, estilo nucleiforme B. O artefato possui o formato de uma tigela; na parte convexa há incisões que remetem a uma representação zoomorfa com quatro saliências opostas e uma saliência em triangulação com as anteriores, sugerindo uma possível cabeça. A matéria prima para a escultura foi o andesito; as dimensões da peça são de 6,6 cm de diâmetro x 1,7 cm de profundidade; o peso é 112 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 15).

- N° da peça: 4311 coleção Tiburtius (acervo: MASJ, Joinville, SC).

Descrição: Zoósteo, estilo paquiforme. Provável ave esculpida em bula timpânica de baleia; as dimensões da peça são 6,4 cm de comprimento x 2,6 cm de espessura; não possui cavidade; o peso é 43 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 15).

A seguir, alguns artefatos encontrados nessa região, entretanto, sem a identificação da procedência do sítio arqueológico (QUADROS 30 e 31):

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Provavelmente, na região da Baía da Babitonga (SC)	MASJ	Um fragmento de zoósteo da coleção Julieta Lepper. Possivelmente esculpido em bula timpânica de baleia representando um peixe.
N° PEÇA s/n°	FOTOS		
			

QUADRO 30 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Provavelmente, na região da Baía da Babitonga (SC)	MASJ	Zoósteo provavelmente confeccionado em bula timpânica de baleia, representando uma baleia, com o formato paquiforme e sem cavidade.
Nº PEÇA	FOTOS		
8381			

QUADRO 31 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

4.4 REGIÃO DE COSTÕES ROCHOSOS: ITAJAÍ – RIO ITAJAI-AÇÚ (SC)

4.4.1 Sambaqui da Armação de Itapocoroi

Existem poucos dados sobre o Sambaqui da Armação de Itapocoroi (QUADRO 32).

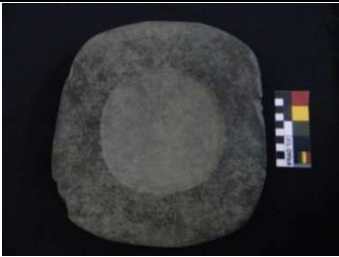
Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Itajaí, SC.	Não identificada	Não identificada	Há a referência de Prous (1977b, p. 53) sobre um zoólito de tipologia nucleiforme “B” encontrado neste sambaqui. A matéria prima utilizada teria sido o diorito e as dimensões da peça de 19,0 cm x 8,3 cm x 6,8 cm.

QUADRO 32 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.5 REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS (SC)

4.5.1 Sambaqui do Estreito

Não há muitas informações sobre o Sambaqui do Estreito (QUADRO 33).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Estreito, Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	Neste sambaqui foi encontrado um artefato polido com formato peculiar geométrico.
Nº PEÇA s/nº	FOTOS		
			

QUADRO 33 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Descrição: O artefato foi esculpido em diabásio. O polimento foi executado em apenas um dos lados, onde apresenta uma depressão circular relativamente rasa ao centro.

Referências: Valença (1984, p. 90).

4.5.2 Ilha de Santa Catarina, Florianópolis

Não há informações sobre a localização do possível sambaqui (QUADRO 34).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 34 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio assemelha-se a uma tartaruga marinha. Traços retos definem a cabeça e o corpo; olhos bem pronunciados; boca levemente traçada de aproximadamente 0,5 cm; há duas depressões temporais circulares sugerindo ouvidos; focinho arredondado; leve depressão modelando o pescoço, que na face inferior apresenta um detalhe em relevo triangular e arredondado nos ângulos, anterior a uma depressão ventral quadrada entre a provável representação das nadadeiras.

Obs: A parte posterior da peça assemelha-se a um gume de lâmina machado polido.

4.5.3 Sambaquis da Região Norte da Ilha de Santa Catarina

São poucos os dados específicos sobre os sambaquis da região norte da Ilha de Santa Catarina (QUADRO 35).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
68			
70			
652			
653			

QUADRO 35 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 68 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Florianópolis, SC).
Descrição: Zoólito esculpido em diabásio cinza, medindo 15,1 cm x 14,3 cm x 4,6 cm; a cavidade ventral e oval mede 6 cm x 5 cm x 1,9 cm; pesa 1.180 g.
Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 28); Prous (1977, p. 44).
- Nº da peça: 70 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., no Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, com tipologia triangular. A representação assemelha-se com a de um possível golfinho. A peça é maciça, não apresentando concavidade, medindo 24,2 cm x 11,0 cm x 4,7 cm; incisões por percussão marcam os olhos, a boca e um detalhe ao redor do termino da calda; o peso é 1.200 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 29); Prous (1977b, p. 42).

- N° da peça: 652 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., no Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito. Para Tiburtius *et al.* (1960) a representação desse artefato remete a um mamífero em repouso, porém, também aparenta a possibilidade de representar um quelônio terrestre. O tamanho do artefato é proporcional ao tamanho da concavidade ventral oval, a qual mede 9,1 cm x 7,1 cm x 2,7 cm assemelhando-se a uma tigela com apêndices externos em relevo, formando uma pequena cabeça redonda, marcada com o picoteamento dos olhos, de um lado e, do lado oposto, um possível rabo também arredondado. As medidas da peça são de 12,2 cm x 8,5 cm x 5,8 cm; a matéria prima foi o diabásio ou o diorito; o peso é Nucleiforme "B".

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 30); Prous (1977b, p. 43).

- N° da peça: 653 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., no Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito apresentando o estilo paquiforme, esculpido em diabásio ou diorito. O picoteamento, o polimento e algumas incisões detalham a morfologia da peça que é especialmente naturalista, proporcionando através dos seus detalhes a identificação da representação de um tatu da família Dasypodidae, gênero *Dasypus* e da espécie *novencintus*. As dimensões da peça são de 23,9 cm x 9,8 cm x 5,3 cm, a concavidade é lateral esquerda de formato oval medindo aproximadamente 23,3 cm x 9,8 cm x 5,3 cm, e o peso é de 1.380 g.

Referências: Rohr (1950, p. 352-353; Tiburtius e Bigarella (1960, p. 28); Prous (1977b, p. 45).

4.5.4 Sambaquis da região sul da Ilha de Santa Catarina

São poucos os dados sobre os sambaquis da região sul da Ilha de Santa Catarina apresentados no (QUADRO 36).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
66			

QUADRO 36 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 66 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito provavelmente esculpido em diorito verde, de estilo cruciforme "B". A representação da cabeça é triangular, apresentando a ponta e a parte anterior arredondadas. É provável que o artefato represente uma ave, mas não há incisões para a representação dos olhos ou bico. As dimensões da peça são de 26,2 cm x 11,3 cm x 4,7 cm; a concavidade é ventral e oval com as bordas em relevo, medindo aproximadamente 8,5 cm x 5,5 cm x 2,1 cm, situando-se entre pequenas possíveis asas; o peso é 1.420 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 30); Prous (1977b, p. 42).

4.5.5 Sítio Ponte Hercílio Luz

Existem poucas informações relacionadas ao sítio Ponte Hercílio Luz (QUADRO 37).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 37 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito, estilo cruciforme B. A escultura zoomórfica apresenta a provável representação de um lagarto.

Obs: Está escrito na peça que o artefato foi encontrado sob a ponte Hercílio Luz, em 1980.

4.5.6 Sambaqui Ilha do Desterro

São poucas as informações sobre o sambaqui Ilha do Desterro, sendo os dados gerais sobre os zoólitos apresentados no (QUADRO 38).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Pântano do Sul, Florianópolis, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		

13.416		
13.418		
13.419		

QUADRO 38 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011); Arquivos MN-UFRJ.

- Nº da peça: 13.416 coleção Ramousch (acervo: Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro (MNU-FRJ), RJ.

Descrição: Zoólito de estilo nucleiforme “B”.

Obs: A fotografia é do arquivo de documentos do MNU-FRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

- Nº da peça: 13.418 coleção Ramousch (acervo: Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro (MNU-FRJ), RJ.

Descrição: Zoólito esculpido em diorito. Apresentando um estilo paquiforme, com provável representação de um cágado (uma espécie de quelônio de água doce), pois aparentemente o seu casco é mais achatado que os quelônios de água salgada. As dimensões da peça são de 15,2 cm x 9,5 cm x 7,0 cm; a concavidade é ventral e possui a forma oval, medindo 8,5cm x 6,7cm x 3,2cm.

Referências: Prous (1977b, p. 18); Castro Faria ([1959] 1999, p. 13)

- N° da peça: 13.419 coleção Emilie Thomson (acervo: Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ), RJ.

Descrição: Antropólito esculpido em diorito. As dimensões da peça são de 21,6 cm x 6,5 cm x 5,4 cm; concavidade Retangular e possui as bordas salientes medindo cerca de: 6,0 cm x 4,4 cm x 1,8 cm

Referências: Prous (1972, p. 88, V-3); Prous (1977b, p. 18, 19).

4.5.7 Sítio SC-FR-10 – Sambaqui do Pântano do Sul (dunas)

De acordo com o Pe. Rohr (1977, p. 89) o sítio arqueológico do Pântano do Sul SC-FR-10 (QUADRO 39), embora contenha aspectos de um sítio misto (parte sambaqui e parte não sambaqui), foi considerado associado à cultura sambaquiiana.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Florianópolis, SC.	Não identificada	Aproximadamente 4.500 anos AP (Pe. ROHR, 1977, p. 89).	Dos cinco zoólitos referenciados por Pe. Rohr (1977), três foram adquiridos por compra pelo Museu do Homem do Sambaqui. Outros dois foram encontrados próximos a um sepultamento e receberam a datação do contexto funerário. (Pe. ROHR, 1977, p. 27).
N° PEÇA	FOTOS		
1 PS			

PS 2			
4 PS			
5 PS			
1956			
61			

QUADRO 39 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 1 PS (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito porfirítico com as dimensões aproximadas de 19,5 cm x 11,9 cm x 7,2 cm; apresentando a concavidade ventral oval proporcionalmente grande, medindo 9,5 cm x 7,5 cm x 2,0 cm; o peso de 1.600 g.

Obs: O artefato foi encontrado em 1975 em contexto de sepultamento datado em aproximadamente 4.500 anos AP. A matéria prima para a confecção do respectivo artefato foi trazida de fora, pois o diorito porfirítico não é encontrado Ilha de Santa Catarina.

Referências: Rohr (1977, p. 47, 48, 49).

- Nº da peça: PS 2 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito de estilo cruciforme B, representando provavelmente um ganso róseo, identificado por Rohr (1977: 49) como da família *Plantalea ajaja*. A matéria prima utilizada foi o ortoclásio-biotita-gnaiss; as dimensões da peça são de 23,5 cm x 17,9 cm x 6,3 cm; a concavidade ventral é relativamente grande e circular, medindo aproximadamente 11,5 cm de diâmetro x 2,5 cm de profundidade; o peso é 2.250 g.

Obs: O tipo de rocha utilizado para esculpir este artefato não é encontrado na região do Pântano do Sul, mas, ao norte da Ilha de Santa Catarina. O artefato foi encontrado em 1975, em contexto de sepultamento com datação aproximada de 4.500 anos AP.

Referências: Rohr (1977, p. 49, 50)

- Nº da peça: 4 PS (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito de estilo cruciforme B, esculpido em diabásio. Para Rohr (1977, p. 51, 52) a representação é de uma ave de rapina, da família *Vulturides*, Corvo Branco ou Urubú-Rei. A dimensão da peça é de 23,4 cm x 11,3 cm x 5,3 cm; a concavidade entre as asas largas e curtas é ventral quadrada e saliente, com os cantos arredondados medindo 9 cm x 7,6 cm x 2,7 cm; a cabeça é arredondada e marcada por uma espécie de crista e um apêndice sobre o bico, que se afina, mas não muito. O peso é de 1.500 g.

Obs: O registro escrito na peça descreve: SC-RF-10, Pântano do Sul, Dunas, 1967, pois, o artefato foi encontrado em 1967, por Manoel Firminiano, nas dunas do sítio arqueológico SC-RF-10 do Sambaqui do Pântano do Sul. Depositada no acervo do referido museu com o número 4 PS.

Referências: Rohr (1977, p. 51, 52); Prous (1977b, p. 42).

- Nº da peça: 5 PS (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito. Fragmento de uma cabeça de pássaro, em diabásio. As medidas da peça são: 5,8 cm de comprimento x 3,9 cm de altura x 3,2 cm de espessura. Supostamente a representação de um Franfo D'água (ROHR, 1977, p. 54), o qual tem como nome científico, *Gallínula galeata*. Neste caso, a expressividade do naturalismo da peça, embora quebrada, remete à família *Rallidae* e à espécie *G. galeata*. O peso é de 102 g.

Obs: Encontrado em 1969 entre as dunas do sítio.

Referências: Rohr (1977, p. 54).

- Nº da peça: 1956 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, formato cruciforme C. Possivelmente seja a representação de ave identificada por Pe. Rohr (1977, p. 50), como andorinha, da família *Hirundinidae*. As dimensões da peça são de 13,5 cm x 11,3 cm x 3,8 cm. As medidas da cavidade ventral são de 6,0 cm x 5,0 cm x 1,0 cm.

Obs: De acordo com Tiburtius e Bigarella (1960, p. 29) este zoólito teria sido encontrado em um sambaqui do norte da Ilha de Santa Catarina. Segundo o Pe. Rohr (1977, p. 50), este artefato foi encontrado no referido sítio do Pântano do Sul, em 1956, entre as areias das dunas, pelo sitiante Alípio Capistrano. O zoólito estava com a cavidade voltada para cima e em conjunto com outros artefatos, como lâminas de machados polidos, seixos com sinais de uso, pontas de projétil de osso e, restos calcinados de ossadas de peixes e mamíferos marinhos.

- Nº da peça: 61 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Artefato zoomorfo, estilo nucleiforme C, esculpido em diorito ou diabásio, apresentando representação naturalista de um cetáceo que, segundo Pe. Rohr (1977, p. 52) trata-se da família dos *Delfinídeos*; entretanto, é muito semelhante com uma baleia. A tipologia é nucleiforme “C”; as dimensões são de aproximadamente

23,7 cm x 15,2 cm x 8,3 cm; a concavidade ventral possui aproximadamente 11,0 cm x 9,4 cm x 3,4 cm, é ligeiramente oval e relativamente grande em comparação com o tamanho total da peça.

Obs: O artefato foi encontrado por Júlio Eduardo Cardoso, em 1943, entre as dunas, no Sítio do Pântano do Sul, com a cavidade ventral voltada para cima.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31); Prous (1977b, p. 44); Pe. Rohr (1977, p. 52, 53).

4.6 REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)

4.6.1 Sambaqui Congonhas I

O Sambaqui de Congonhas I (QUADRO 40) localizava-se nas proximidades do Rio Congonhas, na zona litorânea de Laguna.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Tubarão, SC	Aproximadamente 400m extensão x 50m largura x 8 a 10 m de largura.	Amostras datadas de cerca de um metro da base, indicou o início da ocupação deste sambaqui em 3.270±200 anos AP (Prous; Piazza, 1977, p.101 <i>in</i> IZIDRO, 2001, p. 92). Base: 3.450-3.160 [carvão (Az 10651)] (FISH <i>et al.</i> 2000 <i>in</i> GIANNINI <i>et al.</i> , 2010, p. 114).	O Sambaqui Congonhas I foi pesquisado pela arqueóloga Anamaria Beck e tema para sua tese de doutorado em 1972. “Em 2005, o material lítico oriundo desta pesquisa foi analisado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia da UNISUL (GRUPEP-Arqueologia) em parceria com o Museu Universitário da UFSC.” http://www.tubarao.sc.gov.br/secretarias/desenvolvimento-economico/sambaquis
Nº PEÇA	FOTOS		

Não identificado		
Não identificado		
MU-2A		

QUADRO 40 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011); Vladimir Kozák (Arquivo do Museu Paranaense).

- N° da peça: não identificado.

Descrição: Zoólito com a representação de peixe, estilo platiforme “A”. Dimensões: 24,5 cm x 18,0 cm x 2,0 cm. Concavidade lateral esquerda quadrada com os cantos arredondados, medindo 10,0 cm x 10,0 cm. Esculpido em diabásio marrom, com polimento no geral e incisões detalhando boca e as nadadeiras.

Obs: Imagem de Vladimir Kozák, do arquivo do Museu Paranaense.

Referências: Prous (1977b, p. 48).

- N° da peça: não identificado.

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, de estilo cruciforme “C”. As dimensões são de 38,0 cm x 17,5 cm x 7,7 cm. Concavidade ventral retangular, medindo 9,1 cm x 7,1 cm x 3,2 cm.

Obs: Imagem de Vladimir Kozák, do arquivo do Museu Paranaense. A peça foi encontrada enterrada a 200m do Sambaqui Congonhas I.

Referências: Prous (1977b, p. 48).

- N° da peça: MU-2A (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Descrição: O artefato com formato basicamente geométrico foi esculpido em diabásio. Polido em ambos os lados, apresenta uma depressão relativamente circular e rasa ao centro.

Referências: Valença (1984, p. 90).

4.6.2 Sítio Costa da Lagoa

São poucas as informações sobre o possível Sambaqui Costa da Lagoa (QUADRO 41).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Jaguaruna, SC	Não identificada	Não identificada	
N° PEÇA	FOTOS		
15			

QUADRO 41 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- N° da peça: 15 (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Definição: Zoólito de estilo paquiforme, provavelmente esculpido em diabásio. As dimensões são de aproximadamente 25,0 cm x 17,2 cm x 6,9 cm. A peça apresenta cavidade em ambas às laterais, compondo uma simetria harmônica com a representação da face que se assemelha a de um macaco.

Obs: De acordo com as inscrições na peça, é provável que o zoomorfo tenha sido encontrado em 1982 por José Albino Jacinto, na Costa da Lagoa, Jaguaruna, SC.

Referências: Valença (1984, p. 88).

4.6.3 Sítio de Itapirubá (esconderijo)

São poucas as informações sobre o sítio de Itapiruba (QUADRO 42).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Imbituba, SC	Não identificada	Não identificada	Segundo Prous (1977b, p. 53), dois artefatos zoomorfos foram encontrados enterrados no Cerro de Itapiruba, entre Imbituba e Laguna, SC.
Nº PEÇA	FOTOS		

QUADRO 42 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.6.4 Sambaqui próximo a Tubarão

Não há muitas informações sobre o Sambaqui próximo a Tubarão (QUADRO 43).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Tubarão, SC	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
194			

QUADRO 43 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2012).

- N° da peça: 194 (acervo: MASJ, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, de estilo cruciforme "B". As dimensões da peça são de 20,0 cm x 20,4 cm x 3,1 cm; a concavidade é ventral e redonda medindo 8,2 cm x 8,2 cm x 1,7 cm.

Referências: Prous (1977b, p. 32).

4.6.5 Sambaqui de Garopaba (acampamento)

São poucas as informações sobre o Sambaqui de Garopaba (QUADRO 44).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Jaguaruna, SC.	Não identificada	Garopaba do Sul I: topo do sambaqui: 3.080-2.750 9 [carvão (Az 9888)]. (FISH <i>et al.</i> , 2000 <i>in</i> GIANNINI <i>et al.</i> , 2010, p. 114).	Segundo Prous (1977b, p.59), um artefato zoomórfico foi encontrado no topo de Sambaqui de Garopaba. Esculpido em diabásio, as dimensões do zoólito são de 11,5cm x 7,2cm x 4,5cm.
N° PEÇA	FOTOS		

QUADRO 44 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.6.6 Imbituba (esconderijo)

São poucas as informações sobre o sítio esconderijo de Imbituba (QUADRO 45).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Imbituba, SC.	Não identificada	Não identificada	De acordo com Prous (1977b) os respectivos zoólitos foram encontrados enterrados próximos do Morro Mirim, entre Imbituba e Lagoa Mirim, SC.

Nº PEÇA	FOTOS
10.760	
649 LI	
s/nº	

QUADRO 45 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTOS: A autora (2011); arquivos MN-UFRJ.

- Nº da peça: 10.760 coleção F. J. de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo platiforme "B". O peixe possivelmente representado foi identificado, de acordo com Prous (1977b, p. 17), como da família *Anastomidae*, gênero *Schizodon*. As dimensões da peça são de 25,2 cm x 13,2 cm x 6,0 cm; concavidade lateral direita e circular medindo 5,5 cm x 5,0 cm x 1,1 cm.

Obs: A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1972, p. 84); Prous (1977b, p. 17).
- Nº da peça: 649 LI (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em rocha porfirítica. As dimensões da peça são de 16,2 cm x 12,0 cm x 10,0 cm. A concavidade ventral é circular com as bordas salientes, medindo aproximadamente 8,0 cm de diâmetro x 4,4 cm de profundidade. Peso 1.280 g.

Referências: Tiburtius e Bigarella (1960, p. 30); Prous (1974b, p. 43).

- N° da peça: s/n° (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo paquiforme, apresentando provável representação de quadrúpede. As dimensões da peça são de aproximadamente 13,8 cm x 6,5 cm x 6,2 cm, não apresentando concavidade.

Obs: Está escrito na peça: "Imbituba 1961, Sr José Cardoso Jeremias".

Referências: Prous (1977b, p. 44).

4.6.7 Ilha de Santa Ana (esconderijo)

De acordo com Prous (1972, p. 81, 82), aproximadamente duzentos metros de mar separam a Ilha de Santa Ana (QUADRO 46) do continente, porém, os sambaquis mais próximos se encontram a quilômetros de distância. Segundo o mesmo autor, (1977b, p. 63), aproximadamente quinze zoólitos foram encontrados nesta ilha.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Imbituba, SC	Não identificada	Não identificada	Segundo as informações dadas pelo Sr. Attilio Pittigliani (<i>in</i> PROUS, 1972, p. 82), os artefatos zoomórfos foram encontrados em virtude da erosão. Dispostos, em geral, em dois ou três, formavam uma estrutura em formato de cruz com acentuada presença de caramujos e conchas. De acordo com o relato, não foi encontrada concentração de conchas fora da representação figurativa de cruz.
N° PEÇA	FOTOS		

28.569			
28.570			
28.571			
28.572			
28.573			
28.576			

28.577	
28.578	
28.579	
35.526	

QUADRO 46 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTOS: A autora (2011); arquivos do MN-UFRJ.

- Nº da peça: 28.569 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo empoleirado. As dimensões da peça são de aproximadamente 9,7 cm x 9,7 cm x 9,2 cm. Concavidade ventral circular, medindo aproximadamente 7,0 cm de diâmetro e 2,7 cm de profundidade. A representação iconográfica provável é de peixe da família *Uranoscopidae*, gênero *Astrocopus*.

Obs: O zoólito foi adquirido pelo MN-UFRJ do colecionador Attílio Pittigliane, em 1938.

Referências: Castro Faria (1999, p. 224); Prous (1977b, p. 21).

- Nº da peça: 28.570 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo cruciforme "B", possível representação de ave. As dimensões da peça são de aproximadamente 19,4 cm x 11 cm x 8,5 cm. Concavidade ventral oval de 9 cm x 5 cm x 2, 2 cm.
Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938.
Referências: Prous (1977, p. 21); MN-UFRJ.
- Nº da peça: 28.571 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo cruciforme "B", provável representação de ave. As dimensões da peça são de aproximadamente 17,3 cm x 12,7 cm x 5,9 cm. Concavidade ventral circular medindo 8,3 cm de diâmetro.
Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938.
Referências: Prous (1977, p. 21);MN-UFRJ.
- Nº da peça: 28.572 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, estilo cruciforme "B", possível representação de ave. As dimensões da peça são de aproximadamente 18,8 cm x 8,0 cm x 5,7 cm. A concavidade ventral oval mede 7,8 cm x 6,0 cm x 2,2 cm.
Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938.
Referências: Prous (1977, p. 21); MN-UFRJ.
- Nº da peça: 28.573 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Descrição: Zoólito esculpido em diabásio marrom, estilo paquiforme. As dimensões da peça são de aproximadamente 22,3 cm x 5,7 cm x 7,5 cm. A peça não apresenta concavidade.
Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938.
Referências: Prous (1977, p. 21); MN-UFRJ.
- Nº da peça: 28.576 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, estilo nucleiforme "C". As dimensões da peça são de aproximadamente 19,9 cm x 17,2 cm x 7, 0 cm. Concavidade ventral oval medindo 11,8 cm x 10,2 cm x 4,0 cm.

Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977, p. 22); MN-UFRJ.

- Nº da peça: 28.577 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, estilo nucleiforme “B”. As dimensões da peça são de aproximadamente 18,0 cm x 8,0 cm x 6,0 cm. Concavidade ventral oval medindo 7,8 cm x 6,8 cm x 3,5 cm.

Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938. Prous (1977b: 22) observou um revestimento de ocre na superfície da peça. A fotografia é do arquivo de documentos do MNUFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977, p. 22); MN-UFRJ.

- Nº da peça: 28.578 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo paquiforme. Possível representação de peixe, gênero *Acanthostracion*. As dimensões da peça são de aproximadamente 12,7 cm x 7,3 cm x 5,5 cm. Concavidade ventral oval de 6,2 cm x 4,5 cm x 1 cm.

Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ em 1938.

Referências: Prous (1977, p. 22); MN-UFRJ.

- Nº da peça: 28.579 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito, estilo empoleirado, provável mamífero terrestre. As dimensões da peça são de aproximadamente 12,5 cm x 12,5 cm x 12,0 cm. Concavidade circular de aproximadamente 8,0 cm de diâmetro.

Obs: A peça foi adquirida da coleção de Attílio Pittigliane pelo MNUFRJ em 1938. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977, p. 22); MN-UFRJ.

- Nº da peça: 35.526 coleção Attílio Pittigliane (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito, estilo paquiforme. As dimensões da peça são de aproximadamente 27,0 cm x 55,0 cm x 13,5 cm. Não possui cavidade.

Obs: O zoólito foi adquirido pelo MN-UFRJ do colecionador Attílio Pittigliane, em 1949. De acordo com Prous (1977b, p. 25) foi observado traços de ocre do lado esquerdo da peça. A fotografia é do arquivo de documentos do MNUFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977, p. 25); MN-UFRJ.

4.6.8 Sambaqui Santa Marta

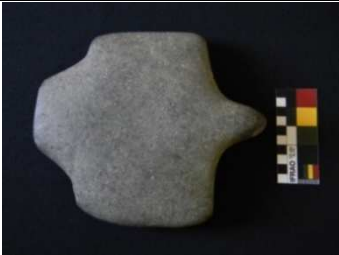
Localizado ao sul de Laguna, não há muitas informações sobre o Sambaqui de Santa Marta (QUADRO 47).

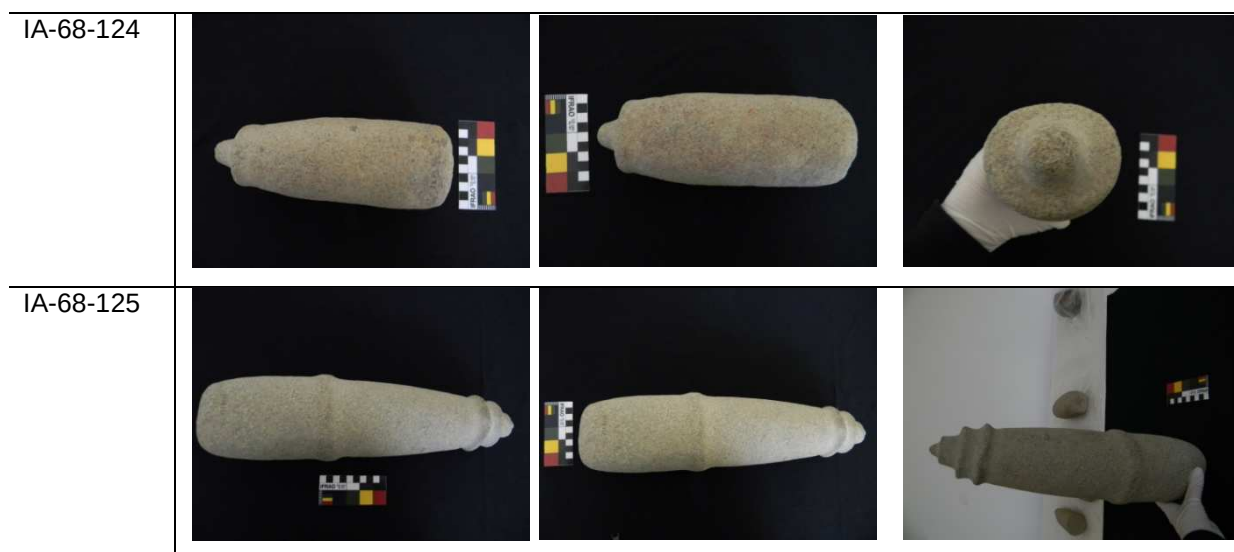
Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Laguna, SC.	Não identificada	Não identificada	De acordo com Prous (1977b, p.41, 59), os dois zoólitos encontrados neste sítio apresentam tipologia cruciforme "A".
Nº PEÇA	FOTOS		

QUADRO 47 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.6.9 Sambaquis próximos da Laguna do Imaruí

São poucas as informações sobre os sambaquis da Laguna de Imaruí (QUADRO 48), a qual faz parte do Complexo Lagunar Santo Antônio dos Anjos, Imaruí e Mirim, na planície costeira, no sul do Estado de Santa Catarina. (MACHADO; AYALA <http://egal2009.easyplanners.info/area07/7244_Machado_Mari_Angela.pdf> Acesso em: 09/12/2012).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Imaruí, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA s/nº	FOTOS		
s/nº			
s/nº			
s/nº			
IA-68-123			
IA-68-121			
IA-68-122			



QUADRO 48 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011)

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio marron de estilo platiforme “A”. Representação iconográfica de peixe; apresenta incisões em relevo na boca e nas barbatanas. As dimensões da peça são de 27,5 cm x 14,5 cm x 3,0 cm; a concavidade é retangular e levemente pronunciada na lateral esquerda da peça.

Obs: Inscrições na peça dizem que ela foi adquirida por compra em 1973 do Museu de Pescaria Braba pelo Pe. A. Rohr SJ.

Referências: Prous (1977b, p. 47, 48); Valença (1984, p. 81).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio de estilo cruciforme “B”. Supostamente a representação de uma ave ou uma arraia. As dimensões da peça são de 22,0 cm x 18,7 cm x 4,8 cm; a concavidade é circular, medindo em torno de 11,5 cm de diâmetro e 0,6 cm de profundidade.

Obs: Inscrições na peça dizem que esta foi adquirida por compra em 1973 do Museu de Pescaria Braba, Imaruí, por Pe. A. Rohr SJ.

Referências: Prous (1977b, p. 48); Valença (1984, p. 86).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Descrição: Peça lítica de formato tubulóide com pequena saliência em uma das extremidades, medindo aproximadamente 18 cm de comprimento x 11,0 cm de diâmetro.

Obs: A peça foi doada por Gerusa Duarte.

- Nº da peça: IA-68-123 coleção Tow Willd (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Obs: Uma de cinco esculturas geométricas encontradas em conjunto no sopé de um Sambaqui de Imaruí.

Referência: Valença (1984, p. 90, 91)

- Nº da peça: IA-68-121 coleção Tow Willd (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Obs: Uma de cinco esculturas geométricas encontradas em conjunto no sopé de um Sambaqui de Imaruí.

Referência: Valença (1984, p. 90, 91)

- Nº da peça: IA-68-122 coleção Tow Willd (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Obs: Uma de cinco esculturas geométricas encontradas em conjunto no sopé de um Sambaqui de Imaruí.

Referência: Valença (1984, p. 90, 91)

- Nº da peça: IA-68-124 coleção Tow Willd (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Obs: Uma de cinco esculturas geométricas encontradas em conjunto no sopé de um Sambaqui de Imaruí.

Referência: Valença (1984, p. 90, 91)

- Nº da peça: IA-68-125 coleção Tow Willd (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Obs: Uma de cinco esculturas geométricas encontradas em conjunto no sopé de um Sambaqui de Imaruí.

Referência: Valença (1984, p. 90, 91)

4.6.10 Sambaqui Capivari III (Sambaqui de Ilhotinha)

O sambaqui identificado como Sambaqui Capivari III (QUADRO 49) também é conhecido como Sambaqui de Ilhotinha (22J 0699418 / 6855928). O sambaqui se encontra no sopé de um morro de formação granítica, situado em torno de 10 km da costa atual e das lagoas, na região do baixo vale do Rio Capivari, no litoral sul de Santa Catarina (ASSUNÇÃO, 2010, p. 41, 42).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Tubarão, SC.	Não determinada	Topo do sambaqui: 5.990-5660 [conchas (Beta 209712)]. Giannini et al. (2010, p. 114).	De acordo com Assunção (2010, p. 41, 42), um zoólito foi encontrado em meio às conchas do sambaqui pelo Sr Joel Campos, proprietário de uma fazenda, onde a construção de uma estrada atravessou ao meio o referido sambaqui.

QUADRO 49 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.6.11 Sambaqui Lageado

O Sambaqui do Lageado (QUADRO 50) está localizado próximo ao Rio Lageado, afluente do Rio Cubículo, a leste da estrada que cruza o início da Serra Geral. O sítio foi cadastrado por volta de 2.007 e tem as seguintes coordenadas geográficas: (22J 0688352 / 6839863). (ASSUNÇÃO, 2010, p. 44, 45).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Tubarão, SC.	Não identificada	Lageado I, base: 6.310-6.000 [concha (Beta 248577). Giannini <i>et al.</i> (2010, p. 115).	De acordo com Assunção(2010, p. 44, 45), um zoólito esculpido em rocha básica e provavelmente representando um pássaro foi encontrado pelo Sr. Renato. O artefato zoomorfo estava junto ao crânio de um esqueleto, o qual estava sepultado ao lado de outros corpos. Os sepultamentos totalizaram cerca de oito corpos e todos continham artefatos líticos como acompanhamento mortuário.

QUADRO 50 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.6.12 Sambaqui de Laguna

São poucas as informações sobre o Sambaqui de Laguna (QUADRO 51). De acordo com o site, consultado em 09/12/2012: <<http://minhalaguna.blogspot.com.br/2010/08/os-sambaquis.html>>existem cerca de vinte e dois sambaquis nessa região, alguns deles medindo por volta de 35m de altura.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Laguna, SC	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 51 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- N° da peça: s/ n° (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, estilo platiforme "A". Provável representação de peixe com a identificação da família *Archosargun* e gênero *probatocephalus*. As dimensões da peça são de 47,2 cm x 25,0 cm x 2,5 cm; a cavidade é lateral esquerda, quadrada arredondada, medindo 13,7 cm x 13,3 cm x 6,0 cm. Apresenta picoteamento e polimento no geral, com incisões delineando sete nadadeiras superiores e cinco inferiores, a boca e a cauda.

Referência: Prous (1977b, p. 17).

4.6.13 Sambaqui Perrixil

São poucas as informações sobre o Sambaqui de Perrixil (QUADRO 52).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Laguna, SC.	Não identificada	Não identificada	
N° PEÇA	FOTOS		
s/n°			

QUADRO 52 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- N° da peça: s/n° (acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito em diabásio marrom. Provável representação de peixe, medindo aproximadamente 22 cm x 17,7 cm x 2,5 cm. O estilo é platiforme "A", apresentando uma rasa cavidade lateral direita, relativamente quadrada de aproximadamente 11,2 cm x 9,5 cm x 0,3 cm. Incisões por picoteamento seguidos de polimento delineiam a boca e as barbatanas.

Referências: Prous (1977b, p. 45); Valença (1984, p. 81).

4.6.14 Sambaqui da Roseta

Não há muitas informações sobre o Sambaqui da Roseta (QUADRO 53)

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Laguna, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		
10.940			

QUADRO 53 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 10.940 (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diabásio, estilo cruciforme “C”. Possível representação de ave. As dimensões da peça são de 25,6 cm x 13,7 cm x 4,5 cm; a concavidade retangular com a borda saliente mede aproximadamente 8,0 cm x 7,0 cm x 2,2 cm.

Referência: Prous (1977b, p.18).

4.6.15 Sambaqui do Siqueira

Não há muitas informações sobre o Sambaqui do Siqueira (Quadro 54).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Imarui, SC.	Não identificada	Não identificada	Os registros escritos no zoólito identificam a procedência do Sambaqui do Siqueira, na localidade de Pescaria Brava, Imaruí, SC.

Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 54 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SITIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: s/nº (acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J. – Colégio Catarinense. Florianópolis, SC).

Descrição: Zoólito medindo aproximadamente 15 cm x 14 cm; apresentando uma espécie de sulco ao redor da lateral e alguns detalhes relativamente pontiagudos em oposição.

A seguir, zoólitos encontrados no Estado de Santa Catarina, porém sem informações mais específicas da procedência (QUADROS 55, 56, 57, 58):

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Proveniente de Santa Catarina.	MN-UFRJ	Zoólito esculpido em diorito. Provável representação de pássaro, medindo 10,2 cm x 12,0 cm x 5,0 cm. A peça não apresenta cavidade. Referências: Prous (1977b:16); Castro Faria([1959] 1999, p.18,19).
Nº PEÇA	FOTOS		
5891			

QUADRO 55 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SITIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Proveniente de Santa Catarina.	MN-UFRJ	Zoólito esculpido em rocha porfirítica. Provável representação de pássaro, medindo 19,7cm x 13,0cm x 8,5cm; a cavidade ventral é circular e mede 9,3cm x 9,3cm x 3,5cm; a tipologia é nucleiforme "C". Referências: Prous (1977b, p. 18); Castro Faria ([1959] 1999, p. 7).
Nº PEÇA	FOTOS		
10.906			

QUADRO 56 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Proveniente de Santa Catarina.	MN-UFRJ	Zoólito adquirido da coleção Winer Legiti. Esculpido em diorito, medindo 42,0 cm x 15,2 cm x 5,2 cm. A concavidade ventral é oval mede 9,2 cm x 6,0 cm x 1,6 cm; a tipologia é cruciforme "B". Referências: Prous (1977b, p. 60).
Nº PEÇA	FOTOS		
10.339			

QUADRO 57 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Proveniente de Santa Catarina.	Museu Paranaense	Escultura geométrica com o formato platiforme. As dimensões são de 19,4 cm x 18,6 cm x 2,67 cm. Em uma de suas faces há uma concavidade não muito profunda, na qual se observou possível vestígio de ocre.
Nº PEÇA	FOTOS		
3.72.01			

QUADRO 58 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

4.7 REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)

(Estado de Santa Catarina)

4.7.1 Sítio Lagoa da Caveira

O sítio Lagoa da Caveira (QUADRO 59) localiza-se nas proximidades da Lagoa do Sombrio.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Araranguá, SC.	Não identificada	Não identificada	
Nº PEÇA	FOTOS		



QUADRO 59 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

- Nº da peça: 30.041 coleção Balbino de Freitas, 1939 (acervo:MN-UFR, RJ).
 Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme “B”. Provável representação de mamífero marinho ou peixe. As dimensões da peça são de aproximadamente 20,3 cm x 7,6 cm x 6,5 cm. Concavidade oval, ventral ou lateral, medindo aproximadamente 8,5 cm x 6,5 cm x 2,4 cm.
 Obs: Há na literatura a informação de vestígios de ocre em toda a superfície da peça. Essas evidências já não são nítidas, porém, ainda pode-se notar um pouco desse resíduo na peça.
 Referências: Prous (1972, p. 89, VI-2); Prous (1977, p. 23, 24).

(Estado do Rio Grande do Sul)

4.7.2 Areia Grande (acampamento)

Referenciado como um sítio acampamento por Prous (1977b, p. 57), não há muitas informações sobre o sítio Areia Grande (QUADRO 60), localizado provavelmente no sudoeste da Lagoa do Sombrio, SC.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São João do Sul, RS.	Não identificada	Não identificada	Um artefato zoomorfo apresentando o formato cruciforme “C” foi referenciado por Prous (1977b, p. 57) tendo sido encontrado nas proximidades de Piratuba.

QUADRO 60 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.7.3 Torres (acampamento)

De acordo com Prous (1977b, p. 64) há a estimativa de que aproximadamente mais de 30 zoólitos tenham sido encontrados na região de Torres (QUADRO 61).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Torres	Não identificada	Não identificada	De acordo com Prous (1977b, p. 64), existe a possibilidade de parte dos zoólitos encontrados nos acampamentos serem provenientes de sambaquis próximos. Entretanto, essa precisão não foi identificada.
Nº PEÇA	FOTOS		
29.912			
30.031			
30.032			

30.036			
30.037			
30.038			
30.039			
30.040			
30.042			

30.043			
30.044			
30.045			
30.046			
30.047			
30.048			

30.049	  
30.050	
30.062	
30.101	

QUADRO 61 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTOS: A autora (2011); Arquivos do MN-UFRJ.

- Nº da peça: 29.912 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Obs: Provavelmente proveniente de um sambaqui de Torres, RS. A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1935, anteriormente pertencente à coleção Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.
- Nº da peça: 30.031 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).
Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, anteriormente pertencente à coleção Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva

técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

- Nº da peça: 30.032 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme “A”. As dimensões são de 10,3 cm x 6,3 cm x 37 cm. Não possui cavidade.

Referências: Prous (1977b, p. 22).

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

- Nº da peça: 30.036 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo platiforme “A”. As dimensões são de 25,2 cm x 16,0 cm x 4,0 cm. Na lateral esquerda há uma leve depressão de 12,5 cm x 10,0 cm x 0,6 cm, apresentando três orifícios circulares com o diâmetro de 1,3 cm, 1,7 cm e 1,3 cm. Provável representação de dois peixes copulando. O peixe foi identificado como acara, família *Geophagus brasiliense*.

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 22); Castro Faria (1999, p. 227).

- Nº da peça: 30.037 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme “A”. As dimensões são de 18,5 cm x 10,4 cm x 6,5 cm. Não apresenta cavidade.

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977b, p. 23).

- Nº da peça: 30.038 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo paltiforme “B”. As dimensões são de 27,0 cm x 17,7 cm x 4,0 cm. Não apresenta cavidade. Provável representação de peixe.

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Albino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 25).

- Nº da peça: 30.039 coleção Albino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo paquiforme “B”. Provável representação de mamífero terrestre. As dimensões são de 15,5 cm x 9,0 cm x 10,0 cm. Não apresenta cavidade.

Obs: Vestígios de ocre na peça. A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Albino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 23); Castro Faria (1999, p. 233).

- Nº da peça: 30.040 coleção Albino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo paquiforme. As dimensões são de 20,2 cm x 10,0 cm x 7,0 cm. A peça é maciça, entretanto há um pequeno orifício circular de aproximadamente 1,0 cm de diâmetro em um dos lados.

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Albino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 23).

- Nº da peça: 30.042 coleção Albino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme “A”. As dimensões são de 12,7 cm x 9,5 cm x 5,4 cm. Não apresenta cavidade.

Obs: A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Albino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977b, p. 24).

- Nº da peça: 30.043 coleção Albino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Sítio: Torres, RS. Acervo: Museu Nacional Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ), Rio de Janeiro.

Descrição: Zoólito esculpido em basalto. As dimensões são de 16,0 cm x 9,8 cm x 4,0 cm. Concavidade relativamente retangular medindo 9,6 cm x 6,0 cm x 2,0 cm.

Obs: Este zoólito foi encontrado no campo de aviação da cidade de Torres, enterrada e com traços de ocre. A fotografia é do arquivo de documentos do MNUFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo. A peça foi incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 24).

- Nº da peça: 30.044 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme "A". As dimensões são de 13,0 cm x 8,0 cm x 6,9 cm. Não apresenta cavidade.

Obs: O zoólito foi encontrado em um sítio acampamento de Torres. Incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977b, p. 24).

- Nº da peça: 30.045 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme "A". As dimensões são de 12,0 cm x 7,3 cm x 6,5 cm. Não apresenta cavidade, mas apresenta um pequeno orifício circular.

Obs: O zoólito foi encontrado em um sítio acampamento de Torres. Incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977b, p. 24).

- Nº da peça: 30.046 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em basalto, estilo nucleiforme “A”. As dimensões são de 11,3 cm x 6,3 cm x 6,0 cm. Não apresenta cavidade, a peça é maciça, com a cabeça e a calda do animal bem definidos nas extremidades; incisões nas laterais do contorno do corpo dão um aspecto geométrico à escultura.

Obs: Incorporada ao acervo do MN-UFRJ desde 1939, advinda da coleção de Balbino de Freitas.

Referências: Prous (1977b, p. 24, 25); Castro Faria (1999, p. 217, 218).

- Nº da peça: 30.047 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido em diorito, estilo triangular. As dimensões são de 11,3 cm x 5,8 cm x 2,2 cm. Não apresenta cavidade, a peça é maciça, com incisões em duas extremidades opostas, provavelmente representando a boca e a calda do animal que se assemelha a um mamífero marinho.

Obs: Encontrada em um sítio acampamento de Torres. A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

Referências: Prous (1977b, p. 25).

- Nº da peça: 30.048 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido no basalto, estilo nucleiforme “A”. As dimensões são de 14,5 cm x 8,2 cm x 5,5 cm. Não apresenta cavidade.

Obs: A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ.

Referências: Prous (1977b, p. 25).

- Nº da peça: 30.049 coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito esculpido no basalto, estilo platiforme. Provável representação de peixe. As dimensões são de aproximadamente 14,5 cm x 7,2 cm x 0,3 cm. Não possui cavidade.

Obs: A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ.

- Nº da peça: 30.050 Coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito com dimensões aproximadas de 5,0 cm de comprimento.

Obs: A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ. Atualmente a peça se encontra na reserva técnica da referida instituição. A fotografia é do arquivo de documentos do MN-UFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

- Nº da peça: 30.062 Coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito apresentando formato geométrico acentuadamente estilizado, com dimensões aproximadas de 35,0 cm de comprimento.

Obs: A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ.

- Nº da peça: 30.101 Coleção Balbino de Freitas (acervo: MN-UFRJ, RJ).

Descrição: Zoólito com dimensões aproximadas de 7,0 cm de comprimento.

Obs: Proveniente de um sambaqui da vila de Torres. A peça foi adquirida em 1939 de Balbino de Freitas pelo MN-UFRJ. A fotografia é do arquivo de documentos do MNUFRJ que gentilmente cedeu a sua utilização para este estudo.

4.7.4 Tramandaí

Tramandaí (QUADRO 62) localiza-se região litorânea do norte do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Prous (1977b, p. 51), um zoólito foi encontrado na superfície de dunas a quilômetros de distância de algum sambaqui.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Tramandaí, RS	Não identificada	Não identificada	O zoólito foi esculpido em basalto, apresentando o formato paquiforme, assemelhando-se a representação de um cetáceo. As medidas são de 37,0cm x 15,0cm x 9,0cm. Encontrando-se depositada no Colégio Sinodal de São Leopoldo, RS. (PROUS, 1977b, p. 51).

QUADRO 62 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.8 REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)

4.8.1 Vale do Rio das Antas

De acordo com Miller (1971, p. 45), um zoólito foi encontrado junto a uma casa subterrânea no Vale do Rio das Antas (QUADRO 63). Segundo o autor citado, as casas subterrâneas indicam a ocupação tanto de sítios-habitação, como de sítios acampamentos, evidenciando-se em locais descampados e elevados do planalto, entre capões e próximos de matas de campo elevado.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São Francisco de Paula, RS	Não identificada	Não identificada	A ordenação espacial das casas subterrâneas pode variar de uma casa isolada a um conjunto de até 22 casas, sendo mais comum a ocorrência de 3 e 5 casas em conjunto.
Nº PEÇA	FOTOS		
			

QUADRO 63 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Miller (1971: estampa 13e), modificada pela autora (2012).

4.8.2 Sítio Arca Grande (esconderijo)

Não há muitas informações sobre o sítio Arca Grande (QUADRO 64).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Garibaldi, RS.	Não identificada	Não identificada	Um zoólito foi encontrado enterrado nas proximidades de Garibaldi e Caxias do Sul. (PROUS, 1977b, p. 64). O tipo do sítio foi considerado acampamento.

QUADRO 64 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.8.3 Sítio São Martinho (esconderijo)

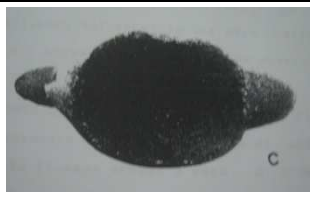
Há a descrição de Prous (1977b, p. 51, 52) sobre a ocorrência de dois zoólitos encontrados nas proximidades da Linha Seival, em São Martinho (QUADRO 65). Os artefatos foram encontrados enterrados relativamente próximos um ao outro; uma das peças apresentou vestígios de ocre por toda a superfície.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São Martinho, RS	Não identificada	Não identificada	Região noroeste do Estado do RS, com altitude aproximada de 448 m do nível do mar.

QUADRO 65 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.8.4 Sítio Gramado dos Francos (esconderijo)

Gramado dos Francos (QUADRO 66) fica a aproximadamente 12 km ao norte de Gramado Xavier. De acordo com Ribeiro (1977, p. 5-37) a localização do sítio é 29°12'47" de latitude sul e 52°37'11" de longitude oeste de Greenwich.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Barros Cassal, RS	Não identificada	Não identificada	Em Gramado dos Francos um zoólito foi encontrado em abril de 1975, em uma propriedade rural, quando Paulo Juarez da Silva lavrava a terra. (RIBEIRO, 1977, p. 6).
Nº PEÇA	FOTOS		
			

QUADRO 66 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Ribeiro (1991).

- Nº da peça: Não identificada.

Descrição: Zoólito, estilo nucleiforme B, com a provável representação de pássaro ou quelônio. As dimensões da peça são de 24,4 cm x 12,7 cm x 7,1 cm; a depressão ventral é elipsoidal, medindo 12,7 cm x 10 cm x 4,0 cm.

Obs: A peça foi pintada com tinta a óleo pelos agricultores que a encontram, restando ainda um pouco da tinta.

Referências: Ribeiro (1977, p. 5-37; 1991, p. 238).

4.8.5 Cerro Grande (esconderijo)

Um zoólito, identificado como uma “pombinha” teria sido encontrada dentro de duas rochas em formato de concha, próximo de uma encosta íngreme, onde há um afloramento rochoso de basalto e pedras soltas, distante cerca de 30 m da residência do Sr Antônio Francisco da Silva, em Cerro Grande (QUADRO 67). Entretanto, o zoólito não foi visto e nenhuma evidência de um sítio arqueológico foi constatada na propriedade e nos arredores. “Em contato com moradores da região, interamo-nos de uma crendice de que esta pedra (zoólito) possui “encanto”, ou seja, se a pessoa se desfizer dela, jamais enriquecerá ou encontrará o tesouro cujo ela contém e um dia revelará!” (RIBEIRO *et al.*, 1977, p. 7).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Cerro Grande, RS	Não identificada	Não identificada	A localização de Cerro Grande é 27°36'22" de latitude sul 53°10'00" de longitude oeste. A altitude é de aproximadamente 405 m.

QUADRO 67 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.8.6 Sítio Venâncio Aires

São poucas as informações sobre o sítio Venâncio Aires (QUADRO 68).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Cerro dos Bois, Venâncio Aires, RS	Não identificada	Não identificada	Prous (1977b, p. 64) indica a ocorrência de três artefatos zoomórficos nesta região.

QUADRO 68 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.8.7 Vale do Vêneto (esconderijo)

Não há muitas informações sobre o sítio do Vale do Vêneto (QUADRO 69). De acordo com Prous (1977b, p. 52) há o registro de um zoólito encontrado nesta localidade.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Faxinal do Soturno, RS	Não identificada	Não identificada	O zoólito de tipologia nucleiforme "C" foi esculpido em basalto, medindo 34,7cm x 13,0cm. (PROUS, 1977b, p. 52).

QUADRO 69 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS

4.9 REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)

4.9.1 São Jerônimo

De acordo com Prous (1977b, p. 64) um zoólito foi encontrado nesta região, no entanto, são poucas as informações sobre o sítio São Jerônimo (QUADRO 70).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
São Jerônimo, RS	Não identificada	Não identificada	O zoólito foi descrito por Prous (1977b, p. 29) como de formato cruciforme C, atípico esculpido em diorito verde; medindo 22,4cm x 21,3cm x 5,0cm; a cavidade ventral circular apresentando as bordas salientes, medindo 6,9cm x 6,7cm x 2,1cm.

QUADRO 70 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.9.2 Palmares

Não há muitas informações sobre o sítio de Palmares (QUADRO 71). A sua localização fica na região litorânea da Lagoa dos Patos, RS. Nessas imediações foi encontrado um zoólito apresentando vestígios de ocre. (PROUS, 1977b, p. 57).

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Conceição do Arroio, RS	Não identificada	Não identificada	O zoólito encontrado foi identificado como de formato nucleiforme “B”, esculpido em diorito. Medindo 16,2cm x 9,1cm x 3,3cm; a cavidade ventral oval de 8,9cm x 7,0 x 3,3cm.

QUADRO 71 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E AS PEÇAS INVENTARIADAS.

4.9.3 Sítio Capão do Leão (areal)

O sítio de Capão do Leão (QUADRO 72) localiza-se em região de Cerritos e nas proximidades com o Uruguai.

Município	Dimensões Sítio	Datação	Considerações
Capão do Leão, RS.	Não identificada	Não identificada	Dois artefatos zoomorfos, um pássaro e um tubarão foram encontrados durante uma extração comercial de areia. Gonzalez e Milheira (2005, p. 85-97).
Nº PEÇA	FOTOS		
008			

QUADRO 72 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Grinberg (2012), modificado pela autora (2012).

- Nº da peça: 008 coleção Carla R. Duarte da Costa (LEPAARQ – UFPel, RS).
Descrição: Zoólito esculpido em serpentinó. Provável representação de tubarão, com a identificação da espécie *Carchorodon carcharias*, tubarão branco. As dimensões da peça são de 57,2 cm x 22,3 cm x 13,5 cm. A cavidade ventral mede 17,5 cm x 12,6 cm x 5,2 cm. O peso é de 11.950 g.

Obs: Foram encontrados pigmentos de coloração vermelha na superfície e na cavidade ventral do zoólito. O difícil acesso à matéria prima, distante em torno de 150 km para o interior, entre outras evidências, como a presença de boleadeiras associadas no conjunto dos artefatos encontrados, sugeriu a possibilidade de relações intersociais entre grupos do litoral e grupos do interior.

Referências: Gonzalez e Milheira (2005, p. 85-97).

A seguir, o registro de artefatos sem identificação da procedência (QUADROS 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80):

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Paranaense, PR	Artefato polido, de formato geométrico, pontiagudo em ambas as extremidades, conformando dois triângulos simetricamente opostos. As dimensões da peça são de 12,8 cm x 6,8 cm x 3,2 cm.
Nº PEÇA	FOTOS		
2558			

QUADRO 73 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, SC	Zoólito com provável representação de ave, medindo aproximadamente 20cm; a concavidade é ventral e circular com aproximadamente 5cm de profundidade. Manchas de cor ocre foram observadas no interior da concavidade ventral.
Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 74 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, SC	Escultura zoomorfa com provável representação de pinguim. Apresenta a cabeça pequena, o pescoço longo e as asas curtas. Medindo aproximadamente 28 cm x 12 cm. Entre as possíveis asas há uma pequena concavidade ventral de 2 cm de diâmetro por 0,5 cm de profundidade. A extremidade posterior da representação assemelha-se com uma lâmina de machado polido.
Nº PEÇA s/nº	FOTOS		
			

QUADRO 75 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011)

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, SC	Peça advinda da coleção Tom Wildi. Zoólito com provável representação de ave. As dimensões são de aproximadamente 30,5 cm x 15 cm x 6,5 cm. A concavidade é ventral e redonda de 10 cm de diâmetro e 5 cm de profundidade. A parte posterior da peça assemelha-se a uma lâmina de machado polido, o qual apresenta a evidência de fragmentação em sua extremidade.
Nº PEÇA	FOTOS		



QUADRO 76 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, SC	Antropólito ou zoólito? Peça com formato ovóide e base cilíndrica. As sobrancelhas são salientes e arredondadas, acentuando a impressão dos olhos. Curiosamente, a peça se assemelha com uma coruja em possível ovo. Porém, o traçado horizontal abaixo de um possível nariz ou bico, lembra uma boca. A dúvida em trata-se de uma figura humana em conjunto com um animal faz pensar sobre a possibilidade de tratar-se de um ser mítico.
Nº PEÇA	FOTOS		
s/nº			

QUADRO 77 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, SC	Zoólito advindo da coleção Tom Wildi. O artefato zoomórfico cruciforme encontra-se quebrado na região da cabeça, mas possui uma depressão ventral circular entre possíveis asas.
Nº PEÇA	FOTOS		
TW L2			

QUADRO 78 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: A autora (2011).

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	MN-UFRJ, RJ	Zoólito esculpido em arenito, estilo empoleirado. As dimensões são de 22,0 cm x 13,0 cm x 11,2 cm; a cavidade oval mede 11,5 cm x 9,0 cm x 4,9 cm. Provável representação de cetáceo, família <i>Balaenopteridae</i> , gênero <i>Balaenoptera</i> . Foram encontrados vestígios de ocre nas incisões do lado esquerdo da peça. Referências: Castro Faria ([1959]1999, p. 230); Prous (1977b, p. 15).
Nº PEÇA	FOTOS		
63.465			

QUADRO 79 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Arquivo do MN-UFRJ.

Sítio	Localização	Acervo	Considerações
Não identificado	Indeterminada	MN-UFRJ, RJ	Zoólito esculpido em diabádio, estilo cruciforme "C". As dimensões são de 32,5 cm x 20,5 cm x 6,0 cm; a concavidade ventral oval mede 11,0 cm x 8,0 cm x 3,4 cm. Foi observado vestígios de ocre na asa direita da peça. Referência: Prous (1974b, p.16).
Nº PEÇA	FOTOS		
63.464			

QUADRO 80 – INFORMAÇÕES GERAIS DISPONÍVEIS PARA O SÍTIO E FOTOS DAS PEÇAS INVENTARIADAS. FOTO: Arquivo do MN-UFRJ.

5 PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS SOBRE AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS DOS ZOÓLITOS

A proposta para discussão neste capítulo trata sobre algumas das possibilidades interpretativas derivadas do contexto das pesquisas sobre os zoólitos e zoósteos tendo por enfoque pressupostos derivados da arqueologia contextual e das análises sobre as dimensões simbólicas dessa categoria de artefato.

As informações sobre os contextos específicos em que zoólitos foram encontrados são muito restritas. No entanto, o fato de algumas dessas peças estarem associadas a contextos claramente rituais, a exemplo dos sepultamentos, enquanto itens de acompanhamentos mortuários, motiva o vislumbre sobre o potencial das temáticas envolvendo cosmologias, representações e práticas simbólicas.

Outras relações associativas envolvendo os respectivos artefatos, suas variabilidades formais e espaciais também parecem indicar novos aportes capazes de ampliar o horizonte de pesquisa. Neste sentido, a presença dessas esculturas nos chamados acampamentos, em “esconderijos”, ou ainda, em espaços afastados do ambiente do litoral traz a possibilidade de pensar diferentes contextos exploratórios, tais como dos depósitos votivos e dos aspectos inter-sociais.

Como visto no decorrer desta dissertação, os estudos com enfoque relativo aos zoólitos ainda são relativamente poucos, embora explorem muitos aspectos investigativos, tais como questões de ordem estilística, tecnológica ou mesmo simbólica e identitária. Destacam-se os trabalhos de Prous (1972; 1974; 1977; 1992; 2009) e demais pesquisadores, como Netto (1885), Castro Faria (1999), Tiburtius e Bigarella (1960), Tiburtius (1996), Miller (1971), Pe. Rohr (1977), Kern (1991a; 1991b), Ribeiro (1977; 1991), Lima (1999-2000), Chmyz *et al.* (2003), Gonzales e Milheira (2005), Gaspar *et al.* (2008) com contribuições importantes. Verifica-se, no entanto, potencial para aprofundar os debates e análises relativas a este tipo de artefato, notadamente considerando-se as possibilidades interpretativas derivadas dos contextos formal, espacial, quantitativo e relacional (SCHIFFER, 1976), tendo por enfoque pressupostos derivados da arqueologia contextual ou simbólica (HODDER, 1988; 2005). Neste sentido, propõe-se que todos os elementos

envolvidos na análise da variabilidade artefactual estão carregados de significados, que incluem as cadeias de comportamentos relacionados à produção, circulação, uso e descarte desses itens (SCHIFFER, 1976, p. 30).

Deste modo, as práticas culturais associadas aos zoólitos estão profundamente imersas em uma matriz social e ideacional, embora também ocorram processos de longa duração, que somente serão percebidos ou interpretados a partir do registro arqueológico. A dificuldade em tratar as diferentes escalas e resoluções informativas do registro arqueológico, traz consequências sobre a percepção do caráter simbólico dos objetos em seus diferentes contextos, sendo necessária uma compreensão cada vez mais apurada e particularizada dessas relações (HODDER, 1988; 2005). Entretanto, devido à escassez de contextos dessa ordem no estudo de zoólitos, propõe-se avaliar perspectivas que envolvam uma noção ampla sobre as “dimensões simbólicas” dessa categoria de artefato.

Das discussões e evidências elencadas nesta dissertação torna-se possível enumerar os seguintes contextos para uma análise interpretativa a partir dessa categoria de artefatos:

- A) Questões cronológicas – inferências sobre as origens e período de maior expressão na utilização de zoólitos, bem como relações com a expansão do modo de vida “sambaquieiro” e processos de emergência de complexidades locais;
- B) Zoólitos enquanto bens de troca – evidências indiretas de áreas de produção/manufatura específicas.
- C) Zoólitos em Cerritos e áreas planálticas – contatos inter-sociais;
- D) Zoólitos enquanto bens de prestígio – contextos de sepultamentos com profusão de zoólitos em detrimento de outros;
- E) Zoólitos como acompanhamento funerário – aproximação com questões de cosmologias, ritos, entre outros;
- F) Deposição de zoólitos em “esconderijos” – temática associada a oferendas votivas e suas consequências sobre territorialidades e paisagens simbólicas.

5.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRONOLOGIA DOS ZOÓLITOS

As datações de sambaquis ainda são reduzidas em relação à expressiva quantidade desses sítios arqueológicos e, igualmente, existem poucos contextos datados onde ocorrem zoólitos. Esta dificuldade não deve impedir, no entanto, que possam ser feitas considerações a título de exercício interpretativo.

Para abordar a questão da cronologia desses artefatos no atual estágio de informações, deve-se ter em conta as seguintes perspectivas hipotéticas: 1) do vínculo direto, entre a presença de grupos humanos construtores de sambaquis e práticas de produção/uso de zoólitos e zoósteos; 2) de que as informações sobre a ocorrência de zoólitos e cronologias disponíveis para esses artefatos sejam representativas em um panorama amplo de análise; 3) que as datações obtidas em sambaquis onde foram localizados zoólitos, indiquem datas não muito discrepantes do contexto específico de proveniência (camadas, posição e estruturas associadas, por exemplo).

Assim, com o interesse de se pensar a questão espaço temporal da dispersão dos zoólitos foram relacionados os dados apresentados na tabela abaixo (TABELA 1), onde estão destacados os sambaquis e que apresentam informações sobre a ocorrência de zoólitos. Adicionalmente, foi utilizado o critério de subdivisão espacial-geográfica proposta no Capítulo 4.

TABELA 1 – ANÁLISE PARA A CRONOLOGIA DOS ZOÓLITOS

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	UNIDADE DA PAISAGEM	ESTADO	MUNICÍPIO	DATAÇÃO [anos AP]	conclusão		REFERÊNCIAS	OBSERVAÇÕES
					ZOÓLITOS	ZOÓSTEOS		
Sambaqui Morro do Ouro (nº41)	Região da Baía de Guaratuba – Baía da Babitonga	SC	Joinville	4.030	3		(MASJ, 2010, p. 87)	Três zoólitos foram encontrados em contexto de sepultamento. (TIBURTIUS E BIGARELLA,1960; TIBURTIUS, 1996)
Pântano do Sul (SC-RF-10)	Região de ilhas (ocorrência de zoólitos e gravuras rupestres): Florianópolis	SC	Florianópolis	4.460 anos AP [método Radiocarbônico (C14)]	6		(Pe. ROHR, 1977)	Dois zoólitos foram encontrados próximos a um sepultamento e receberam a referida datação. (Pe. ROHR, 1977, p. 27). Embora se trate de um sítio misto, consistindo de parte sambaqui e parte não sambaqui, este foi considerado associado à cultura sambaquiana. (Pe ROHR, 1977, p. 89)
Sambaqui Congonhas I	Região de dunas e lagunas: Jaguaruna	SC	Tubarão	Base: 3.450-3.160 [carvão (Az 10651)] (FISH et al. 2000 in GIANNINI et al., 2010: 114).	2		(FISH et al. 2000 in GIANNINI et al., 2010, p. 114)	Os zoólitos aqui citados, foram fotografados por Vladimir Kozak; as fotos pertencem ao acervo do Museu Paranaense, PR. Os artefatos foram identificados como: nº163 e nº164 do catálogo de Prous (1977b, p. 48).
Sambaqui de Garopaba	Região de dunas e lagunas: Jaguaruna	SC	Jaguaruna	Garopaba do Sul I: topo do sambaqui: 3.080-2.750 9 [carvão (Az 9888)]	1		(FISH et al., 2000 in GIANNINI et al., 2010, p. 114).	
Capivari III (Sambaqui de Ilhotinha)	Região de dunas e lagunas: Jaguaruna	SC	Tubarão	Topo do sambaqui: 5.990-5660 [conchas (Beta 209712)]	1		(GIANNINI et al., 2010, p. 114).	
Sambaqui do Lageado	Região de dunas e lagunas: Jaguaruna	SC	Tubarão	Lageado I, base: 6.310-6.000 [concha (Beta 248577)]	1		(GIANNINI et al., 2010, p. 115)	De acordo com Assunção (2010), um zoólito esculpido em rocha básica e representando um pássaro foi encontrado pelo Sr. Renato, junto ao crânio de um esqueleto sepultado ao lado de cerca de oito corpos.

As informações cronológicas apresentadas na (TABELA 1) e mediadas pela única datação em contexto, de aproximadamente 4.500 anos AP (Sítio Pântano do Sul – SC-RF-10), parece indicar uma predominância de datas entre 4.000 e 4.500 anos AP (ainda mais se as datas feitas a partir de conchas, ou pelo método de termoluminescência forem desconsideradas).

Torna-se importante, neste ponto, retomar o gráfico das séries de datações realizadas em sambaquis brasileiros apresentado por Gaspar (1998, visto anteriormente na (FIGURA 3), no item 1 (Introdução), em conjunto com a delineação das curvas de variação do nível médio dos mares, para o Litoral Sul (FIGURA 21), com base nos estudos de Suguio *et al* (1985) e Angulo e Lessa (1997). Considerando esses dados, a maior incidência de sítios datados acham-se entre 5.400 a 3.000 anos AP, logo após o pico de maior elevação do nível dos mares. Isto parece indicar uma aparente expansão do processo de construção dos sambaquis com um ápice desse registro situado em torno de 4.500 e 4.000 anos AP.

Para a curva de Martin e Suguio (1988) (FIGURA 2), considerada atualmente, menos precisa que a curva de Angulo e Lessa (1997), esse ápice coincidiria com um pequeno período de regressão marinha (e, subsequente transgressão), situado mais especificamente entre 4.100 e 3.800 anos AP (também é indicado uma oscilação de menor amplitude, entre 3.000 e 2.700 anos AP. Muitos sambaquis datados desse período apresentam bases dispostas abaixo do nível atual das águas, sugerindo em momentos posteriores a sua construção inicial; esses sambaquis teriam sido atingidos pela transgressão subsequente. Embora a curva de Angulo e Lessa apontem para a inexistência desse período regressivo (e de outras oscilações nos últimos 5.000 anos), ainda está em aberto a possibilidade dessa “pequena” variação ter realmente ocorrido, em coincidência com o maior pico de expansão sambaquiana. De qualquer forma, a partir de 5.100 anos AP ocorreu uma progressiva diminuição do nível médio dos mares, até alcançar a posição onde se encontra atualmente.

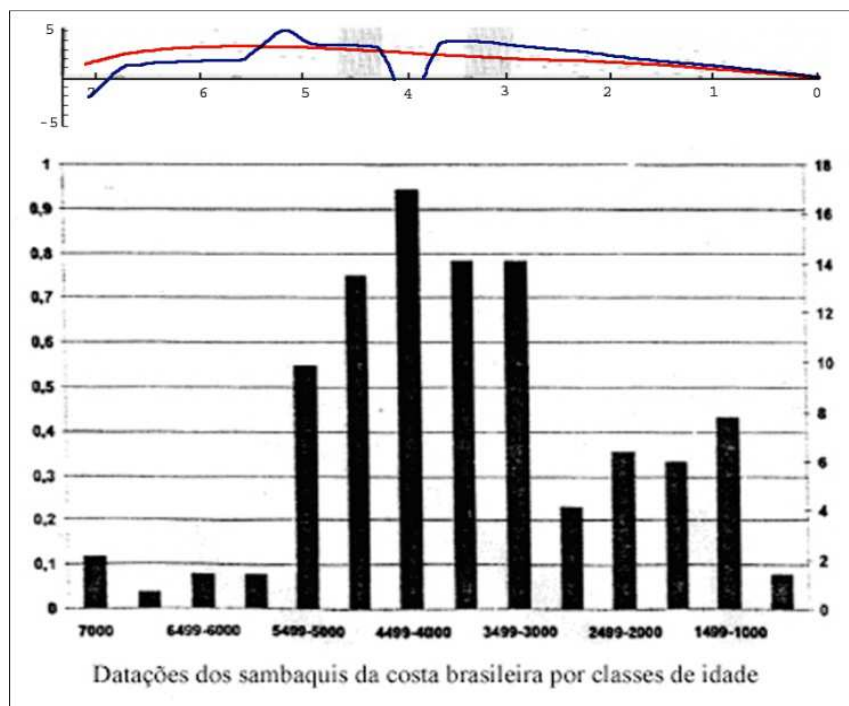


FIGURA 21 – GRÁFICO ADAPTADO MOSTRA AS CURVAS DE VARIAÇÃO DO NÍVEL DO MAR: VERMELHO, COM BASE EM ANGULO E LESSA (1997); AZUL, COM BASE EM SUGUIO *et al.* (1985), SEM A OSCILAÇÃO SECUNDÁRIA. ABAIXO, GRÁFICO DE DATAÇÕES, CONFORME GASPAR (1998). FONTE: Brochier (2009, no prelo).

As principais inferências e interpretações resultantes da comparação entre os dados da (TABELA 1) e da (FIGURA 21) compreendem:

1) As variações entre as datas mais antigas de sambaquis no Brasil (notadamente costa sul e sudeste) apresentam um escopo temporal relativamente uniforme, em torno de aproximadamente 6.000 anos AP, ao sul e, 8.000 anos AP mais ao norte. Essas datas antigas, posicionadas em extremos geográficos parecem indicar a não existência de áreas nucleares de suposta dispersão deste modo de vida. É plausível que tal dispersão inicial tenha ocorrido em períodos anteriores a 7.000 ou 8.000 anos AP, onde o registro arqueológico está comprometido, devido à elevação do nível dos mares no Holoceno.

2) Existe uma convergência cronológica entre as datas de sambaquis contendo zoólitos e o período de aparente expansão “demográfica” dos sambaquis brasileiros ao longo da costa. Assim, pode-se propor que é neste “momento” de suposta expansão demográfica (notadamente entre 5.400 e 3.000 anos AP) e

provável incidência de processos envolvendo variabilidade no registro cultural (tendo em conta as diferenças observadas entre os sambaquis do sul e do sudeste, por exemplo), que emerge a produção mais acentuada dessas esculturas. Esta convergência é ainda maior com respeito ao ápice de datas apresentadas por Gaspar (1998), dispostas no intervalo entre 4.000 e 4.500 anos AP. As datas envolvendo zoólitos neste mesmo intervalo de tempo sugerem que a emergência desta prática tem origem nesse processo de expansão e diversificação, como correspondência em termos de amplitude da distribuição espacial e, possivelmente, territorial.

3) Parecem ocorrer interações com variáveis ambientais, onde após o período de máxima de transgressão marinha holocênica (5.100 anos AP) e a continua e lenta regressão subsequente, teriam propiciado certas respostas culturais. A progressiva ampliação e estabilização dos ambientes estuarinos-lagunares, gerou um provável aumento da produtividade na pesca e coleta de moluscos, ao mesmo tempo, a diversificação de compartimentos ambientais e paisagísticos. Igualmente, o progressivo distanciamento do mar e redução do fluxo de águas mixo-hialinas nos espaços mais interiores das baías, gerou situações de abandono (documentados por datas na camada superior de sambaquis bem interiorizados) e colonização de novas áreas. Supõe-se ainda que os sítios abandonados pudessem manter-se incorporados aos novos territórios, tendo em vista a manutenção das áreas “ancestrais”. Esse conjunto de situações pode ter favorecido mudanças na organização espacial dos assentamentos, e novas formas de interação social, com consequências sobre a dimensão cosmológica, onde os zoólitos seriam produzidos e utilizados como itens de mediação (BROCHIER, 2011, comunicação pessoal).

4) Por fim, os elementos acima também trazem a possibilidade de interpretar a correlação entre a expansão dos sambaquis, o aumento demográfico e a presença de zoólitos como indicadores de um processo de complexificação social. Desta forma, a emergência dos zoólitos poderia sinalizar a exigência de itens que funcionariam como marcadores de status ou posições sociais, assim como de ideologias se estruturando materialmente em um contexto de maior complexidade social (SYMANSKI, 2012, comunicação pessoal).

O elaborado grau de polimento dos zoólitos remete à investigação sobre as evidências do processo de produção desses itens e qual a distribuição espacial de elementos ligados a essa técnica específica. Um indicativo visível do processo de polimento no litoral brasileiro remete às chamadas “bacias de polimento” ou, polidores fixos ou móveis. Muitos desses vestígios são encontrados de forma dispersa na beira de rios, na região costeira e em ilhas. Entretanto, situações de afloramentos rochosos com grande concentração de polidores parecem documentar a seleção de locais específicos de produção. Um exemplo refere-se à Ilha da Pescaria, disposta na entrada da baía de Guaratuba, PR, onde há dois sambaquis e são observados inúmeros polidores (bacias e sulcos) que ocupam boa parte da área dos afloramentos rochosos existentes. Por sua vez, na Ilha dos Ratos (onde há a ocorrência de um sambaqui estudado pelo casal Emperaire, na década de 1960), disposta a menos de 700 metros da Ilha da Pescaria, não existem polidores, apesar da presença de afloramentos rochosos. Outra concentração de polidores ocorre na praia das Caieiras, também próxima, além de bacias isoladas dispersas pela orla. Em direção ao fundo da Baía de Guaratuba, esses locais de produção de polidores tendem a ser bastante raros. Igualmente, na literatura há os chamados polidores móveis encontrados em alguns sambaquis na costa sul (exemplo: RAUTH, 1968; ROHR, 1977).

Amaral (1995), em sua pesquisa de mestrado, identificou 25 oficinas líticas na Ilha de Santa Catarina. Entre algumas ocupações humanas próximas dessas oficinas líticas, nove foram relacionadas a sambaquis; três foram associadas a sambaquis com a presença de ocupação Itararé; quatro estariam próximas de ocupações da Tradição Itararé; três estariam próximas a representações rupestres; uma estaria associada a um sítio da Tradição Tupiguarani; e as demais cinco oficinas não apresentaram a constatação de nenhum registro de ocupação humana nas proximidades. (GONÇALVES, 2003, p. 28).

Com o intuito de problematizar possíveis hipóteses quanto às razões para o aparecimento da manufatura dos zoólitos entre a população sambaquiana, epossibilidades interpretativas ligadas à emergência de complexidade social, invoca-se o estudo realizado por Binford (1962). De orientação processualista, Binford

avalia a emergência da produção de itens de cobre entre grupos de caçadores-coletores na América do Norte. Relaciona igualmente, a concomitância desses objetos com a mudança nos padrões de subsistência dos grupos para atividades de pesca e o aumento da população. Para o autor, a emergência desses artefatos, considerados sócio-técnicos, foi utilizada para afirmar as diferenças de status social que surgiram no grupo após as respectivas mudanças.

Para Binford (1962) os processos culturais contidos no registro arqueológico são identificados pelas mudanças do sistema cultural em um contexto adaptativo tanto social quanto ambiental. Além disso, a sociedade pode ser observada através de níveis de realidade que ela vivencia, sendo estes, o nível econômico, o social e o ideológico, respectivamente. A partir dessa premissa, o referido autor reconhece sub-classes funcionais que podem ser reconhecidas na cultura material e discutidas em relação aos processos de mudanças e diferenças culturais. As categorias criadas por Binford (1962, p. 217) são o técnico-econômico, o sócio-técnico e o ideo-técnico, observados a partir de sua função primária e sob uma perspectiva da abordagem sistêmica. As principais considerações do autor compreendem:

- a) O aparecimento da produção de artefatos de cobre como indicativo de itens sócio-técnicos;
- b) A relação direta entre a produção dos itens sócio-técnicos, o deslocamento para as atividades de exploração pesqueira e o aumento da população;
- c) As pressões seletivas devido ao aumento da população favoreceram o surgimento do reconhecimento de um status, para diferenciar os papéis no comportamento das atividades sociais;
- d) A mudança na produção dos artefatos utilitários, antes fabricados de rochas ou ossos, para a produção de itens não utilitários de cobre, caracterizando uma mudança social antes igualitária, para uma não igualitária, evidenciada pela posse dos itens de prestígio, marcadores de diferenciação no status social do respectivo grupo de caçadores-coletores que começa também a pescar.

Apoiando-se em Binford (1962) supõem-se, para o caso das populações dos sambaquis meridionais, que os zoólitos possam ser indicativos da emergência de

uma manifestação relacionada com uma mudança na cosmologia desses grupos. Ou ainda, uma melhor estruturação, com o uso de signos materiais, de uma cosmologia pré-existente. Porém, antes disso, parecem se relacionar a um período de expansão demográfica = maior complexidade social = sinalização de diferenças sociais e estruturação de uma ideologia – podendo ambos estar sinalizados nos zoólitos, conforme Symanski (comunicação pessoal).

De igual forma, os argumentos de Lima (1999-2000) corroboram para a perspectiva de que os sambaquis sejam revestidos de significados simbólicos, a exemplo das esculturas de pedra ou osso, que parecem destinadas a estímulos sensoriais. Segundo esta autora, os zoólitos são indicativos de uma estrutura social não igualitária, cujo trabalho especializado exigiria uma organização que transcenderia a de uma unidade doméstica. Tais atividades sinalizariam o surgimento de *status* e funções diferenciados a determinados indivíduos. Ainda, considerando que, assim como ocorreu com a agricultura em outros locais e em tempos diferenciados, a fartura de alimentos possa ter influenciado uma maior permanência dessas populações sambaquianas em seus locais de assentamentos e mobilizado a sua expansão cultural que, deveria ter um projeto ideológico para a construção desses monumentos.

Uma pesquisa sobre indicadores de diferenciação social e de gênero entre pescadores-coletores da região dos lagos do litoral do Estado do Rio de Janeiro possibilitou que através da análise de acompanhamentos funerários pudessem ser evidenciados processos diacrônicos de mudança quanto ao status diferenciado dado a homens, mulheres e jovens. O respectivo estudo demonstrou com o surgimento de acompanhamentos funerários nos sepultamentos femininos, que houve um aumento do prestígio das mulheres ao longo do tempo, pois nos sepultamentos mais antigos apenas os homens e os jovens eram sepultados com adornos. Entretanto, embora essas evidências ainda ponham em dúvida se esses acompanhamentos seriam realmente referentes às mulheres ou se estariam relacionados às atividades de prestígio relativas aos companheiros dessas mulheres, observou-se que a existência de “atribuição de valores aos acompanhamentos funerários reforça a hipótese de existência de uma minoria de homens, mulheres e crianças/adolescentes com status superior à maioria, sugerindo a existência de algum tipo de hierarquia social.” (ESCÓRCIO; GASPAR, 2005, p. 62).

Os ambientes costeiros elegidos por esses grupos para assentar os sambaquis, dada a abundância e variedade de recursos à disposição, oferecem a possibilidade de sedentarização e crescimento geográfico, condições que favorecem o desenvolvimento de diferenciações sociais (GASPAR, 2000). Neste contexto, o debate em torno da organização das sociedades sambaquieiras vem se intensificando nos últimos anos, em torno de temas como processo construtivo, padrões de assentamento, função de sítio e outros. (ESCÓRCIO; GASPAR, 2005, p. 48).

Portanto, existe a possibilidade da manifestação cultural dos zoólitos ter emergido a partir de uma acentuada ocupação e uso do espaço e de um subsequente aumento populacional. Assim, tal prática poderia estar relacionada a um possível processo de complexidade social.

Para apoiar essa idéia, algumas características comportamentais decorrentes da fixação de grupos humanos em determinados lugares, embora relativos a práticas específicas, como o início da agricultura, sinalizam elementos importantes para se pensar os sambaquianos em sua dinâmica cultural.

Para Mithen (2002) as associações entre as inteligências naturalistas, sociais e técnicas observadas em aspectos comportamentais já presentes em atividades de grupos de caçadores-coletores, teriam sido fundamentais para o advento da agricultura e haveriam se consolidado nesse processo de desenvolvimento, em que se destacam os seguintes aspectos:

a) A habilidade em criar ferramentas: para um maior aproveitamento dos recursos do meio ambiente;

b) A obtenção de poder e prestígio social através da utilização de animais e plantas: este hábito, de acordo com o autor, embora já houvesse sido constatado entre grupos de caçadores-coletores, com o processo de sedentarismo pode se intensificar e variar, dadas as possibilidades de alguns indivíduos em assegurarem as oportunidades de poder e controle social. Exemplos de elementos de prestígio associados à cultura *natufiana* chamaram a atenção dos pesquisadores sobre a evidência de desigualdade social. “Uma vez que essa estrutura social passou a existir, surgiu a necessidade de indivíduos poderosos introduzirem novos tipos de objetos de prestígio e gerarem excedentes econômicos a fim de manter suas bases de poder.” (MITHEN, 2002, p. 360);

c) A prática de “relações sociais” com animais e plantas, semelhantes com as exercidas entre pessoas: os vestígios dos cuidados no tratamento de

fraturas de animais foram encontrados nas cavernas de Trois-Frères e Isturitz, na França. Outros exemplos citados por Mithen (*op cit.*) são além da domesticação de animais, evidências de rituais de sepultamentos de cães com oferendas mortuárias e o sepultamento conjunto de uma criança *natufianas* e um cão;

d) A manipulação de animais e plantas: através do gerenciamento e a manipulação do meio ambiente.

As características elencadas por Mithen (2002) auxiliamna suposição de que ao longo do espaço e do tempo tenham surgido circunstâncias que motivaram a prática de representações sociais através dos usos dos zoólitos.

5.1.1 Considerações sobre a dispersão dos zoólitos

A presença de artefatos zoomorfos associados à cultura sambaquiana em sociedades afastadas do litoral, em regiões de planalto e, principalmente em contexto de casas subterrâneas, no Estado do Rio Grande do Sul suscita o indicativo de contatos inter-sociais. Tais artefatos poderiam corresponder ao conceito utilizado por Leone (1978) a respeito de bens exógenos que configurariam itens de prestígio para o grupo ou determinados indivíduos.

Entre exemplos de zoólitos encontrados afastados da região do litoral está a peça adquirida pelo Museu Paulista (FIGURA 22), do colecionador Sr. C. von Koseritz (ILHERING, 1904, p. 520). De acordo com Prous (1977b, p. 64), é provável que esta peça tenha sido encontrada na região de São Jerônimo, RS.

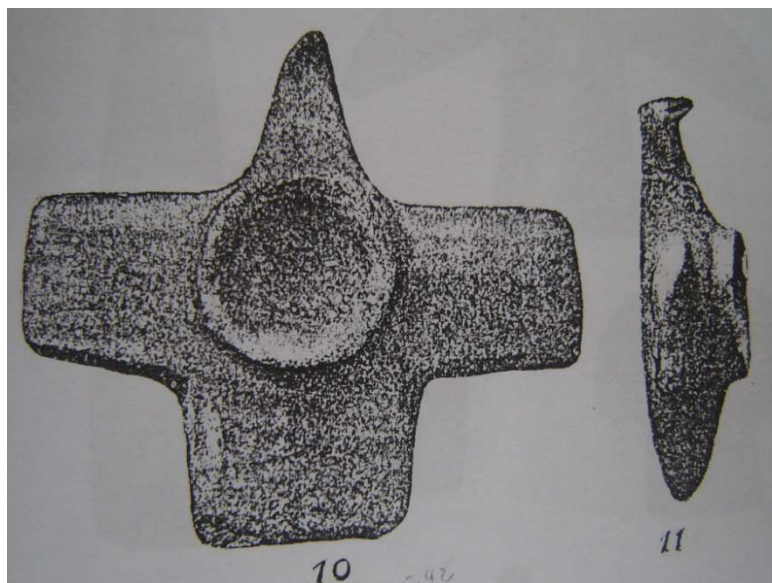


FIGURA 22 – ZOÓLITO ENCONTRADO NO RIO GRANDE DO SUL, PERTENCENTE A COLEÇÃO DO SR. C. VON KOSERITZ, ADQUIRIDA PELO MUSEU PAULISTA. FONTE: Ilhering (1904, estampa XXI 10, 11).

Outro exemplo que desperta a atenção é o zoólito encontrado por Miller (1971) (FIGURA 23) junto a uma casa subterrânea atribuída à fase Guatambu, uma das fases cerâmicas da Tradição Taquara no Rio Grande do Sul. De acordo com o autor, a peça teria sido possivelmente modificada. A (FIGURA 24) ilustra alguns artefatos líticos associados a fase cerâmica na qual o zoólito foi encontrado por Miller (1971).



FIGURA 23 – ZOÓLITO ENCONTRADO JUNTO A UMA CASA SUBTERRÂNEA. FONTE: Miller (1971, estampa 13e), modificada pela autora (2012).

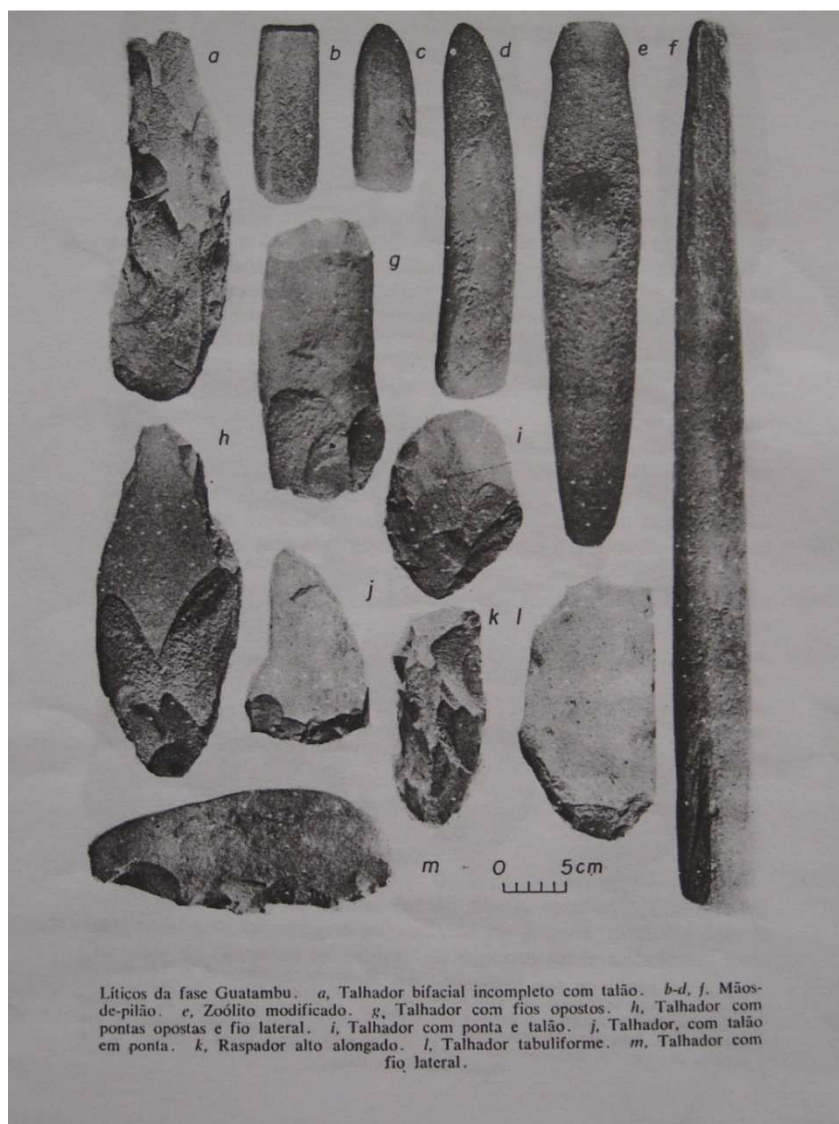


FIGURA 24 – ARTEFATOS LÍTICOS ASSOCIADOS À FASE GUATAMBU. FONTE: Miller (1971, estampa 13).

Ribeiro (1991) comenta sobre os zoólitos serem indicativos de possível contato entre grupos do litoral e pré-ceramistas e ceramistas do interior:

O material lítico associado ao zoólito pertence a fase Pinhal e mais se aproxima das fases pré-cerâmicas Jacuí e Canhemborá (BROCHADO, 1969c; BROCHADO E SCHMITZ, 1972/1973), Camboatá (MILLER, 1967), Cará (MILLER, 1971), todas estas da Tradição Humaitá (grandes e toscos talhadores e bifaces); um pouco mais distante da fase Caaguaçu (MILLER, 1969), considerada pelo autor como uma fase mais recente do complexo Alto-paranaense. Na fase Jacuí, existe a associação com um zoólito (gavião). (Ribeiro, 1991: 238). A fase ceramista Guatambu, da Tradição Taquara, é outra no Rio Grande do Sul que apresenta zoólito (MILLER, 1971). Alguns artefatos desta fase são semelhantes aos da fase Pinhal. Miller, neste mesmo trabalho, registra oito zoólitos associados à Tradição

Taquara. A ocorrência do zoólito de Cerro Grande dentro de duas pedras côncavas lembra o nº 4311 da coleção Tiburtius: “Segundo informações da pessoa que o encontrou, achava-se dentro de uma valva de ostra juntamente com pequenos ossos de pássaros que não foram conservados” (TIBURTIUS E BIGARELLA, 1960, p. 15). O local deste achado é o sambaqui da Barra do Sul, Santa Catarina. (RIBEIRO, 1991, p. 238, 239).

Prous (1977: 124) considera como uma hipótese preliminar de dispersão cronológica dos zoólitos, que este tipo de artefato teria tido a sua emergência nos Estados de São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina:

(...) aparece pela primeira vez nas regiões setentrionais que foram ocupadas muito cedo (ao menos, em torno do III milênio aC) pelos fabricantes de sambaquis, e os seus sítios permaneceram em uso durante séculos, inspirando outros, em seguida, na mesma região, houve <<gerações>> de vários sambaquis. No sul de Santa Catarina ao contrário (região de Laguna / Imaruí), ali os sambaquis são todos relativamente recentes, e talvez muito contemporâneos dos registros arqueológicos mais tardios. Quanto aos <<acampamentos>> estabeleceram-se ou não no topo de sambaquis, sendo todos posteriores a estes sítios. Se considerarmos que a maioria dos sítios cheios de conchas do Rio Grande do Sul, apesar do nome de <<sambaqui>> que receberam dos autores, são provavelmente de <<acampamentos>> no sentido de que já o definimos. É provável que esta costa tenha sido ocupada tardiamente por pescadores coletores de moluscos. A propagação dos sambaquis, então, talvez sejam os acampamentos feitos de norte para o sul (PROUS, 1977, p. 124, tradução nossa).

Com relação aos denominados “sítios acampamentos”, de acordo com Prous (1992, p. 272), esses sítios arqueológicos apresentam vestígios de ocupações litorâneas de grupos pescadores coletores. Porém, distintos morfologicamente dos sambaquis e, por esta razão, parecem corresponder a outras culturas. Entre os nomes a que são chamados estão “paraderos” (em espanhol) ou “sítios paleoetnográficos” e “sambaquis rasos”, embora, conforme o referido autor, muitas vezes estes sítios sejam confundidos com os sambaquis. Assim, Prous (1992) os define da seguinte maneira:

Reservamos o termo ‘acampamento litorâneo’ aos sítios (ou a componentes, no caso de existir superposição estratigráfica) arqueológicos dentro dos quais os vestígios culturais estão contidos dentro de uma matriz sedimentar composta, na maior parte de elementos minerais, e dentro da qual as conchas de moluscos, embora presentes, constituem uma parte mínima do volume do sítio. Geralmente, estas conchas concentram-se em bolsões ou entes de superfície limitada, enquanto o sedimento arenoso contém uma grande quantidade de restos de peixes. A relativa escassez das conchas faz com que sejam pouco espessos em relação aos sambaquis (raramente mais de um metro de espessura. (...) Em todo caso, parece que

todos os mortos eram sepultados nos sítios, independentemente do sexo e da idade, o que pode servir de argumento para quem vê neles sítios de habitat permanente, ou pelo menos 'bases' fixas, já que em acampamentos provisórios, mesmos cíclicos, não se espera encontrar amostras de uma população completa (PROUS, 1992, p. 272, 277).

De acordo com Prous (1977, p. 125, 126) a ocorrência de zoólitos em sítios acampamentos torna-se evidente a partir do sul da Lagoa de Imaruí, região onde haveria a evidência do aparecimento tardio desse tipo de sítio que parece ter se espalhado num período posterior a construção dos grandes sambaquis, evidenciando-se nos sítios acampamentos a presença de uma camada inferior pré-cerâmica e a superfície com cerâmica, exemplificando Itacoara.

Os acampamentos pré-cerâmicos, exceto talvez aqueles da Ilha de Santa Catarina podem se reportar ao fim do primeiro milênio da era cristã. Os zoólitos de Santa Marta podem ser um pouco posteriores aos de Tubarão ou da lagoa de Imaruí, ou senão, contemporâneos. Os sítios de Areia Grande correspondem assim a um pré-cerâmico tardio (PROUS, 1977, p. 126, tradução nossa).

Através das (TABELAS 2 e 3) abaixo, buscou-se a visualização da distribuição espacial de sítios arqueológicos que apresentam zoólitos e, a distribuição quantitativa destes para uma análise da sua distribuição em diferentes contextos e unidades da paisagem. Assim, tanto a densidade, quanto a presença reduzida desses artefatos podem sugerir possíveis áreas nucleares, a hipótese de uma região de origem para essa manifestação, assim como situações de mudanças ou informações sobre possíveis fronteiras dessa manifestação cultural.

TABELA 2 – ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS COM ZOÓLITOS

UNIDADE DA PAISAGEM	ESTADO	QUANTIDADE DE SÍTIOS COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS			
		SAMBAQUI	ESCONDERIJO OU DEPÓSITO VOTIVO	ACAMPAMENTO	OUTROS
I) REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUÍ (PR)	SP (6)	3	3	–	–
II) REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO DA BAIÁ DE PARANAGUÁ (PR)	PR (5)	5	–	–	–
III) REGIÃO DA BAIÁ DE GUARATUBA (PR) – BAIÁ DA BABITONGA (SC)	PR (2); SC (16)	16	2	–	–
IV) REGIÃO DE COSTÕES ROCHOSOS: ITAJAÍ – RIO ITAJAÍ-AÇÚ (SC)	SC (1)	1	–	–	–
V) REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS	SC (5)	4	1	–	1
VI) REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	SC (15)	11	3	–	1
VII) REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)	RS (4)	–	–	2	2
VIII) REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	RS (7)	–	6	–	1
IX) REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	RS (3)	–	–	–	3

TABELA 3 – ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS ZOÓLITOS

UNIDADE DA PAISAGEM	QUANTIDADE DE ZOÓLITOS NOS SÍTIOS			
	SAMBAQUI	ESCONDERIJO OU DEPÓSITO VOTIVO	ACAMPAMENTO	OUTROS
I) REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUÍ (PR)	3	3	–	–
II) REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO DA BAIÁ DE PARANAGUÁ (PR)	5	–	–	–
III) REGIÃO DA BAIÁ DE GUARATUBA (PR) – BAIÁ DA BABITONGA (SC)	53	2	–	2
IV) REGIÃO DE COSTÕES ROCHOSOS: ITAJAÍ – RIO ITAJAÍ-AÇÚ (SC)	1	–	–	–
V) REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS (SC)	15	1	–	–
VI) REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	16	20	–	1
VII) REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)	–	–	33	3
VIII) REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	–	9	–	1
IX) REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	–	–	–	4

5.2 CONTEXTOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ZOÓLITOS

A proposta a ser discutida neste item refere-se às práticas rituais e à cosmologia, assim como às possíveis dimensões sociais e ideológicas dos zoólitos em diferentes contextos de significação para a sociedade sambaquiana meridional, a exemplo dos sepultamentos, depósitos votivos e aspectos inter-sociais.

Para discorrer sobre essas questões, procurou-se o levantamento sobre os casos existentes na literatura em que os zoólitos se encontram no conjunto dos acompanhamentos funerários; em contextos de oferendas; e, em situações peculiares que possibilitem a análise de diferentes dimensões de significados nos quais esses itens da cultura material sambaquiana possam estar envolvidos e suscitem questionamentos.

As hipóteses levantadas sobre a ocorrência dessa cultura material poderiam sinalizar diferenças nas práticas das atividades na sociedade sambaquiana, principalmente, em decorrência da disponibilidade necessária para o aprendizado e a execução das mesmas.

Prous (1977; 1992) acredita que os zoólitos desempenharam importante papel na cultura dos sambaquianos meridionais, dado o tempo de trabalho necessário para a sua confecção, pois, quando comparado a um machado, por exemplo, que provavelmente levaria em torno de 10 horas para que o trabalho fosse concluído, um zoólito, ao mínimo, necessitaria entre trinta ou mais de duzentas horas de atividade e exigiria uma grande atenção, principalmente quanto a produção da cavidade central, pois, qualquer erro poderia provocar a quebra da peça.

Uma organização social em vias de complexidade, na qual grupos específicos desempenhariam atividades diferenciadas, mediante as disponibilidades dos recursos e as necessidades da organização coletiva é uma possibilidade que merece ser pensada. Da mesma forma, considerando-se a raridade desses artefatos zoomorfos frente à grande quantidade de sambaquis e o longo período da duração em que essa prática cultural se estabeleceu; os diferentes contextos de significados no qual os artefatos estão compreendidos; além da posse desses objetos tanto em contexto de sepultamento, quanto em locais que remetem a contatos inter-sociais sugerem que as respectivas esculturas poderiam representar não apenas um

emblema cultural que se perpetuou em tempo relativamente longo. Estes artefatos altamente elaborados poderiam exercer um status especial naquela sociedade, assim como configurar bens de prestígio para determinados indivíduos.

Tais argumentos possibilitam discussões sobre: emergência de complexidade social; filiação a determinado clã; associação metafórica do indivíduo com as qualidades do animal representado; um possível xamã do grupo; especialização do indivíduo na caça-pesca daquela espécie; e, às teorias das relações homem-animal, a exemplo do xamanismo, totemismo e perspectivismo ameríndio.

Para o caso dos zoólitos, a função exata é desconhecida, a principal hipótese é a de que o seu uso poderia estar relacionado a atividades ritualísticas, sendo as cavidades existentes na maioria das peças, espécie de almofariz, que serviria como reservatório para prováveis alucinógenos (NETTO, 1985; PROUS, 1977; 1992; 2006; LIMA, 1999-2000).

Além de concordar com essa possibilidade de uso para algumas das esculturas pesquisadas, notou-se ao examinar determinadas peças durante a referente pesquisa que, algumas destas, sobretudo as que estão classificadas como cruciforme de acordo com Prous (1972; 1977; 1992), se assemelham ao aspecto de lâminas de machado polido, em geral, percebidas na extremidade oposta à cabeça do animal provavelmente representado (FIGURAS 25, 26, 27, 28). Desta forma, sugere-se que estes artefatos possivelmente desempenhariam fins ritualísticos diversos, embora inseridos na dinâmica das cosmologias desses grupos.



FIGURA 25 – ZOÓLITO. ACERVO: MUSEU UNIVERSITÁRIO PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL – UFSC. FOTO: A autora (2011).



FIGURA 26 – ZOÓLITO. ACERVO: MUSEU UNIVERSITÁRIO PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL – UFSC. FOTO: A autora (2011).



FIGURA 27 – ZOÓLITO. ACERVO: MUSEU UNIVERSITÁRIO PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL – UFSC. FOTO: A autora (2011).



FIGURA 28 – ZOÓLITO. ACERVO: MUSEU DO COLÉGIO CATARINENSE, PE. A. ROHR, SJ. FOTO: A autora (2011).

Outra observação remete a uma das peças que possui concavidades em ambas as laterais, direta e esquerda. Tal característica despertou a atenção para a possibilidade de algumas dessas esculturas zoomorfas poderem ter sido utilizadas com a finalidade de polidores móveis para outras peças de proporcional relevância simbólica nas atividades do grupo (FIGURA 29):



FIGURA 29 – ZOÓLITO. ACERVO: MUSEU DO COLÉGIO CATARINENSE, PE. A. ROHR, SJ. FOTO: A autora (2011).

A presença de vestígios de ocre em algumas peças é outra das observações, pois embora haja na literatura algumas referências de peças apresentando a presença de ocre, a problematização para essa questão é pouco explorada. Tal evidência suscita considerações sobre a possibilidade de alguns desses objetos poderem sinalizar a sua utilização em rituais de sepultamento, embora, não somente enquanto acompanhamento funerário, ou, mesmo, corresponder a outros rituais de passagem. Tal argumento se apóia na constante presença de ocre na cobertura de ossos de sepultamentos exumados de uma série de sambaquis, embora na literatura se observe que nem todos os esqueletos encontrados estejam envolvidos com esse corante vermelho. Alguns sepultamentos, inclusive se destacam por essas características distintivas.

Embora sejam raros os zoólitos encontrados em contextos, notou-se que alguns destes artefatos zoomorfos apresentando evidências de ocre foram encontrados em situação cerimonial em sambaqui e como oferenda devocional enterrada próxima a determinados sambaquis, ou mesmo, distantes desses. As seguintes observações estão nas considerações sobre depósitos votivos e serão descritas e discutidas na sequência. Para exemplificar essa observação, segue abaixo, um artefato que apresenta apenas o formato geométrico (FIGURA 30):



FIGURA 30 – ARTEFATO Nº 3.72.01. ACERVO: MP. FOTO: A autora (2011).

5.2.1 Aspectos da relação homem/animal no contexto de significância dos zoólitos

As esculturas pré-coloniais encontradas no litoral meridional brasileiro e associadas às sociedades sambaquianas são caracterizadas, em sua maioria, pela representação de animais. Além disso, notou-se com a presente pesquisa, a possibilidade de algumas dessas peças poderem representar aspectos “híbridos”, tanto de animais como humanos ou, configurarem conotações míticas.

Em geral, além de aspectos como o suporte material escolhido para a manufatura das peças, a importância pelo tempo e conhecimento necessários ao aprendizado e à confecção, os contextos em que são encontradas, além de possíveis substâncias orgânicas e, ou mineiras que possam estar envolvidas ao ritual da utilização desses artefatos, em supostas cerimônias; é, em especial, a escolha de determinada representação iconográfica que instiga a curiosidade sobre o estudo das relações simbólicas entre homens e animais.

Embora analogias entre as populações pré-históricas e grupos etnografados não sejam adequadas, estima-se que as aproximações relativas com as populações tradicionais da Amazônia e a sociedade ameríndia, em geral, possam sustentar as possibilidades interpretativas para os zoólitos.

Alguns aspectos sobre a relação homem/animal foram abordados no primeiro Capítulo (item 2). Nesse sentido, retomando os argumentos de Langdon (1996) sobre o fenômeno do xamanismo, enquanto processo de representações e práticas ritualísticas, a autora considera que:

A nova antropologia simbólica também parte da análise de que as representações são uma forma de expressar a visão de mundo, abandonando uma preocupação única em torno do social. Assim, deu lugar a considerações mais amplas sobre o ser humano: suas necessidades de compreender o destino e de se expressar ritualmente. Os sistemas ideológicos enquanto códigos culturais, a análise dos símbolos destes sistemas e o aprofundamento do processo ritual para entender a raiz das emoções e dos sentimentos, compõem hoje as preocupações da antropologia simbólica. (...) Segundo esta perspectiva, o rito e outras formas de expressão simbólica são tão importantes quanto a visão do mundo que eles expressam, pois os símbolos precisam de uma forma externa, para poderem comunicar. Certas idéias não podem ser expressas sem forma (Douglas, 1966). Objetos, atos, qualidades e relações simbólicas dão forma aos conceitos. Turner diz que uma propriedade dos símbolos rituais é a de serem multivocais e de possibilitarem a expressão de vários significados em uma forma só (1967, p.29). Assim, muitos dos esforços da antropologia

simbólica tem se concentrado na interpretação dos sistemas simbólicos através da análise dos ritos. (LANGDON, 1996, p. 23, 24).

Outro aspecto importante sobre a cosmologia ameríndia diz respeito ao conceito do “perspectivismo ameríndio”. De acordo com Viveiro de Castro (2011, p. 357): “o perspectivismo ameríndio está associado a duas características recorrentes na Amazônia: a valoração simbólica da caça, e a importância do xamanismo.” Além disso, o referido autor estima que, mesmo as populações tradicionais que não apresentam o xamanismo como prática possam estar envoltas aos conceitos cosmológicos do perspectivismo ameríndio:

De qualquer modo, mesmo que os Jê não digam que os animais atuais são humanos ou que cada animal vê as coisas de um certo jeito etc., sua mitologia, como a de todos os ameríndios, afirma que, no começo dos tempos, animais e humanos eram uma coisa só, que os animais são ex-humanos, e não que os humanos são ex-animais. Tal humanidade pretérita dos animais nunca é completamente evacuada, ela está lá como um potencial – justo como, para nós nossa animalidade “pasada” permanece pulsando sob as camadas de verniz civilizador. Além disso, não é preciso ter xamãs para se viver em uma cosmologia xamanística. (Os Txukarramãe, por exemplo, estavam usando os xamãs dos Kamyurá). (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 483).

Entre alguns estudos sobre a iconografia de artefatos arqueológicos encontrados na Amazônia e seus encadeamentos simbólicos poderem relacionar-se com questões xamânicas, estão Porro (2010) e Gomes (2012). Igualmente, a possibilidade das esculturas pré-coloniais do litoral meridional estar relacionadas com rituais xamânicos baseou-se em observações etnográficas da Amazônia (NETTO, 1885; RIBEIRO *et al.*, 1977; RIBEIRO, 1991). Notadamente, os argumentos sobre os zoólitos possuírem finalidade xamânica são fortemente aceitos; existindo ainda, a estimativa de que as cavidades presentes em muitas peças teriam servido como receptáculos para substâncias alucinógenas durante a prática cerimonial. Embora ainda não se conheça referências sobre testes químicos a esse respeito.

Além das considerações acima, sobre os zoólitos poderem conferir conotação relativa à cosmologia xamânica; a observação de alguns artefatos neste estudo suscitou indicativos que sugerem demonstrar, na representação de uma mesma peça, aspectos mistos de homem e animal assemelhando-se a figuras míticas, como nos exemplos a seguir:

No primeiro exemplo, (FIGURA 31), não foi encontrada a procedência dessa escultura zoomorfa de formato ovóide. No entanto, as suas características são emblemáticas, pois, assemelham-se tanto com a figura de uma coruja, quanto com uma possível representação humana. A presença de uma incisão horizontal logo abaixo de um possível bico ou nariz remete à incerteza. Portanto, antropólito ou zoólito?



FIGURA 31 – ACERVO: MUSEU UNIVERSITÁRIO PROF. OSWALDO RODRIGUES CABRAL – UFSC, FLORIANÓPOLIS, SC. FOTO: A autora (2011).

O segundo exemplo trata de uma peça já referenciada por Prous (1977b, p. 45) e Valença (1984, p. 90), porém, não apresentam a análise da perspectiva aqui abordada. O referido antropólito (FIGURA 32) foi esculpido em diorito. A peça encontra-se quebrada a partir da metade posterior da concavidade, além de apresentar sinais de quebra na parte esquerda, atrás da cabeça. O artefato aparentemente representa uma figura humana e possui uma concavidade ventral oval logo abaixo do pescoço; incisões por picoteamento e polimento delineiam a boca, o nariz, as narinas e as orelhas da figura.



FIGURA 32 – 62.12.III.21. ACERVO: MUSEU UNIVERSITÁRIO PROF. OSWALDO RODRIGUES CABRAL – UFSC, FLORIANÓPOLIS, SC. FOTO: A autora (2011).

De procedência do sambaqui de Mina Velha, SC, o artefato antropomórfico (FIGURA 32) observado lateralmente chamou a atenção para o que provavelmente indique a representação de uma tartaruga sobre a possível representação da figura humana. Assim, além dos aspectos acerca da possibilidade das concavidades existentes em muitos zoólitos e antropólitos configurarem prováveis receptáculos para o uso de substâncias utilizadas em rituais xamânicos; a aparente existência de dois elementos, um representativo humano e outro animal, somando-se na composição da mesma representação escultórica remetem à semelhanças com esculturas encontradas na Amazônia, igualmente associadas a rituais xamânicos.

O questionamento sobre as possíveis representações apontarem para um ser mítico deve-se à associação de duas categorias em uma mesma escultura. Tal aspecto suscita um acréscimo na percepção sobre as atribuições ritualísticas conferidas aos zoólitos, os quais são considerados por muitos pesquisadores, como prováveis utensílios para cultos xamânicos entre os sambaquianos.

5.2.2 Contexto de significação dos zoólitos associados a sepultamentos

As primeiras evidências de manifestações metafísicas surgiram nos primórdios da civilização humana associadas aos vestígios materiais relacionados com o culto aos mortos. Embora o destino inexorável para todos os seres vivos seja a morte, esta é apenas consciente para o homem, quando na medida em que se

percebe finito passa a indagar sobre o que poderá acontecer após a ruptura de sua vida. Todo o tempo da vida humana é permeado pela morte e, ao mesmo tempo em que almeja o novo, o homem teme pelo abandono da segurança antiga. É, pois a negação relativa à sua própria destruição que motiva no homem a expectativa por uma vida após a morte e a crença na eternidade (ARANHA *et al.*, 1986, p. 368).

Segundo Aranha *et al.* (1986, p. 369) no universo da sociedade tribal a morte não é encarada por um ponto de vista individual, pois se encontra integrada às práticas coletivas relacionadas com o culto aos mortos e aos ancestrais, e desta forma, o indivíduo se consolidaria pela participação no todo coletivo.

Mas, observando a história e os diversos povos, podemos verificar que o sentido da morte não é sempre o mesmo. O que é certo é que a maneira pela qual um enfrenta a morte ou o significado que lhe dá refletem de certa forma o sentido que ele confere à vida. Os pólos antagônicos vida e morte não são excludentes, mas são formas dialéticas inseparáveis. (ARANHA *et al.*, 1986, p. 368).

Silva (2005, p. 20) cita os trabalhos de Uchôa (1970; 1973), Machado, Araújo, Confalonieri e Ferreira (1981-82), Machado (1990), Machado, Silva e Sene (1991; 1993), Kneip e Machado (1992; 1993), Machado (1993), Schmitz e Verardi (1994), Sene (1998), como referência entre os estudos que analisaram dados de procedências culturais e biológicas de práticas funerárias relativas às populações pré-históricas. O autor discorre que a sequência das trocas simbólicas durante o processo das práticas mortuárias pode ser perceptível para os arqueólogos, no entanto, a descrição e a reconstituição que os arqueólogos realizam é que proporciona com que a explicação acerca do passado se torne acessível, principalmente no que tange ao fenômeno das práticas mortuárias empreendidas entre as populações extintas (SILVA, 2005, p. 9, 10). Entre alguns aspectos simbólicos que poderão estar presentes em situações de sepultamento, refere-se à dedicação prestada a determinados indivíduos, quanto ao seu acompanhamento mortuário. Este aspecto poderá se pautar em distintas possibilidades, como diferenças entre sexo, idade, atividades exercidas na sociedade, e possíveis hierárquias dentro do grupo, como sugere Silva (2005):

Uma evidência mortuária pode ser empregada para interpretar traços da organização social de um grupo, tanto quanto outros dados arqueológicos. Considerando que uma população mortuária contém indivíduos que

estiveram relacionados a vários componentes estruturais de um sistema, a mesma população poderá refletir a estrutura da própria sociedade extinta. Na distinção entre culturas, pela avaliação das dimensões de um sistema social, a distribuição dos remanescentes mortuários e a energia despendida para a elaboração dos sepultamentos e demais etapas de um funeral constituem significativos de diferenciação entre corporações e classes sociais (Tainter, 1977, 1978). (...) As análises das práticas mortuárias podem não estar unicamente voltadas as próprias práticas mas a processos interrelacionados: devem ser considerados aspectos demográficos, sociais, rituais, simbólicos e de comunicação, bem como os aspectos geológico, das escavações e a aplicação das análises estatísticas. (...) a autoridade aumenta a quantidade de riquezas, portanto, do esforço expendido no sepultamento. (SILVA, 2005, p. 70, 71).

Um elaborado processo de ritual funerário foi observado em pesquisas realizadas no sul do Estado de Santa Catarina, onde se observou prováveis festins relacionados com o culto aos mortos, sendo estes, um dos motivos que teriam propiciado o acúmulo de conchas e poderiam ser os principais indícios para a construção dos sambaquis como monumentos funerários (GASPAR *et al.*, 2008).

O programa mortuário que resultou na construção dos sambaquis deve ter desempenhado um papel decisivo na estrutura social e dinâmica. A natureza da festa tem um grande potencial para a divulgação de características culturais e as relações sociais (Dietler e Hayden 2001). Além disso, observâncias mortuárias são arenas privilegiadas para a exibição de poder político ou prestígio e negociação ou reforçar a solidariedade e cooperação. O consumo prolífico e descarte de alimentos em todos os enterros individuais e em toda uma área funerária sugere que o grupo de afinidade enterrava seus mortos convidando a participação de uma maior rede social em cerimônias mortuárias. Eles gastaram excedentes para manter e expandir conexões ou de negociar e regular poder e prestígio, promovendo interações de um escopo regional mais amplo. (GASPAR *et al.*, 2008, p. 329, tradução nossa).

Ainda para o caso dos rituais de sepultamento, verifica-se na literatura, a ocorrência da associação de dentes próximos a determinados esqueletos (RAUTH, 1962; 1968; TIBURTIUS, [1954] 1996; CHMYZ *et al.*, 2003), tratando-se em geral de pingentes de dentes de animais, como o tubarão, a onça, o porco do mato. Para Lima (1999-2000) tais acompanhamentos funerários podem ser indicativos de que os adornos confeccionados em diferentes materiais, como ossos, conchas e dentes de mamíferos ou de tubarões, sendo os de pedra menos comuns, conteriam, provavelmente, um caráter simbólico associado à natureza e a bravura do animal, especialmente quanto à dificuldade para a sua captura.

Os ossos de fauna, que similarmente aos zoólitos, estão presentes em apenas alguns sepultamentos, chamam a atenção, como é o caso de ossos de

pássaros e de macacos nas mãos de determinados indivíduos (RAUTH, 1971; PROUS, 1992), nos sambaquis da Ilha dos Ratos e do Ramal (baía de Guaratuba e município de Morretes, respectivamente). Não aparentando ter significado alimentar, mas sim, sugerindo serem os restos de um animal de estimação ou a possibilidade de símbolo clânico.

Assim, alguns sepultamentos chamaram a atenção dos pesquisadores por apresentarem certas características distintivas quanto a uma possível atenção especial dada a preparação do corpo de indivíduos específicos e os seus acompanhamentos mortuários. Rauth (1968) descreve no Sambaqui do Gomes um sepultamento que se destaca na unidade de um determinado nível de escavação, por seus ossos estarem completamente avermelhados pela ação do ocre (prática comum entre os sepultamentos dos pescadores coletores caçadores, mas que também não há ocorrência generalizada) e, por segurar entre os dedos da mão direita um feixe de ossos longos de pássaro.

Quanto ao registro de zoólitos encontrados como acompanhamento funerário, embora sejam raros os zoólitos encontrados em contexto, alguns puderam ser observados como parte de oferendas mortuárias em alguns sepultamentos. Abaixo, a (TABELA 4) destaca a relação das “unidades de paisagem” e dos sambaquis identificados com a ocorrência de zoólitos associados ao acompanhamento mortuário:

TABELA 4 – ANÁLISE DE ZOÓLITOS EM CONTEXTO DE SEPULTAMENTO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	UNIDADE DA PAISAGEM	TAMANHO RELATIVO	DATAÇÃO [anos AP]	MUNICÍPIO	ESTADO	TOTAL DE ZOÓLITOS	ZOÓLITOS EM CONTEXTO FUNERÁRIO	GUARDA DO ACERVO	REFERÊNCIAS
Sambaqui da Conquista	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	75,0m x 70,0m x 6,5m		Joinville	SC	14	1 zomorfo inteiro 1 fragmento	MASJ	Bigarella <i>et al.</i> (1954); Tiburtius e Bigarella (1960, p. 15, 16).
Sambaqui Cubatãozinho	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	23,0m de comprimento x 13,0m de largura		Joinville	SC	11	1	MASJ	Tiburtius e Bigarella (1960: 22); MASJ (2010, p. 38).
Sambaqui Morro do Ouro (nº41)	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)		4.030	Joinville	SC	3	3	MASJ	Tiburtius e Bigarella (1960, p.17, 18, 19); MASJ (2010, p. 83)
Sambaqui Areias Grandes (nº3)	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	55m x 30m x 6m		Araquari	SC	1	1	MASJ	Tiburtius <i>et al.</i> (1960, p. 12); Bigarella <i>et al.</i> (1954, p.108).
Pântano do Sul (SC-F-10) [sítio misto, parte sambaqui e parte não sambaqui]	REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS (SC)		4.460 anos AP [método Radiocarbônico (C14)]	Florianópolis	SC	6	2	Museu do Homem do Sambaqui	Pe. Rohr (1977, p. 27)
Sambaqui Lageado	REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	60m de diâmetro	base: 6.310-6.000 [concha (Beta 248577)]	Tubarão	SC	1	1	Coleção particular do Sr. Renato	Assunção (2010, p. 44, 45); Giannini <i>et al.</i> (2010, p. 115)

A seguir, buscou-se destacar as descrições dos registros de sepultamentos em que foram encontrados zoólitos em contexto de oferenda mortuária:

5.2.2.1 Sepultamento do Sambaqui da Conquista, Joinville, SC

Os artefatos zoomórficos de nº 7626 col. Tib. (FIGURA 33) e nº 7626 A col. Tib. (fragmento) (FIGURA 34) foram encontrados ao lado de um esqueleto em profundidade aproximada de 2,40 m abaixo da superfície, do lado norte do sambaqui. De acordo com Tiburtius e Bigarella (1960, p. 15, 16), os respectivos objetos zoomórficos apresentam provável representação de insetos.



FIGURA 33 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº 7626 COL. TIB., ACERVO: MASJ, SC. FOTO: A autora (2012).



FIGURA 34 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº 7626 A COL. TIB., ACERVO: MASJ, SC. FOTO: A autora (2012).

5.2.2.2 Sepultamento do Sambaqui Cubatãzinho, Joinville, SC

Foi descrito por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 22) um sepultamento contendo uma placa de osso de baleia, recortada nas extremidades, de 1,45 cm comprimento x 0,48 cm largura, como se formasse uma plataforma para a recepção do corpo de um indivíduo adulto fletido em decúbito lateral esquerdo. Coberta por essa estrutura da placa de osso de baleia recortada havia uma cova retangular de aproximadamente 90 cm comprimento x 30 cm largura x 28 cm de profundidade, que perfurou cerca de duas a cinco camadas de conchas e foi forrado com 124 seixos

rolados de aproximadamente 5 cm cada. Em cima dessa forração encontrava-se um artefato zoomorfo (FIGURA 35) possivelmente representando uma ave. Este foi depositado com a cavidade ventral voltada para baixo e o posicionamento da cabeça da peça, em sentido semelhante ao da posição do indivíduo sepultado. Próximo ao zoólito, algumas conchas perfuradas que provavelmente formariam um colar de adorno; ao lado oposto, uma expressiva quantidade de escamas de aproximadamente 3 cm de diâmetro sugerindo a oferenda de um grande peixe. Nas imediações do esqueleto não foram encontrados vestígios de oferendas mortuárias, estas se concentraram abaixo do sepultamento.



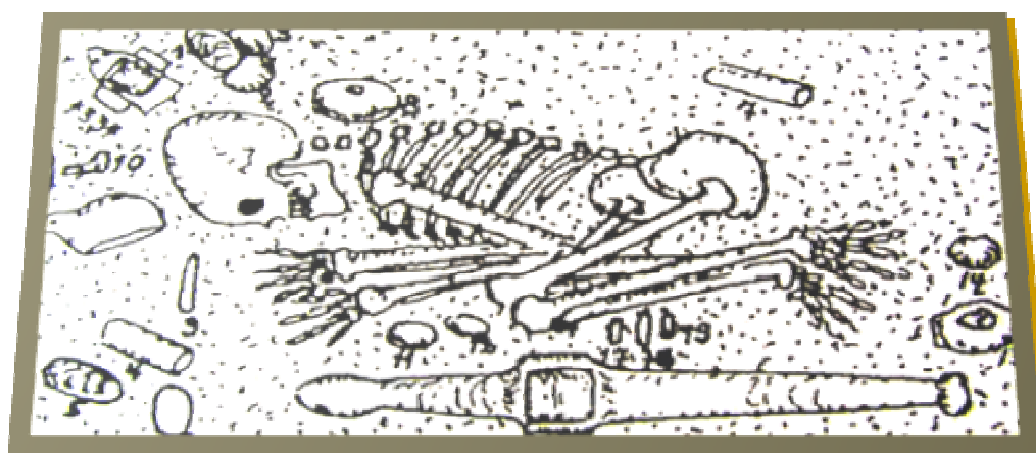
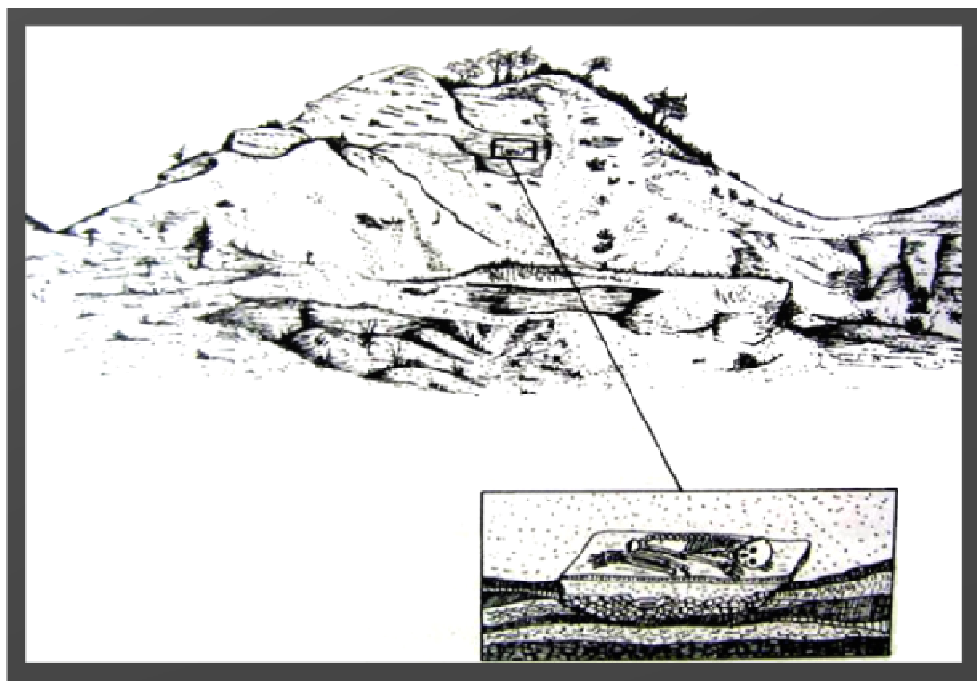
FIGURA 35 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº7567 COL. TIB., ACERVO: MASJ.
FOTO: A autora (2012).

5.2.2.3 Sepultamento do Sambaqui Morro do Ouro, Joinville, SC

Foi encontrado no Sambaqui do Morro do Ouro, um sepultamento (FIGURAS 36 e 37) contendo três zoólitos em contexto de acompanhamento funerário (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 17, 18, 19; TIBURTIUS, 1996, p. 82). O referido sambaqui localizava-se no perímetro urbano da cidade de Joinville, próximo ao rio Cachoeira, na encosta norte de um 'shantung' de rochas metamórficas a aproximadamente 1000 m abaixo da barra do rio Jaguarão. Os zoólitos de nº4335 col. Tib. (FIGURA 38) e nº4334 col. Tib. (FIGURA 39) foram encontrados voltados com a concavidade ventral para baixo, próximos a parte superior do crânio do indivíduo sepultado. O zoólito de nº5561 col. Tib. (FIGURA 40)

foi encontrado em sentido retilíneo, na frente do mesmo sepultamento, a aproximadamente 80 cm de distância do corpo.

A seguir, seguem algumas imagens da representação desse sepultamento e das peças fotografadas:



FIGURAS 36 e 37 – ILUSTRAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO DO SEPULTAMENTO COM ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO NO SAMBAQUI DO MORRO DO OURO – SC. FONTE: (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 39).



FIGURA 38 – ARTEFATO ZOOMORFO N°4335 COL. TIB., ACERVO: MASJ, SC. FOTO: A autora (2012).



FIGURA 39 – ARTEFATO ZOOMORFO N°4334 COL. TIB. FONTE: MASJ (2010, p. 87), modificado pela autora (2012).



FIGURA 40 – ARTEFATO ZOOMORFO N°5561 COL. TIB., ACERVO: MASJ, SC. FOTO: A autora (2012).

5.2.2.4 Sepultamento do Sambaqui Areias Grandes, Araquari, SC

Próximo ao joelho de um indivíduo sepultado foi encontrado o zoólito de nº 2201 col Tib. (FIGURA 41), como acompanhamento funerário, além de um pequeno machado de pedra e um provável adorno em formato de disco feito de bula timpânica de baleia. (BIGARELLA *et al.*, 1954, p. 108; TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 12).



FIGURA 41 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº 2201 COL. TIB., ACERVO: MASJ, SC. FOTO: A autora (2012).

5.2.2.5 Sepultamento do Sítio Pântano do Sul (SC-RF-10), Florianópolis, SC

Dois artefatos zoomorfos identificados com o nº PS1 (FIGURA 42) e nº PS2 (FIGURA 43) foram encontrados próximos a um sepultamento, de acordo com o Pe. Rohr (1977, p. 27, 82). A datação obtida foi de aproximadamente 4.500 anos AP. Os artefatos foram encontrados lado a lado, ambos com a concavidade ventral voltada para cima, cerca de dois metros de distância de um indivíduo adulto do sexo feminino em posição fletida. Em torno do corpo havia uma série de vestígios de ossos de boto, baleia e peixes calcinados. Em conjunto com o carvão vegetal, além de outros objetos líticos, como uma lâmina de machado polido, foi encontrado um grande amolador e alguns seixos lascados e outros não trabalhados. Embora

consista de um sítio misto, parte sambaqui e parte não sambaqui, foi considerado associado à cultura sambaquiana pelo Pe. Rohr (1977, p. 89).



FIGURA 42 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº PS1, ACERVO: MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI PE. A. ROHR, SJ, SC. FOTO: A autora (2011).



FIGURA 43 – ARTEFATO ZOOMORFO Nº PS2, ACERVO: MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI PE. A. ROHR, SJ, SC. FOTO: A autora (2011).

5.2.2.6 Sepultamento do Sambaqui Lageado, Tubarão, SC

Um zoólito esculpido em rocha básica e provavelmente representando um pássaro, foi referenciado por Assunção (2010, p. 44, 45). Trata-se de um artefato zoomorfo, entre uma série de artefatos líticos que foram encontrados pelo Sr. Renato, proprietário do terreno onde havia o restante de um sambaqui. O zoólito encontrava-se junto ao crânio de um esqueleto que fora sepultado ao lado de outros corpos, totalizando em torno de oito indivíduos sepultados, todos com artefatos

líticos como acompanhamento mortuário, entretanto, apenas um deles com um zoólito.

5.2.3 Contexto de significação dos zoólitos como depósitos votivos

De acordo com Osborne (2004), se tornou comum aos arqueólogos uma possível negligência a eventuais vestígios materiais relacionados aos aspectos de oferendas ao mundo sobrenatural, a exemplo dos artefatos em contexto de culto ritualístico, ofertados aos poderes sobrenaturais, como os tesouros rituais, os depósitos votivos, ou, outro nome que venham a receber. Este argumento, segundo o autor, decorre principalmente em virtude dos aspectos elencados pela Arqueologia Comportamental de Schiffer¹¹ (SCHIFFER, 1976, p. 30), a qual se motiva pela transferência de um sistema comportamental para um contexto de registro arqueológico, destacando os artefatos da cultura material que foram descartados, os que foram depositados em contexto de cremação ou como acompanhamentos mortuários, e as perdas. Desta forma, Osborne (2004) considera provável que muitos artefatos que eventualmente pudessem ter sido ofertados ao mundo sobrenatural sejam considerados como descarte ou lixo.

Alguns depósitos votivos, segundo Osborne (2004) compartilham características que os distinguem, a exemplo de arquiteturas diferenciadas, a concentração de itens não funcionais e materiais exóticos ou preciosos.

Na literatura (a exemplo de TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960), existem referências de artefatos zoomorfos que foram encontrados enterrados e demarcados na superfície com uma pedra relativamente grande. Uma parcela destes evidencia uma cobertura de ocre e, ainda, é comum que alguns zoólitos tenham sido encontrados acompanhados de outros objetos ao lado.

A verificação da ocorrência de artefatos associados à cultura material sambaquiana enterrados em locais próximos ou afastados de sambaquis, propiciou a designação de uma categoria de sítio arqueológico conhecido como esconderijo.

¹¹SCHIFFER, M. B. **Behavioral archaeology**. New York: Academic Press, 1976.

Os esconderijos são considerados locais de prováveis depósitos rituais onde foram encontrados artefatos da cultura material dos sambaquis. Geralmente os artefatos se encontram enterrados nas imediações dos sambaquis e não são encontrados vestígios de ocupação. Alguns destes esconderijos puderam ser descobertos pelo efeito da erosão ou ao acaso da construção de alguma obra (PROUS, 1992, p. 267). O referido autor comenta que:

Conhecemos um esconderijo na região de Cananéia e quatro no estado de Santa Catarina, perto de Joinville, Imbituba, havendo notícia de vários outros na divisa com o Rio Grande do Sul (Osório, Torres, lagoa da Caveira). Todos continham objetos com cavidade, incluindo zoólitos, enterrados a pouca profundidade, por vezes com uma pequena laje cobrindo o depósito. Geralmente, apresentam pouco material: uma ou duas esculturas, um seixo ou um pilão. No entanto, o sítio da ilha de Santa Ana, em frente à cidade de Imbituba, merece um destaque especial, por terem nela existido vários esconderijos, nos quais foram encontrados um total de 15 esculturas e seis pilões de pedra. Pelas informações dos colecionadores locais, encontravam-se no centro de pequenas lentes isoladas de conchas, 'em forma de cruz', que a erosão, conseqüente do desmatamento, fez aparecer. (PROUS, 1992, p. 267).

Procurou-se com a (TABELA 5), abaixo, inventariar a ocorrência de zoólitos encontrados em sítios considerados esconderijos, os quais aparentemente demarcam locais de depósitos votivos. Em conjunto com esta análise, pretendeu-se uma amostragem de possíveis representações taxonômicas envolvidas nesses contextos. Cabendo-se, ainda, salientar que o levantamento dessas questões deverão ser melhor aprofundadas em estudos futuros.

TABELA 5 – ANÁLISE DOS ZOÓLITOS EM CONTEXTO VOTIVO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS	UNIDADE DA PAISAGEM	TIPO DO SÍTIO	MUNICÍPIO	ESTADO	QUANTIDADE DE ZOÓLITOS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIAS
Rio Comprido	REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUI (PR)	Esconderijo	Iguape	SP	1 (antropomorfo)	Artefato antropomorfo encontrado próximo ao sambaqui, em sítio esconderijo, nas proximidades do Rio das Pedras. (KRONE, 1908, p. 34; PROUS, 1977b, p. 20).	Krone (1908, p. 34); Prous (1977b, p. 20).
Rocio	REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUI (PR)	Esconderijo	Iguape	SP	1 (indefinido)	O zoólito foi encontrado próximo do Sambaqui do Rocio.	Prous (1977b, p. 29, 30)
Saripoca	REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUI (PR)	Esconderijo	Iguape	SP	1 (ave)	O artefato esculpido em diabásio representando possivelmente um pássaro e com vestígios de ocre foi encontrado enterrado nas proximidades deste sambaqui.	Krone (1908); Prous (1977b, p. 28, 29).
Linguado (nº26)	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	Situação "cerimonial" em Sambaqui	Joinville	SC	1 (pássaros copulando)	O artefato zoomorfo representando dois pássaros copulando foi encontrado por um operário, no lado sul do Sambaqui do Linguado nº 26, a aproximadamente 1,40m da base deste. O artefato se encontrava revestido de ocre em cima de uma pedra irregular de cerca de um metro de diâmetro.	Tiburtius e Bigarella (1960, p. 10); Bigarella <i>et al.</i> (1954).
Olaria do Sr. Paulo Trank (esconderijo)	REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	Esconderijo	Joinville	SC	1 (mamífero)	O objeto zoomorfo foi encontrado próximo da cidade de Joinville, em um terreno argiloso, sob uma pedra natural achatada com cerca de 90cm de circunferência, em uma profundidade de 80cm. Lado a lado com o zoólito foi encontrado um provável amolador lítico e um pequeno seixo rolado.	Tiburtius e Bigarella (1960, p. 31, 32)

continua

TABELA 5 – ANÁLISE DOS ZOÓLITOS EM CONTEXTO VOTIVO

continuação							
SÍTIO ARQUEOLÓGICO COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS	UNIDADE DA PAISAGEM	TIPO DO SÍTIO	MUNICÍPIO	ESTADO	QUANTIDADE DE ZOÓLITOS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIAS
Gambôa (n°33)	REGIÃO DA BAIÁ DE GUARATUBA (PR) – BAIÁ DA BABITONGA (SC)	Esconderijo	São Francisco do Sul	SC	1 (provável mamífero)	Um zoólito foi encontrado enterrado a aproximadamente 50cm de profundidade sob uma pedra natural de cerca de 80cm de diâmetro, em torno de 800m do Sambaqui da Gambôa nº 33.	Bigarella <i>et al.</i> (1954); Tiburtius e Bigarella (1960, p. 13, 14).
Rio Perequê (n°13)	REGIÃO DA BAIÁ DE GUARATUBA (PR) – BAIÁ DA BABITONGA (SC)	Esconderijo	Barra do Sul	SC	1 (peixe)	Quando da construção de um rancho em torno de 2km do Sambaqui do Rio Perequê foi encontrado um zoólito em 50cm de profundidade do solo. O artefato foi quebrado pelas pessoas que o encontraram, por pensarem que haveria ouro no seu interior. Posteriormente a peça foi reconstituída.	Bigarella <i>et al.</i> (1954); Tiburtius e Bigarella (1960, p.12);
Ponte Hercílio Luz	REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS GRAVURAS RUPESTRES): FLORIANÓPOLIS	Provável esconderijo	Florianópolis	SC	1 (lagarto)	O zoólito foi encontrado sob a Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, SC, em 1980.	Inscrições na peça.
Costa da Lagoa	REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	Esconderijo	Jaguaruna	SC	1 (mamífero)	O artefato foi encontrado pelo Sr. José Albino Jacinto em 1982. Acervo: Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr, S.J., Colégio Catarinense, Florianópolis, SC.	Valença (1984, p. 88); inscrições na peça.

TABELA 5 – ANÁLISE DOS ZOÓLITOS EM CONTEXTO VOTIVO

continuação							
SÍTIO ARQUEOLÓGICO COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS	UNIDADE DA PAISAGEM	TIPO DO SÍTIO	MUNICÍPIO	ESTADO	QUANTIDADE DE ZOÓLITOS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIAS
Itapiruba	REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	Esconderijo	Imbituba	SC	2 (1 mamífero e provavelmente 1 ave)	Os dois zoólitos foram encontrados enterrados no Cerro de Itapiruba, entre Imbituba e Laguna.	Prous (1977b, p.53).
Imbituba	REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	Esconderijo	Imbituba	SC	3 (1 peixe, 1 mamífero, 1 indeterminado)	Os artefatos foram encontrados enterrados.	Prous (1977b); Anotações feitas através de informações do MN-UFRJ (2011).
Ilha de Santa Ana	REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	Esconderijo	Ilha de Santa Ana	SC	15 (4 aves, 3 peixes, 1 mamífero, 3 golfinhos)	Em uma ilha distante da ocorrência de sambaquis foram encontrados uma quantidade expressiva de artefatos zoomorfos enterrados em conformação de cruz;constatando-se a presença de vestígios de conchas somente próximas a estes. As peças foram incorporadas ao acervo do MN-UFRJ desde 1938, vindas da coleção de Attílio Pittigliane.	Prous (1977; 1992); Anotações feitas através de informações do MN-UFRJ (2011).
Lagoa da Caveira	REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)	Possível escondenrijo	Ararangua	SC	1 (peixe)	Presença de ocre na peça.	Prous (1977b, p. 24).
continua							

TABELA 5 – ANÁLISE DOS ZOÓLITOS EM CONTEXTO VOTIVO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS	continuação						
	UNIDADE DA PAISAGEM	TIPO DO SÍTIO	MUNICÍPIO	ESTADO	QUANTIDADE DE ZOÓLITOS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIAS
Tramandaí	REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)			RS	1 (provavelmente um cetáceo)	O artefato foi encontrado entre as dunas, muito distante de algum sítio com conchas.	Prous (1977, p. 51).
Arca Grande	REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	Acampamento	Garibaldi		1 (indefinido)	Artefato encontrado enterrado.	Prous (1977b, p. 52)
Cerro Grande	REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	Esconderijo	Barros Cassal	RS	1 (indefinido)	Possível representação de ave, aparentemente encontrada entre duas rochas.	Ribeiro (1977, p. 7)
São Martinho	REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	Esconderijo	São Martinho	RS	2 (indefinido)	Ambas encontradas enterradas nas proximidades de São Martinho, interior do RS, uma delas apresentando vestígios de ocre.	Prous (1977b, p. 51, 52)
							continua

TABELA 5 – ANÁLISE DOS ZOÓLITOS EM CONTEXTO VOTIVO

SÍTIO ARQUEOLÓGICO COM OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS	conclusão					QUANTIDADE DE ZOÓLITOS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIAS
	UNIDADE DA PAISAGEM	TIPO DO SÍTIO	MUNICÍPIO	ESTADO				
Venâncio Aires	REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	Esconderijo	Cerro dos Bois, Venâncio Aires	RS		3 (indefinidos)	Artefatos encontrados enterrados. Alguns vestígios de ocre foram identificados nas peças.	Prous (1977b, p. 51, 52, 64)
Vale Vêneto	REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	Esconderijo	Faxinal do Soturno	RS		1	Artefato esculpido em basalto.	Prous (1977, p. 52, 64)
Palmares (próximo)	REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	Indefinido	Conceição do Arroio	RS		1 (indefinido)	Provável esconderijo.	Prous (1977b, p. 57)
Capão do Leão	REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	Areal	Capão Leão	do RS		2 (1 tubarão e 1 ave)	Os dois zoólitos foram encontrados em conjunto com outros artefatos líticos.	Gonzalez e Milheira (2005)

Alguns lugares possuem paisagens específicas, cuja singularidade remete à ideia de espaços rituais, onde a ação humana se integra com a atividade divina (PRUFER, 2006). Assim, esses “espaços sagrados naturais” trazem consigo a ideia de significados especiais e cosmológicos que poderiam suscitar a sua demarcação com esses itens votivos.

Desta forma, os sítios esconderijos, “locais de depósitos especializados, provavelmente de rituais, pelo tipo de material ali encontrado” (PROUS, 1992, p. 267), aparentemente sinalizam a existência de oferendas devocionais com zoólitos, como indicativo de lugares altamente significantes para esses grupos. Sendo assim, a ocorrência dos artefatos zoomorfos enterrados nas proximidades de sambaquis ou mesmo em locais distantes despertam a atenção para considerações a respeito de possíveis apropriações simbólicas para o uso dos espaços, pois determinados lugares passam a ser incorporados na cosmologia dos grupos e se tornam locais, não apenas de grande significância, mas, conforme Prufer (2006, p. 574), de estabilidade ao longo do tempo.

Disto resulta a possibilidade de os zoólitos poderem ser observados de forma diferenciada, não apenas como objetos circulantes de trocas, mas enquanto elementos demarcadores de lugares e de apropriação de espaços.

Assim também, a prática ritualística e suas associações com objetos, pessoas e lugares, a exemplo do que aponta Bell (1997, Ch. 5 *in* FOGELIN, 2007, p. 58) ao descrever os aspectos inerentes ao ritual, tais como o formalismo, o tradicionalismo, a invariância, a regra de governança, o simbolismo sagrado e a performance como elementos característicos atuantes dessa modalidade, são propriedades que ajudam a pensar situações de contexto, como a utilização de zoólitos em possíveis práticas rituais.

Nesse sentido, o caso dos depósitos votivos com zoólitos pode ser considerado como uma prática ritual, pois trazem referenciais de formalismo, tradicionalismo e os demais elementos que os diferenciam de simples objetos “trocados” para assemelhar-se a objetos associados a um código de regras mais rigoroso. Constituindo-se, portanto, o local com o depósito votivo, uma área sagrada.

5.2.4 Relações interpretativas entre variabilidade artefactual e contexto simbólico: síntese dos dados

Esse item de discussão buscou uma síntese das informações inventariadas para essa dissertação, compreendendo os contextos das peças descritas no Capítulo 4 e as referências encontradas na literatura. Neste sentido foi produzida uma proposta de análise interpretativa tendo por referência a correlação entre os dados e categorias, a exemplo das unidades de paisagem.

Como anteriormente apontado no Capítulo 4, foram consideradas as possibilidades interpretativas derivadas dos contextos de variabilidade artefactual (SCHIFFER, 1976), tendo por enfoque pressupostos derivados da arqueologia contextual ou simbólica (HODDER, 1988; 2005a; 2005b). Neste sentido, propõe-se que todos os elementos envolvidos na análise dessa variabilidade (formal, espacial, quantitativa e relacional) estão carregados de significados, que incluem as cadeias de comportamentos relacionados à produção, circulação, uso e descarte desses itens (SCHIFFER, 1976, p. 30).

Devido ao problema de contextualização de muitas das informações relativas aos zoólitos, ressalta-se que as correlações feitas compreendem aproximações, não tendo o propósito estatístico.

Portanto, para a análise da (TABELA 6), a seguir, cabem ressalvas às informações relativas quanto à quantidade e tipo de sítios com zoólitos, pois não correspondem exatamente ao número total de zoólitos por compartimento. Por conseguinte, a quantidade de zoólitos por categoria também é aproximada. Isto decorre, principalmente, do fato de muitas dessas esculturas terem sido retiradas aleatoriamente dos respectivos sítios arqueológicos, ou mesmo, da dificuldade do acesso a informações mais precisas.

Assim também, embora em algumas categorias da amostragem tenham sido incluídos os zoósteos e, diferentes tipos de artefatos, como as esculturas apenas geométricas; por configurarem diferentes suportes materiais e diferenças estilísticas, além de carregarem atributos associados ao contexto das esculturas sambaquianas, estas não foram totalmente inclusas em todos os quesitos da análise, que centralizou a atenção nas dimensões relacionais dos zoólitos.

TABELA 6 - SÍNTESE DOS ASPECTOS RELATIVOS ÀS DIMENSÕES ESPACIAL, QUANTITATIVA, FORMAL E RELACIONAL LEVANTADAS SOBRE ZOÓLITOS ESTUDADOS NA DISSERTAÇÃO

Dimensão Espacial	Dimensão Quantitativa				Dimensão Formal			Dimensão Relacional				
	Quant. ZLT/ Compartimento	Quant. Sítios com ZLT	Quant. ZLT/ categoria sítio	Max. Variação ZLT/unidade de sítio	Dimensões (C/L) (C/E)	Tipos estilísticos	Provável Representação (taxonomia)	Cronologias em anos AP	contexto funerário	oferendas votivas	contatos inter- sociais	prestígio/ status
I - REGIÃO DE CORDÕES LITORÂNEOS: CANANÉIA IGUAPE (SP) - SUPERAGUI (PR)	6	Sambaqui (3) Escoderijo (3) Acampamento () Outro ()	3 (Sambaqui) 3 (Escoderijo) (Acampamento) (Outro)	1/1	1,19 a 1,37 (C/L) 2,8 a 3,5 (C/E) obs: 2 zlt medidos	1 antropomorfo 2 nucleiforme "B" 2 nucleiforme "C" 1 indefinido	1 antropomorfo 2 aves 3 indefinidos	4.560 ± 110	x	3	x	x
II) REGIÃO DO COMPLEXO ESTUARINO DA BAIA DE PARANAGUÁ (PR)	5	Sambaqui (5) Escoderijo () Acampamento () Outro ()	5 (Sambaqui) (Escoderijo) (Acampamento) (Outro)	1/1	3,04 a 1,69 (C/L) 2,17 a 3,60 (C/E) obs: 2 zlt medidos	1 nucleiforme "B" 1 nucleiforme "C" 1 paquiforme 2 sem identificação 1 geométrico (não contabilizado)	1 quelônio marinho 1 mamífero marinho 1 ave 2 indefinidos 1 s/ representação	Sambaqui Saquarema: 4.450 ± 64; 4.384 ± 64; 4.256 ± 62; 3.965 ± 66; 3.858 ± 60 (C14); Sambaqui Guaraguaçu B: 4.128 ± 260 (C14).	x	x	x	x
III) REGIÃO DA BAIA DE GUARATUBA (PR) – BAIA DA BABITONGA (SC)	57	Sambaqui (16) Escoderijo (2) Acampamento() Outro ()	53 (Sambaqui) 2 (Escoderijo) (Acampamento) 2 (Outro)	14/1	1,12 a 6,52 (C/L) 2,69 a 5,66 (C/E) obs: 2 zlt medidos	1 antropomorfo 6 nucleiforme "B" 3 nucleiforme "C" 5 paquiforme 3 cruciforme "A" 2 cruciforme "B" 1 cruciforme "C" 20 indeterminados	1 antropomorfo 15 aves 5 peixes 4 mamíferos 3 lagartos 1 tatu 3 baleias 2 insetos 7 indeterminados	4.030 ± 40 (Sambaqui Morro do Ouro)	6 inteiros e 1 fragmento	3	x	4
IV) REGIÃO DE COSTÕES ROCHOSOS: ITAJAÍ – RIO ITAJAÍ- AÇÚ (SC)	1	Sambaqui (1) Escoderijo () Acampamento () Outro ()	1 (Sambaqui) (Escoderijo) (Acampamento) (Outro)	1/1	2,29 (C/L) 2,79 (C/E) obs: 1 zlt medido	1 nucleiforme "B"	1 ave	x	x	x	x	x
V) REGIÃO DE ILHAS (OCORRÊNCIA DE ZOÓLITOS E GRAVURAS RUPESTRES); FLORIANÓPOLIS	31 zts e 8 geométricos	Sambaqui (4) Escoderijo (1) Acampamento() Outro ()	15 (Sambaqui) 1 (Escoderijo) (Acampamento) (Outro)	6/1	1,19 a 1,55 (C/L) 3,55 a 2,85 (C/E) obs: 2 zlt medidos	1 antropomorfo 2 nucleiforme "B" 2 nucleiforme "C" 3 paquiforme 1 cruciforme "A"	1 antropomorfo 5 aves 1 golfinho 1 quelônio 1 lagarto	4.460 anos AP [método Radiocarbônico (C14)] (Sambaqui Pântano do Sul - SC-F-10)	2	1	x	1
VI) REGIÃO DE DUNAS E LAGUNAS: JAGUARUNA (SC)	37	Sambaqui (11) Escoderijo (3) Acampamento () Outro (1)	16 (Sambaqui) 20 (Escoderijo) (Acampamento) 1 (Outro)	15/1	1,00 a 2,17 (C/L) 1,05 a 4,94 (C/E) obs: 2 zlt medidos	4 plataforma "A" 1 plataforma "B" 2 nucleiforme "B" 1 nucleiforme "C" 5 paquiforme 1 cruciforme "A" 5 cruciforme "B" 3 cruciforme "C" 1 geométrico	8 peixes 4 aves 1 macaco 2 mamíferos 10 indeterminados 7 s/ representação	3.270±200 anos AP (Prous & Piazza, 1977, p.101 in IZIDRO, 2001, p. 92). Base: 3.450-3.160 [carvão (Az 10651)] (FISH et al. 2000 in GIANNINI et al., 2010, p. 114). (Sambaqui Congonhas I)	1	20	x	1
VII) REGIÃO DE COSTA RETILÍNEA E PROXIMIDADES DO PLANALTO DA SERRA GERAL: TORRES (RS)	36	Sambaqui () Escoderijo () Acampamento (2) Outro (2)	(Sambaqui) 33 (Escoderijo) (Acampamento) 3 (Outro)	Indeterminado	1,79 a 2,46 (C/L) 1,88 a 4,11 (C/E) obs: 2 zlt medidos	7 nucleiforme "A" 1 nucleiforme "B" 1 plataforma "A" 2 plataforma "B" 1 triangular 3 paquiforme 1 cruciforme "C" 4 indeterminados	3 peixes 1 mamífero terrestre 2 mamíferos marinhos 14 indeterminados	x	x	33	x	x
VIII) REGIÃO DE PLANALTO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RS)	10	Sambaqui () Escoderijo (6) Acampamento () Outro (1)	(Sambaqui) 9 (Escoderijo) (Acampamento) 1 (Outro)	3/1	1,92 (C/L) 3,43 (C/E) obs: 1 zlt medido	1 nucleiforme "B" 1 nucleiforme "C" 8 indeterminados	1 ave 9 indeterminados	1 zlt em contexto de casa subterrânea	x	9	1	x
IX) REGIÃO DE LAGOAS E ÁREAS INUNDÁVEIS: LAGOA DOS PATOS – LAGOA MIRIM (RS)	4	Sambaqui () Escoderijo () Acampamento () Outro (3)	(Sambaqui) (Escoderijo) (Acampamento) 4 (Outro)	2/1	1,78 a 2,56 (C/L) 4,90 a 4,23 (C/E) obs: 2 zlt medidos	1 cruciforme "B" 1 cruciforme "C" 1 nucleiforme "B" 1 indeterminado	1 tubarão 1 ave 2 indeterminados	x	x	4 (?)	2	x

O cruzamento das informações sobre as esculturas pré-coloniais possibilitou um panorama compatível com a proposta do respectivo estudo, no que consiste à observação de contextos para a percepção de dimensões simbólicas.

Entre uma série de considerações pertinentes, a observação dos dados, através da divisão pela compartimentação regional da paisagem auxiliou na percepção de algumas evidências:

1) Na relação observada entre os compartimentos (unidades) paisagísticos e os itens da variabilidade quantitativa têm-se os seguintes pontos:

a) Existem compartimentos bastante expressivos em termos de quantidade de zoólitos em detrimento de outros, que variam entre 55 em uma unidade e apenas um artefato em outra. Considerando os maiores valores foi possível identificar duas áreas de maior expressão: uma no compartimento da região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC), com (57) e outra, envolvendo três unidades, como a região de Florianópolis (SC), região de Jaguaruna (SC) e a região de Torres (RS), com média de aproximadamente 37 zoólitos;

b) Não parece existir, neste sentido, uma marcada “preferência” por alguma unidade específica, visto que as maiores concentrações envolvem ambientes relativamente distintos (ex. baías, ilhas, dunas e costa retilínea);

c) A área compreendida pela região de costões rochosos: Itajaí – Rio Itajaí-Açú (SC), chamou a atenção por se encontrar entre dois pólos de profusão de zoólitos. Neste compartimento de paisagem verificou-se uma mínima quantidade de artefatos, apenas (1);

d) Notou-se que a máxima variação da concentração de zoólitos em um mesmo sítio demonstrou dois pólos na unidade da paisagem e dois tipos de categoria de sítios, com destaque. Apresentando a região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC), (14) zoólitos em um mesmo sambaqui e, o outro pólo, na região de Jaguaruna, com aproximadamente (15) zoólitos em sítios esconderijo;

e) A região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC) se destaca pela quantidade de (53) zoólitos em (16) sambaquis;

f) Com exceção da região do complexo estuarino da baía de Paranaguá (PR) e da região de costões rochosos: Itajaí – Rio Itajaí-Açú (SC), onde não foi evidenciada a ocorrência de zoólitos em sítios esconderijo, há a evidência destes em diferentes unidades da paisagem, desde a região de Cananéia - Iguape (SP) – Superaguí (PR), compreendendo uma pequena quantidade de zoólitos, com a média de um zoólito por sítio e, uma profusão maior, a partir da região de Jaguaruna, com (20) zoólitos e, na região de Torres, onde há proximidade com o planalto da serra geral, com (33) zoólitos enterrados fora de sambaquis.

2) Entre os compartimentos (unidades) paisagísticos e os itens da variabilidade formal observou-se o seguinte:

a) Entre a amostragem de formato e variação de tamanho das peças, a região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC) apresentou a maior proporção de contraste entre os zoólitos medidos: 1,12 a 6,52 (C/L) e 2,69 a 5,66 (C/E);

b) Uma grande diversidade no formato das peças e nas representações iconográficas pôde ser observada, sobretudo, nos compartimentos anteriormente identificados como de maior concentração dessas peças e, aparentemente, o formato nucleiforme parece ser um estilo que teve sua tendência generalizada, sendo encontrado em todos os compartimentos paisagísticos;

c) A região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC), com as ocorrências de (1) antropomorfo, (15) aves, (5) peixes, (4) mamíferos, (3) lagartos, (1) tatu, (3) baleias, duas destas, esculpidas em bula timpânica de baleia e, (2) insetos, entre as possíveis representações identificadas, pareceu se destacar, tanto pela quantidade, quanto pelo naturalismo das peças;

d) Além disso, chamou a atenção, a grande quantidade de representação de aves (15) na região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC). Por sua vez, embora a representação de ave tenha sido percebida em todos os compartimentos paisagísticos, só não foi verificada na região de Torres; no entanto, em detrimento dos (14) zoólitos não identificados nesta área, essa segurança fica imprecisa;

e) Entre as muitas representações iconográficas, notou-se que a categoria dos zoólitos antropomorfos, embora apresente uma quantidade aparentemente reduzida, foram encontrados em três unidades paisagísticas distintas, a exemplo da região de Cananéia - Iguape (SP), com (1) em sítio esconderijo; na região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC), com (1) em sambaqui; e, na região de Florianópolis, com (1), sem a exatidão do tipo de sítio. Contudo, para o sul da região de Florianópolis não foi evidenciada a ocorrência deste tipo de representação;

f) Outra observação é a de que, embora os zoósteos não tenham sido categorizados distintamente na análise, a sua ocorrência é apenas encontrada na unidade de paisagem da região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC), somando (10) artefatos;

3) Sobre características da dimensão relacional frente aos compartimentos (unidades) paisagísticos, foram observados os seguintes aspectos:

a) Notadamente a região da Baía de Guaratuba (PR) – Baía da Babitonga (SC) se destacou pela quantidade de sepultamentos (4) com zoólitos (6 e um fragmento) em contexto funerário. Além disso, apresentou a evidência de (3) zoólitos em contexto de oferendas votivas. Observando-se, sobretudo, no contraste com as demais unidades paisagísticas, uma acentuada polaridade nos aspectos de prestígio e status;

b) As regiões do complexo estuarino da Baía de Paranaguá (PR) e a região de costões rochosos de Itajaí – Rio Itajaí-Açú (SC), chamaram a atenção pela não evidência de zoólitos em contexto de dimensão relacional;

c) Quanto à categoria das oferendas votivas em supostos locais sagrados, um pólo se concentra em duas unidades paisagísticas contíguas, ou seja, (20) zoólitos encontrados na região Jaguaruna (SC), onde há o predomínio de dunas e lagunas e, (33) na região de Torres (RS), com predomínio de costa retilínea e proximidades com o planalto da serra geral. Fazendo-se pensar que, sob estas características de unidades de paisagem, onde a barreira da serra do mar se torna menos acentuada, houve um favorecimento no contato dos sambaquianos com outros

grupos, intensificando as relações inter-sociais e as apropriações de espaços de alteridade;

d) A ocorrência de (10) zoólitos encontrados enterrados na região de planalto do Estado do Rio Grande do Sul (RS) assegura que houve uma grande dispersão desses artefatos em regiões afastadas do litoral e dos sambaquis. Além disso, (1) zoólito encontrado junto a sítio arqueológico de população ceramista (casa subterrânea), suscita que, além da cerâmica escura (Itararé) comumente presente na superfície de alguns sambaquis assegurarem a presença dessas populações nesse tipo de sítio; a presença de zoólitos em contexto dessas populações ceramistas pressupõe uma possível troca, não apenas cultural, mas, sobretudo simbólica, entre esses grupos distintos. Bem como, indicando um amplo escopo temporal para a utilização dos zoólitos, ainda que sob diferentes aspectos de significados.

6 CONCLUSÕES

A presente dissertação procurou inquirir sobre a cosmologia da sociedade sambaquiana meridional, mediada pelas esculturas zoomorfas pré-coloniais conhecidas por zoólitos, zoósteos e antropólitos.

Para a fundamentação teórica do presente trabalho procurou se apoiar em referenciais metodológicos voltados para atributos simbólicos. Neste sentido, foram adotados os conceitos da arqueologia pós-processual abordados por Ian Hodder (1988; 2005a; 2005b) e elementos conceituais da antropologia simbólica discutidos por Clifford Geertz (1989). Sobretudo, pelos aspectos da abordagem contextual de Hodder dialogar de forma uníssona com conceitos trabalhados por Geertz.

As informações específicas sobre os zoólitos localizados em contexto são muito restritas. No entanto, o fato desses artefatos serem altamente significantes e, encontrados associados a contextos claramente rituais, motivou o vislumbre sobre o potencial das temáticas envolvendo aspectos cosmológicos, identitários, relações de poder, práticas rituais e simbólicas, entre outros. Como exemplo, a observação de zoólitos como itens de acompanhamentos mortuários, permite discussões sobre categorias ideativas, sociais e cosmológicas. Ou ainda, as peças encontradas em sítios esconderijos podem ser vistas e exploradas sob a perspectiva dos depósitos votivos e relacionadas a locais sagrados. Por sua vez, as peças localizadas em contextos culturais distintos, em espaços afastados do ambiente litorâneo parecem apontar para evidências de contatos e relações inter-sociais.

Assim, empregando o aporte de conceitos teóricos da arqueologia e da antropologia, buscou-se discutir sobre questões relativas à funcionalidade desses itens como bens de prestígio, marcadores de status, evidências de trocas inter-sociais, práticas rituais, funerárias e votivas. E, por fim, instigar a discussão sobre a aplicabilidade de conceitos como o totemismo, o xamanismo e o perspectivismo ameríndio, para a compreensão dessas evidências materiais.

As observações recolhidas através do processo da pesquisa resultaram na possibilidade de uma síntese interpretativa que procurou centrar-se na discussão sobre pressupostos para uma cronologia hipotética acerca de emergência dos zoólitos e uma análise de contextos de significados relativos aos zoólitos

encontrados em sepultamentos, enquanto depósitos votivos, enquanto elementos significativos de relações inter-sociais e, enquanto artefatos de significação ritualística e do uso simbólico do espaço.

A fim de buscar entendimento sobre os contextos simbólicos dos zoólitos, procurou-se investigar sobre as categorias da prática ritualística e suas associações com objetos, pessoas e lugares. Assim, Bell, por exemplo, ao apontar para as características associadas ao ritual, tais como o formalismo, o tradicionalismo, a invariância, a regra de governança, o simbolismo sagrado e a performance, ajuda a pensar situações de contexto, em que os zoólitos poderiam ter sido utilizados em possíveis práticas rituais. Esta perspectiva auxiliou a pensar e a questionar o caso dos depósitos votivos, que parecem trazer referenciais de formalismo, tradicionalismo, e os demais componentes do ritual. O que implica na percepção de diferenças de simples objetos “trocados”, para objetos associados a um código de regras mais rigoroso e, portanto, com a apropriação do contexto local do depósito votivo, este se torna uma área sagrada.

Por tratar-se de uma sociedade muito antiga e que manteve contextos ideacionais de longo termo, a exemplo dos elementos construtivos, sepultamentos, cultura material, inserção ambiental, entre outros aspectos registrados pela construção de espaços caracterizados por múltiplas atividades que foram centralizadas ou, permeadas pelo acúmulo de conchas. É claro que, a maior parte do conhecimento extraído sobre a, ou, às diversas sociedades que produziram o referencial material para se pensar a cultura material sambaquina, advém dos sambaquis. Sendo assim, entre uma série de detalhes observáveis na análise do quadro das “dimensões espacial, quantitativa, formal e relacional” (Cap. 5), carentes da atenção para uma análise mais acurada, a grande quantidade de zoólitos distribuídos fora dos sambaquis despertou a atenção para estudos futuros (devido à falta de tempo para o presente trabalho).

Por diversos fatores, discutidos neste estudo, considera-se que essas esculturas, imersas em simbolismos e significados, possam estar associadas com uma emergência de complexificação social e serem indicativos de afirmação para diferenças individuais, pois, poucos indivíduos, entre uma gama de sepultamentos encontrados, receberam zoólitos como oferenda mortuária. Além disso, seguramente

os zoólitos circularam e, supostamente permitiram assegurar status de prestígio para determinados grupos ou indivíduos que lhes obtivessem a posse.

Verificou-se, ainda, com base nos zoólitos encontrados enterrados em locais distantes dos sambaquis, o indicativo de contextos rituais de provável utilização dos zoólitos para assegurar a memória de antepassados e a manutenção das raízes identitárias possivelmente reafirmadas sob novas apropriações de espaços e em espaços de alteridade.

Além disso, apoiando-se em estudos arqueológicos mediados por referenciais etnográficos discutirem sobre os zoólitos (NETTO, 1885; RIBEIRO *et al.*, 1977; RIBEIRO, 1991) e ídolos amazônicos (PORRO, 2010) poderem indicar práticas xamânicas. E, depesquisas arqueológicas (GOMES, 2012) de caráter ritual e encadeamentos de cunho cosmológico, embasar-se em referenciais como o conceito do “perspectivismo ameríndio” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004; 2011), verificou-se apropriado uma aproximação da investigação da cosmologia sambaquiiana pela ótica do conceito cosmológico do perspectivismo ameríndio. Principalmente, porque este engloba como referencial, entre uma série de outros aspectos, a valoração simbólica da caça (ou pesca) e a importância do xamanismo entre as populações tradicionais ameríndias, mesmo quando a prática do xamanismo não esteja diretamente presente em algumas destas populações (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 483).

Este argumento se pauta, principalmente, em decorrência dos zoólitos encerrarem aspectos rituais, entre os quais, possivelmente relativos a uma cosmologia xamânica. Considerando-se assim, que: “Se o multiculturalismo ocidental é o relativismo como política pública, o perspectivismo xamânico ameríndio é o multinaturalismo como política cósmica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p. 231).

E, sendo assim, avalia-se que os zoólitos, embora possam ter sido usados e representados sob diferentes significados, em lugares e tempos distintos, podem expressar em um contexto analítico, “relações de significados” de longo termo que exprimiriam práticas, comportamentos e relações de alteridade capazes de serem percebidos e interpretados através das diferentes expressões de materialidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marcia A. **Teorias, métodos, técnicas e avanços na arqueologia brasileira**. MAE-USP (PDF).
- AMARAL, Maria Madalena Velho do. **As oficinas líticas da Ilha de Santa Catarina**. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 1995.
- ANGULO, R. J.; LESSA, G. C. The brasilien sea-leavel curves: a critical review with emphasis on the curves from the Paranagué and Cananéia regions. *Marine Geology*, Netherlands: **Elsevier Science**, n. 140, p. 141-166, 1997.
- ANGULO, Rodolfo J.; SOARES, Carlos R.; *et al.* **Erosão e progradação no litoral brasileiro**: Paraná. Brasília: MMA, 2006.
- ASSUNÇÃO, Danilo. **Sambaquis da paleolaguna de Santa Marta**: em busca de um contexto regional no litoral sul de Santa Catarina (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2010.
- BANDEIRA, D.R.; OLIVEIRA, E.L.; SANTOS, A.M.P. Estudo estratigráfico do perfil nordeste do Sambaqui Cubatão I, Joinville/SC. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n 19, p. 119-142, 2009.
- BECK, Anamaria. **A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis no Litoral de Santa Catarina**. (Tese Doutorado). Florianópolis: UFSC, 1972.
- BIGARELLA, João José. Contribuição ao estudo dos sambaquis do Paraná. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**. Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, vol. 5/6, art.17, Curitiba, 1950/51.
- BIGARELLA, João J.; TIBURTIUS, G.; SOBANSKI, A. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, vol. IX, art. 8, 1954.
- BIGARELLA, João José (org.). **Sambaquis**. Curitiba: Posigraf, 2011.
- BINFORD, Lewis R. Archaeology as anthropology. **American Antiquity**, vol. 28, n 2, p. 217-225, Oct., 1962.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BROCHIER, Laércio L. **Controles geoarqueológicos e modelos morfoestratigráficos**: implicações para o estudo das ocupações pré-históricas na costa sul-sudeste do Brasil (Tese Doutorado). São Paulo: MAE-USP, 2009.
- CALIPPO, F. R. **Os Sambaquis submersos de Cananéia**: um estudo de caso de arqueologia subaquática (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2004.
- CALLIARI, Lauro J.; TOLDO JR, Elírio E.; NICOLODI, João L. **Erosão e progradação no litoral brasileiro**: Rio Grande do Sul. Brasília: MMA, 2006.
- CASTRO FARIA, L. de. **Antropologia: escritos exumados 2**: dimensões do conhecimento antropológico. Niterói: EdUFF, [1959] 1999.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, E. M.; CHMYZ, J. C. G.. Novas contribuições para o estudo do Sambaqui de Matinhos, no estado do Paraná. **Arqueologia: Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/ UFPR**, nº especial, v. 1. Curitiba: CEPA, 2003.

CLOTTE, Jean. A pista do xamanismo. in *A Arte dos Primórdios: pinturas e gravuras rupestres*. **O Correio da Unesco**. Brasil, ano 26, n 6, junho, 1998.

DEBLASIS, P.; FISH, S. K.; GASPAR, M. D.; et al. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil. **Revista de Arqueologia Americana**, n 15, p.75-105, 1998.

DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; et al. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-americana**, n 3, p. 29-31, 2007.

DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria D. Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisas. **Projeto Sambaquis e Paisagem, no litoral sul de Santa Catarina**. FAPESP, 2010.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **MANA** 4 (1), p. 23-45, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, [1912] 1989.

ESCÓRCIO, E.; GASPAR, M. D. Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores-coletores que ocuparam a região dos lagos – RJ. In: **Cadernos do LEPAARQ**. Pelotas: UFPEL, vol.II, n 3, 2005.

FIGUTI, L. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n, p. 67-80, 1993.

FOGELIN, Lars. The Archaeology of Religious Ritual. **Annu. Rev. Anthropol.** 36:55-71. 2007. (Downloaded from arjournals.annualreviews.org.)

GASPAR, Maria Dulce. Considerations of the sambaquis of the brasilian coast. **Antiquity**, v. 72, n. 277, p. 592-615. 1998.

GASPAR, M. D. **Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GASPAR, M. D.; DEBLASIS, P.; et al. Sambaqui (shell mound) societies of coastal Brasil. **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer Science-Business Media, 2008.

GEERTZ, Clifford. Transição para a humanidade. In: **O Papel da Cultura nas Ciências Sociais**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GIANNINI, P.; VILLAGRAN, X.; et al. Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v 5, n 1, p. 105-128, jan.-abr, 2010.

GOMES, Denise M. C. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciencias Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 133-159, jan.-abr. 2012.

GONÇALVES, Alexandre; CARLSON, Victor Emmanuel. **Aventura arqueológica na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2003.

GONZALEZ, M.; MILHEIRA, Rafael G.. Reinterpretando o zoomorfo de tubarão da Coleção "Carla Rosane Duarte Costa". In: **Cadernos do LEPAARQ**. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, v.II, n 4, 2005.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

HODDER, Ian. **Theory and practice in archaeology**. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005a.

HODDER, Ian. **Post-processual and interpretive archaeology**. In: Archaeology: the key concepts. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005b.

HURT, W. R.; BLASI, O. O sambaqui do Macedo (A. 52 B) Paraná. **Arqueologia: Cons. Pesquisa UFPR**, Curitiba, n 2, p.1-98, 1960.

IHERING, H. von. Arqueologia comparativa do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 6, p. 519-583, 1904.

INSOLL, Timothy. **Archaeology, Ritual and Religion**. London and New York: Taylor and Francis e-Library, 2005.

IZIDRO, Juliane Maria. **O jazigo funerário de içara no contextolitorâneo catarinense** (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

KERN, Arno Alvarez. Grupos pré-históricos de caçadores-coletores da floresta subtropical . In: **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Org. Arno Kern et al. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991a.

KERN, Arno Alvarez. Pescadores-Coletores Pré-Históricos do Litoral Norte. In: **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Org. Arno Kern et al. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991b.

KRÖNE, Ricardo. **Informações ethnographicas do Valle do Rio Ribeira de Iguape**. Exploração do Rio Ribeira de Iguape. Comissão Geográfica do Estado de São Paulo. São Paulo, p.23-34, 1908.

LANGDON, E. Jean Matteson (Org.). Xamanismo – velhas e novas perspectivas. In: **Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LAGUENS, Andrés G. La distinción emic-etic em arqueologia. **Boletim de Antropologia Americana**, n 17: 133-144, Julio, 1988.

LEONE, Mark P. Time in Archeology. In Redman et al. **Social Archeology: Beyond subsistence and Dating**, pp. 25-36. New York; Academic press, 1978.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Totemismo Hoje**. Lisboa: Edições 70, 1960.

_____. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

LIMA, Tânia A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **Revista da USP**. São Paulo, nº 44, p. 270-327, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

MACHADO, Mari Angela; AYALA, Lucia. **Mapa geomorfológico preliminar do Complexo Lagunar Sul Catarinense e análise paleoambiental da Lagoa do Imaruí apoiada em furos de sondagem**. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area07/7244_Machado_Mari_Angela.pdf> Acesso em: 09/12/2012.

MARTIN, L.; SUGUIO, K.; *et al.* Mapa geológico do quaternário costeiro dos estados do Paraná e Santa Catarina com textos explicativos, **Boletim do DNPM**, n 18, 40p. (série geologia básica). Brasília, DF, 1988.

MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J. M. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praias quaternárias. **Revista de Pré-História, USP**, n 6, p. 128-147. 1984.

MASJ. **Joinville: primeiros habitantes**. Itajaí: Casa Aberta, 2010.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MILLER, Eurico Th. (Museu Arqueológico do RGS). Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). In: **PRONAPA**. Resultados preliminares do quarto ano. 1968-1969. Publ. Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n 15, p. 37-60, 1971.

MITHEN, Steven J. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MUEHE, Dieter (Org.). **Erosão e progradação no litoral brasileiro**. Brasília: MMA, 2006.

NETTO, Ladislau. Investigações sobre a Arqueologia Brasileira. In: **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Vol. VI, 1885.

ORSSICH, Adam. O Sambaqui do Araújo II – Nota Prévia. Museu de Arqueologia e Artes Populares Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, PR. **Cadernos de Arqueologia** – ano 2, n 2, 1977.

OSBORNE, Robin. Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object. Taylor and Francis. The Object of Dedication. **World Archaeology**. vol. 36 (1), 1–10, 2004

PARELLADA, Cláudia I. **Relatório do diagnóstico não interventivo de alteração de traçado do Subsea7, em Pontal do Paraná**. Curitiba: Museu Paranaense, 35 p., 2011.

PARELLADA, C. I.; GOTTARDI NETO, A. Inventário de Sambaquis do litoral do Paraná. **Boletim Paranaense de Geociências**, n 42, p.121-152, 1994.

POSSE, Z. C. S. **A população pré-histórica do litoral paranaense, vista através dos sambaquis**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 1978.

PORRO, A.. Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém: MPEG, v. 5, n 1, 2010.

Prefeitura de Tubarão, SC: Secretaria de desenvolvimento econômico, Sambaquis. Disponível em: <http://www.tubarao.sc.gov.br/secretarias/desenvolvimentoeconomico/sambaquis> Acesso em: 09/12/2012.

PROUS, André. Les sculptures préhistoriques du sud-brésilien. **Bulletin de la préhistorique française**, tome 71, C.R.S. M, n 7, 1974.

_____. Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay. Paris, 1977a.

_____. Description des zoomorphes. II Partie: **catalogue**, 1977b.

_____. **Arqueologia brasileira**. D. F.: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

_____. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Os vivos e seus mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500). In **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2009.

PROUS-POIRIER, André. Os objetos zoomorfos do litoral sul do Brasil e do Uruguai. **Anais do Museu de Antropologia-UFSC**, ano 5, p.57-102, 1972.

_____. **Apuntes para a análise de indústrias líticas**. Ortigueira, dec., 2004.

PRUFER, KEITH M. Cosmology and sacred landscapes. In: **Encyclopedia of Anthropology**. Thousand Oaks, California: Sage Publications, H. James Bix, editor, 2006.

QUEIROZ, R. C. A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: Robin Wright (org.). **Transformando os Deuses: Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1999.

RAUTH, José Wilson. O Sambaqui de Saquarema. **Boletim da Universidade do Paraná. Conselho de Pesquisas**. Imprensa da Universidade do PR, 1962.

_____. O Sambaqui do Gomes. **Arqueologia**, n 4. Publicação do Conselho de Pesquisas da UFPR. Curitiba, 1968.

_____. **Revista de Antropologia**. Paranaguá: Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, 1974.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology: the key concepts**. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

RIBEIRO, Pedro. A. M.; et al. A ocorrência de zoólitos no Planalto Meridional: Barros Cassal. RS, Brasil. **Revista do CEPA**, n 5, p 5-37, 1977.

RIBEIRO, Pedro A. M. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil**. Tese PUCRS. Porto Alegre, maio, 1991.

ROHR SJ, Pe. João Alfredo. **O sítio Arqueológico de Pântano do Sul SC-F-10**. Governo do Estado de Santa Catarina, 1977.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SCHIFFER, Michael Brian. **Behavioral arqueology**. New York: Academic Press, 1976.

SILVA, Sergio Francisco S. M. **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo** (Tese de Doutorado). São Paulo: MAE-USP 2005.

SOARES, C. R.; ANGULO, R. J.; LESSA, G. C. Roteiro da excursão ao litoral do Estado do Paraná: morfodinâmica de ambientes atuais, evolução da planície durante o quaternário e problemas de erosão costeira. Publicação Especial, n 2. **VI Congresso da ABEQUA e Reunião sobre o Quaternário da América do Sul**. Curitiba, PR, 1997.

SUGUIO, K.; MARTIN, L.; BITTENCOURT, A.C.S.P.; DOMINGUES, J.M.L.; et al. Flutuações do nível relativo do mar durante o Quaternário Superior ao longo do litoral brasileiro e suas implicações na sedimentação costeira. **Revista Brasileira de Geociências**, 15 (4), p. 273-286, 1985.

TENÓRIO, Maria C. Sambaquis e movimentos migratórios. **CLIO Arqueológica**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, vol. 25, n 2, ano 2010.

TESSLER, Moysés G.; GOYA, Samara C.; et al. **Erosão e progradação no litoral brasileiro**: São Paulo. Brasília: MMA, 2006.

TIBURTIUS, Guilherme; BIGARELLA, Iris K; BIGARELLA, João J. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**. Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, vol IX, Art. 9, Curitiba, 1954.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. **Pesquisas: Antropologia**, São Leopoldo, n.7, p. 1-51, 1960.

TIBURTIUS, G.. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Joinville: MASJ, 1996.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

VALENÇA, José Rolim. **Herança**: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu. São Paulo: Empresas Dow, 1984.

VILLAGRAN, Ximena S. **Estratigrafias que falam**: geoarqueologia de um sambaqui monumental. São Paulo: Annablume, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, vol. 2, n 2. Rio de Janeiro, outubro, 1996.

_____. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, n 018, setembro de 2004.

_____. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.